END OF DAYS



SUSAN EE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

End of Days é a conclusão explosiva da trilogia best-seller de Susan Ee, Penryn & the End of Days

Após uma ousada fuga dos anjos, Penryn e Raffe estão correndo. Os dois estão desesperados para encontrar um médico que possa reverter as horrorosas alterações infligidas pelos anjos, em Raffe e na irmã de Penryn. Quando eles partem em busca de respostas, uma revelação surpreendente sobre o passado de Raffe desencadeia forças das trevas que ameaçam a todos eles.

Quando os anjos lançam um pesadelo apocalíptico para os seres humanos, ambos os lados são levados em um caminho em direção a guerra. Quando alianças improváveis são formadas, e estratégias mudam, quem sairá vitorioso?

Forçados a escolher lados na luta pelo controle do reino terrestre, Raffe e Penryn devem escolher: A própria espécie, ou um ao outro?

Dedicado aos leitores que como Penryn, tiveram dificuldades em casa, que tiveram que crescer rápido devido às circunstâncias da vida, e que não tem ideia de quanto potencial realmente têm. Você está sendo forjada do fogo, assim como Penryn. E como ela, você pode transformar suas maiores provações em suas maiores forças.



Por todo lugar em que voamos, pessoas se dispersam abaixo de nós.

Eles veem a grande sombra de nosso enxame sob suas cabeças, e então correm.

Nós voamos por uma paisagem urbana que foi queimada, quebrada e, principalmente, abandonada. São Francisco costumava ser uma das cidades mais bonitas do mundo, com seus bondes e restaurantes famosos. Os turistas costumavam passear pelo Cais do Pescador e cruzar as ruas lotadas de Chinatown.

Agora os sobreviventes sujos lutam por lixo e assediam mulheres aterrorizadas. Eles correm para as sombras e desaparecem assim que nos detectam. Os únicos que sobram são os mais desesperados, que escolhem ficar a céu aberto, torcendo para escapar de gangues nos poucos segundos que leva para passarmos voando.

Abaixo de nós, uma garota está encurvada em cima de um homem morto, deitado com seus membros abertos. Ela mal nos nota, ou simplesmente não se importa. Aqui e ali, vejo uma luz saindo de algo em uma janela, sinais de que alguém está nos observando através de binóculos, ou armando um rifle em nossa direção enquanto passamos.

Nós devemos ser um grande espetáculo. Uma nuvem de gafanhotos com tamanho de homens e cauda de escorpião, obstruindo o céu.

E no meio disso tudo, um demônio com asas enormes carregando uma adolescente. Pelo menos Raffe deve parecer um demônio para qualquer um que

não saiba que ele é um arcanjo voando com asas emprestadas.

Eles provavelmente acham que ele sequestrou a garota que está segurando. Eles não podiam imaginar que eu me sinto segura em seus braços. Que estou descansando minha cabeça na curva quente de seu pescoço porque gosto da sensação de sua pele na minha.

— Os humanos sempre parecem assim, de cima? — pergunto.

Ele responde. Eu posso sentir as vibrações em sua garganta e ver sua boca se movendo, mas não posso ouvi-lo sob o zumbido trovejante do enxame de gafanhotos.

Provavelmente tenha sido melhor que eu não o tenha ouvido. Anjos provavelmente pensam que nós parecemos baratas correndo de uma sombra para a outra.

Mas não somos baratas, macacos, monstros ou o que quer que os anjos pensem de nós. Ainda somos os mesmos que fomos um dia. Ao menos, somos por dentro.

Assim espero, de qualquer maneira.

Eu olho para minha irmã toda cortada, que está voando a nosso lado. Mesmo agora, eu preciso me lembrar que Paige ainda é a mesma garota que sempre amei. Bem, talvez não exatamente a mesma.

Ela está montando no corpo enrugado de Beliel, que está sendo carregado como um palanquim por vários gafanhotos. Ele tem sangue por todo o corpo e parece morto há muito tempo, apesar de eu saber que ainda está vivo. Não é pior do que o que ele merece, mas ainda há uma parte de mim que ainda se pergunta sobre a crueldade primitiva de tudo isso.

Uma ilha cinza de pedras aparece à nossa frente, no meio da Baía de São Francisco. Alcatraz, a notória antiga prisão. Há um redemoinho de gafanhotos sobre a ilha. É uma pequena parte da colmeia que não veio quando Paige chamou por ajuda na praia, algumas horas atrás.

Eu aponto para uma ilha atrás de Alcatraz. É maior e mais verde, sem construções que eu possa ver. Tenho quase certeza de que é a Ilha Anjo. Apesar

do nome, qualquer lugar deve ser melhor do que Alcatraz. Eu não quero Paige naquela pedra infernal.

Nós voamos ao redor do redemoinho de gafanhotos e vamos em direção à ilha.

Aceno para Paige vir conosco. Seu gafanhoto e o outro mais próximo a ela nos seguem, mas a maioria se junta ao enxame sobre Alcatraz, aumentando o tamanho do funil escuro acima da prisão. Alguns parecem confusos, nos seguindo a princípio, então mudam de direção, voltando para Alcatraz como se compelidos a ser parte da colmeia.

Apenas um punhado de gafanhotos ficam conosco conforme contornamos a Ilha Anjo procurando por um bom lugar para pousar.

O sol nascente destaca o verde esmeralda das árvores cercadas pela baía. Por esse ângulo, Alcatraz se localiza na frente do grande panorama da linha do horizonte de São Francisco. Deve ter sido uma visão de tirar o fôlego, um dia. Agora, parece uma linha irregular de dentes quebrados.

Nós pousamos perto da água, na costa oeste. Os tsunamis deixaram uma pilha de tijolos na praia e uma massa de árvores estilhaçadas em um lado da colina, deixando o outro lado praticamente intacto.

Quando alcançamos o chão, Raffe me solta. Eu sinto como se tivesse enrolada nele por um ano todo. Meus braços estão praticamente congelados ao redor de seus ombros, e minhas pernas estão duras. Os gafanhotos tropeçam em algo quando pousam, parecendo que eles estão tendo o mesmo problema.

Raffe estica seu pescoço e balança os braços. Suas asas de couro de morcego se dobram e desaparecem atrás dele. Ele ainda usa sua máscara da *festa-que-se-tornou-um-massacre* no ninho de anjos. Ela é de um vermelho negro misturado a prata, e cobre seu rosto todo, exceto a boca.

— Você não vai tirar isso? — Eu balanço a dormência de minhas mãos. — Você parece a morte vermelha com asas de demônio.

— Ótimo. É assim que todo anjo se parece. — Ele balança os ombros. Eu acho que não é fácil ter alguém pendurado em você por horas. Apesar de

tentar relaxar seus músculos, ele está em total alerta, seus olhos examinando o nosso ambiente estranhamente quieto.

Eu ajusto a alça no meu ombro para que minha espada, disfarçada de ursinho, fique contra meu quadril para um fácil acesso. Então, dou um passo para tentar ajudar minha irmã a sair de cima de Beliel. Conforme me aproximo de Paige, seus gafanhotos assobiam para mim, apontando suas caudas de escorpião em minha direção. Eu paro, o coração batendo forte.

Raffe está ao meu lado em um instante. — Deixe-a vir até você — diz em voz baixa.

Paige desce de sua carona e faz um carinho em seu gafanhoto com sua pequena mão. — Shh. Está tudo bem. É a Penryn.

Ainda me surpreende como esses monstros obedecem minha irmãzinha. Nosso olhar baixo dura mais um momento, até que as bestas abaixem o ferrão sob a voz suave de Paige. Eu deixo o ar sair e nós nos afastamos, deixando Paige acalmá-los.

Paige se inclina para pegar as asas cortadas de Raffe. Ela estava deitada nelas, e as penas manchadas parecem quebradas, mas voltam a ficar fofas quase que instantaneamente em seus braços. Eu não culpo Raffe por cortá-las de Beliel antes que o gafanhoto pudesse sugá-la junto com o resto do demônio, mas eu desejaria que ele não o tivesse feito. Agora precisaremos achar um médico para recolocá-las em Raffe antes que elas murchem.

Começamos pela praia e vemos dois barcos a remo amarrados à uma árvore. A ilha deve estar ocupada, afinal.

Raffe acena para que nos escondamos enquanto ele vai até o ponto mais alto.

Parece que existia uma fileira de casas de um lado da colina. Do solo mais baixo, apenas as fundações de concreto permanecem, repletas de placas esmagadas com água e sal. Mas do solo mais alto, vários edifícios reforçados estão intactos.

Nós nos movemos rapidamente e em silêncio até o prédio mais

próximo. É grande o suficiente para ter sido algum tipo de quartel. Como os outros, está selado com placas de madeira pintada de branco. Eles parecem ter sido fechados bem antes do Grande Ataque.

A coisa toda parece um assentamento fantasma, exceto pela casa na colina com vista para a baía. É de um estilo Vitoriano perfeitamente intacto, completa com uma cerca branca. É a única construção que se parece com uma casa de família, e a única com cor ou qualquer sinal de vida.

Eu não vejo nenhuma ameaça, certamente nada que os gafanhotos não possam assustar, mas permaneço fora de vista mesmo assim. Eu vejo Raffe enquanto ele salta para voar pela colina, se escondendo e movendo de um barracão até uma árvore, barracão à árvore, fazendo seu caminho até a casa principal. Quando ele chega lá, um tiro quebra a paz.

2

Raffe se pressiona contra uma parede.

— Nós não estamos aqui para machucá-lo — grita.

Outro tiro responde de uma janela no andar de cima. Eu vacilo, meus nervos tão tensos quanto podem.

— Eu posso ouvi-los conversando aí — grita Raffe. Ele deve pensar que somos todos surdos. Acho que comparado a anjos, nós somos. — E a resposta é não. Eu duvido que minhas asas valham tanto quanto asas de anjo. Não há chances de você me pegarem, então parem de se enganar. Nós só queremos a casa. Sejam espertos. Saiam.

A porta da frente abre com grande força. Três homens corpulentos saem, apontando os rifles em diferentes direções, incertos quanto à localização dos inimigos.

Raffe levanta voo e os gafanhotos o seguem. Ele varre o ar com suas impressionantes asas de demônio, parecendo intimidador antes de pousar ao lado da casa.

Os gafanhotos voam até ele, mergulhando para dentro e fora da linha de árvores com suas caudas de escorpião curvadas atrás deles.

Assim que os homens percebem o que estão enfrentando, correm. Eles bateram nas árvores em frente aos gafanhotos. Então circulam ao redor dos escombros em direção à praia.

Conforme os homens correm, uma mulher foge a curtos passos da casa, como um cão que apanhou. Ela avança na direção oposta dos homens. Ela olha

para trás para ver onde eles estão, parecendo estar fugindo deles, e não das criaturas aladas.

Ela desaparece na floresta atrás da casa, enquanto os homens pegam os botes em direção à baía.

Raffe caminha até a frente da casa vazia e para, ouvindo cautelosamente. Ele acena para nos juntarmos a ele enquanto entra.

Assim que alcançamos a casa de estilo vitoriano, Raffe grita — Tudo limpo.

Eu coloco a mão no ombro de Paige enquanto entramos no jardim, atravessando a cerca branca. Ela segura as asas de Raffe como um cobertor de segurança enquanto encara a casa. A casa vitoriana tem cor de manteiga e adornos em marrom. Tem um alpendre com móveis de vime e se parece com uma casa de boneca.

Um dos gafanhotos deixa Beliel ao lado da cerca. Ele fica no chão como um pedaço de carne. A carne pegajosa de seu corpo está na cor e textura de carne seca, e o sangue ainda escorre das feridas onde Paige mordeu e arrancou pedaços da bochecha e braços. Ele é digno de pena, porém é uma vítima dos gafanhotos da qual não sinto pena.

— O que devemos fazer com Beliel? — pergunto a Raffe.

— Tomarei conta dele — Raffe desce da escada do alpendre em nossa direção.

Considerando todas as coisas horríveis que Beliel já fez, eu não tenho certeza do porquê Raffe não o matou ao invés de somente cortar as asas. Talvez ele tenha pensado que o gafanhoto o faria, ou que o ataque de Paige seria fatal. Mas agora que ele chegou tão longe, Raffe não parece inclinado a acabar com ele.

— Vamos, Paige — minha irmã anda ao meu lado, subindo pelo alpendre de madeira e até a casa.

Dentro, espero poeira e mofo, em vez disso, é surpreendentemente bom. A sala de estar parece que costumava ser uma exposição. Um vestido dos anos

1800 é exibido no canto. Ao lado, cordas de museu em stands de latão estão agrupados, não sendo mais necessário manter o público longe da mobília antiga da sala de estar.

Paige olha ao redor e anda até a janela. Além do vidro deformado, Raffe arrasta Beliel até o portão da cerca. Ele o larga lá e anda atrás da casa. Beliel parece morto, mas sei que não está. As vítimas do ferrão dos gafanhotos ficam paralisadas o suficiente para parecerem mortas, mesmo ainda estando conscientes. Essa é parte do horror de ser picado.

— Vamos lá. Vamos ver o resto da casa — eu digo. Mas Paige continua a encarar pela janela, para a forma atrofiada de Beliel.

Lá fora, Raffe volta ao campo de visão cheio de correntes enferrujadas nos braços. Ele deixa a imagem bastante intimidadora quando nvolve Beliel nas correntes, dando voltas em seu pescoço, na cerca e em suas coxas. Ele passa o cadeado nela, no meio do peito dele.

Se eu não o conhecesse, teria muito medo de Raffe. Ele parece impiedoso e desumano enquanto lida com o demônio impotente.

Estranhamente, é Beliel que continua chamando minha atenção, apesar disso. Há algo sobre ele acorrentado que continua puxando meu olhar. Algo familiar.

Eu balanço a cabeça para esquecer. Eu devo estar alucinando pela exaustão.



Eu nunca fui uma garota matutina, e agora que fiquei algumas noites sem dormir, me sinto um zumbi. Quero cair em algum sofá e dormir por uma semana.

Mas primeiro, preciso ajudar minha irmã a se ajeitar.

Levo uma hora para limpá-la na banheira. Ela está coberta pelo sangue coagulado de Beliel. Se as pessoas assustadas da Resistência a acharam um monstro quando ela estava em um vestido florido limpo, eles definitivamente se transformariam em aldeões carregando tochas e querendo morte na fogueira se a vissem agora.

Tenho medo de esfregá-la com força e machucar ainda mais todos os pontos e hematomas. Normalmente, nossa mãe faria isso. Ela sempre foi surpreendentemente gentil quando se tratava de lidar com Paige.

Talvez pensando o mesmo, Paige pergunta — Onde está Mamãe?

— Ela está com a Resistência. Eles devem estar no acampamento agora. — Eu gotejo água em seu corpo e toco a esponja cuidadosamente em seus machucados. — Viemos procurar você, mas fomos pegas e levadas para Alcatraz. Mas ela está bem agora. A Resistência veio para salvar todo mundo na ilha, e eu a vi em um bote enquanto eles escapavam.

Seus machucados ainda parecem irritados, e não queria abrir um ponto acidentalmente. Eu me pergunto se são do tipo que se dissolvem, ou se o médico precisa retirá-los.

Isso me faz lembrar de Doc, o cara que a costurou. Eu não me importo sobre a situação dele. Nenhum ser humano decente teria desfigurado e mutilado

criancinhas até as transformarem em monstros comedores-de-homens só porque Uriel, o anjo megalomaníaco, mandou. Eu quero quebrá-lo em pedaços quando vejo o quão machucada e maltratada Paige está.

Então, quão louco é, eu estar nutrindo um pequeno pensamento de que talvez ele possa ajudá-la.

Suspiro e derrubo a esponja na água. Eu não aguento mais olhar para as costelas dela, quase saindo da pele costurada. Ela fica tão limpa quanto pode. Deixo suas roupas manchadas de sangue na pia e vou até um dos quartos para ver se consigo achar algo que ela possa usar.

Eu vasculho as gavetas antigas, sem esperar achar algo. Parece que esse lugar foi um tipo de local de turismo histórico, ao invés da casa de alguém. Mas alguém ficou aqui. Talvez tenha até decidido que aqui poderia ser um lar. Não é muito, mas ao menos uma mulher se hospedou aqui, pelo menos por pouco. Eu alcanço uma blusa branca e saia de linho. Calcinha fio-dental. Um sutiã de renda. Uma camisola fina. Um top cropped. Um par de cueca boxer.

As pessoas agiam engraçadas nos primeiros dias do Grande Ataque. Mesmo enquanto evacuavam suas casas, eles pegavam telefones, notebooks, chaves, carteiras, malas e sapatos que seriam ótimos para férias tropicais, mas não para correr pelas ruas. Era como se as pessoas não aceitassem que tudo não passaria em poucos dias.

Eventualmente, porém, essas coisas acabaram abandonadas em carros e nas ruas ou, nesse caso, nas gavetas de uma casa museu. Eu acho uma camiseta que é quase tão grande quanto Paige. Não há chances de encontrar calças para ela, então um vestido/camiseta servirá por enquanto.

Eu a levo para cima e deixo seus sapatos ao lado da cama para caso precisemos sair com pressa.

Beijo sua testa e digo boa noite. Seus olhos fecham como os de uma boneca, e sua respiração fica profunda quase que imediatamente. Ela deve estar absolutamente exausta. Quem sabe quando foi a última vez que ela dormiu? Quem sabe a última vez que ela comeu?

Eu desço as escadas e encontro Raffe inclinado sobre a mesa de jantar com suas asas colocadas em sua frente. Ele tirou a máscara, e é um alívio ver seu rosto novamente.

Ele está arrumando suas asas. Parece que ele lavou e tirou o sangue. Elas descansam sobre a mesa, úmidas e moles. Ele arranca as penas quebradas e acaricia as saudáveis.

— Pelo menos você as tem de volta — digo.

A luz bate em seu cabelo escuro, mostrando luzes.

Ele dá um profundo suspiro. — Estamos de volta ao início — ele senta em uma cadeira de madeira, quase murchando quando o faz. — Preciso achar um médico — ele não soa otimista.

— Eles tinham algumas coisas em Alcatraz. Material cirúrgico angelical, eu acho. Eles fizeram todos os tipos de experimentos lá. Será que alguma coisa poderia ser útil?

Ele olha para mim com olhos tão tristes que parecem pretos. — Talvez. Eu provavelmente deveria sair do alcance daquela ilha, de qualquer forma. Está perto demais para que possamos ignorar. — Ele esfrega as têmporas.

Posso ver a frustração endurecendo a linha de seus ombros. Enquanto o Arcanjo Uriel está criando um falso apocalipse e mentindo para os outros anjos para conseguir com que votem nele como Mensageiro, Raffe ainda está preso, tentando conseguir costurar suas asas no lugar. Até lá, ele não pode voltar para a sociedade angelical para tentar ajeitar as coisas.

— Você precisa dormir um pouco — digo. — Todos precisamos. Eu estou tão cansada que minhas pernas simplesmente querem se dobrar. — Eu balanço um pouco. Foi uma noite longa, e ainda estou surpresa que todos nós conseguimos superá-la vivos para ver o dia nascer.

Eu meio que espero que ele argumente, mas ele concorda. Isso apenas confirma o quanto precisamos mesmo de descanso, e talvez ele precise de tempo para descobrir como encontrar um médico que consiga ajudá-lo.

Nós nos arrastamos pela escada até os dois quartos.

Eu me viro para Raffe em frente às portas. — Paige e eu iremos...

— Eu tenho certeza que Paige dormirá melhor sozinha.

Por um segundo, penso que talvez ele queira ficar sozinho comigo. Tenho um momento de uma louca estranheza misturada com excitação, antes de ver sua expressão.

Raffe me lança um olhar duro. É muito para minha teoria.

Ele só não quer que eu durma no mesmo quarto que a minha irmã. Ele não sabe que já dividi um quarto com ela quando estávamos na Resistência. Ela teve muitas chances de me atacar.

— Mas...

— Você fica com esse quarto — Raffe aponta para o quarto do outro lado do corredor. — Eu fico com o sofá — a voz dele é um comando casual. Ele obviamente está acostumado a ser obedecido.

— Não há um sofá de verdade. É apenas um tipo de sofá realmente antigo feito para moças com metade do seu tamanho.

— Eu dormi em pedras na neve. Um sofá estreito é luxo. Ficarei bem.

— Paige não vai me machucar.

— Não, não vai. Você estará muito longe para tentá-la enquanto estiver dormindo e vulnerável.

Estou cansada demais para argumentar. Eu espio dentro do quarto dela para ter certeza de que ela ainda dorme, antes de entrar no meu próprio quarto do outro lado do corredor.

A luz do sol irradia seu calor através da janela do meu quarto até a cama. Há flores silvestres secas no criado-mudo, adicionando um salpico de roxo e amarelo. O cheiro de alecrim é soprado através da janela aberta.

Tiro os meus sapatos e encosto Pooky Bear contra a cama, para um fácil alcance caso eu precise. O ursinho de pelúcia senta-se na parte superior do vestido transparente que cobre a bainha da espada. Sinto uma pontinha de emoção saindo dela, já que estamos com Raffe de novo. Ela está tão feliz por

estar perto, quanto triste por ser proibida para ele. Eu acaricio a pele macia do urso e dou-lhe uma palmadinha.

Normalmente, eu durmo com as minhas roupas caso precise correr. Mas estou cansada de dormir assim. É desconfortável, e o quarto acolhedor me lembra de como eram as coisas antes de ficarmos com medo o tempo todo.

Decido que esse será um daqueles raros momentos em que posso dormir confortavelmente. Eu me pressiono contra a cômoda para vasculhar as roupas que encontrei antes.

Não há muito o que escolher, mas faço o melhor com o que tem. Escolho o top e a cueca boxer. A top fica solto, mas se encaixa bem. Ela vai até a parte inferior de minhas costelas, deixando o umbigo à mostra.

A boxer cai perfeitamente, mesmo sendo feitas para homens. Uma perna está desgastada e desfiada, mas está limpa e o elástico não está muito apertado.

Eu rastejo para a cama, maravilhada com o luxo do lençol de seda. No segundo em que minha cabeça aterrissa no travesseiro, eu começo a apagar.

Uma brisa suave flui das janelas. Parte de mim sabe que está ensolarado e quente lá fora, do jeito que outubro sabe ser às vezes.

Mas outra parte de mim vê tempestades. O sol se derrete em chuva, e meu quarto com vista para o jardim se transforma em nuvens de tempestade enquanto eu me afundo mais no sono.

Volto para onde os Caídos acorrentados estão sendo arrastados para o Abismo. As estacas em seus pescoços e testas, pulsos e tornozelos derrubam sangue enquanto os diabinhos os montam.

É o mesmo sonho que tive pela minha espada enquanto estava no campo da Resistência. Mas uma parte de mim se lembra de que não estou dormindo com a espada dessa vez. Ela está encostada na cama, mas não me tocando. Isso não parece como a memória de uma espada.

Eu estou sonhando com a minha própria experiência de estar na memória da espada. O sonho sobre um sonho.

Na tempestade, Raffe desliza para baixo, escovando as mãos com um

dos Recém Caídos enquanto se dirige para a terra abaixo. Eu vejo seus rostos quando Raffe os toca. Esse grupo de Caídos devem ser os Vigilantes - o grupo de elite de anjos guerreiros que se apaixonaram por Filhas dos Homens.

Eles estão sob o comando de Raffe, seus soldados leais. Eles claramente olham para ele para que ele possa ajudar a salvá-los, apesar de suas escolhas de quebrar uma lei angelical ao casarem com Filhas dos Homens.

Um rosto me chama a atenção. Sua forma me parece familiar.

Eu me esforço para vê-lo melhor e, eventualmente consigo.

É Beliel.

Ele parece mais novo do que estou acostumada, e seu desdém habitual se foi. Há raiva em seu rosto, mas atrás disso, há uma dor genuína em seus olhos. Ele agarra a mão de Raffe por um momento mais longo do que os outros Caídos, quase sacudindo-o.

Raffe acena para ele e continua em direção à terra.

Relâmpagos começam, e o céu reverbera conforme a chuva escorre pelo rosto de Beliel.

Quando acordo, o sol se moveu através do céu.

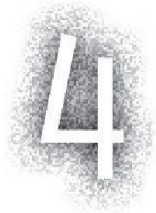
Eu não ouço nada de anormal, então espero que Paige ainda esteja dormindo. Levanto, e ando em direção à janela aberta. Lá fora, o sol ainda brilha e a brisa sopra através das árvores. Os pássaros cantam e as abelhas zunem como se o mundo não tivesse mudado completamente.

Apesar do calor, quando eu olho para fora, fico com arrepios.

Beliel ainda está acorrentado ao portão do jardim, murcho e torturado. Mas seus olhos estão abertos e ele me encara diretamente. Talvez ele já esteja completamente descongelado de sua paralisia agora. Não é de se admirar que eu tenha tido um pesadelo com ele.

Mas não foi realmente um pesadelo, foi? Foi muito mais como uma memória que a espada me mostrou. Eu balanço a cabeça devagar, tentando entender tudo isso.

É possível que Beliel tenha sido um dos Vigilantes de Raffe?



O quarto está aquecido pelo sol. Eu acho que provavelmente é perto do meio-dia. É glorioso ter uma pausa de toda a loucura.

Eu ainda não estou preparada para desistir do meu sono precioso, mas um copo d'água parece bom. Quando abro minha porta, Raffe está sentado no corredor com os olhos fechados.

Eu franzo a testa. — O que você está fazendo?

— Eu estava cansado demais para andar até o sofá — ele diz sem abrir os olhos.

— Você está vigiando? Eu teria pego um turno, se soubesse. Com quem estamos preocupados?

Raffe bufa.

— Quero dizer, algum inimigo em específico no momento?

Ele está sentado de frente para a porta de Paige. Eu acho que deveria saber.

— Ela não vai me machucar.

— Isso foi o que Beliel pensou — seus olhos ainda estão fechados, e seus lábios mal se movem. Se ele não estivesse falando, eu acharia que ele estava dormindo.

— Beliel não é a irmã mais velha dela, e ele também não a criou.

— Chame de sentimentalismo, mas gosto da ideia de você inteira. Até porque, ela não é a única que pode estar interessada em sua carne saborosa.

Eu inclino a cabeça. — Quem disse para você que eu sou saborosa?

— Você nunca ouviu aquele velho ditado? Saboroso como um tolo?

— Você inventou isso.

— Hum. Deve ser um ditado angelical. É para avisar os tolos sobre as coisas que fazem barulho de noite.

— É dia agora.

— Ah. Então você não nega que é tola? — ele finalmente abre os olhos com um sorriso. Mas sua expressão afrouxa quando ele me vê por inteiro.

— O que você está usando? — ele examina minha roupa.

Eu estava tão confortável que esqueci que estava usando um top e cueca boxer. Olho para mim, perguntando se eu deveria ser autoconsciente. Eu estou razoavelmente coberta, exceto pelo umbigo, e acho que estou mostrando mais das pernas do que o normal.

— Isso vindo de um cara que corre por aí sem camisa o tempo todo? — Claro, eu meio que gosto dele sem camisa e mostrando seu abdômen malhado, mas não menciono isso.

— É difícil usar camisa quando você tem asas. Além disso, não ouvi reclamações.

— Não deixe isso subir à sua cabeça, Raffe. Você também não ouviu elogios. — Eu gostaria de dizer que temos muitos caras bonitos como ele, mas isso seria uma mentira total.

Ele ainda está examinando minha roupa. — Você está usando shorts masculino?

— Acho que sim. Mas eles servem.

— De quem são?

— De ninguém. Achei em uma gaveta.

Ele se estica e puxa um fio da perna desfiada. Ele sai, desenrolando lentamente em volta da minha coxa, encurtando o shorts já curto.

— O que você faria se tivesse que correr com isso? — Sua voz é rouca enquanto ele olha fixamente, hipnotizado, ainda desenrolando a linha.

— Eu pegaria os meus sapatos e correria.

— Vestida assim? Na frente de homens sem lei? — Os olhos dele vão para o meu umbigo.

— Se você está preocupado com pervertidos invadindo a casa, não fará diferença se eu estiver vestida assim ou com jeans e camiseta. Ou são seres humanos decentes, ou não são. Suas ações dependem somente deles.

— Será difícil para eles agirem de qualquer maneira enquanto eu tiver socando seus rostos. Desrespeito não será tolerado.

Eu dou um meio sorriso a ele. — Porque você é todo respeito.

Ele suspira como se estivesse um pouco enjoado consigo mesmo. — Ultimamente, parece ser tudo sobre você.

— O que te faz dizer isso? — Eu gostaria que minha voz não soasse tão sem fôlego.

— Estou sentado no chão duro do lado de fora da sua porta, enquanto você tira um cochilo aconchegante, não estou?

Eu deslizo pela parede para sentar ao lado dele no chão do corredor. Nos sentamos com os braços quase tocando, deixando a quietude se assentar ao nosso redor.

Depois de um tempo, eu digo — Acho que dormir te fará bem. Você fica com a cama. Eu fico com a vigia um pouco.

— Sem chance. É você que está em risco, não eu.

— O que é isso que você acha que vai me pegar? — Meu braço se esfrega contra o dele quando eu viro para olhá-lo.

— A lista é interminável.

— Desde quando você se tornou tão protetor?

— Desde que meus inimigos determinaram que você é minha Filha do Homem.

Eu engulo. Minha garganta está seca.

— Eles determinaram?

— Beliel nos viu juntos no baile de máscara. Mesmo com a minha máscara, Uriel sabia que era eu na praia com você.

— E eu sou? — sussurro. — Sua Filha do Homem? — eu quase posso ouvir meu coração batendo. Ele bate ainda mais forte quando percebo que ele

talvez possa ouvi-lo.

Ele olha para longe. — Algumas coisas simplesmente não podem ser. Mas nem Uri ou Beliel entendem isso.

Eu deixo minha respiração sair - devagar, controlada. Ele poderia muito bem ter dito que eu também não entendo.

— Então, quem exatamente estaria vindo atrás de mim? — pergunto.

— Além dos suspeitos de costume, todo o exército de anjos viu você comigo quando cortei as asas de Beliel. Eles acham que você está viajando na companhia de um 'demônio' mascarado que corta asas de 'anjos'. É o suficiente para vir atrás de você, mesmo que apenas para me encontrar. Além disso, você é uma assassina de anjos agora, para qual a sentença de morte é automática. Você é uma garota um tanto popular.

Eu penso sobre isso por um minuto. Há realmente algo que eu possa fazer com isso? — Mas todos nós parecemos iguais para eles, certo? Como eles podem nos diferenciar? Eles parecem todos iguais para mim. São todos irritantemente perfeitos em todos os sentidos – corpos perfeitos do Olimpo, rostos perfeitamente belos, até mesmo cabelo perfeito. Se não fosse por você, eu acharia que os anjos são totalmente permutáveis.

— Você quer dizer que vou além da perfeição?

— Não. Porque você é tão humilde.

— Humildade é superestimada.

— Assim como a auto avaliação, aparentemente.

— Verdadeiros guerreiros não toleram essa psico bobagem.

— Ou pensamento racional.

Ele olha para minhas pernas nuas.

— Não, não tão racional, admito. — Raffe se levanta e estende a mão para mim. — Vamos. Durma um pouco.

— Só se você também dormir — pego sua mão e ele me levanta.

— Tudo bem. Se isso te acalmar.

Nós caminhamos para o meu quarto e eu rastejo para a cama. Deito-me

por cima das cobertas, pensando que ele realmente vai se certificar que eu durma. Mas em vez de sair, ele sobe na cama ao meu lado.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Ele deita o rosto no travesseiro ao lado do meu e fecha os olhos com alívio.

— Tirando uma soneca.

— Você não vai descer?

— Não.

— E o sofá?

— Muito desconfortável.

— Eu achei que você tinha dito que dormiu em pedras na neve.

— Dormi. Por isso durmo em camas macias sempre que posso.



Eu fico esperando ele deitar todo cheio de tensão como eu, mas sua respiração rapidamente se torna profunda e lenta.

Ele deve estar exausto. Mesmo com sua falta de sono e de estar sempre em constante alerta vermelho, ele ainda está se recuperando de seus ferimentos na asa, tanto da amputação inicial quanto da cirurgia. Não consigo imaginar pelo que ele está passando.

Eu deito ali, tentando dormir ao lado dele.

O cheiro de alecrim sopra pela janela junto com uma brisa morna. O zumbido das abelhas perto das plantas abaixo soa distante e calmante. O sol brilha amanteigado através das minhas pálpebras fechadas.

Eu me viro para me afastar da claridade da janela e acabo encarando Raffe. Eu não consigo me conter, e abro os olhos e olho para ele. Seus cílios escuros deitam como uma lua crescente contra sua bochecha. Longos e curvados, eles causariam inveja em toda garota. A linha de seu nariz é forte e reta. Seus lábios são suaves e sensuais.

Sensuais? Eu quase rio. Que tipo de palavra é essa que apareceu na minha cabeça? Eu não tenho certeza se alguma vez já pensei em algo como sendo sensual antes.

Seu peito muscular sobe e desce em um ritmo constante que é hipnotizante. Minha mão tem pequenas contrações, querendo afagar seus músculos lisos.

Eu engulo e viro para o outro lado.

Com ele do lado, eu respiro fundo e solto vagarosamente, como se estivesse tentando me acalmar em uma luta.

Ele geme baixinho e se move. Meus movimentos devem tê-lo perturbado.

Sinto seu hálito quente na parte de trás do meu pescoço. Ele deve ter virado para o lado, me encarando. Ele está tão perto que posso sentir o formigamento elétrico por ele quase me tocar, ao longo da minha espinha.

Tão perto.

Sua respiração mantém um ritmo constante e profundo. Ele está totalmente adormecido enquanto eu estou superconsciente por ele estar deitado ao meu lado na cama. O que há? Não era para ser o contrário?

Tento enfiar toda essa bagunçada confusão de sentimentos no cofre de minha mente. Mas ou o cofre está cheio, ou este pacote de emoções é muito grande ou muito teimosa, ou muito espinhosa para caber lá.

Enquanto isso, meu corpo lentamente arqueia para baixo até nos tocarmos.

No segundo em que minha coxa toca a dele, ele geme e se mexe, jogando seu braço ao meu redor. Ele me puxa para perto de seu corpo duro.

O que eu faço?

Todo o comprimento de minhas costas está pressionada contra seu peito.

O que eu faço?

Duro. Quente. Musculoso.

Transpiração pinica minha testa. Quando ficou tão quente aqui?

O peso de seu braço pressiona meu corpo contra o seu e me imobiliza na cama. Eu tenho um momento de pânico em que penso em saltar para fora da cama.

Mas isso o acordaria. Uma inundação de constrangimento me atinge quando penso nele acordando e me vendo toda quente e incomodada enquanto ele esteve dormindo.

Tento me acalmar. Ele me segura como um ursinho de pelúcia enquanto

dorme pacificamente. Ele provavelmente está tão exausto que está alheio a mim.

Sua mão está quente em minhas costelas. Estou ciente de que seu polegar está abaixo da linha do meu peito.

Um pensamento desliza pela minha mente. Eu não consigo me livrar dele, não importa o quanto tente empurrá-lo de lado.

Como seria ter a mão de Raffe nessa parte do meu corpo?

Eu tenho 17 anos, quase 18, e nunca tive um cara acariciando o meu peito. E do jeito que as coisas vão, provavelmente nunca terei, pelo menos não de uma maneira boa e carinhosa. No mundo apocalíptico, a violência é garantida e boas experiências são apenas um sonho. Isso me faz querer sentir isso de uma boa maneira ainda mais. Algo gentil e doce que deveria acontecer no devido tempo e com o cara certo se o mundo não tivesse ido para o inferno.

Enquanto minha cabeça se enfurece em argumento e confusão, minha mão cobre a dele. Gentilmente, oh, tão gentilmente. Como seria ter a mão de Raffe acariciando meu mamilo?

Sério?

Eu realmente estou pensando isso?

Mas 'pensando' não é a palavra certa para o que está acontecendo dentro de mim. Está mais para... urgência. Uma irresistível, inegável, martelante, temorosa e ofegante urgência.

Vagarosamente, eu subo sua mão até seu polegar se pressionar contra a pele macia do meu peito.

Então eu a empurro para cima só mais um pouco.

A respiração de Raffe ainda é estável. Ele ainda está dormindo.

Um pouco mais. Só mais um pouco...

Até que eu sinto o calor de sua mão se espalhando sobre meu peito.

E então tudo muda.

Sua respiração se torna irregular. Sua mão se empurra para cima e começa a amassar minha carne. Exigindo. Quase machucando, mas não

completamente. Uma sensação incrível corre por mim, começando por meu peito e inundando todo o resto.

Eu estou ofegante antes de perceber.

Ele geme e beija minha nuca. Ele faz o seu caminho até minha boca. Seus lábios aterrissam nos meus, quentes e úmidos e sugando. Sua língua se move para dentro, provocando a minha.

Meu mundo inteiro é uma massa de sensações - a sucção suave de seus lábios, o calor de sua língua, a pressão dura de seu corpo contra o meu.

Ele me vira e se move sobre mim. O peso de seu corpo me pressiona contra o colchão. Meus braços deslizam em volta de seu pescoço, e minhas pernas e quadril se movem sem descanso.

Eu estou choramingando ou gemendo ou miando, não tenho certeza de qual. Estou tão profundamente perdida no turbilhão de sensações que a única coisa que importa é o aqui e agora.

Raffe.

Minhas mãos correm pelos músculos de seu peito, ombro, seus braços protuberantes.

Então ele se afasta, me deixando ofegante.

Eu abro meus olhos de maneira grogue, sentindo-me drogada, tentando alcançá-lo.

Ele me olha de maneira intensa. Afligido, mas agitado com desejo.

Ele se empurra para longe de mim.

Ele se vira para se sentar de costas. — Cristo. — Ele passa as duas mãos no cabelo. — O que aconteceu?

Abro a boca para responder, mas a única coisa que sai é — Raffe. — Não sei dizer se é uma pergunta ou uma súplica.

Ele senta com suas costas retas como uma vareta, os músculos rígidos, as asas guardadas firmemente ao longo das costas. Eu toco seu ombro, e ele fica rijo como se eu o tivesse eletrocutado.

Sem outra palavra, ele se levanta e sai energeticamente do quarto.



Eu ouço os passos de Raffe descendo pesadamente a escada de madeira. A porta da frente é aberta e bate se fechando. Então eu vejo uma ponta da asa branco neve varrer o ar de fora da minha janela quando ele decola.

Fecho meus olhos em absoluta humilhação.

Como pode o mundo terminar em uma fúria gigante de proporções bíblicas e ainda deixar espaço para constrangimento?

Eu deito lá pelo que parece ser para sempre, desejando poder apagar o que aconteceu. Mas não posso. Uma confusão maciça rodopia através de mim. Eu entendo. Ele não deve estar... Filha do Homem... blá, blá, blá.

As coisas não podem ser simples? Eu suspiro e encaro o teto branco.

Eu poderia ter ficado lá o dia todo se não tivesse olhado através da porta que Raffe deixou aberta quando saiu.

Em frente ao corredor, a porta de Paige está aberta e sua cama está vazia.

Eu me sento. — Paige?

Sem resposta. Eu agarro meus tênis, deslizando-os em meus pés enquanto caminho pelo corredor.

— Paige?

Eu não ouço nada. Ela não está na cozinha, na sala de jantar, ou na sala de estar. Eu olho para fora da janela da sala de estar.

Lá está ela. Seu pequeno corpo está encolhido no chão ao lado de Beliel, que ainda está acorrentado na cerca de madeira.

Eu corro para fora. — Paige? Você está bem?

Ela levanta sua cabeça, piscando sonolentamente para mim. Meu coração se acalma, e eu exalo, deixando escapar a tensão.

— O que você está fazendo aqui fora? — Eu sou cuidadosa em andar além do alcance de Beliel. Paige está deitada fora de seu alcance também. Ela pode estar estranhamente ligada a ele, mas não é estúpida.

Beliel, o demônio continua lá. Ele está em carne viva e vermelho onde pedaços foram arrancados, entretanto não está mais sangrando. Eu tenho certeza absoluta de que ele saiu da paralisia, mas ainda não se moveu desde que chegamos.

Sua pele parece ameixa-seca. Sua respiração está áspera, como se seus pulmões estivessem sangrando. Ele não está se curando tão rápido quanto eu esperava. Mas seus olhos nos seguem, alertas e hostis.

Eu ponho meu braço embaixo dos ombros de minha irmã e a levanto em meus braços. Até recentemente, ela estava ficando grande demais para eu fazer isso, mas o Grande Ataque mudou tudo. Agora ela não é mais pesada do que um boneco de pelúcia.

Ela se contorce, olhando em volta. Ela está começando a fazer ruídos de crianças sonolentas, deixando claro que ela não quer ir embora. Ela estende a mão em direção a Beliel, que apenas zomba. Ele não parece incomodado ou confuso pela atitude inconsistente dela para com ele.

— Sua voz soa familiar — diz Beliel. Ele não se moveu, não piscou. Ele é como um corpo morto que pode mover seus olhos e lábios. — Onde eu te vi?

Estou um pouco assustada de ele estar pensando a mesma coisa que pensei quando o vi pela primeira vez acorrentado.

Eu me afasto dele com a Paige em meus braços.

— Seu anjo não tem muito tempo sobrando para ter as asas dele de volta — diz Beliel.

— Como você sabe? Você não é médico.

— Raphael rasgou uma asa quase completamente para fora das minhas

costas uma vez. Eu tive que fazer aquele médico humano insignificante costurá-la de volta. Ele me advertiu que eu não teria muito tempo se ela saísse novamente.

— Que médico insignificante? O Doc?

— Eu o ignorei. Mas agora que penso sobre isso, o pequeno frangote provavelmente estava certo. Raphael não fez nada além de deixar ambos sem asas.

— Ele não está sem asas.

— Mas ficará. — Ele dá um sorriso triste, expondo seus dentes ensanguentados.

Eu continuo andando até a varanda. Estou quase na porta quando ele fala novamente.

— Você está apaixonada por ele, não está? — ele pergunta asperamente. — Você se acha tão especial. Especial o suficiente para capturar o amor de um arcanjo. — Ele faz um barulho seco e ruidoso que eu acho que deve ser uma risada. — Você sabe quantas pessoas pensaram que poderiam ganhar o amor dele através dos séculos? Que ele seria leal tanto quanto eles eram leais a ele?

Sei que deveria ignorá-lo. Nada do que ele diz pode ser confiável – eu sei disso – mas curiosidade queima através de mim mesmo assim. Eu coloco minha irmã no chão, em frente a porta aberta.

— Volte para sua cama, Paige. — Depois de um pouco de adulação, ela caminha para dentro de casa.

Eu me viro e me inclino no parapeito da varanda. — O que você sabe sobre ele?

— Você quer saber por quantas Filhas dos Homens ele passou? Quantos corações você acha que quebraram sobre Raphael, o grande arcanjo?

— Você está me dizendo que ele é um destruidor de corações?

— Estou lhe dizendo que ele é sem coração.

— Você vai me dizer que o que ele fez com você foi errado? Que você não merece ser acorrentado como um animal raivoso?

— Ele não é um cara bom, seu anjo. Nenhum deles é.

— Obrigada pelo aviso. — Me viro para voltar para dentro de casa.

— Você não acredita em mim. Posso te mostrar. — Ele diz essas palavras calmamente como se não importasse para ele se eu acreditava ou não.

Eu pauso nos degraus da porta.

— Não sou uma grande fã de caras assustadores se oferecendo para me mostrar qualquer coisa.

— Essa espada que você carrega por toda parte escondida em baixo do animal de pelúcia — ele diz — pode fazer mais do que parecer brilhante. Pode te mostrar coisas.

Eu me arrepio. Como ele sabe?

— Posso te mostrar o que eu experimentei nas mãos desse arcanjo por quem você está tão apaixonada. Nós dois só precisamos estar tocando a espada.

Eu viro em direção a ele. — Eu não sou estúpida o suficiente para te dar minha espada.

— Você não precisa dá-la para mim. Você pode segurá-la enquanto eu simplesmente a toco.

Eu olho para ele para ver se há algum truque. — Por que eu deveria arriscar perder minha espada só para ver se você está dizendo a verdade?

— Não há qualquer risco. A espada não irá me permitir levantá-la ou tomá-la de você. — Ele está falando comigo como se eu fosse uma idiota. — Será perfeitamente seguro para você.

Eu vejo a mim mesma em transe na memória, facilmente ao alcance de Beliel. — Obrigada, mas não.

— Com medo?

— Não sou estúpida.

— Você pode amarrar minhas mãos, me acorrentar, me ensacar, me pôr em uma gaiola. Faça o que quiser para garantir sua segurança de um velho demônio que não pode mais nem levantar por si mesmo. Uma vez que você faça

isso, sabendo que a espada não me deixará pegá-la, então você estará perfeitamente segura.

Eu o encaro, tentando enxergar através de seu jogo.

— Você está realmente com medo de eu machucá-la? — ele pergunta. — Ou talvez você simplesmente não quer saber a verdade sobre seu precioso arcanjo? Ele não é o que parece. Ele é um mentiroso e um traidor, e eu posso provar. A espada não me deixará mentir – ela não transmite palavras bonitas. Somente memórias.

Eu hesito. Eu deveria estar dando meia volta para sair, e ele sabe disso. Eu deveria ignorar tudo que ele fala.

Mas, ao invés, estou enraizada na varanda. — Você tem suas próprias ideias que nada têm a ver com me mostrar a verdade.

— É claro que tenho. Talvez você me deixe ir depois de perceber que ele é realmente o cara mau, não eu.

— Você é o mocinho agora?

A voz de Beliel se torna fria. — Você quer ver ou não?

Eu permaneço na luz do sol, olhando para a bela vista da baía e das colinas verdes atrás. O céu é azul com algumas nuvens.

Eu deveria explorar mais as ilhas para ver se há algo aqui que poderíamos usar. Eu deveria criar um plano para curar minha irmã. Eu deveria estar sendo útil ao invés de flertando com o desastre.

Mas meu sonho continua voltando para mim. Poderia Beliel ter sido um dos sentinelas de Raffe?

— Você foi... Você costumava trabalhar com o Raffe?

— Você poderia dizer isso. Ele costumava ser meu comandante. Houve uma época em que eu teria feito qualquer coisa por ele. Qualquer coisa. Isso foi antes de ele ter me traído. Assim como ele fará com você. Está em sua natureza.

— Eu sei que você mentiu para minha irmã só por esporte. Eu não sou uma menina de sete anos de idade solitária, assustada, então largue a cena de manipulação.

— Fique à vontade, pequena Filha do Homem. Você não teria acreditado no que viu de qualquer forma. Você é leal demais ao arcanjo para acreditar que ele foi a fonte de tanta miséria.

Dei a volta e entrei na casa. Verifico se Paige está dormindo em seu quarto. Verifico os armários na cozinha para fazer um balanço das poucas latas de sopa deixadas pelos homens que acamparam aqui antes de nós.

Enquanto vagueio, o desejo de ver o que o Beliel está oferecendo me importuna. Talvez ele me mostre algo que me traga aos meus sentidos com relação a Raffe. Talvez eu saia dessa e siga com a minha vida – minha vida com outros seres humanos, onde eu pertenço.

Eu não posso nem pensar sobre o que aconteceu mais cedo com Raffe sem meu rosto queimar de constrangimento. Como eu deveria olhar para ele quando ele voltar?

Se ele voltar.

O pensamento torce meu intestino em um nó.

Eu chuto uma almofada decorativa no chão, obtendo nenhuma satisfação em vê-la ricochetear na parede.

Okay. Chega.

É só espreitar na memória de Beliel. Os homens de Obi estão arriscando suas vidas todos os dias, tentando espiar os anjos por pequenas sobras de informação. E aqui estou eu, com o melhor dispositivo de espionagem do mundo, mais uma oferta de entrar na memória do inimigo. Eu terei minha espada comigo o tempo inteiro, e é verdade que ele não será capaz de usá-la contra mim.

Só vou tirar isso do meu sistema e seguir em frente. Eu serei extra cuidadosa.

Independentemente do que Beliel me mostrar, Paige e eu iremos deixar a ilha depois, e voltaremos para a Resistência. Vamos encontrar a mamãe e veremos se podemos encontrar o Doc. Talvez ele possa ajudar Paige a comer comida normal de novo.

E então, depois disso, iremos... sobreviver.

Sozinhas.

Subo as escadas para pegar Pooky Bear, então saio para ir até Beliel. Ele está deitado próximo às estacas da cerca, enrolado na mesma posição em que estava quando eu saí. Eu posso ver em seus olhos que ele estava esperando que eu voltasse.

— Então o que eu faço?

— Eu preciso estar tocando na espada.

Eu levanto minha espada, apontando para ele. Ela brilha na luz do sol. Eu tenho o desejo de perguntar a ela se ela quer fazer isso. Mas não quero soar estúpida na frente de Beliel.

— Aproxime-se — Ele estende a mão para agarrá-la.

Eu hesito. — Você precisa segurar, ou pode simplesmente tocá-la?

— Tocar.

— Okay. Vire-se.

Ele se vira na sujeira sem protestar. Suas costas estão amarradas com cordas de músculo seco. Não quero tocá-lo com uma espada de três metros, mas eu pressiono a ponta de minha lâmina em suas costas de qualquer jeito.

— Um movimento errado e eu te espeto. — Não estou certa se a conexão é suficiente somente com a ponta tocando suas costas, mas ele não parece preocupado com isso.

Ele inspira profundamente e exala devagar.

Sinto algo se abrir em minha cabeça.

Não é como nas outras vezes quando eu me achei repentinamente em algum outro lugar. Essa é mais fraca, mais brilhante, como se pudesse escolher não ir lá se eu quisesse, como se a espada não estivesse tão certa sobre essa viagem em particular.

Eu inspiro profundamente também. Eu me certifico de que meus pés estão em uma posição apropriada para lutar e me preparo para um ataque.

E então fecho meus olhos.

7

Sinto um momento de vertigem, então pouso em terra firme.

A primeira coisa que me atinge é o calor esmagador. Em seguida, o cheiro de ovos podres.

Debaixo de um céu negro-púrpura, uma biga[{1}] é puxada por seis anjos arreados como cavalos. Sangue e suor escorrem por seus ombros e peitos onde os arreios cortam. Eles se esforçam para arrastar a carruagem e o gigante demônio que a dirige.

O demônio tem asas, é claro. Ele poderia simplesmente voar para seu destino se quisesse. Ao invés, ele rola lentamente através de seu domínio.

O demônio é tão grande que faz Beliel parecer uma criança. Suas asas queimam com o que parece fogo de verdade refletindo de sua pele suada.

Ele carrega um bastão com um círculo de cabeças encolhidas no topo. Nas cabeças, os olhos piscam e as bocas tentam gritar. Ou talvez elas estejam se afogando e arquejando por ar. Não tenho certeza, porque nenhum som sai. Cada uma tem longos cabelos loiros que fluem para cima e ao redor das cabeças como algas ondulando na corrente.

Quando supero o horror das cabeças, eu percebo que os olhos são todos do mesmo tom de verde. Quantas cabeças você teria que escolher para ser capaz de juntar um grupo com o tom exato de olhos e cabelo?

O chão está coberto de cacos de vidro e ossos estilhaçados. Cada roda está drapeada com dois anjos como se o demônio monstro não quisesse suas rodas brilhantes desfiguradas pelo terreno acidentado. Os anjos Caídos estão

acorrentados às rodas e estão presos por meio de todos os tipos de estilhaços saindo de suas peles.

Beliel é um desses Caídos acorrentados à uma roda.

Suas asas são da cor de um pôr do sol morrendo. Elas devem ser suas asas de anjo originais. Elas estão meio estendidas como se ele esperasse ser capaz de evitar que elas fossem esmagadas. Mas a maior parte das penas já está chamuscada e quebrada.

Eu não tinha pensado em como os demônios se tornam o que são. Talvez houvesse um período de transição entre ser um anjo e se tornar um demônio. Já que Beliel ainda tem penas, estou adivinhando que isso provavelmente significa que não passou muito tempo desde que ele caiu.

Seu rosto é reconhecível, entretanto de alguma forma mais suave, mais inocente. Seus olhos não têm aquela qualidade mordaz e áspera que eu vim a conhecer. Ele parece quase bonito sem seus habituais sorrisinhos e mordacidade, apesar de haver dor.

Muita dor.

Mas ele aguenta sem nenhum choramingo.

As rodas giram, esmagando seu corpo contra os ossos estilhaçados cobrindo o chão, fazendo ele suportar o peso de ambos, o veículo e o monstro montando nele. Seu rosto está focado e determinado, parecendo como se ele estivesse apertando sua mandíbula para evitar gritar.

Suas asas tremem com o esforço de pairar acima do chão. Isso as protege do pior do dano, mas elas ainda arrastam ao longo do campo de ossos fragmentados e vidro.

A medida que as rodas giram, os anjos que estão acorrentados a elas estão tendo suas asas lentamente esmagadas e estilhaçadas. Eles ainda carregam suas bainhas vazias, que tilintam e arrastam o terreno áspero, lembrando-os do que eles perderam.

O demônio gigante estala seu bastão acima de sua cabeça, e isso se desenrola, chicoteando através do ar. As cabeças encolhidas começam a gritar

assim que são soltas. Elas disparam em direção aos anjos arreados com cabelo cruzando o ar na frente deles como cobras se lançando ao ataque.

Quando elas acertam os anjos puxando a biga, o cabelo afiado começa a retalhar suas peles.

As cabeças escancaram suas bocas e freneticamente roem os Caídos. Uma delas consegue se enterrar até a metade nas costas de um anjo antes do chicote ser puxado para trás.

Esses Anjos Caídos parecem famintos e estão cobertos de feridas purulentas. Eu suspeito que até mesmo anjos precisem de nutrição para abastecer sua cicatrização acelerada.

Então, no meio de tudo isso, um bando de diabinhos com suas caras de morcego e asas sombrias escapam em direção a eles. Eles são maiores do que os que eu vi nas memórias da minha espada. Musculosos e com asas manchadas, como se houvesse uma doença florescendo neles.

Esses diabinhos têm um brilho astuto em seus olhos que os fazem parecer mais perigosos do que os que vi antes. Eles olham ao redor, conscientes, se movendo com um propósito. Os diabinhos modernos parecem ter se transformado em versões menores, mais fracas, obscuras desses.

Ainda assim, eles não são nada comparados ao lorde demônio. Eles são criaturas da sombra contra a coisa superior dirigindo a carruagem, e eles estão claramente com medo dele.

Talvez eles não sejam da mesma espécie. Eles não se parecem em nada com ele. Os diabinhos parecem animais dentuços com asas de morcego e rostos esmagados enquanto que o gigante parece um anjo que ficou feio.

Os diabinhos estão arrastando alguém. Ela provavelmente foi bonita um dia, com cabelos cor de mogno e olhos cinza, mas agora ela parecia uma boneca usada. Seus olhos estão vazios, sua face vazia, como se ela tivesse enviado seu eu interior a algum lugar.

Eles arrastam-na ao longo do chão áspero pelos tornozelos. Seus braços se arrastam atrás de sua cabeça, e seu cabelo emaranhado ficam presos sobre os

ossos pontiagudos que a puxam. Seu vestido está rasgado em trapos, e cada pedaço dela está sujo e ensanguentado. Eu quero ajudá-la, chutar os diabinhos para longe dela, mas eu sou somente uma sombra aqui na memória de Beliel.

Vejo manchas fracas da pintura de Halloween que as esposas dos Sentinelas tinham na noite quando vi Raffe lutando por elas. Eu não reconheço essa garota, mas ela deve ser uma das esposas que foram dadas aos diabinhos. Raffe conseguiu salvar algumas, mas não todas. Eu estava lá para ver o quanto ele tentou. Talvez ela seja uma das que correu em pânico.

Os diabinhos arrastam a pobre garota em volta de todas as rodas da carruagem, mantendo-se afastados do demônio ainda que perto o suficiente para ver os anjos. Eles tremem quando precisam se aproximar do demônio e continuam a olhar para ele, como se tivessem medo de um ataque.

O demônio sibila para eles, e o ar repentinamente se torna mais corrompido. Ele acabou de respirar um lote inteiro de enxofre em direção aos diabinhos, da mesma forma que um gambá mira seu cheiro? Não admira o ar feder a ovos podres aqui.

Metade dos diabinhos fogem em terror. Mas a outra metade permanece, encolhidos e trêmulos até que o demônio perca o interesse.

Eles cuidadosamente retomam sua caminhada ao redor da carruagem. Eles estão observando as expressões de cada anjo à medida em que passam.

Os anjos ficam tensos quando veem a garota, encarando com fascinado horror. Eles todos olham cuidadosamente para ela como se estivessem tentando reconhecê-la. Muitos fecham seus olhos quando a veem, como se seus pensamentos torturassem ainda mais do que o que está de fato acontecendo com eles.

Quando os diabinhos finalmente capturam a atenção de Beliel, os olhos dele arregalam em horror.

— Mira — ele raspa.

A mulher pisca quando ouve seu nome. Seus olhos parecem focar. Ela vira sua cabeça. — Beliel? — Sua voz é vaga, soando como se seu eu interior

ainda estivesse longe. Mas quando ela o vê, seu rosto muda de uma máscara em branco para reconhecimento. Então se transforma em pura angústia.

Ela estende a mão para ele. — Beliel!

— Mira! — ele grita, terror em sua voz.

Os diabinhos sentem isso, e eles pulam com excitação. Eles murmuram, quase batendo palmas juntos em deleite como crianças pequenas.

Então eles descobrem seus dentes afiados ameaçadoramente, mostrando a Beliel que eles estão prestes a machucar Mira de maneiras que ele nem imagina.

— Não! — Beliel se move descontrolado contra as correntes, gritando ameaças contra os diabinhos. — Mira!

Os diabinhos mergulham na garota.

O grito de Beliel é apavorante. Mira finalmente quebra e grita também, seu choro se tornando molhado e borbulhante.

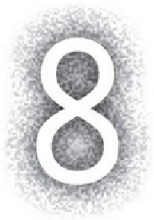
Beliel começa a gritar em uma voz quebrada e derrotada — Raphael! Onde está você? Você deveria protegê-la, seu traidor inútil!

Eu finalmente espio para ver se eu posso dar o fora daqui. Não aguento mais.

Os diabinhos arrastaram a garota mais acima para manter o ritmo com a carruagem para ter certeza de que Beliel continuasse a ver o que eles estavam fazendo com sua mulher.

Beliel se joga contra suas correntes. Ele está tão frenético que acho que ele pode, na verdade, ter uma chance de se libertar. Esses não são gritos de um homem bravo. São gritos de pesadelo de alguém tendo sua alma despedaçada bem em frente a ele.

Beliel quebra e soluça. Ele soluça pela sua Filha do Homem. Pela garota que até agora, olha para ele para que a resgate e a proteja. Talvez até pelos seus filhos, que provavelmente estão sendo caçados e mortos por alguém que ele pensou ser seu amigo. Um amigo como Raffe.



Estou tão preocupada em assistir à condição dos dois amantes que não prestei atenção em mais nada. Mas agora, a parte de trás do meu pescoço formiga. Meu sexto sentido sussurra urgentemente para mim, tentando passar por todo o barulho do que está acontecendo na minha frente.

Olho em volta. É quando eu vejo que o lorde demônio guiando a carruagem está me encarando.

Como ele pode me ver? Sou somente um fantasma na memória de Beliel.

Mas ele olha diretamente para mim. Seus olhos estão injetados de sangue, luzindo como se ele vivesse em um mundo de fumaça perpétua. Seu rosto está curioso e irritado ao mesmo tempo, como se ele estivesse ofendido por um intruso estar observando.

— Espiã — ele sibila. — Você não pertence aqui. — Suas palavras soam como uma centena de serpentes se arrastando, mas eu ainda consigo entendê-lo.

Assim que o demônio diz a palavra *espiã*, todos os diabinhos olham para mim. Seus olhos se arregalam como se não pudessem acreditar na sorte. Não leva muito tempo para que eu descubra que não sou mais invisível.

O demônio dá uma boa olhada em mim com seus olhos injetados de sangue. Então ele chicoteia seu bastão em minha direção. As cabeças – as afogadas, gritantes e sangrentas cabeças – disparam em direção a mim do final de seu chicote desenrolado.

Suas expressões são uma mistura de desespero e esperança. Elas estão desesperadamente deliciadas de estarem vindo para mim, com seus dentes

fraturados se mostrando em suas bocas escancaradas. Seus cabelos, que deviam estar voando atrás, me alcançam.

Ao mesmo tempo, os diabinhos pulam em mim, todos em garras e presas.

Eu tropeço para trás.

Tento me virar e correr, mas o terreno irregular me faz tropeçar, e eu caio em direção aos vidros afiados e ossos estilhaçados.

As cabeças gritam a medida em que correm para o meu rosto.

Estou caindo.

Caindo.

***

Tropeço para trás e caio de bunda.

Estou de volta à ilha. Beliel, sem asas e contraído novamente, encontra-se no chão em frente a mim.

Então um diabinho pula para fora da coluna de Beliel. Ele salta para mim com as garras estendidas.

Eu grito, rastejando feito caranguejo para trás.

Ele bate no meu ombro quando voa por mim. Sangue flui pelo meu braço.

A ponta de minha espada ainda está enterrada nas costas de Beliel. Eu tento puxá-la para fora. Há resistência, como se alguém estivesse puxando do outro lado. O meu braço reverbera, como se a espada fosse uma extensão de mim.

Mais dois diabinhos saem da minha espada feito gêmeos siameses. Eles estouram para fora das costas de Beliel, a qual está sangrando da fenda por onde os diabinhos saíram.

Eles estão saltando das memórias dele.

Eu finalmente arranco minha espada e me afasto o mais rápido que

posso de Beliel.

Os diabinhos pousam no jardim com um baque, rolam e pousam de pé, balançando suas cabeças e se movimentando feito bêbados a medida que olham ao redor do pequeno jardim. Eles ficam vesgos contra a luz do sol e levantam as mãos para protegerem seus olhos. Isso me dá um segundo para me levantar e recuperar o fôlego.

Mas então eles pulam. E tudo o que posso fazer é levantar minha espada e balançá-la cegamente na minha frente.

Estou com sorte porque eles parecem desorientados, e um até mesmo tropeça sobre os próprios pés. Eles mudam o curso e ficam fora do alcance da minha lâmina.

Mas a desorientação deles não dura muito. Eles me circulam até se reorientarem, calculando meus movimentos com olhos astutos. Esses diabinhos são mais espertos do que os outros com quem eu lutei no sonho da minha espada.

Um distrai enquanto o outro tenta ficar atrás de mim. Onde está o terceiro?

O diabinho perdido salta de um arbusto do lado e vem em minha direção. Eu giro, erguendo minha espada para fatiar a besta. Meus braços se ajustam conforme me movo – a espada de anjo me empunhando, na verdade. A lâmina se ajusta em uma posição perfeita para cortar o torso do diabinho. Ele pousa na grama, estremecendo e sangrando.

Eu termino meu giro e chuto o que estava tentando ficar atrás de mim.

Ele pousa do lado mais distante da cerca. Ele se empurra para cima e sibila.

Os dois diabinhos sobreviventes se afastam, mantendo seus olhos em mim.

Então eles escaparam e levantam voo, desaparecendo nas árvores.

Beliel ri. — Bem-vinda ao meu mundo, Filha do Homem.

— Eu deveria saber que você tentaria me enganar — eu arquejo quando

coloco pressão no meu ombro para parar o sangramento. O sangue parece escorregadio nos meus dedos enquanto encharca minha camiseta.

Beliel se senta, as correntes tinindo. Ele está muito mais móvel do que eu pensava. — Só porque diabinhos vieram atrás de você não significa que o que você viu não é verdade. Como eu deveria saber que eles poderiam passar? — ele não soava surpreso de jeito nenhum.

— O que aconteceu com a Mira — ele diz — acontecerá com você em breve. E seu precioso Raphael será o responsável por isso. Uma vez, eu pensei nele como um dos meus amigos também. Ele prometeu que protegeria a Mira. Agora você sabe o que acontece às pessoas que confiam nele.

Eu me levanto trêmula e me dirijo para a casa. Eu não sei se posso confiar em mim mesma para estar no mesmo espaço que essa horrível criatura por muito mais tempo.

Eu poderia me chutar por ouvi-lo antes de tudo, mas acho que não precisarei. Ele já fez isso por mim.

9

Estou lavando o sangue do meu ombro na cozinha quando Raffe volta.

— O que aconteceu? — ele pergunta, largando uma sacola de lixo plástica no chão e correndo até mim.

— Nada, estou bem. — Minha voz é dura e distante. Penso sobre cobrir a ferida, mas meu top está rasgada, então não posso. O velho top crooped está pendurado por um fio no meu ombro ferido. Sem dúvida que seria sexy se não fosse por todo aquele sangue.

Ele escova minha mão para o lado e se inclina para mim, para olhar os cortes em meu ombro.

— Esses são do diabinho morto no jardim? — ele está perto o suficiente para que sua respiração faça carícias em meu pescoço. Eu me afasto, sentindo-me estranha.

— Sim. E seus dois amigos.

Ele cerra sua mandíbula tão duramente que eu posso ver seus músculos da bochecha espasmando.

— Não se preocupe — eu falo. — Estar ao seu redor não tem nada a ver com isso.

Ele inclina sua cabeça para mim. — O que te faz pensar que eu estava preocupado de que isso fosse relacionado a mim?

Ops. Ele chegou a mencionar os diabinhos para mim? Ou eu sei que ele se preocupa sobre eles vindo atrás de mim porque espiei em suas memórias através de Pooky Bear?

Eu podia mentir, mas... Suspiro. Todos temos que aceitar nossas falhas eventualmente. E a minha é a que eu sou uma mentirosa terrível.

— Eu – hmm... vi coisas através de sua espada. Não intencionalmente. Não no começo.

— Coisas? — Ele cruza os braços e olha fixamente para mim. — Que tipo de coisas?

Eu mastigo meu lábio enquanto penso no que dizer.

Então ele olha para sua velha espada descansando no balcão. O brilho na lâmina da Pooky parece ofuscar um pouco sob seu olhar.

— Minha espada lhe mostrou memórias sobre mim?

Meus ombros relaxam um pouco. — Então você sabe que ela pode fazer isso?

— Eu sei que ela costumava ser leal a mim e que eu confiava nela. — Ele está falando com a Pooky Bear, não comigo.

— Acho que foi um acidente. Ela estava simplesmente tentando me ensinar como usar uma espada. Quer dizer, eu nunca tinha segurado uma antes.

Raffe continua a conversar com sua espada. — É uma coisa ser forçada a desistir de um portador porque você pensa que ele deve ter caído. E outra é expor seus momentos particulares.

— Olhe — eu digo. — É estranho o suficiente ter uma espada semiconsciente sem estar no meio de uma briga entre vocês dois. Você pode simplesmente deixar isso para lá?

— O que ela lhe mostrou? — Ele segura suas mãos. — Espere. Não me diga. Eu não quero saber que você me viu dançando minha música favorita de cueca.

— Anjos usam cueca? — Oh, cara, eu quis não ter falado isso. Estou simplesmente cavando um buraco cada vez mais fundo para mim mesma.

— Não. — Ele balança sua cabeça. — Figura de linguagem.

— Oh. — Eu assenti, tentado tirar a imagem de Raffe dançando alguma música de rock da minha cabeça, possivelmente totalmente nu. — Bem, falando

em coisas estranhas, os diabinhos vieram através da espada.

— O que?

Limpei minha garganta. — Aquele diabinho que você viu no gramado e outros dois se arrastaram para fora de Beliel através da espada. — Eu ainda tinha esperança de que não precisaria confessar isso tudo, mas ele deve ter tido aulas em uma escola de interrogatório angelical, porque ele conseguiu tirar tudo de mim.

Ele franziu e andou em volta da cozinha enquanto eu contava a ele o que aconteceu.

Quando terminei, ele disse — Você nunca deve confiar em Beliel.

— Isso foi o que ele disse sobre você.

Ele vasculha pelo saco de lixo que derrubou mais cedo. — Talvez ele esteja certo. Você não deveria confiar em ninguém.

Ele tira uma mistura de comida enlatada e suprimentos de primeiros-socorros do saco. Pega ataduras, pomadas e fita e caminha até mim.

— Onde conseguiu isso?

— Alcatraz. Pensei que pudessem ser uteis.

— O que mais você encontrou lá?

— Uma bagunça abandonada. — Ele examina gentilmente com seu dedo ao longo de minha ferida. Eu recuo. — Eu só quero ter certeza de que não há nada quebrado — ele diz.

— Você sabia que isso poderia acontecer? Que diabinhos poderiam vir através da espada de um anjo?

— Eu ouvi histórias, mas sempre pensei serem mitos. Suponho que um demônio possa ter uma intuição acerca dessas coisas. Beliel deve ter imaginado que ele poderia tentar atrair alguns diabinhos para fora para ajudá-lo.

Sua mão é gentil enquanto ele passa creme antibacteriano nos cortes. — Você precisa ter cuidado. Os diabinhos estarão em todos os lugares que você, a partir de agora.

— Do que te importa? Você estará fora da minha vida no segundo em

que conseguir suas asas de volta. Você deixou isso bem claro.

Ele respira fundo e pressiona um curativo de gaze no meu ombro. Eu tremo. Ele gentilmente acaricia meu braço.

— Gostaria que pudesse ser diferente — ele diz, batendo na gaze. — Mas não é. Eu tenho meu próprio povo. Tenho responsabilidades. Não posso simplesmente...

— Pare. — Eu balanço minha cabeça. — Já entendi. Você está certo. Você tem sua vida. Eu tenho a minha. Não preciso estar com alguém que não... — Me quer. Me ame.

Tenho o suficiente dessas pessoas na minha vida. Sou uma garota cujo pai abandonou, deixando-nos com um número de celular fora de serviço e nenhum endereço de contato, e cuja mãe...

— Você é uma garota muito especial, Penryn. Uma garota maravilhosa. Uma eu-nem-sabia-que-alguém-como-você-existia tipo de garota. E merece alguém que a trate como se você fosse a única coisa importante em sua vida, porque você é. Alguém que are seus campos e crie porcos só para você.

— Você está me pareando com um fazendeiro de porcos?

Ele dá de ombros. — Ou o que seja que um homem decente faça quando não estão na guerra. Embora ele deva ser capaz de proteger você. Não fique com um homem que não possa te proteger. — Ele rasga um pedaço de fita do rolo com uma quantidade surpreendente de força.

— Você está falando sério? Você quer que eu me case com um fazendeiro de porcos que saiba como usar sua vareta para me proteger? Sério?

— Só estou dizendo que você deveria escolher um homem que saiba que não é digno de você e que irá se dedicar a te proteger e prover para você. — Ele pressiona outro pedaço de gaze próximo ao primeiro. Eu estremeço novamente. — E tenha certeza de que ele seja gentil com você e a trate com respeito de toda forma. Do contrário, ele pode esperar uma visita minha. — Sua voz é dura e implacável.

Eu balanço minha cabeça enquanto ele rasga outro pedaço de fita. Eu

não sei se fico brava ou se faço piada.

Eu me afasto de seu toque, na esperança de que possa afastar da borda as minhas emoções confusas.

Raffe suspira. Ele me alcança e corre seus dedos gentilmente ao longo do último pedaço de fita que ele coloca na minha atadura.

Eu espero que ele continue e quando ele não o faz, eu me pergunto se falar sobre o que está acontecendo entre a gente faria alguma diferença. Talvez do que eu realmente precise seja um pouco de espaço para resolver as coisas. Eu agarro a espada e uma lata de atum e sigo para a porta traseira.

10

Lá fora, fiquei sob o sol e deixei o calor infiltrar em meus ossos. Tomei um longo fôlego cheio do aroma de alecrim e expirei lentamente.

Meu pai costumava dizer que havia mágica no calor da luz solar. Ele costumava nos dizer que se fechássemos nossos olhos, inspirássemos profundamente, e deixássemos o sol infiltrar, veríamos que tudo ficaria bem. Ele geralmente dizia isso logo após Mamãe passar um dia inteiro surtada, gritando e jogando coisas pelo condomínio.

Inferno, se as técnicas do papai podem funcionar para uma das maratonas de fúria da mamãe, então deveriam funcionar para o apocalipse. Caras, entretanto, são outra questão. Eu tenho plena certeza de que papai não teria uma técnica para lidar com o que está acontecendo com Raffe.

Há pequenas flores amarelas pontilhando a vertente da ilha, lembrando-me do parque onde costumávamos ir com meu pai antes de ele nos deixar. A única coisa fora de lugar é o pequeno grupo de monstruosas bestas com caudas de escorpião e a pequena garota costurada com contusões cobrindo todo seu corpo.

No meio da grama alta, minha irmã coloca uma atadura no dedo de um monstro como se ele fosse o bichinho de estimação dela, ao invés de um gafanhoto bíblico projetado para torturar pessoas no verdadeiro estilo apocalíptico.

Abaixo de sua camiseta grande demais, eu sei que as costelas de Paige se projetam para fora em linhas claras. Machucou vê-las essa manhã quando a

coloquei na cama. Ela tem círculos ao redor de seus olhos, e suas mãos são nada além de ossos enquanto ela dá uma de enfermeira para o monstro.

Ela senta na grama ao lado de seus bichinhos. Eu notei que ela senta a cada chance que pode. Acho que ela está conservando energia. Acho que ela está morrendo de fome.

Tenho que me forçar a andar em direção a eles. Não importa quanto tempo eu passe com os gafanhotos, não consigo ficar confortável ao redor deles. Assim que estou perto, os gafanhotos voam para longe, para o meu alívio.

Sento ao lado dela na grama e lhe mostro a lata de atum. — Lembra os sanduíches de atum que papai costumava fazer para a gente? Eles eram os seus favoritos antes de você se tornar vegetariana. — Eu abro a lata e lhe mostro o peixe rosado lá dentro.

Paige se inclina para longe da lata.

— Lembra como o papai costumava jogar o atum no pão e fazer uma cara feliz com ele? Aquilo costumava fazer o seu dia.

— Papai vem casa?

Ela está perguntando quando ele voltará. A resposta é nunca. — Não precisamos dele.

Não seria ótimo se isso fosse verdade? Não tenho certeza de que voltaria se fosse ele. Me pergunto se ele pensa em nós.

Ela olha para mim com olhos de corça. — Saudades dele.

Tento pensar em algo tranquilizador para dizer, mas simplesmente não tenho isso em mim. — Eu também.

Eu pego um pedaço de atum com meus dedos e coloco em sua boca. — Aqui. Tente um pedaço.

Ela balança a cabeça tristemente para frente e para trás.

— Vamos lá, Paige.

Ela olha para o chão como se estivesse envergonhada. Os buracos em suas bochechas e entre suas clavículas me assustam.

Eu coloco o atum na minha boca e mastigo lentamente. — É bom.

Ela me espia através de seu cabelo.

— Você está com fome?

Ela olha para longe como se com vergonha e espia os gafanhotos nos circulando de cima. Mas seus olhos continuam derivando para o meu curativo, e suas narinas se alargam como se ela sentisse o cheiro de algo bom.

Talvez seja a hora de eu ir.

Estou colocando a lata para baixo quando ouço um animal chamando. Parece uma hiena. Eu não tenho certeza se alguma vez ouvi uma hiena, mas meus ossos reconhecem o som de um predador da natureza. Arrepios crescem atrás de meu pescoço.

Uma sombra pula de entre as árvores para a minha esquerda.

Outra sombra salta entre os ramos, então vários outros.

E o próximo pula para perto daquele perto da árvore, e vejo a forma dos dentes e das asas.

Diabinhos.

Um monte deles.

As árvores ao nosso redor começaram a ferver com sombras saltando de árvore em árvore, se aproximando. A risada da hiena louca continuou seu chamado constante enquanto a multidão de sombras saltava para nós.

Os gafanhotos de Paige voaram em direção aos diabinhos, mas haviam muitos deles.

Agarrei a mão de Paige, e corremos em direção a casa principal. A pele ao longo de minha espinha formigava, tentando sentir quão próximas as garras invisíveis estavam de afundar em mim.

Eu gritei em direção a casa. — Diabinhos!

Raffe olhou para fora da janela da sala de jantar.

— Quantos? — Ele gritou enquanto corríamos para a casa.

Apontei para as sombras saltando para mais perto de nós dos bosques. Raffe desaparece da janela.

Um segundo depois ele explode para fora da porta da frente e cai com

um baque no alpendre, carregando a mochila com uma trouxa de lençol amarrada a ela.

Conforme ele corre pela cerca de piquete, nós dois olhamos para a corrente quebrada de Beliel suspensa para fora do pilar. Beliel não está em nenhum lugar à vista.

Eu assumo que os diabinhos o libertaram. Eles podem não gostar uns dos outros, mas ainda estão no mesmo time. Não é esse o motivo de Beliel ter me convidado a olhar em seu passado, para que então ele pudesse atrair os diabinhos a ajudá-lo?

Raffe lança sua mochila para mim. Eu assumo que a trouxa amarrada a ela são suas asas.

Eu coloco a mochila enquanto um par dos gafanhotos de Paige pousam ao lado dela. Eles sibilam para as sombras reunidas em volta.

Eu tomo um passo atrás. Ainda não consigo me fazer chegar muito perto desses ferrões de escorpião. — Precisamos ir, Paige. Você pode fazê-los voar conosco?

Meu coração dispara com o pensamento de ser carregada por um desses monstros, mas estou mais confortável com essa ideia agora do que estar nos braços de Raffe. Ele deixou perfeitamente claro como se sente sobre mim – sobre nós – e o fato de não haver nenhum nós.

Raffe me joga um olhar sujo. Ele se curva e passa os braços por trás de meus joelhos, levantando-me em seus braços.

— Eu posso ir com um dos gafanhotos. — Eu enrijeço em seus braços e tento me inclinar o mais longe que posso dele.

— O inferno que vai. — Ele corre um par de passos antes de estender suas asas.

Com duas batidas de suas asas abertas, estamos alto no ar.

Meus braços envolvem seu pescoço. Não tenho escolha a não ser me inclinar próxima e segurar firme. Essa não é a hora de discutir.

Os gafanhotos estão logo atrás de nós com minha irmã.

Sombras saltam em direção a nós através das árvores. A Ilha do Anjo deve ser algum tipo de centro de convenção infernal. Isso ou aqueles diabinhos estão bons demais em se organizarem.

Raffe ruma em direção a São Francisco. Atrás de nós, uma nuvem de diabinhos explode para fora das árvores e nos segue.

11

Como de costume, há um enxame de gafanhotos canalizando Alcatraz. O vento gerado por suas asas faz meu cabelo chicotear contra o meu rosto. Como estamos perto, um fluxo de gafanhotos dirige em nosso caminho.

Eles se juntam a nosso pequeno grupo até que nosso próprio enxame aumenta. As criaturas não estão nos acariciando, mas também não estão atacando. Eles parecem se juntar a nós em nosso voo por puro instinto.

A nuvem de diabinhos atrás de nós faz uma pausa. Está longe de ser do tamanho do enxame de gafanhotos. Paira no local por alguns segundos, como se avaliando a situação, então se vira e encolhe ao longe.

Eu respiro fundo e deixo a tensão. Estamos seguros por enquanto.

Raffe observou-os ir com o cenho franzido, imerso em pensamentos. Eu olho para trás, para os malvados em retirada, e percebo qual é o problema. Os diabinhos não estão se comportando estupidamente como deveriam.

Sinto uma preocupação irritante sobre o que aconteceu. O que eu liberei no mundo?

O funil sobre Alcatraz se torna mais fino quanto mais do enxame de gafanhotos gira em torno de nossa cabeça. Seu novo grupo flui em uma formação de pico liderada por um gafanhoto com uma grande cauda de escorpião adicional enrolada sobre a cabeça. Algo sobre isso me deixa nervosa. Eles estão apenas seguindo minha irmã por instinto, não estão? Eu julgo o mal-estar como uma reação razoável para a visão de um grande enxame de gafanhotos vindo em nossa direção. Mas um segundo depois, o líder prova que minhas preocupações estão certas.

Ele está perto o suficiente agora para que eu possa ver a listra branca em seu longo cabelo. Congelo quando o reconheço. É aquele que brincava comigo enquanto eu era empurrada contra a porta do caminhão cheio de pessoas desesperadas. Esta é a única coisa que Beliel disse sobre produzir e treinar o líder dos gafanhotos. Ele é maior do que os outros e eu me lembro de Beliel dizendo que o líder do grupo tem uma melhor nutrição.

Por que ele está aqui? Paige pode comandar os gafanhotos que obedecem a ele? Ele é muito distorcido e perigoso. Eu não quero ele em qualquer lugar perto de nós. Quando chega perto, ele agarra o braço do gafanhoto que Paige estava cuidando mais cedo, fazendo-o parar no meio do ar. Faixa branca parece quase duas vezes maior que o tamanho do gafanhoto de Paige.

Faixa Branca arranca uma asa dele e joga o gafanhoto gritando em direção à água. Paige grita. Ela olha com olhos arregalados para seu animal de estimação batendo uma asa só, sem poder fazer nada enquanto cai como uma pedra em direção à água.

Ele faz um pequeno respingo na água escura. A água engole-o como se ele nunca tivesse existido.

Faixa Branca ruge para os outros gafanhotos de Paige, apontando seu ferrão de grandes dimensões ameaçadoramente no ar.

O pequeno bando de gafanhotos de Paige zumbia em círculos, parecendo confusos. Eles olham para Faixa Branca e roubam olhares para Paige, que está chorando sobre seu animal de estimação assassinado.

Faixa Branca ruge novamente.

Todos com exceção de quatro dos gafanhotos de Paige vibram com relutância para o enxame de insetos atrás de Faixa Branca.

Os gafanhotos de Faixa Branca apertam o cerco em torno de nós. O rugido de suas asas é ensurdecedor, e nossos cabelos sopram por toda parte. Faixa Branca balança para frente e para trás, olhando para Paige.

Ela parece uma bonequinha de pano costurada nos braços de um

monstro perseguidor ainda maior.

Raffe deve sentir minha tensão, porque ele voa no caminho de Faixa Branca em direção a Paige. As asas de demônio de Raffe arranham o ar em torno de nós com cada curso. Ele faz uma pausa na frente de Faixa Branca, deixando suas asas em forma de lâminas crescentes piscarem ao sol.

Faixa Branca arregala os olhos como um homem enlouquecido. Eu me pergunto o que ele era no mundo antes? Assassino em série?

Ele incha com a visão de Raffe, avaliando-o. Ele olha para mim, provavelmente se perguntando se Raffe vai me deixar lutar com ele.

Ele ruge para os gafanhotos de Paige, sem ousar enfrentar Raffe diretamente, pelo menos não agora. Ele pode ser um assassino quando se trata de presos esfomeados e menininhas, mas não está disposto a lutar contra um anjo demônio.

Ele se vira e joga sua cauda em um dos gafanhotos restantes de Paige. Ele não pica, só usa seu ferrão para cortar o gafanhoto em todo o rosto, desenhando uma linha de sangue. O gafanhoto menor se encolhe, parecendo achar que o maior iria cortar sua garganta.

Faixa Branca vira as costas para nós, como se para mostrar que ele não tem medo. Ele pega o animal de estimação de Paige pelos cabelos e voa para longe, com o gafanhoto menor vibrando desajeitadamente suas asas para se manter.

A besta fica em dúvida e se vira para dar a Paige um olhar afligido. Ele não quer ir. Mas tudo o que Paige pode fazer é estender a mão enquanto ele desaparece para longe dela. Isso é algum tipo de desafio de liderança, e o enxame parece estar esperando para ver a quem devem seguir.

Seja o que for que ela fez na noite passada para reunir os gafanhotos contra os anjos, não está funcionando contra o Faixa Branca.

Um assassino em série contra uma menina de sete anos de idade. Nenhuma competição. Estou feliz por ele não ter feito nenhum movimento para machucá-la, graças a Raffe.

Paige fica com o gafanhoto que a carrega e os dois flanqueando-a.

Nosso grupo sendo menor faz com que seja mais fácil para nós voarmos sem sermos notados e atingidos, mas eu não gosto da sensação de ser intimidada, especialmente por insetos saqueadores.

Nós seguimos em frente. Eu posso ver a preocupação nos olhos de Paige. Suponho que ela não se importe em ter seu poder tomado, mas ela odeia ver seus gafanhotos sendo punidos.

12

— Nós precisamos ir à Resistência — eu digo enquanto me agarro ao pescoço de Raffe. — Talvez Doc esteja lá. Ele pode ser capaz de ajudar você e Paige. — Minha mãe também deve estar lá, esperando por nós.

— Um médico humano?

— Formado por anjos. Eu acho que ele costurou as asas do Beliel... Quero dizer, suas asas nele.

Ele fica quieto enquanto varre suas grandes asas de demónio através do ar.

— Eu não gosto disso — eu digo. — Mas que escolha temos? Por que não? — Ele soa resignado. — Poderíamos muito bem voar para o coração do inimigo onde os nativos primitivos podiam me fazer em pedaços, vender as partes do meu corpo por dinheiro, e moer o resto para ser consumido em chás para a potência sexual.

Eu aperto meus braços em volta do pescoço. — Não somos mais tão primitivos. — Ele arqueia a sobrancelha perfeita para mim, enviando ondas de ceticismo. — Temos Viagra agora.

Ele me dá um olhar de lado, como se suspeitasse disso.

Nós voamos sobre a água e para baixo da massa de terra de East Bay enquanto o sol se põe. Dirigindo para o ninho, tomamos o caminho mais longo para a sede da Resistência. Há um número surpreendente de anjos no ar hoje. Eles voam na formação de todas as direções para Half Moon Bay, onde o novo ninho está localizado.

Quando vemos um grupo particularmente grande no ar, paramos em frente a um shopping e ficamos quietos debaixo do toldo de uma loja de departamentos Macy.

— Eles devem estar voando para a eleição do Mensageiro — diz Raffe. Há preocupação em sua voz quando ele vê o exército de anjos que voam acima de nós.

Eu desembrulho os meus braços de seu pescoço e me afasto de seu calor. A sensação é fria quando estou por conta própria sob o toldo de uma loja de departamentos.

— Você quer dizer que há mais anjos vindo para cá? Como se não tivéssemos o suficiente em nossas mãos. — Dessa distância os anjos parecem estar avançando através do céu.

Raffe os vê voando em cima. Seu corpo contrai um pouco, parecendo que ele está fazendo um esforço para não saltar para o ar e se juntar a eles.

— Porque você gostaria de ser um deles? — pergunto.

Ele olha para o céu por um longo momento antes de dizer qualquer coisa. — Meus Sentinelas e eu fizemos uma missão uma vez para limpar a área de uma invasão demoníaca. Exceto que não conseguimos encontrar demônios. Mas Cyclone, um dos meus Sentinelas, estava tão ansioso por uma batalha que ele não aceitava não haver ninguém com quem lutar. — Ele balança a cabeça em direção aos anjos voando ao longe. — Estávamos voando em formação quando Cyclone decidiu de repente que se ele fizesse uma cena grande o bastante, os demônios seriam atraídos pelo barulho e destruição e viriam para nós. Então ele começou a voar em círculos tão rápido quanto podia, certo de que causaria um ciclone.

Ele sorri com a lembrança. — Metade de nós se juntou a ele como uma brincadeira, enquanto o resto de nós desembarcaram para assistir e importunar. Começamos a jogar coisas para ele - galhos, folhas, lama, o que quer que encontrássemos. — Porque todo mundo sabe que um furacão tem detritos.

Ele tem um olhar malicioso em seus olhos quando se lembra. —

Aqueles no ar sobrevoaram uma árvore que eu juro que devia estar doente, porque tinha ramos de laranjas podres. Eles começaram a jogá-los para nós, e aquilo se transformou em uma luta gigante de lama e laranja. — Ele ri enquanto olha para o céu.

Seu rosto está relaxado e feliz de uma maneira que eu nunca vi. — Ficamos com polpa de laranja endurecida em nossos ouvidos e cabelos por dias.

Ele observa os anjos que voam para longe de nós.

Eu quase posso ver os anos solitários rastejando de volta para ele como sombras no final do dia. A felicidade escoa para fora de seu rosto, e ele voltou a ser um estranho endurecido viajando em um apocalipse.

— Você está certo de que este médico humano pode transplantar as asas? — Ele pergunta.

— Foi o que Beliel disse. — Claro, Beliel disse um monte de coisas.

— E você tem certeza que ele está no campo de resistência?

— Não, mas tenho certeza que ele foi resgatado de Alcatraz pela Resistência. Se ele não estiver lá, talvez alguém saiba onde ele está. — Eu tenho todos os tipos de preocupações sobre ir para o acampamento e confiar no médico que estragou tudo para a Paige em primeiro lugar.

Eu suspiro. — Não consigo pensar em um plano melhor. Você consegue?

Ele olha para os anjos por um pouco mais antes de virar e se dirigir para Macy.

Não é uma má ideia. Paige e eu precisamos de algumas roupas de verdade, então podemos muito bem ir às compras, enquanto esperamos o céu limpar. Deixamos os gafanhotos fora e seguimos Raffe até a loja.

No interior, a eletricidade está cortada, mas há bastante sol vindo pelas janelas enormes para iluminar a parte da frente da loja. Muitos dos racks estão inclinados ou espalhados pelo chão. Roupas de todas as cores e tecidos estão esparramados sobre os corredores. Nas janelas, manequins nus deitados em cima uns dos outros em poses sexuais.

Alguém pichou o teto. Um cavaleiro bruto sozinho com sua espada desembainhada contra um dragão cuspidor de fogo que é dez vezes o seu tamanho. A cauda do dragão desaparece na escuridão, onde a luz da janela desaparece profundamente na loja.

Ao lado do cavaleiro estão as palavras — Para onde foram todos os heróis?

Parece que o artista pensou que o cavaleiro não tinha a menor chance contra o dragão. Eu sei como ele se sente.

Eu olho em volta e tento lembrar o que era ir às compras. Nós procuramos entre os vestidos para eventos especiais. Os racks e o chão estão cobertos de tecidos sedosos e cheios de brilho.

Este seria o ano da minha formatura. Duvido que alguém tivesse me convidado, e mesmo se tivesse, não poderia ter comprado um desses vestidos de qualquer maneira. Eu corro minha mão através do tecido brilhante em um rack de vestidos longos, imaginando como seria ir ao baile em vez de um baile de máscaras cheio de assassinos.

Pego Raffe me observando. A luz atrás dele cria uma auréola em seu cabelo escuro e ombros largos. Se ele fosse humano, as meninas na minha escola teriam morrido só para estar na mesma sala que ele. Mas é claro, ele não é humano.

— Isso ficaria bem em você — diz ele e acena com a cabeça para o vestido de estrela de cinema na minha mão.

— Obrigado. Você acha que ele combina com botas de combate?

— Você não estará sempre lutando, Penryn. Chegará um momento em que você vai estar tão entediada que vai desejar estar lutando.

— Só posso sonhar. — Eu puxo o vestido e o coloco contra mim, sentindo o tecido macio e brilhante. Ele dá um passo e me examina no meu suposto vestido. Em seguida, ele acena com aprovação.

— Como você acha que as coisas poderiam ser... — Minha voz seca. Eu engulo e continuo. — Se você fosse humano, ou eu um anjo?

Ele estende a mão como se não pudesse evitar e corre o dedo indicador ao longo do ombro do vestido. — Se Eu fosse humano, daria a fazenda mais bonita para você. — Ele soa completamente sincero. — A melhor do mundo. Teria abacaxis dourados, as mais suculentas uvas, e os rabanetes mais saborosos de todo o mundo.

Eu só olho para ele, tentando descobrir se ele está brincando. Acho que é sério. — Você não conhece muitas fazendas, não é, Raffe? A maioria de nós não somos mais agricultores de qualquer maneira.

— Isso não diminuiria o meu pequeno compromisso humano com você.

Eu sorrio um pouco. — Se eu fosse um anjo, faria cócegas em seus pés com minhas penas e cantaria canções angelicais para você todas as manhãs.

Ele franze a testa, parecendo sentir dor ao imaginar isso.

— Certo. — Eu aceno. — Nenhum de nós tem ideia do que seria estar em outro mundo. Entendi.

Ele olha para mim com olhos sinceros. — Se eu fosse humano, teria sido o primeiro na fila por você... — Ele olha para longe. — Mas eu não sou. Sou um arcanjo, e meu povo está em apuros. Não tenho escolha, mas tento fazer as coisas certas. Não posso ficar distraído por uma filha do homem.

Ele balança a cabeça um pouco para si mesmo. — Eu não posso.

Eu ponho o vestido cuidadosamente de volta na prateleira e tento ouvir o que ele está me dizendo. Eu só preciso aceitar a situação.

Eu dou uma boa olhada nele, esperando ver a determinação e talvez até mesmo pena. Mas em vez disso, vejo tumulto. Há uma batalha feroz por trás de seus olhos.

Uma pequena luz de esperança pulsa no meu peito. Eu nem sei mesmo o que mais estou esperando. Meu cérebro não consegue acompanhar meu coração.

— Só desta vez — diz ele quase mais para si do que para mim. — Só um momento.

Em seguida, ele se inclina e me beija.

É o tipo de beijo que eu estava esperando desde que eu nasci.

Seus lábios são flexíveis, seu toque suave. Ele acaricia suavemente meu cabelo.

Ele lambe os meus lábios - uma sondagem, um pouco molhada - então toca a minha língua com a dele. Sensações elétricas correm da ponta da minha língua para baixo para os dedos dos pés e vice-versa.

Sinto que estou me afogando nele. Quem sabia que tal coisa existia? Abro a boca e o agarro com mais força, quase subindo em seus braços.

Nós nos beijamos freneticamente pelo que pareceu ser um ano, quando foi apenas um milissegundo. Minha respiração é irregular, e parece que eu não consigo ter ar suficiente. Minhas entranhas estão derretendo, fluindo como lava através do meu corpo.

Em seguida, ele para.

Ele respira fundo e dá um passo atrás, me segurando no comprimento do braço.

Eu, grogue, dou um passo em direção a ele por puro instinto. Minhas pálpebras estavam pesadas, e eu só queria ficar perdida na sensação de estar com Raffe.

Há uma mistura de saudade e tristeza em seus olhos, mas ele não está me deixando ficar mais perto.

Ver isso, me traz de volta para mim. De volta para o aqui e agora. A invasão. Minha mãe. Minha irmã. Os massacres. Tudo vêm correndo de volta. Ele está certo. Estamos em guerra. À beira de um apocalipse cheio de monstros e torturas em um mundo de pesadelo.

E eu estou aqui de pé, uma adolescente ansiando por um soldado inimigo. O que eu sou, louca?

Desta vez, sou a primeira a me virar.

13

O cofre na minha cabeça está cheio, e minhas emoções agitadas precisam de uma pausa.

Ando mais para o fundo da loja, longe de Raffe. Em uma área um pouco mais escura da loja, eu encontro uma vitrine e me sento, antes que a loja fique realmente escura. Está claro o suficiente para que eu veja, mas escuro o suficiente para que eu seja apenas uma sombra para alguém que esteja observando. Às vezes, sinto como se toda a minha vida fosse vivida neste crepúsculo, entre sol e escuridão.

Eu sento e medito sobre as prateleiras caídas e pedaços de nossa antiga civilização. Quando me canso, olho para a parte escura da loja. Eu não posso ver nada, mas continuo pensando que algo pode ou não estar em movimento. Mas então, enquanto olho em volta, eu vejo alguma coisa.

Atrás de um sinal inclinado perto de um mar de sapatos e vários manequins caídos há uma pequena lanterna. Está ligada, mas é fraca, lançando mais sombras do que luz.

Eu coloco minha mão sobre a pele macia de Pooky Bear e debato comigo mesma se devo fugir ou investigar. Eu não senti vontade de correr para Raffe, então me levantei e caminhei tranquilamente na direção da lanterna.

Antes que eu possa chegar lá, alguém pisa na luz. É Paige.

Ela ainda está vestindo sua camiseta grande, que está pendurada caída de seu ombro e cai passando os joelhos. Seus tênis estão quase pretos com o sangue seco.

A luz fraca atinge as cavidades de seu rosto, enfatizando suas características esqueléticas sob os pontos e lançando longas sombras de seu cabelo em seu pescoço.

Ela caminha em direção aos manequins como se estivesse sonâmbula. Ela parece hipnotizada por alguma coisa no chão.

Eu olho novamente para os manequins e percebo que um deles é um homem.

Ele está deitado de costas, em cima dos sapatos espalhados com a cabeça e os ombros misturados com os membros de um manequim, como se tivesse desabado sobre eles.

Uma mão pálida se estende em direção à lanterna caída enquanto a outra segura um pedaço de papel sobre o peito. Ele deve ter morrido de um ataque cardíaco.

Paige se ajoelha ao lado dele como se estivesse em transe. Ela vai me ver se olhar para cima, mas ela está muito preocupada com o homem. Talvez ela cheire as pessoas agora da mesma forma como um predador pode cheirar presas.

Eu sei o que ela está prestes a fazer.

Mas não vou impedi-la.

Eu quero. Oh, Cristo, eu quero.

Mas não.

Meus olhos ardem e picam de lágrimas. Isso é demais para mim. Eu quero a minha mãe.

Todo esse tempo, eu estive pensando que sou a mais forte, que estou fazendo as escolhas difíceis e carregando o peso da responsabilidade da minha família sobre meus ombros. Mas percebo agora que as escolhas mais difíceis, as que vão nos assombrar para o resto de nossas vidas, são aquelas das quais minha mãe ainda está me protegendo.

Não foi isso que aconteceu quando a Resistência pegou Paige como um animal? Eu ainda estava tentando alimentá-la com sopa e hambúrgueres,

enquanto minha mãe já sabia do que ela precisava. Não foi ela quem levou Paige lá fora, para o bosque, para que ela pudesse encontrar uma vítima?

Não posso nem olhar. Meus pés pesam, e meus olhos se recusam a fechar. Isso é o que minha irmã é agora.

Seus lábios sobem, mostrando as pontas de seus dentes afiados como lâminas de barbear. Eu ouvi um leve gemido. Meu coração quase para.

Veio do homem ou de Paige? Ele está vivo?

Paige está perto o suficiente para ser capaz de dizer.

Ela levanta o braço até a boca, mostrando todos os dentes. Tento chama-la, mas o que sai é apenas um sopro de ar. Ele está morto. Ele deve estar. Ainda assim, não consigo desviar o olhar, e meu coração bate em meus ouvidos.

Ela para com o braço na frente da boca, seu nariz enrugado, e seus lábios puxados para trás como um cão rosnando.

O pedaço de papel que o homem ainda está segurando está na frente de seu rosto.

Ela faz uma pausa para olhar para ele.

Ela empurra a mão do homem para ter uma visão melhor.

A pele do nariz endireita, e fecha a boca, escondendo os dentes atrás de seus lábios.

Os olhos dela ardem quando ela olha para o papel. Sua boca começa a tremer, e ela move o braço para trás em seu peito. Ela se inclina para longe do homem.

Paige coloca as mãos para cima para embalar a cabeça, balançando suavemente para trás e para frente como uma mulher desgastada com muitos problemas.

Então ela gira e corre para a escuridão.

Eu estou nas sombras, meu coração rasgando lentamente sobre o que ela está passando. Minha irmãzinha está escolhendo ser humana contra todos os seus novos instintos animais. E ela está fazendo isso à custa da fome até à morte.

Vou até o homem e me curvo para ver o que ele está segurando.

Eu desvio de sapatos de salto alto e frascos de maquiagem para alcançá-lo.

Ele ainda está respirando, mas inconsciente. Ainda respirando.

Sento-me com voz trêmula ao lado dele, não tenho certeza se as minhas pernas bambas vão me segurar.

Suas roupas estão sujas e amarrotadas e sua barba e cabelo estão desgrenhados, como se ele estivesse na estrada por semanas. Alguém uma vez me disse que ataques cardíacos podem durar dias. Eu me pergunto quanto tempo ele esteve aqui.

Eu tenho um desejo louco de chamar uma ambulância. É difícil acreditar que estamos habituados a viver em um mundo onde completos estranhos lhe teriam dado remédios e o teriam ligado em máquinas para monitorar sua condição.

Eles teriam cuidado dele o tempo todo. Estranhos absolutos que não o conheciam. Estranhos que não teriam nem mesmo vasculhado suas roupas para roubar itens úteis. Todo mundo teria pensado que era perfeitamente normal.

Eu levanto o braço para ver o que está no papel que ele está segurando. Eu não quero tirá-lo de sua mão, porque o que quer que seja, deve ter sido importante o suficiente para ele tirá-lo e prendê-lo enquanto está morrendo.

É um pedaço rasgado e manchado de papel com um desenho de giz de uma criança.

Uma casa, uma árvore, um boneco adulto segurando a mão de uma figura miúda de palitos. Rabiscado ao longo do fundo em letras maiúsculas trêmulas estão as palavras 'Eu te amo, papai’ — em giz rosa.

Eu olho para ele por um longo tempo, à luz sombria antes de eu colocar a mão suavemente em seu peito.

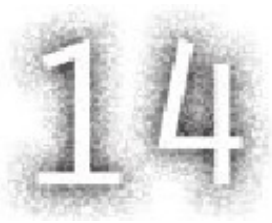
Eu o arrasto com o máximo de cuidado possível até que ele esteja deitado no tapete em vez de na pilha de manequins no chão de azulejos.

Há uma mochila nas proximidades que eu também trago e coloco ao lado dele. Ele deve ter tirado quando começou a se sentir mal. Eu vasculho e

encontro uma garrafa de água.

Sua cabeça está quente e pesada no meu braço enquanto eu o inclino para a água. A maioria escorre para fora de seus lábios, mas algumas gotas escorrem em sua boca. Sua garganta reflexivamente engole, me fazendo perguntar o quanto ele está inconsciente.

Eu abaixo sua cabeça, certificando-me de que há um casaco dobrado para amortecê-la. Eu não consigo pensar em mais nada a fazer, então o deixo para morrer.



Eu encontro as roupas mais normais que posso para Paige. Uma camisa rosa com um coração brilhante, calças de brim, tops, e um moletom. Eu me certifico que tudo seja de uma cor escura, para que ela não seja vista à noite. Também confiro se o moletom tem um capuz grande o suficiente para sombrear seu rosto em caso de precisarmos sair despercebidos.

Para mim, é botas pretas, calça jeans preta e um top marrom que esconderá o sangue que provavelmente vai manchá-lo. Só espero que o sangue seja de outra pessoa, em vez do meu. Eu poderia muito bem vestir a moda pós-apocalíptica. Também agarro uma jaqueta que é leve como uma... Eu a solto e escolho um casaco de lã escura em vez disso. Não estou no clima para lembretes de anjo agora.

Raffe encontrou um boné de beisebol e um casaco escuro que cobria suas asas. Ele ficaria muito bem em um boné de baseball.

Rolo os olhos mentalmente. Sou uma idiota. O mundo está chegando ao fim, minha irmã é um monstro devorador de homens, há um homem morrendo na loja com a gente, e teremos sorte se sobrevivermos outra noite. E eu estou aqui babando por um cara que não quer nada comigo. Ele nem mesmo é humano. Como me enfiei nessa? Às vezes, gostaria de poder tirar férias de mim mesma.

Enfio o casaco e boné dele em minha mochila com mais força do que o necessário.

No momento em que saímos da loja, os anjos se foram. Raffe se move para me segurar para o voo.

Eu dou um passo para trás. — Não precisa. Vou pegar uma carona com um dos gafanhotos. — Eu tenho que forçar as palavras. A última coisa que eu quero fazer é estar nos braços de um monstro com rabo de escorpião.

Mas Raffe tornou tudo muito claro que isto - o que quer que haja entre nós - é uma impossibilidade. Ele deixou claro que vai embora. E se há uma coisa que eu aprendi, é que tentar fazer alguém ficar com você quando ele não quer é uma receita para o desgosto. Basta perguntar a minha mãe.

Eu cerro os dentes. Eu posso fazer isso. Então, o que é absolutamente assustador em caminhar para os braços de um pesadelo com um ferrão de agulha afiada que quase a matou? Uma garota deve ter algum pedaço de orgulho, mesmo no Mundo de Depois.

Raffe me olha como se estivesse lendo meus pensamentos. Em seguida, ele olha para os gafanhotos. Seus lábios se curvam, como se ele os avaliasse, e seus olhos vagam de suas pernas grossas aos seus torsos de inseto à suas asas iridescentes. Ele olha para os ferrões enrolados por último.

Ele balança a cabeça. — Aquelas asas são tão frágeis. Eu não confio nelas para carregá-la. E aquelas unhas crescidas - você pode pegar uma infecção, se você arriscar. Você pode montar em um quando eles melhorarem o design. — Ele dá um passo para a frente e, em um movimento suave, me levanta em seu abraço firme.

— Até então, você está presa comigo sendo o seu táxi aéreo.

Ele levanta voo antes que eu possa discutir.

Há um vento que sopra da baía, e é inútil tentar manter uma conversa. Então relaxo meus músculos e encosto meu rosto na curva de seu pescoço. Talvez pela última vez, deixo seu corpo quente me abrigar. Enquanto o sol se põe, eu avisto algum fogo brilhando abaixo de nós, provavelmente fogueiras ocultas que ficaram fora de controle.

Elas se parecem com pequenas velas em uma massa de terra sombria.

Temos de pousar quatro vezes no caminho para o sul para evitar sermos vistos pelos anjos. Nunca vi tantos no ar antes. Raffe fica tenso cada vez que

detecta as formações de voo.

Algo sério está acontecendo com o seu povo, mas ele não pode se aproximar demais, muito menos se envolver. A cada minuto que passa, eu consigo sentir sua urgência para recolocar suas asas para que ele possa mergulhar de volta para seu mundo.

Tento não pensar sobre o que vai acontecer no meu mundo quando ele fizer isso.

Eventualmente, nós voamos sobre a sede da Resistência - também conhecida como Paly High. Ele está lá como todos os outros grupos de edifícios no deserto, sem nenhuma indicação de que é especial.

No estacionamento, cada carro está virado para a rua para que não tenha que dar marcha ré para sair. Supondo que o Plano de fuga de Obi foi executado corretamente, os carros estão prontos para ir, com as chaves na ignição. Quando descemos, eu vejo corpos curvados para trás dos pneus e árvores e alguns deitados a céu aberto como os mortos. Algumas poucas pessoas lutam aqui e ali ao luar, mas eles parecem os mesmos que se mudam para todo o lugar no Mundo de Depois. Obi fez um bom trabalho treinando as pessoas para não chamar atenção para o quartel, mesmo que a sede esteja superlotada agora com os refugiados de Alcatraz.

Nós circulamos acima do bosque em frente a Paly. A lua está subindo nas sombras do crepúsculo, nos permitindo ver sem sermos visto. Ainda há luz suficiente para ver algumas sombras no arbusto enquanto descemos. Estou surpresa por ter pessoas aqui fora ao entardecer, considerando a quantidade dos monstros no escuro.

Quando pousamos, Raffe me solta. O ar da noite parece frio na minha pele depois de ser abraçada a ele por tanto tempo.

— Você fica aqui, fora de vista — eu digo. — Vou ver se consigo descobrir se Doc está aqui ou não.

— Sem chance. — Raffe alcança minha mochila e tira seu casaco e boné.

— Sei que é difícil para você esperar enquanto verifico a situação, mas posso lidar com isso. Além disso, quem vai cuidar de Paige?

— Assim que faço esta pergunta, eu sei que é a coisa errada a dizer. Você não diz a um soldado de elite para ficar para trás e cuidar de crianças.

— Os animais de estimação dela podem tomar conta. — Ele veste seu casaco, deslocando cuidadosamente seus ombros até que as asas se aquietam sob o tecido. Ele desliza sobre a mochila para uma boa medida. Suas asas emplumadas estão envoltas em um cobertor e amarradas a um pacote, parecendo um saco de dormir normal. Suas asas de demônio se moldam às costas dele, mas o pacote esconde todas as protuberâncias incomuns que podem chamar a atenção.

Tudo sobre esta situação me deixa nervosa. Raffe está entrando em um campo cheio de inimigos. Paige não deveria estar tão perto de pessoas que queriam despedaçá-la. E na última vez em que vi Obi, ele tinha sido preso.

Há também uma parte de mim que não quer Raffe espionando pessoas. Claro, eu repetidamente confiei nele com a minha vida, mas isso não muda o fato de que ele é um dos inimigos. A qualquer momento, poderemos ter que escolher nossas lealdades. Quando isso acontecer, eu seria um idiota em pensar que estaremos no mesmo lado.

Mas meus instintos me dizem que, dentre todas as coisas com que me preocupar agora, essa é a mínima das minhas preocupações. Meu sensei sempre me disse para confiar no meu instinto, que ele sabe coisas que o meu cérebro não consegue perceber mais rápido.

Claro, meus instintos me disseram coisas sobre Raffe que não deram certo. Minhas bochechas esquentaram com a lembrança do que aconteceu com ele hoje cedo na cama.

Ele vira a gola em seu casaco e o abotoa até cobrir seu peito nu, colocando o boné em seguida. Mesmo tendo sido um dia quente, a noite de outubro é fria o suficiente para que ele não pareça suspeito. As noites na Califórnia podem facilmente chegar a ser seis graus mais frias do que os dias.

— Fique aqui, Paige. Nós voltaremos, ok?

Paige já está ocupada acalmando seus gafanhotos e dificilmente parece nos notar. Eu não gosto de deixá-la, mas não posso levá-la para o campo também. A última vez em que ela esteve aqui, o povo da Resistência a amarrou como um animal, e sabe se lá o que teria acontecido se os gafanhotos não tivessem atacado. Não espero que a atitude de morador irado tenha mudado desde então.

Assim que começamos a nos mover, sinto olhos me observando. Eu continuo olhando ao redor, mas não vejo nada. Na borda da minha visão, porém, vejo sombras mudando.

— Vítimas dos gafanhotos — sussurra Raffe.

Suponho que isso signifique que eles não foram aceitos no campo. Não acho que sejam perigosos, mas descanso minha mão no Pooky Bear, encontrando conforto na pele macia. Então respiro fundo e continuo através do bosque escuro.

15

Os recintos escolares estão tranquilos e aparentemente desertos. Presumo que devem haver alguns milhares de pessoas aqui agora. Mas você nunca sabe.

Obi fez um trabalho tão bom estabelecendo o campo de refugiados que mesmo as pessoas novas seguem as regras. Eles sabem que não devem sair em campo aberto. A quantidade de lixo aqui não é maior nem pior do que o lixo flutuante em qualquer outro lugar no Vale do Silício. O campus inteiro está tão silencioso que quase me surpreenderia se visse alguém aqui.

Mas logo que chegamos perto o suficiente dos edifícios, podemos ver as luzes difusas brilhando lá dentro. As janelas estão cobertas por cobertores e toalhas, mas alguns foram acondicionados de forma descuidada, deixando a luz e movimento passar através das bordas.

Eu passo até uma janela e espreito através de uma rachadura. O quarto está cheio de gente. Eles parecem razoavelmente bem alimentados, alguns quase limpos. Eu não os reconheço - devem ser refugiados de Alcatraz. Eu olho através de outra janela e vejo o mesmo. Com tantas pessoas novas, todo o lugar deve estar repleto de caos e confusão.

Vejo um cara através de uma janela que entra em uma sala de aula com um saco de comida. Ele passa o saco, e logo não há mais nada. Ele coloca as mãos para cima e diz algo para o povo ainda tentando alcançá-lo, embora a comida tenha acabado. Há uma briga, mas o homem vai embora antes que piore.

Os sortudos devoram sua comida tão rápido quanto podem, enquanto os outros assistem com uma intensidade que é desconfortável. A multidão se junta,

crescendo até que um novo grupo de pessoas chegam a localização privilegiada perto da porta, provavelmente à espera do próximo lote de alimentos.

— O que você está fazendo? — pergunta uma voz áspera.

Eu giro ao redor para ver dois caras usando camuflagem.

— Só... nada.

— Bem, faça o seu nada onde as aves não possam vê-la. Você não estava ouvindo durante a orientação?

— Estou procurando por alguém. Você sabe onde estão os gêmeos? Dee e Dum?

— Sim, claro — diz o guarda. — Como se eles tivessem tempo para falar com cada adolescente chorando por seu filhote perdido. Da próxima vai pedir para ver Obadiah West. Aqueles caras tem um acampamento inteiro para comandar. Eles não têm tempo para perguntas estúpidas.

Eu só pude piscar para eles, provavelmente convencendo-os de que, sim, eu estava pensando em fazer perguntas estupidas. Eles nos apontam para a porta mais próxima.

— Volte para o seu quarto atribuído. Alguém trará comida assim que puder, e você será enviada para um quarto de hotel agradável quando estiver escuro o suficiente para esconder o comboio.

— Esconder do quê? — Eles olham para mim como se eu fosse louca. — Anjos. — Um dá ao outro um olhar que diz *duh*.

— Mas eles podem ver no escuro — eu digo.

— Quem te contou isso? Eles não podem ver no escuro. A única coisa que eles podem fazer melhor do que nós é voar.

O outro guarda diz: — Eles podem ouvir melhor do que nós também.

— Sim, que seja — diz o primeiro cara. — Mas não podem ver no escuro.

— Mas eu estou dizendo a você... — Eu paro quando Raffe me bate no braço. Ele balança a cabeça em direção à porta e começa a andar. Eu sigo.

— Eles não sabem que os anjos podem ver no escuro. — Eu esqueci

que eu sei coisas sobre os anjos que talvez outras pessoas não saibam. — Eles precisam saber.

— Por quê? — pergunta Raffe.

— Porque as pessoas precisam saber que os anjos podem nos ver se tentarmos atacá-los no escuro. — Ele me olha como se lesse meus pensamentos, mas é claro, ele não precisa ler minha mente. É óbvio como beneficiaria os seres humanos saberem dos poderes dos anjos.

Raffe caminha comigo lado a lado. — Você pode falar até seus lábios caírem, mas não fará bem nenhum. Estes são soldados de infantaria. Seu trabalho é seguir ordens. Nada mais.

E ele saberia. Ele mesmo é um soldado, não é? Um soldado para o exército errado.

Percebo então que apesar de Uriel ter criado um falso apocalipse e esteja caçando Raffe para matá-lo, não significa que Raffe esteja disposto a ajudar os seres humanos a ganhar a guerra contra seu próprio povo. Muitos humanos tentaram me matar desde o Grande Ataque, mas isso não significa que eu estou disposto a ajudar os anjos a erradicá-los da face da Terra. Longe disso.

Os guardas nos observam até que entramos no edifício.

Assim que entramos, eu tenho que lutar contra uma onda de claustrofobia. O corredor está repleto de pessoas que se deslocam em sentidos diferentes. Quando você é do meu tamanho, estar em uma multidão significa que tudo o que você pode ver são os torsos e cabeças das pessoas mais próximas de você.

Raffe parece ainda mais desconfortável do que eu. Em uma multidão tão apertada, ele não pode evitar escovar suas asas escondidas em alguém. Podemos apenas esperar que nenhum estranho perceba algo. Ele fica tenso, de costas para a porta sem se mover. Ele parece tão fora de lugar que quase sinto pena dele. Ele balança a cabeça para mim.

Eu tento me misturar o melhor que posso. Nós não devemos ter que ficar aqui até que os guardas saiam da área.

Obi deve ter as mãos cheias com todas essas novas pessoas. Eu fugi do resgate de Alcatraz no último minuto, por isso é uma maravilha ele ainda ter conseguido recolher barcos e organizar as pessoas para resgatar os cativos na ilha. É claro que ele não teve tempo para se preparar para eles quando chegaram aqui.

Imagino que foi um dia bastante cheio para a Resistência. Obi não está mais apenas comandando combatentes pela liberdade. Ele teve que montar um campo de refugiados cheio de pessoas assustadas e com fome enquanto ainda mantinha a organização o mais furtiva possível.

Eu tenho os meus problemas com Obi. Eu não posso dizer que ele vai ser meu melhor amigo ou qualquer coisa, mas tenho que admitir, ele assumiu fazer muita coisa que outras pessoas não fariam.

Eu penso em ir mais fundo dentro do prédio para tentar encontrar Doc ou Dee-Dum. Os gêmeos certamente saberão onde Doc está, mas está muito lotado e caótico aqui, e não gosto da ideia de estar presa no meio de um edifício cheio de refugiados em pânico se algo acontecer.

Estou prestes a dizer a Raffe que devemos ir logo antes que os guardas sigam em frente quando ouço meu nome. Não é uma voz que eu reconheço, e não posso dizer quem disse, já que ninguém está olhando para mim. Todo mundo parece ocupado em suas próprias conversas.

Então alguém diz meu nome do outro lado do corredor. Ainda assim, ninguém está olhando para nós.

— Penryn.

Eu vejo o cara que falou. Ele tem o cabelo encaracolado e usa uma grande camisa que paira sobre seus ombros de espantalho e um par de calças desproporcionais sustentadas por um cinto. É como se ele estivesse acostumado a ser grande e não se adaptou mentalmente para seu peso pós-apocalíptico. Ele está várias pessoas ao longe de mim pelo corredor, mas ainda perto o suficiente para ouvir. Eu não reconheço ele nem ninguém ao redor.

— Penryn? — pergunta a mulher falando com o cara. — Que tipo de

nome é esse? — Eles não estão me chamando. Eles estão falando de mim.

O cara dá de ombros. — Provavelmente algum nome estrangeiro que significa matadora de anjo.

— Sim, certo. Então, você acredita nisso?

— O Quê? Que ela matou um anjo?

Como eles sabiam sobre isso?

Ele dá de ombros novamente. — Não sei. — Ele abaixa a voz. — Tudo o que sei é que seria incrível ter um passe de segurança dos anjos.

A mulher balança a cabeça. — De jeito nenhum, eles manteriam a palavra. Como poderíamos sequer saber se eles realmente estão colocando uma recompensa por sua cabeça?

Eu troco olhares com Raffe na palavra *recompensa*.

— Alguma gangue de rua pode ter inventado isso para matá-la — diz ela. — Talvez ela seja uma de seus inimigos ou algo assim. Quem sabe? O mundo inteiro ficou louco.

— Eu sei de uma coisa — diz outro cara perto de mim. Ele usa óculos com uma grande rachadura em uma lente. — Quer sejam os anjos, as gangues ou os demônios do inferno que colocaram a recompensa por essa garota, não serei eu a entregá-la. — Ele balança a cabeça.

— Nem eu — diz outro homem nas proximidades. — Ouvi dizer que foi Penryn que nos salvou do pesadelo de Alcatraz. — Obadiah West nos salvou — diz a mulher. — E aqueles gêmeos engraçados também. Quais eram seus nomes? — Tweedledee e Tweedledum.

— Isso não pode estar certo.

— Não estou brincando.

— Sim, mas foi a garota, Penryn, quem lhes disse para fazê-lo. Foi ela quem os fez nos resgatar.

— Ouvi dizer que ela os ameaçou com a irmã monstro dela se eles não fizessem.

— Penryn...

— Ela é uma amiga minha — diz uma mulher que eu nunca vi antes. — Somos como irmãs.

Eu abaixo a cabeça, esperando que ninguém me reconheça. Felizmente, ninguém sequer nos percebe. Enquanto vou em direção à porta, eu vejo um panfleto colado a ela. A única coisa que vejo enquanto passo são as palavras — Show de Talentos.

Eu tenho visões de tocadores de tuba e sapateadores. Um show de talentos é uma coisa estranha para se ter durante o apocalipse. Mas é uma coisa estranha para se ter a qualquer momento.

Raffe sai pela porta, e nós voltamos para a noite.

16

Do lado de fora, o ar é fresco e tranquilo em comparação com o bafo e ruído no interior. Escapulimos nas sombras até chegarmos ao edifício de adobe que Obi usa como seu quartel-general. Esta porta tem o mesmo panfleto. Faço uma pausa para lê-lo.

SHOW DE TALENTOS

Não perca a maior coisa desde os últimos Óscares!
Maior que o Grande Ataque! Maior que o ego de Obi!
Maior que o fedor de Boden!
Venham, venham todos
Para o maior show de todos!

Ganhe um VR* luxuoso e personalizado, à prova de balas!
Repleto de todos os suprimentos de sobrevivência imagináveis.
Yup. Até isso.
* Veículo Recreacional

Próxima quarta ao meio-dia, no Teatro Stanford na Av. Universidade.
Impressione seus amigos. Estonteie seus inimigos.
Exiba seus talentos.

Audições todas as noites

Damas são bem-vindas

As regras habituais para apostas se aplicam sobre os concorrentes.

~ Trazido a você por Você Sabe Quem ~

Este panfleto tem comentários rabiscados por toda a parte em caligrafia diferentes:

— Nada poderia ser maior que o ego de Obi.

— É assim que as damas estão chamando? Hey, Obi - deixe algumas mulheres para o resto de nós, sim?

— Obadiah West é um grande homem. Um herói. Até eu estou pensando em dar um beijo nele.

— É o show de sem talentos!

— Seja agradável ou vou quebrar seu crânio e beber o lodo lá dentro.

— Os competidores vão usar roupas?

— Realmente espero que sim. Você já viu os homens daqui? Peludos, cara. Seriamente peludos.

Suponho que esses caras sintam falta da Internet.

Raffe abre a porta, e entramos em um corredor mal iluminado. O edifício principal está ocupado com pessoas, mas muito menos lotado do que o primeiro edifício. As pessoas aqui andam com confiança, enquanto o grupo no outro edifício parecia perdido e inseguro.

Estes são provavelmente veteranos em comparação com os refugiados de Alcatraz no outro edifício. Até reconheço alguns rostos aqui e ali. Abaixo a cabeça, esperando que meu cabelo esconda meu rosto.

Ali está a mulher com quem lavei roupa quando fui capturada pela primeira vez pela Resistência. Está segurando uma prancheta e marcando itens. Ela é a que adorava seu cão. Estou quase surpresa de ver que ela ainda está com

a Resistência. Ouvi dizer que eles soltaram todos os cães latindo quando descobriram que os anjos tinham super audição.

Ali está o balconista do primeiro hotel Aerie. Está sorrindo cansadamente enquanto conversa com uma mulher. Parece muito mais relaxado do que já esteve no Aerie, mesmo que eles estejam cada um carregando uma bolsa cheia de armas. Eu me pergunto se ele era um espião da Resistência.

E ali está o cozinheiro do acampamento original na floresta. Ele era agradável comigo e me deu uma concha extra de ensopado quando descobriu que eu era nova. Ele rola um carrinho com pacotes de crackers e Fruit Roll-Ups[{2}] pelo corredor.

Todo mundo parece exausto. E todo mundo está armado até os dentes - revólveres, espingardas, facas, chaves de roda, e qualquer coisa que possa cortar, esmagar, ou rasgar. Todo mundo aqui carrega pelo menos duas armas.

Raffe puxa o boné para mais baixo em seu rosto. Posso dizer que está tenso. Ele está em território inimigo. Agora que penso sobre isso, ele está sempre em território inimigo não importa de quem seja o terreno. Sem suas asas emplumadas, os anjos não vão aceitá-lo. E independentemente de que tipo de asas ele tenha, os humanos não vão aceitá-lo também.

Uriel ou alguém de seu grupo disseram uma vez que anjos eram feitos para serem parte de um bando, mas não importa onde Raffe fosse, ele sempre parecia ser o forasteiro.

Felizmente, ninguém parece estar prestando atenção nele aqui. Neste edifício, o nome que ouço mais é o de Obi.

— Obi quer que nós...

— Mas eu pensei que o plano de Obi fosse...

— Yeah, foi isso o que Obi disse.

— Precisa de permissão de Obi para...

— Autorizado por Obi.

— Obi vai lidar com eles.

Os dois edifícios definitivamente têm suas próprias personalidades. Um

abriga um acampamento de refugiados, enquanto o outro contém um exército lutando pela liberdade. Obi certamente tem muito trabalho mantendo o resto da humanidade junta durante a pior crise da história.

E eu pensei que estava em desvantagem tentando manter a minha família viva. Não posso imaginar quanta pressão ele deve sentir de ser responsável por todas essas vidas.

Um par de rapazes com bronzeados e músculos de trabalhadores de construção se viram para me comer com os olhos conforme nos aproximamos. Ao meu lado, Raffe faz um rosnado baixo. Os caras dão uma olhada nele e desviam o olhar respeitosamente.

Faço uma pausa para falar com eles. — Estou procurando os gêmeos, Dee e Dum. Sabem onde eles estão?

Um deles aponta para uma sala no fim do corredor. Caminhamos até lá, e empurro a porta sem pensar sobre o que poderia estar lá dentro.

— ...hotéis — diz Obi à cabeceira de uma mesa de conferência. — Como estamos armazenando alimentos e suprimentos médicos... — Ele olha para cima e me nota. Ele parece tão cansado quanto o resto deles, mas seus olhos ainda são brilhantes e alertas. Ele não é o maior nem o mais barulhento, mas ainda há algo sobre ele que demanda atenção. Talvez seja sua postura reta ou a confiança em sua voz.

Há cerca de uma dúzia de pessoas ao redor dele, sentadas em uma mesa de conferência. Todos parecem abatidos e exaustos, com círculos escuros sob os olhos e cabelos sem lavar se projetando em várias direções. Deve ter sido uma noite longa de salvar refugiados de Alcatraz, depois um dia ainda mais longo de instalá-los.

A sala fica quieta, e todo mundo se vira para olhar para mim.

Tanto para tentar ser sutil.

17

— Desculpe — digo, tentando me curvar graciosamente para sair.

Doc levanta com um pulo e derruba a cadeira para trás com tanta força que faz barulho no chão. — Penryn.

— Você a conhece? — pergunta Obi.

— Ela é a irmã da criança que eu estava te falando.

— A irmã de Penryn é a grande arma secreta? — pergunta Obi.

Uh-oh. Eu não gosto do som disso.

— Você a encontrou? — Doc contorna a mesa e se dirige em minha direção. Ainda parece um garoto da faculdade com seu cabelo castanho e camisa de botões, mas agora tem um olho roxo inchado. — Ela está aqui?

Os gêmeos estão sentados ao lado de Obi. Seus cabelos combinando ainda são loiros de farmácia. Tinha esquecido que tingiam o cabelo por diversão. Ainda pareciam espantalhos magros para mim tanto ruivos quanto loiros. Um par dos outros parece familiar, mas não conheço nenhum deles bem.

Obi acena com a mão para eu entrar. Hesito, sem querer atrair atenção para mim ou Raffe. Mas não posso simplesmente ignorar, então entro na sala com um aceno de mão pelas costas, sinalizando a Raffe para não seguir.

— Você tem que estar brincando — diz um cara que reconheço. — A irmã dela é um horror monstruoso. Você não pode esperar que ela nos ajude. — Percebo onde o vi antes. Ele foi um dos caras que laçou Paige como um animal selvagem da última vez que ela esteve aqui.

— Martin, agora não. — diz Obi.

Os gêmeos se inclinam em direções opostas para espiar em volta de mim.

— Aquele é Raffe? — pergunta Dee.

— Aquele é *mesmo* Raffe — diz Dum.

Começo a fechar a porta.

— Não, não, não — diz Dee. Ambos os gêmeos se levantam e caminham rápido para a porta.

— Raffe, você está vivo — diz Dum enquanto empurra a porta.

Raffe está com a cabeça inclinada para baixo, os olhos na sombra de seu boné.

— É claro que ele está vivo — diz Dee. — Ele é um guerreiro. Tudo que você tem que fazer é olhar para ele para saber isso. Quem é que vai matá-lo? Godzilla?

— Oh, Raffe versus Godzilla. Essa é uma luta em que eu amaria fazer apostas — diz Dum.

— Não seja bobo, cara. O Godzilla é todo bombeado com resíduos nucleares. Como é que um mero mortal deveria superar isso?

— Ele não é apenas um mero mortal — diz Dum. — Olhe para ele. Ele provavelmente tem alguma essência fodona de super-força no bolso agora mesmo. Um gole e seus músculos teriam músculos.

— Yeah, e não precisaríamos de garotinhas assustadoras se tivéssemos uns poucos como ele no nosso exército — diz Dee.

— O que, você acha que a irmã de Penryn pode enfrentar o Godzilla em vez disso? — pergunta Dum.

Dee pensa sobre isso. — Meh, provavelmente não. Talvez a mãe dela possa, no entanto.

Os olhos de Dum ficam arregalados. — Ooh.

Dee estica sua mão para Raffe. — Tweedledee. Este é o meu irmão, Tweedledum.

— Lembra de nós? — pergunta Dum. — Nós lidamos com lutas e

gerenciamos apostas.

— Bom ter você aqui — Obi diz para Raffe. — Com certeza poderíamos usar um homem como você.

— Oh, ele não é nenhum homem comum, Obi — diz Dee.

Dou muito duro tentando não parecer um coelho amedrontado, mas tenho certeza que meus olhos estão arregalados e assustados. Estamos nas profundezas do prédio. Não sei como Raffe pode escapar.

— Podemos torná-lo uma estrela, Raffe — diz Dum, acenando com a cabeça. — As mulheres estariam totalmente em cima de você. — Ele exageradamente forma as palavras *totalmente em cima* enquanto imita esfregar as mãos sobre o peito e corpo.

— Ele não se importa com isso — diz Dee. — Ele é um cara que sai com anjos. Havia toneladas de garotas no Aerie em San Francisco.

Tento me lembrar de respirar. É isso mesmo. Um deles o viu no quarto de hotel no Aerie.

— Nunca o suficiente, mano — diz Dum. — Nunca o suficiente.

— O que quer dizer com “ele sai com anjos”? — pergunta Obi enquanto se levanta da mesa de conferência.

Minha respiração se recusa a sair de meus pulmões.

— Lembra? — diz Dee. — Nós te dissemos que Penryn e este cara estavam no hotel. Na verdade, conversando com anjos.

— Penryn não é a única que sabe coisas sobre eles. — Dum acena com a cabeça.

Solto um suspiro profundo. Eles se lembram de Raffe, mas apenas como um humano.

Obi se aproxima e acena com a mão para Raffe entrar na sala de conferência. — Essas são ótimas notícias. Podemos usar toda a ajuda e informações que pudermos obter. — Ele estende a mão para Raffe apertar. Raffe não aperta.

— Olá, Obi — digo, acenando com a mão para ele.

— Penryn — diz Obi, olhando na minha direção. — Se não estivesse tão exausto, tenho certeza que lembraria quaisquer negócios inacabados que temos. Em vez disso, estou apenas contente de vê-la viva e bem.

Ele avança e me abraça.

Eu fico lá, rígida e insegura. O rosto de Raffe é inexpressivo enquanto nos observa.

— Obrigada. — Pairo na frente da porta. Lembro-me de nosso negócio inacabado. Obi trancou a mim e à minha mãe em um carro da polícia, e nós escapamos no meio da noite. Mas, apesar disso, ele está contente em me ver.

Admito que depois de tudo pelo que passei, é meio que bom o ver também. Algumas pessoas podem chamar isso de bagunçado. Eu chamo de lidar com a família. Não que ele seja família, mas se as coisas continuarem indo do jeito que tem ido, ficarei contente de ver qualquer ser humano.

— Onde está sua irmã? — pergunta Doc. Ele estende a mão para a porta como se suspeitasse que estou escondendo-a logo do lado de fora.

— Engraçado você perguntar — digo, abaixando a voz. — Posso conversar com você por um minuto? Lá fora? — Tenho uma esperança selvagem de que Doc, Raffe, e eu possamos ser capazes de sair de fininho.

— Sem necessidade de privacidade — diz Obi. — Doc nos contou tudo sobre o trabalho dele em Alcatraz e as esperanças dele para Paige. Todos nós amaríamos ouvir sobre sua irmã. Ela está bem?

Olho para os rostos ao redor da mesa. Todos são mais velhos do que eu. Alguns deles parecem grisalhos veteranos de guerras anteriores. Outros parecem que saíram recentemente das ruas. O que fariam se soubessem que tinha um anjo na sala?

— O que você quer com ela? — pergunto. Eu não posso me impedir de soar desconfiada.

— Doc nos diz que ela pode ser a nossa melhor esperança.

— Doc é um cara otimista — digo.

— Não há nenhum mal nisso, certo?

— Da última vez que você deu uma olhada nela, você a amarrou com cordas como um animal raivoso. — Não consigo me impedir de olhar de relance para Martin. Sua mão ainda parece queimada pela corda enquanto tamborila um lápis contra os dedos de sua mão aberta.

— Não fui eu — diz Obi. — Entrei em cena pouco antes de você e estava tentando descobrir o que aconteceu. Olha, pessoas cometem erros. Somos movidos por medo e exaustão e estupidez absoluta, às vezes. Não somos perfeitos como os anjos. Tudo o que podemos fazer é contar uns com os outros e fazer o nosso melhor. Sinto muito por como a sua irmã foi tratada. Precisamos dela, Penryn. Ela poderia dar uma reviravolta nesta guerra.

— Não se ela morrer de fome — digo. — Faça Doc consertá-la, e vamos conversar sobre o que ela pode fazer por você.

— Consertá-la? — pergunta Obi.

Olho de relance para Doc.

— Vou ver o que posso fazer — diz Doc. — Preciso ter certeza de que ela está bem primeiro, o que significa que preciso vê-la. — Ele me dá um olhar afiado.

— Você pode trazê-la até nós? — pergunta Obi.

Balanço a cabeça. — Não acho que seja uma boa ideia. — Olho de relance novamente para Martin, que está nos observando com olhos intensos.

— Ótimo — diz Doc antes que Obi possa se opor. — Leve-me até ela.

Viro-me, esperando por uma fuga rápida, mas Obi chama meu nome.

— Há um rumor sobre uma adolescente que matou um anjo — diz Obi. — Dizem que ela tem uma espada que pode ser disfarçada de ursinho de pelúcia. — Ele olha para Pooky Bear pendendo do meu quadril. — Você não saberia nada sobre isso, saberia?

Pisco inocentemente para ele, me perguntando se é melhor confessar ou negar.

— Posso ver que precisamos reconstruir alguma confiança entre nós. Deixe-me mostrar-lhe em volta para você poder ver o que estamos fazendo. Nós

poderíamos usar lutadores como vocês dois.

— Eu vi o acampamento, Obi. — Eu fico inquieta perto da soleira da porta. — Sei que você resgatou pessoas de Alcatraz. Isso foi incrível. Sério. Vocês foram fantásticos, mas preciso lidar com a minha irmã, no momento.

Obi acena com a cabeça. — Tudo certo. Eu vou com você. Podemos conversar enquanto Doc olha sua irmã.

Esforço-me muito mesmo para não trocar olhares com Raffe. A menos que possamos pegar Doc sozinho, não há nenhuma chance de conversar com ele sobre costurar as asas de anjo de Raffe.

— Vou aceitar sua oferta para um tour — diz Raffe. — Seria interessante ver o que você está reunindo aqui.

Congelo minha expressão no lugar, tentando não trair meus pensamentos. Isto está ficando pior a cada segundo.

O rosto de Obi quebra em um sorriso largo. — Excelente. Vou apresentá-lo a algumas pessoas. Acho que você vai ter orgulho de chamá-los de seus irmãos de armas, se você se juntar a nós.

— Tudo bem — diz Raffe.

— Ótimo — diz Obi. — Acho que você vai gostar. Este é o conselho. Eles estão encarregados da nossa defesa estratégica.

Observo Obi e Raffe fazerem seu caminho ao redor da mesa. Raffe acha isso engraçado? Obi está prestes a dar um tour do acampamento da Resistência a um anjo?

18

Doc desliza seu braço no meu e me guia para fora da sala. — Ela está machucada? O que ela tem comido?

Olho para a porta se fechando e Obi conversando com Raffe enquanto saímos para o corredor. — Hm, minha irmã não tem comido...

Os gêmeos nos seguem pelo corredor. Eles olham para fora das janelas e observam todos à nossa volta enquanto caminhamos, sempre alertas.

— Hey, caras. — Nos impulsionamos para fora das portas do prédio e para a noite. — O que Obi está mostrando para Raffe?

— As coisas de sempre — diz Dum.

— Nossos refugiados, nossas baterias de última geração, nossos incríveis carros elétricos, e talvez um pouco do nosso suprimento de miojo. — Dee dá de ombros.

Caminho entorpecida com o frio, minha mente remoendo se algo disso seria prejudicial. Não é grande coisa, certo?

Certo?

Devo estar me movendo devagar demais enquanto conversamos, porque Doc se vira e pergunta — Para onde vamos?

— O bosque do outro lado da rua — digo.

Doc decola em um trote e desaparece na rua. Estou prestes a correr atrás dele quando Dee põe a mão no meu braço. — Deixe-o ir. Ele vai te esperar no bosque de qualquer maneira. Ele não sabe para onde está indo.

Ele está certo, e é bom ver os gêmeos novamente. Deixo de lado minhas preocupações com Raffe. Não há nada que eu possa fazer sobre isso agora de

qualquer forma.

Viro-me para os gêmeos. — Vocês são incríveis. Ninguém mais teria saído para salvar aquelas pobres pessoas em Alcatraz.

— Não é grande coisa — diz Dum, passeando ao meu lado.

— Yeah, salvamos centenas de pessoas o tempo todo — diz Dee.

— O tempo todo — diz Dum.

— Nascemos para isso.

— E às vezes nós até recusamos ofertas de mulheres que querem nos mostrar gratidão. — Dum se pavoneia ao meu lado.

— Uma vez — diz Dee, parecendo humilde.

— Yeah, okay, mas se aconteceu uma vez, significa que aconteceu, às vezes... — diz Dum.

— Não importa que ela fosse uma senhora de 80 anos de idade que se parecia com a nossa avozinha — diz Dee.

— Uma garota é uma garota, cara, independente da idade. E uma oferta é uma oferta. — Dum acena com a cabeça.

Dee se inclina e sussurra para mim. — Ela se ofereceu para cozinhar couve de Bruxelas para nós, e recusamos.

— Ela estava com o coração partido. Provavelmente precisava encontrar algum cara de sorte para sair da fossa.[{3}]

— Fossa realmente é horrível. — Dee balança a cabeça.

— Não que algum dia vamos saber como é a sensação.

Os gêmeos chocam punhos como verdadeiros campeões.

— E Obi estava totalmente a bordo com o resgate de Alcatraz? — pergunto.

— Yeah, okay, talvez Obi possa ter tido um pouco a ver com isso. — Dee dá de ombros.

— Não que nós mesmos não teríamos ido resgatar de mãos vazias aquelas pessoas, mas sabe, foi um pouquinho mais fácil com Obi conduzindo a missão.

— Bom saber que ele não é um babaca com todo mundo.

— Na verdade, você ficaria surpresa com o cara bom que ele é — diz Dee.

— Posso dizer que ele não te jogou na cadeia e abusou de sua irmã como o monstro de Frankenstein.

— Ele faz escolhas difíceis para que o resto de nós não tenha que fazer — diz Dum.

Isso me cala. Eu não estava desejando alguém para fazer as escolhas difíceis por mim?

— Ele é humano — diz Dee. — E tem falhas.

— É por isso que estamos aqui — diz Dum. — Nós compensamos as imperfeições dele.

— Não leve para o lado pessoal — diz Dee. — Ele venderia seu primogênito, seus pais, sua avó que faz biscoitos, seu único e verdadeiro amor, ambos os braços, as pernas, e sua bola direita por uma chance de colocar a raça humana de volta nos trilhos.

— Ele é o cara mais dedicado que conhecemos.

— E não tem sacrifício que ele pediria de qualquer um de nós que ele mesmo não fizesse.

— Com quem mais você pode contar quando está acorrentado em uma ilha do mal como Alcatraz?

Eles têm um bom argumento. A Resistência era o único grupo que sequer consideraria montar uma missão de resgate de verdade.

— Ele é um pouco como você, na verdade — diz Dee.

Isso quase me faz parar no meu caminho. — Como eu? Obi e eu não temos nada em comum.

— Você ficaria surpresa — diz Dum.

— Teimosos, leais, totalmente impulsionados a cumprir suas missões.

— Basicamente, vocês dois são heróis loucos.

— E todo mundo acha que vocês dois são sexys — diz Dee.

Eu zombo. — Agora eu sei que vocês estão falando besteira.

— Você vai seriamente nos dizer que não tem notado o jeito como os caras olham para você?

— Que caras? Do que você está falando?

Eles trocam olhares. — Garota — diz Dee — mesmo antes da sua mais recente façanha, você estava se tornando a lutadora mais solicitada de todos os nossos eventos. Garotas que chutam bundas sempre são super gostosas, mas no mundo pós-apocalíptico em que vivemos, a coisa mais quente ao redor é uma garota de espada em punho, matadora de anjos, boca suja...

— Eu não sou boca suja.

— Yeah, bem, ninguém é perfeito — diz Dum.

— Como vocês ouviram sobre esta adolescente hipotética matando um anjo? Não que eu esteja dizendo que acredito em uma história tão doida nem nada.

— Os anjos colocaram uma recompensa na cabeça desta garota hipotética. Qualquer um que entregar essa matadora de anjos para eles, vai ter uma passagem segura. Nem Obi conseguiu isso. A recompensa dele é insignificante em comparação com a desta garota.

— A notícia está se espalhando como um incêndio selvagem — diz Dum. — Há histórias loucas sobre ela ser capaz de controlar espadas de anjo e até mesmo comandar demônios. Todo mundo está animado. Metade das pessoas está procurando você - quero dizer, ela - para te entregar por passagem segura, e a outra metade está brindando a você com a última cerveja. Muitas pessoas estão fazendo as duas coisas.

— Então tome cuidado — diz Dee. — Quer tenha sido você ou não, as pessoas pensam que foi você, e isso pode ser o suficiente para te matar.

— Com sua espada de ursinho de pelúcia e história com demônios e tudo. — Dum levanta as sobrancelhas para mim.

— Foi você, não foi? — pergunta Dee, apertando os olhos para mim.

— Só entre nós, é claro — diz Dum.

— Nós nunca contaríamos. — Eles são assustadoramente idênticos quando dizem a mesma coisa juntos.

Uma parte de mim está morrendo para conversar sobre isso. Mas a parte mais esperta de mim diz, '*Oh, com certeza. Não te contei que podia matar anjos e comandar demônios? Eu posso voar também, mas não conte a ninguém*.'

— Uh-huh. — Eles olham para mim, observando meu rosto por pistas. Examino minha mente por uma mudança de assunto

— Vocês parecem estar fazendo um bom trabalho aqui.

Eles continuam me olhando como se não tivessem certeza se me deixariam ou não fugir do tópico.

— Quero dizer, deve ser difícil construir um acampamento de refugiados e conduzir um exército de resistência ao mesmo tempo.

— Obi vem tentando fazer tudo, mas finalmente conseguimos reunir um conselho para ajudá-lo a conduzir um pouco da logística. Oh, cara, tanta logística.

— E tudo porque você tinha que ir para uma pequena viagem da alegria, e então dar a Obi uma desculpa para ser o herói. Falando nisso, como foi sua viagem?

— Yeah, da última vez que te vi, você estava nos enviando bilhetes de amor de sua pequena prisão.

— Pensamos em invadir e te tirar de lá, mas Obi achou que era mais importante tirar aquelas pessoas de Alcatraz.

— Não teríamos concordado se soubéssemos que sua mãe estava lá.

— Ela é um problema, deixa eu te dizer.

— Você não precisa me dizer — digo. — Eu sei tudo sobre a dor que ela pode ser.

Dee ri. — Ela é como uma dor na bunda classificada como arma. Descobrimos como incitá-la para cima dos caras maus, e ela se tornou um enorme triunfo.

— Segurou os guardas humanos lá até que viemos.

— Você sabia que ela pode ser verdadeiramente arrepiante?

Aceno com a cabeça. — Oh, yeah. Eu sei disso.

— A maioria de nós não tinha ideia. Pegou-nos totalmente de surpresa.

— Ela é uma das nossas capitãs agora.

— O quê? — É difícil imaginar a minha mãe sendo encarregada de qualquer coisa.

— Yeah. Na real. Que tipo de mundo assustador é esse?

Pisco um par de vezes, tentando absorver a novidade. Admito que, se há uma coisa que posso esperar dela, é o inesperado.

— Sua mãe totalmente arrasa. — Os gêmeos acenam com a cabeça como pequenos bonecos Bobble Head.

— Vocês sabem onde ela está? — pergunto.

— Yup — diz Dee. — Iremos encontrá-la para você.

— Obrigada. Isso seria ótimo.

Pisamos em El Camino Real, nos preparando para pular de carro em carro quando alguém berra na noite. Soa como uma luta vindo do bosque no outro lado da rua.

Paige está naquele bosque.

Começo a correr, me movendo o mais rápido que posso para a floresta.

19

Corremos para o bosque, perseguindo o ruído. Não somos os únicos correndo pelas árvores. Mas não consigo ver detalhes, e tudo parece sombras se deslocando na noite escura.

Há vozes raivosas. Tenho bastante certeza de que diabinhos não falam, pelo menos não em vozes humanas. Espero que este não seja o dia em que eu descubro o contrário.

Sob o dossel de árvores, um grupo de sombras levanta e abaixa os punhos, chuta e berra com alguém curvado na sujeira. Conforme nos aproximamos, pego um vislumbre das peles secas das vítimas de gafanhotos. Algumas delas estão vestindo roupas rasgadas cobertas de sujeira, como se acabassem de sair da sepultura.

Punhos voam e socam a vítima, que está simplesmente aceitando, grunhindo a cada impacto.

— O que está acontecendo? — pergunto enquanto me aproximo correndo. Ninguém parece me ouvir.

— Hey! — grita Dee.

— O que está acontecendo? — pergunta Dum em uma voz silenciosa mas exigente.

Vários dos picados por gafanhotos olham de relance para nós. Eles não param seus chutes, mas um deles diz — É aquele bastardo de Alcatraz. Ele fez isto com a gente. Criou os monstros e os alimentou com a gente. — Ele chuta viciosamente o homem no chão. Não consigo ver nenhum detalhe, mas é óbvio que estão falando de Doc.

Os gêmeos devem ter chegado à mesma conclusão. Eles pulam no meio da multidão com os braços para cima. — Já chega!

— O conselho já disse para deixá-lo em paz — diz Dee, puxando um cara para longe de Doc.

— O conselho da Resistência não tem nenhum poder sobre nós. Não somos parte de seu acampamento, lembra?

— Yeah — diz um outro cara cujo rosto está tão ressecado quanto pele seca de salame. — Todos vocês nos rejeitaram. E é por causa dele. — Outro chute vicioso.

— A próxima pessoa que chutar ou bater nele será banida de todas as apostas. Vocês serão voto contrário para o resto de suas vidas atrofiadas. Agora recuem.

Surpreendentemente, todos eles recuam.

Todos os outros podiam rejeitar as vítimas de gafanhotos, mas acho que os gêmeos não discriminam em seu mercado de apostas.

Dee parece tão surpreso quanto eu. Olha de relance para seu irmão. — Cara, nós somos o novo HBO. — Ele lança um sorriso largo.

Dum se abaixa e puxa para cima um homem que mal reconheço como Doc. Ele segura o braço desajeitadamente. Seu rosto, que já estava machucado, está tão inchado que mal consegue abrir os olhos.

— Você está bem? — pergunto. — O que há de errado com seu braço?

— Pisaram em cima dele. Eles não têm ideia do que fizeram.

— Está quebrado? — Está começando a me ocorrer o que significa ter um cirurgião com um braço quebrado.

— Eu não sei. — Seu cérebro consciente pode não saber, mas seu corpo com certeza acha que seu braço está quebrado pela forma como ele está embalando-o. — São pessoas como estas que fazem eu me perguntar por que me incomodo em tentar salvá-las.

Doc parece furioso quando passa roçando por mim. Só dá um par de passos antes de precisar se inclinar contra uma árvore e fazer uma pausa. Dum

segura Doc para se certificar de que ele possa caminhar constantemente.

— Temos um outro médico — diz Dee para mim.

— Vamos ver o que ela pode fazer por ele.

— Vou com você. — Vejo os picados por gafanhotos com novos olhos. Seus peitos e ombros encolhidos ainda levantam com esforço com raiva e frustração. Vários deles estão chorando com emoções reprimidas que vão muito mais fundo do que as provocadas pela luta.

Sigo os gêmeos conforme eles ajudam Doc a atravessar a rua.

20

Eu me inclino contra a parede em uma sala cheia de pacientes esperando para ver o médico do acampamento. Doc tem alta prioridade porque é o único outro médico no acampamento. Eles deixaram um dos gêmeos entrar na parte de trás com ele enquanto o outro decolou para alguma tarefa. Foi-me dito para esperar com os outros na sala de espera.

Há apenas uma vela para toda a sala mesmo que as janelas estejam bloqueadas por cobertores. Há algo particularmente enervante sobre estar em uma sala que é mais sombra do que a luz e ouvir pessoas ao seu redor tossindo e sussurrando.

A porta se abre, e a cabeça loira de farmácia de Dee dá uma espiada.

— Qual é o veredicto? — pergunto. — Está quebrado?

— Gravemente — diz Dee enquanto caminha para dentro. — Provavelmente vai levar seis semanas até ele poder começar a usar o braço novamente.

Seis semanas. Meu estômago parece como se tivesse engolido pesos de chumbo. — Ele poderia instruir o outro médico durante a cirurgia? Sabe, a trabalhar como as mãos dele?

— Ela não é uma cirurgiã. Além disso, ninguém quer ser conhecido como assecla do Doc. Ruim para a saúde, sabe.

— Yeah, percebi. — Mastigo meu lábio enquanto penso. Não consigo propor nada a fazer exceto voltar com a má notícia. O que faremos agora? Doc era a nossa única e brilhante esperança tanto para Paige quanto para Raffe.

A porta de entrada abre, e Dum caminha para dentro. — Hey, vi sua mãe. Disse a ela que sua irmã estava no bosque e que você iria para lá em um minuto também.

— Obrigada. Parece tudo certo com ela?

— Ela estava bastante animada. Me deu um abraço e um beijo — diz Dum.

— Sério? — pergunto. — Você sabe quanto tempo passou desde que ela me deu um abraço e um beijo?

— Bem, yeah, muitas mulheres descobrem que não podem resistir aos meus encantos. Elas ficam totalmente em cima de mim por qualquer desculpa que possam encontrar. — Ele toma um gole de Gatorade verde-xixi como se achasse que era isso sexy.

Caminho até a porta, tentando descobrir se há alguma coisa que eu possa fazer além de voltar para o bosque com a má notícia. Quando coloco a mão na maçaneta da porta, algo estranho acontece que me faz pausar.

A pele na parte de trás do meu pescoço formiga antes da minha mente consciente saber que algo está errado.

Passos correndo passam martelando do outro lado da porta.

Então as pessoas na sala de espera se amontoam como ovelhas assustadas, olhando para cima com olhos amedrontados.

Alguém grita lá fora.

— E agora? — pergunta Dee. Sua voz está cheia de pavor, como se algo estivesse lhe dizendo para se amontoar e se esconder também.

Há uma parte de mim que não quer abrir a porta, mas os gêmeos a abrem com tudo para ver o que está acontecendo.

Lá fora, tudo parece quieto e imóvel. Lixo está por toda parte no lugar - mesas viradas, cadeiras de todas as maneiras, roupas, cobertores.

Conforme meus olhos se ajustam à escuridão, porém, percebo que as pilhas de roupas espalhadas pelo gramado são na verdade pessoas. É difícil dizer com os pedaços faltando.

Não pedaços como em marcas de mordida, pedaços como em membros. Em alguns estão faltando cabeças também.

Uma mulher corre de um carro. Uma figura sombria do tamanho de um lobo perseguindo-a.

Um casal de pé nas sombras em uma passarela pula e grita quando algo - ou mais precisamente, vários algos – se esgueira da escuridão acima e agarra os cabelos deles.

Então, como se um sinal tivesse sido dado, sombras pulam da noite em todo o campus.

Pego um vislumbre de um deles quando alguém o ilumina com um feixe de lanterna. É um diabinho.

Eles são menores do que os do Abismo, mas ainda aterrorizantes. Com cara e asas de morcego, são pequenos demônios arrepiantes com membros esqueléticos e corpos emaciados.

Gritos enchem a escola conforme diabinhos fervem da noite de todas as direções.

Dois deles são especialmente grandes – corpulentos e com manchas e olhos vermelhos. Cordões de músculos se flexionam ao longo de seus ossos alongados, fazendo os outros diabinhos parecerem raquíticos. São os dois que me perseguiram da memória de Beliel do inferno.

Eles sabem que estou aqui. E trouxeram amigos.

Um deles levanta a boca para o ar e faz aquele mesmo chamado de hiena que ouvi em Angel Island. Se for como da última vez, podemos esperar um monte inteiro de companhia.

Um cara salta para fora das sombras, se contorcendo e gritando, com dois diabinhos em suas costas. Em seu pânico, ele corre para um edifício lotado, trazendo dois diabinhos com ele.

Um disparo soa dentro daquele prédio. Espero que tenham atirado nos diabinhos e não no cara.

Os diabinhos estão atrás de mim, não deles. Eu os trouxe aqui.

Então cabe a mim levá-los para longe.
Sem pensar, saio correndo para a noite.

21

Eu forço minhas pernas tão rápido quanto possível. Gritos quebram o ar, intercalados com longos intervalos de silêncio. Eu imagino que as pessoas estejam prendendo a respiração para que não sejam ouvidas pelos monstros. Minha pele eclode em arrepios de pensar sobre o que poderia estar acontecendo.

O meu plano, se você puder chamá-lo disso, é correr como o inferno para longe da escola e encontrar um carro com as chaves.

Não deve ser difícil em um estacionamento lotado. Obi e seus homens têm trabalhado duro para assegurar que todos os carros estejam com as chaves na ignição e totalmente abastecidos para emergências como esta. Bem, talvez eles não previram uma situação como esta, mas perto o suficiente.

Uma vez em um carro, tenho a intenção de tocar a buzina como ninguém e dirigir tanto quanto puder. Esperemos que os diabinhos me sigam.

Eu não tenho ideia do que fazer se não o fizerem. Ou se for pega no caminho para o carro. Ou como escapar quando eles estiveram pulando a minha volta. Mas isso é demais para pensar com todo esse pânico.

E o que dizer de Paige e mamãe e Raffe?

Eu balancei minha cabeça. Foco.

Um homem começa a gritar a minha esquerda.

Se eu continuar correndo, o homem provavelmente irá morrer. Se eu parar para ajudar, vou perder a chance de atrair os diabinhos e afastá-los dos outros. Não há boas opções sobrando no Mundo de Depois.

Hesito, mas continuo correndo para o estacionamento. O cinto de Pooky Bear bate na minha perna, como se exigisse ser parte da ação. Mas tenho que

pegar um carro o mais rápido possível e começar a trazer os diabinhos para o meu caminho.

Eu abro a porta do carro mais próximo. Não consigo evitar olhar para trás.

Há sombras voando atrás de mim, se aproximando a cada batimento cardíaco. Atrás deles, pessoas estão correndo em todas as direções, perto do edifício.

Pulo no carro e fecho a porta, esperando que tenha uma chave. Diabinhos batem a minha porta e no para-brisa.

Agradeço tudo de bom no mundo pela paranoia de Obi de deixar tudo preparado. As chaves estão lá.

O pequeno Hyundai vermelho liga imediatamente. O motor ruge para a vida.

Eu saio fora da minha vaga de estacionamento, derrubando as criaturas do meu carro. Mais sobem, tentando me parar.

Eu buzino.

Os diabinhos que não tinham me notado antes de começarem a perseguir pessoas olham para o meu lado. Estou tentada a atropelar e esmagar o rosto de um morcego assustador sob os pneus.

Mas o meu trabalho é afastá-los, não perder tempo brincando com eles. Eu abro as janelas e grito: — Ei, vocês! Hora do jantar! Eu estou aqui, seus ratos desprezíveis! Venham me pegar!

A Hyundai está tremendo pelos diabinhos que estão em cima. Eu estou a ponto de gritar - ou pelo menos fazer anéis de fumaça até que todos os diabinhos me sigam e deixem as outras pessoas sozinhas - quando sinto um golpe. O carro cai em um dos lados. Então eu vejo a borracha moída de um pneu jogada sobre o capô.

Esse foi o pneu da frente.

Eu permaneço em silêncio fitando o pneu rasgado em frangalhos e oscilando num impasse no estacionamento.

Há tantos diabinhos agrupados no capô do carro que não consigo mais ver o pneu.

Eu acaricio os pelos do meu ursinho de pelúcia. É tudo que posso pensar em fazer.

Pooky Bear não pode ajudar dentro do carro. Sem espaço para cortar e fatiar. Isso significa que tenho que sair do carro se quiser uma chance de sair desta.

Sento-me no carro.

Eu me pergunto quanto tempo uma pessoa pode ficar em um veículo.

Mas então, é claro, os diabinhos começam a bater no para-brisa.

Seus rostos de morcegos e dentes pontudos raspam contra as janelas. Quanto um para-brisa pode resistir?

Se eles fecharem o caminho, estarei dentro de um carro fechado e não poderei usar minha espada, nem conseguirei correr. Se eu abrir a porta, eles estarão em mim antes que possa colocar meus pés no chão.

Um dos diabinhos salta no capô, empurrando os outros de lado. É um dos mais robusto que me seguiram do Abismo.

Ele está segurando uma pedra.

A pedra bate acima de sua cabeça feia e quebra o para-brisa. O vidro racha em um milhão de linhas. Eu respiro fundo quando a pedra sobe novamente. Coloco minha mão na maçaneta da porta e me preparo para correr de qualquer jeito e sair daqui.

Quando uma pedra cai sobre o para-brisa de trás, eu abro minha porta tão forte quanto posso.

Todos os diabinhos estavam atentos à pedra, e eu os pego de surpresa. Eu consigo acertar várias criaturas pelo caminho. Isso me dá um pouco de espaço para correr.

Assim que coloco o pé no asfalto, garras me seguram. Todo dentes e saliva, que é o lado dos diabinhos que eu já vi em meus sonhos apavorantes. Eles variam dos de Raffe. Com ele são as vítimas. No meu caso, são os assassinos.

Os dentes de um diabinho raspam minha bochecha. Um aperta o meu braço, outro agarra meu peito. Eu me escuto gritando.

Agarro o queixo de um, empurrando a cabeça e a boca tanto quanto posso. Para uma coisa tão magra, é extremamente forte. Eu me afasto o máximo possível, enquanto tento quebrar seu pescoço para trás.

Sua cabeça está se movendo freneticamente para frente e para trás, rangendo. Ele se aproxima do meu rosto, tão perto que posso cheirar seu hálito de putrefação e peixe.

Ele me corta com suas garras, nem mesmo tentando salvar seu próprio pescoço. Tem que ser louco. Eu não estou perto de vencer esta batalha.

Minhas costas estão viradas para o carro. Com o canto do olho, eu posso ver dois outros além da porta tentando chegar até mim. Eu freneticamente olho para um, depois para o outro. Desarmada, não posso usar a minha espada e estou presa na maçaneta da porta do carro.

O melhor que posso esperar é que as pessoas tenham alguns minutos para fugir, enquanto os diabinhos estão ocupados me rasgando. É uma celebração da Penryn.

De repente, todo mundo para.

Seus rostos batem-se no ar, suas narinas farejam como loucas. Um balança a cabeça como um cão se agitando ao sair da água.

Quando estavam prestes a alcançar o meu pescoço com suas garras, eles me soltam. A escalada sobre o portão não poderia ser rápida o suficiente. Em torno de mim, eu tenho a sensação de terror. Todos eles fogem.

Leva-me um segundo para perceber que estou livre e ainda viva.

Nos faróis, um par de pernas caminham em direção ao bando de diabinhos que estão correndo do carro. O feixe de luz sobe dos pés da pessoa movendo-se até eu perceber que ela está se arrastando.

É a minha mãe.

Os diabinhos correm. Para longe da escola, longe das pessoas e, especialmente, longe da minha mãe.

— Que diabos? — Fico olhando, estupefata.

Então finalmente reconheço o cheiro. Fede aqui. O para-brisa está pontilhado com os ovos podres da mamãe. Gosma amarela e preta escorre pelo para-brisa como uma queda de pássaros gigantes.

O cheiro.

Eles são afastados pelo cheiro. Eles estão fugindo com o mesmo terror que os diabinhos fugiram do demônio no Abismo quando ele assobiou para eles. O cheiro lembra seus patrões maus? Será que eles assumem que um Lorde Demônio está com raiva quando eles sentem o cheiro de ovos podres?

Olho para minha mãe enquanto ela anda em minha direção com ovos em cada mão.

Ela pode ser louca, mas ela tem visto e experimentado coisas. Coisas que outras pessoas não entendem.

Até que o momento me atinge, os diabinhos escaparam.

— Você está bem? — Ela pergunta.

Eu concordo. — Como você fez isso?

— Eles têm um fedor terrível, certo? — Minha mãe franziu o nariz para mim.

Eu olhei, sem palavras, antes de deixar escapar uma risada fraca.

22

Entro no bosque com minha mãe. Outra mulher nos segue alguns passos atrás.

Viro-me para ela e digo: — Olá.

Ela inclina a cabeça ligeiramente. Ela parece ter a mesma idade que a minha mãe e veste um casaco de tamanho médio com um capuz que cobre a cabeça. Sob o casaco, um vestido cai até os tornozelos e até seus chinelos. Há algo familiar sobre seu vestido, mas os pensamentos em minha mente são direcionados a coisas maiores.

— Ela está comigo — diz minha mãe. Eu não tenho certeza do que fazer com ela. Minha mãe geralmente não tem amigos, mas é um mundo totalmente novo, e talvez eu não conheça muito minha mãe como eu pensava.

O bosque é tranquilo, exceto pela trituração dos nossos pés e o som de alguém correndo em direção a nós. Eu olho para trás e vejo Raffe se aproximando rapidamente a pé. Ele está quase invisível com seu casaco escuro e capa. Ele deve ter vindo correndo quando me ouviu gritar durante o ataque dos diabinhos.

Tanto a minha mãe quanto sua amiga, congelam quando o veem, mas eu aceno para mostrar que ele está comigo. Eles continuam indo em direção ao bosque enquanto eu paro e espero Raffe.

Minha mãe olha para trás para manter um olho em nós e sequer tenta ser educada sobre isso. Ela é totalmente vigilante, examinando as sombras. Bom para ela.

— Você está bem? — Sua voz é suave, quase apologética. Eu me pergunto se ele achava que seria melhor para mim se os diabinhos não o vissem lutando por mim. Haviam muitos para que ele pudesse matar todos, então muitos teriam escapado mesmo. Ou talvez ele não podia se dar ao luxo de deixar Obi e os outros vê-lo lutando com força total.

— Sim, estou bem. Aqueles valentões feios estavam com mais medo da minha mãe do que qualquer anjo guerreiro, de qualquer forma. Ela é muito mais assustadora.

Ele balança a cabeça, parecendo preocupado e incomodado.

— O que Obi te mostrou? — Ele me deu um tour pelo acampamento.

— Ele mostrou os suprimentos?

— Ele mostrou o estoque de armas. O plano de evacuação. O sistema de vigilância.

Eu quase tropeço em um ramo. — Por que ele faria isso? — A pergunta surge com mais força do que eu queria. Sinos de alarme estão pipocando na minha cabeça. — Ele era o Sr. Paranoia da última vez que o vi.

— Ele quer me recrutar me impressionando. Ele está mais desesperado por lutadores nesse momento. Percebeu que eu tenho experiência militar.

— Então você vai se unir a Resistência?

— Não é provável. Eu vi as mesas de dissecação deles.

— Mesas de dissecação?

— Onde eles dissecam tudo o que não é estritamente humano. Eles têm uma excelente mesa reservada no caso de pegarem um anjo.

— Oh. — Quero lembrar que estamos em guerra com um inimigo que não entendemos. Mas é inútil discutir. Eu nunca vou ficar bem com os experimentos de Uriel sobre os seres humanos, independentemente de que razões ele acha que tem, então por que Raffe entenderia qualquer motivo que tem a ver com cortar sua raça?

— Eles também estão trabalhando em uma praga de anjo que eles esperam que acabe com toda a minha espécie.

— Sério?

— Eles invadiram o laboratório na Ilha Anjo quando resgataram o seu povo e roubaram algo. Aparentemente, Laylah está trabalhando em uma peste humana e gerando várias estirpes para otimizar o dano. Há uma que eles esperam que funcione contra anjos.

— Quão perto eles estão de criar esta praga angelical?

— Não muito. Caso contrário, eu teria que matá-los.

Nós caminhamos em silêncio, o conceito de matar ou ser morto pesado entre nós.

Estou aliviada quando chegamos em Paige, apenas pela interrupção do silêncio.

Minha irmã está sentada ao lado de seus gafanhotos. Minha mãe e sua amiga estão paradas a uma distância respeitosa, olhando para os animais. Paige se levanta, fazendo os gafanhotos voarem para os galhos acima, e corre para a mãe. Paige é o bebê da família, e ela tem uma relação diferente de mim com a nossa mãe. Mamãe acaricia seu cabelo enquanto Paige se aconchega em seu abraço.

— Como foi com Doc? — Sussurra Raffe.

Eu respiro fundo e dou a má notícia sobre o braço quebrado de Doc. Ele não diz nada, mas sei que a notícia lhe bate duro. Suas asas amputadas estão murchando a cada segundo que não estão com ele, e tenho certeza que elas não vão durar tanto tempo como fizeram da última vez. E agora, o único médico que pode anexá-las não vai estar de volta em ação por seis semanas.

E até lá minha irmã pode morrer de fome...

Eu me sinto esgotada. Deve haver outra resposta, mas estou muito cansada emocionalmente para pensar. Só quero rastejar para dentro do cofre na minha cabeça e fechar a porta para o mundo.

Eu me inclino para Raffe e sinto seus músculos contra o meu braço. Eu fecho meus olhos e relaxo com ele. Ele é tão sólido. Não tenho certeza se estou lhe dando o conforto ou o contrário.

Quando abro meus olhos, a amiga da minha mãe está nos observando. Eu rapidamente me afasto de Raffe e me ergo. É uma coisa estranha para ela fazer, nos observar, em vez de os gafanhotos ou a menina cortada.

— Alguém está procurando por você — diz ela.

Ah, claro.

— Sim, eu ouvi. — Os anjos, os diabinhos, quem não quer um pedaço de mim agora?

Ela balança a cabeça em direção a Raffe. — Eu quis dizer ele.

Será que há uma recompensa por ele também? Ele tinha uma máscara vermelha no rosto quando estávamos lutando contra os anjos, então eles devem ter pensado que ele era apenas um demônio, certo?

— Tenho uma mensagem para você — diz a mulher para Raffe. — A mensagem é, liberdade e gratidão. Confie, meu irmão.

Raffe gasta um par de segundos absorvendo. — Onde ele está? — Ele pergunta.

— Esperando por você na igreja com vitrais.

— Ele está lá agora?

— Sim.

Ele se vira para mim. — Você sabe onde é?

— Mais ou menos — eu digo, tendo uma vaga lembrança de um par de igrejas diferentes, em Palo Alto. — O que está acontecendo?

Ele não diz nada.

Eu me pergunto se os gêmeos entenderam direito. Talvez os anjos estejam procurando Raffe e não eu.

— Você precisa de algo mais de mim? — A mulher pergunta. Ela está me assustando um pouco com sua voz calma e pacífica.

— Não, obrigado. — Os pensamentos de Raffe estão longe.

A mulher tira seu capuz. Sua cabeça está raspada, parecendo particularmente pálida. Ela tira o casaco, deixando-o cair no chão. Um pano está enrolado em seu corpo, amarrado em um ombro. Seus olhos escuros parecem

enorme em sua cabeça calva, e eles olham para mim com paz e serenidade. Suas mãos estão juntas com os dedos fazendo bloqueio na frente dela. A única coisa que estraga seu visual é o par de tênis brancos que ela usa debaixo de seu pano.

Ela nos dá uma pequena reverência antes de virar em direção a minha irmã. Ela não diz qualquer uma das declarações de recrutamento que eu esperaria de alguém tão obviamente parte de um culto apocalíptico. Ela só se move em direção a minha irmã silenciosamente, em seguida, para na frente dela.

Minha mãe se curva para a senhora. — Obrigado por seu sacrifício. Obrigado por ter se voluntariado.

— Voluntariado para quê? — Eu pergunto, me sentindo desconfortável.

— Não se preocupe com isso, Penryn. — Minha mãe diz. — Vou cuidar disso.

— Cuidar de que? — Eu não estou acostumada a ver minha mãe lidando com pessoas, e certamente não estou acostumada a vê-la interagir do jeito como ela é com esta mulher. — Cuidar de que, mãe?

Minha mãe se vira para mim, exasperada, como se eu estivesse envergonhando-a. — Explico quando você for mais velha. — Eu estou sob as árvores e pisco várias vezes para ela. É tudo que posso pensar em fazer. — Quando eu for mais velha? Sério?

— Isso não é para você. Conheço você, Penryn. Você não quer ver isso. — Ela me afasta com um aceno.

Eu dou alguns passos para trás e me junto a Raffe para assistir das sombras. Minha mãe gesticula para que nos afastemos ainda mais, e nos viramos para ir embora. Eu escorrego atrás de uma árvore para assistir quando minha mãe para de olhar para nós.

Raffe está ao meu lado, mas não se preocupa em se esconder.

A mulher curva a cabeça e se ajoelha humildemente na frente de Paige. Uma parte de mim quer sair, não quer saber o que está prestes a acontecer. Mas outra parte de mim quer me intrometer entre eles e impedir tudo.

Algo está acontecendo com a aprovação da minha mãe que

definitivamente precisa de supervisão. Eles estão tentando recrutar Paige para um culto? Não sinto nenhuma culpa em espionar no momento. Normalmente sou totalmente a favor de privacidade, mas preciso ter certeza de que não há nada... bem, louco acontecendo.

— Estou aqui para servi-lo, Grandiosa — diz a mulher.

— Está tudo bem — diz a mãe de Paige. — Ela ofereceu. Nós temos uma linha inteira de membros da seita que se voluntariaram. Eles sabem o quão importante você é. Eles estão dispostos a fazer sacrifícios. — Eu não gosto da palavra *sacrifícios*. Corro até eles.

Paige senta-se em uma árvore caída, olhando para a mulher agora ajoelhada em frente a ela. A mulher afrouxa seu lençol e inclina a cabeça para o lado para expor seu pescoço vulnerável.

Eu congelo, absorvendo a cena. — O que você está fazendo?

— Penryn, fique fora dessa — diz a mãe. — Este é um assunto privado.

— Você está oferecendo-a como carne?

— Não é como da outra vez — diz a mãe. — Ela ofereceu. É uma honra para ela.

O membro da seita me olha sem jeito com a cabeça ainda inclinada para o lado. — É verdade. Eu fui escolhida. Estou honrada em nutrir a Grandiosa, que ressurgiu dos mortos e vai nos levar ao céu.

— Quem mais quer ir para o céu? Não há nada além de anjos lá. — Eu olho para ela para ver se ela está brincando. — Você realmente se ofereceu para ser comida vivo?

— Meu espírito será renovado enquanto a minha carne nutre a Grandiosa.

— Você está brincando comigo? — Eu olho para trás e para frente entre minha mãe, que está concordando, e a mulher, que deve estar drogada ou algo assim. — O que faz você pensar que ela é, a Grandiosa afinal? Na última vez que estivemos aqui, este acampamento tentou amarrá-la e esquarteja-la.

— O médico de Alcatraz disse a Obadiah e ao conselho que ela é a

Grandiosa, a escolhida, que será nossa salvadora. O resto do acampamento não acredita, mas nós da Nova Aurora sabemos que ela deve ser a Grandiosa, destinada a nos salvar dessa tragédia.

— Ela é só uma menina. — Eu quero dizer a palavra *normal*, mas não posso.

— Por favor, pare com isto — diz a mulher, os olhos suplicantes. — Por favor, não interfira. Se você me rejeitar, alguém vai ter o privilégio, e eu serei desonrada. — Seus olhos se enchem de lágrimas, na verdade. — Por favor, permita que a minha vida signifique algo neste mundo. Esta é a maior contribuição e a maior honra que eu poderia ter.

Eu fico lá com a boca aberta, tentando pensar em algo para dizer.

Minha irmã bebê, no entanto, não tem nenhum problema em recusá-la. Ela balança a cabeça timidamente e cruza as pernas, sentando-se em sua pose de monge. Sempre a chamamos de nosso pequeno Buda desde que ela decidiu ser vegetariana quando tinha apenas três anos.

Lágrimas escorrem pelo rosto da mulher. — Compreendo. Você tem planos diferentes para mim. — Ela olha como se tivesse realmente sido rejeitada. Ela se levanta lentamente e amarra o lençol firmemente de volta no lugar, me encarando.

A mulher se curva e começa a andar para trás para ir embora, recusando-se a virar as costas para Paige. Minha mãe suspira ao meu lado, exasperada. — Isso não muda nada, sabe — ela diz para mim. — Terei que voltar e encontrar o próximo da fila.

— Mãe, não.

— Eles querem fazer isso. É uma honra para eles. Além disso — ela se vira para seguir a mulher — eles vêm com o próprio lençol para facilitar a limpeza.

23

— Você sabe onde fica essa igreja com vitral? — pergunta Raffe.

— O quê? — Eu ainda estou pensando sobre o culto e a crença de Messias girando em torno de Paige.

— A igreja? — Raffe parece querer acenar a mão na frente dos meus olhos. — Com um tipo de vidro manchado?

— Há um par de igrejas no centro. Nós podemos apenas andar por lá. Isso é sobre o quê?

— Alguém aparentemente está tentando se encontrar comigo.

— Sim, eu entendi isso. Quem e por quê?

— Eu gostaria de descobrir. — Eu posso dizer pela expressão fechada de Raffe e o tom de sua voz que ele provavelmente já tem um bom palpite.

— Trata-se de um anjo que sabe onde fica o acampamento da resistência?

— Provavelmente não. Alguém que possa passar a palavra através de seres humanos, mas não é provável que saiba sobre o acampamento. Ele provavelmente foi enviado para a igreja por alguém como ela. — Ele acena com a cabeça na direção de onde a mulher do culto seguiu.

É melhor que eu leve Raffe a essa pessoa misteriosa do que correr o risco de que encontrem o acampamento ao procurar por Raffe.

Eu olho para Paige, que está cantando a música de desculpas da mamãe a seus gafanhotos empoleirados nos ramos acima dela. Eu ando até ela. — Se eu sair por um tempo, você vai ficar bem sozinha?

Ela balança a cabeça. Minha mãe caminha das sombras de volta para nós. Eu não estou totalmente certa se Paige está melhor com ela, mas já que mamãe está voltando sozinha, provavelmente temos um tempo até suas próximas confusões.

Volto para Raffe. — Sou toda sua. Vamos encontrar aquela igreja.

Eu não sou tão familiarizada com o centro de Palo Alto como em Mountain View, por isso leva mais tempo do que esperava para encontrar as igrejas. A primeira delas tem apenas uma pequena faixa de vidro manchado, e eu suponho que não seja isso que eles querem. Quando alguém diz — a igreja com vitrais — deve significar um monte de vitrais.

O centro de Palo Alto costumava ser o local para estar. Ele era conhecido por seus restaurantes com lista de espera. Meu pai adorava vir aqui.

— Quem está procurando você? — Eu pergunto.

— Não tenho certeza.

— Mas você tem palpites.

— Talvez.

Nós caminhamos por uma rua ladeada de casas artesanais. O bairro suburbano bonito parece ter sobrevivido em sua maioria, exceto por algumas quadras onde as casas foram destruídas aleatoriamente.

— Então, é um segredo militar? Por que você não está compartilhando seus palpites?

Nós viramos uma esquina, e há uma igreja com vitrais.

— Raphael — diz uma voz masculina de cima.

Uma forma fantasmagórica flutua para baixo em direção a nós a partir do telhado da igreja. Um anjo com asas dolorosamente brancas desce em nossa frente.

É Josiah, o albino. Sua pele é tão estranhamente branca quanto eu me lembro, e seus olhos são assustadoramente vermelho sangue, mesmo neste brilho de luar. Ele se parece com o mal puro. Bastardo traidor.

Meus lábios contraem em um rosnado, e retiro meu urso de pelúcia,

segurando a alça da minha espada.

Raffe segura minha mão.

— Fico feliz em ver que você está bem, Arcanjo — diz Josiah. — Foi uma cena e tanto, a noite passada.

Raffe arqueia a sobrancelha arrogantemente.

— Sei o que você está pensando — diz Josiah.

— Mas não é verdade. Olha, me dê dois minutos para explicar. — É incrível como um cara que traiu Raffe tão descaradamente pode soar tão sincero e amigável.

Raffe está examinando a área. Vê-lo fazer isso me lembra que isso poderia ser uma armadilha e que eu não deveria me distrair com a minha raiva em relação a esta escoria. Eu olho em volta e não vejo nada além de sombras tranquilas, e o que já foi um bairro bonito.

— Estou ouvindo — diz Raffe. — Fale rápido.

— Falei com Laylah e ela concordou em devolver suas asas — diz Josiah. — A sério dessa vez. Ela jurou.

— Por que eu deveria acreditar nela?

— Ou em você — eu digo. Foram Josiah e Laylah que enganaram Raffe a colocar as asas de demónio em primeiro lugar. Não há razão para acreditar que eles vão fazer qualquer coisa, além de enganá-lo novamente.

Josiah vira seus olhos sangrentos para mim. — Uriel culpa Laylah pelos gafanhotos que nos atacaram na noite passada. Ele diz que ninguém além do médico que as criou poderia ter esse tipo de controle sobre eles. Ele a trancou em seu laboratório. Ele a teria matado, só que ela está no meio da criação de pragas para ele.

— Pragas? — pergunto. — Por que todo mundo está tentando fazer pragas?

— O que é um apocalipse sem peste? — pergunta Josiah.

— Ótimo — eu digo. — Então nós devemos confiar em uma mentirosa que está cozinhando pragas apocalípticas? E por que nos importaríamos com o

que acontece com Laylah? Ela merece por ter transplantado asas de demônio em Raffe e por brincar de Dr. Frankenstein com seres humanos. Nós não somos apenas biomassa para ser moldados por ela como bonecos para brincar.

Josiah olha para mim, então de volta para Raffe. — Ela precisa estar aqui?

— Aparentemente sim — diz Raffe. — Acontece que ela é a única em quem eu posso confiar.

Eu me ergo um pouco para ficar mais alta quando ele diz isso.

— Laylah não sabia. — Josiah troca de lugar para tornar claro que ele está falando com Raffe. — Eu avisei a ela para não se envolver, mas você sabe como ela é ambiciosa. Olha, você pode confiar nela neste momento porque é a única esperança dela de sair dessa bagunça. Uriel vai matá-la quando ele tiver tudo que precisa.

— Matá-la? Você quer dizer arrumar para que ela caia?

— Não, quero dizer matá-la. Ele estava furioso com ela, não acreditou em nenhuma palavra do que ela disse quando falou que não tinha nada a ver com os gafanhotos se voltarem contra nós. Ele ficou furioso e disse a ela que matou o Mensageiro e podia matá-la também. O Mensageiro, Raffe. Uriel o matou.

Uma Imagem do homem alado que se chamava Arcanjo Gabriel, o Mensageiro de Deus sendo abatido sobre os escombros de Jerusalém passa através minha mente. Eles passaram por dias na TV.

Josiah balança a cabeça como se ainda estivesse tendo dificuldade em acreditar. — Uriel disse que Gabriel tinha enlouquecido, que ele não falava realmente com Deus há éons, que ele inventou todas as regras que Deus supostamente o ordenou a fazer. Ele disse que não havia nenhuma razão para que Uriel não pudesse ser o Mensageiro, como Gabriel. Então Uriel o matou. Matou. Ele admitiu.

Eles olham um para o outro, Raffe parecendo tão chocado quanto Josiah.

— Então, qual o problema? — pergunto. — Nossos reis costumavam

assassinar outros o tempo todo.

— Nós não matamos nossa própria raça — diz Josiah. — Na última vez que isso aconteceu, Lúcifer e seus exércitos caíram. — Ele inclina a cabeça para mim como se não tivesse certeza de que eu entendi. — Foi meio que um evento grande.

— Sim, já ouvi falar dele — eu digo.

Raffe solta um suspiro de frustração. — Eu não posso fazer nada sobre isso do lado de fora.

— Eu sei — diz Josiah. — É por isso que você tem que deixar Laylah corrigir suas asas. Alguém que não seja Uriel tem que ganhar a eleição. Nós já fomos procurar por Michael, mas é improvável que o encontremos a tempo.

— Por que Laylah acha que vão votar em mim em vez de Uriel?

— Você ainda tem seguidores leais. Há boatos de que você está de volta, e eu tenho cuidado para que todos sejam a seu favor. Você tem chance.

— Não é de admirar que Michael tenha ficado longe. Conhecendo-o, tornar-se o Mensageiro é a última coisa que ele quer. Ele não pode comandar exércitos se estiver alisando penas e enterrado em burocracia em casa.

— Você é o único que pode desafiar o arcanjo Uriel agora. Mesmo que Michael ganhe estando ausente, um arcanjo precisaria substituí-lo até que ele volte. Se você puder fazer isso, então Laylah pode dar suporte. Ela agora tem todos os motivos para querer que você tenha suas asas de volta.

— Raffe, você não pode confiar nele. Não depois do que ele fez.

— Eu sei que isso parece ruim — diz Josiah — mas eu não fiz o juramento? Uma vida por uma vida. Você me deu liberdade da escravidão eterna e me deu a chance de ganhar uma vida que valha a pena. E eu me comprometi a você.

Eu empurro meu rosto na direção dele. — Você não parecia tão feliz em vê-lo lá em San Francisco.

— Eu pensei que ele estava morto. Eu pensei que estava livre do meu juramento, livre para fazer o meu próprio caminho. Mas eu nunca trairia

Raphael. Por que você acha que ele veio a mim? Eu sou o único garantido a ser fiel. O único sem clã, linhagem ou honra para proteger quem substitua minha fidelidade a ele. Você compreende?

Ele olha para Raffe. — Eu não sabia o que eles iriam fazer com você. Eu pensei que eles apenar iriam recolocar suas asas. Laylah tinha toda a intenção de seguir adiante, mas Uriel descobriu que você estava lá e ela perdeu a coragem. Mas agora, ela simplesmente não tem escolha. Ela não tem ninguém com quem se aliar além de você. E ela é a única que pode costurar suas asas novamente.

Essa última parte atinge o alvo. Com o braço de Doc quebrado, quem mais pode fazer a operação?

— Você está correndo contra o tempo, Arcanjo — diz ele. — A eleição está prestes a acontecer. E se você não puder parar Uriel, teremos um assassino perturbado como nosso Mensageiro. Sua palavra será lei, e todos que se opuseram cairão. Este poderia ser o início de uma guerra civil. Nós poderíamos acabar com um extermínio não só dos seres humanos, mas todos os anjos que se opõem a ele.

Eu posso sentir a tensão que irradia de Raffe. Como ele pode dizer não? Esta é a sua chance de ter suas asas e de consertar as coisas. Ele pode ter tudo o que quer. Ele pode até tornar-se o Mensageiro e salvar todos dessa bagunça apocalíptica.

E então ele iria para casa, para nunca mais voltar na minha vida.

24

— Aonde você iria me operar? — pergunta Raffe.

— No Aerie — diz Josiah. — Laylah está sob guarda. Ela não pode sair. Mas eu poderia esgueirar você lá.

— Vá. Vou te seguir com as asas em um minuto — diz ele, tirando a mochila que está com suas asas enroladas no cobertor.

— Eu deveria ir com você — eu digo.

— Você não pode. — Ele tira o casaco e desliza as alças da mochila em seus braços ao contrário, para que o pacote fique contra o seu peito. Ele demora com a alça da cintura, garantindo que ela esteja no lugar. Vestir uma mochila dessa forma pode não parecer muito em outra pessoa, mas nele se parece com alguma engrenagem militar amarrada ao seu peito largo.

— Você precisa de alguém para vigiar.

Ele arqueia as costas e abre suas asas da maneira como eu esticaria as pernas depois de estar muito tempo sentada.

— Josiah terá que servir. É muito perigoso para você. Além disso, você precisa cuidar de sua família.

Um pensamento me ocorre. — Talvez Laylah possa ajudar Paige também? — Eu odeio até mesmo dizer isso, mas com Doc com o braço quebrado, a quem mais podemos recorrer?

— Se as coisas funcionarem para mim, eu vou ver se consigo fazê-la ajudar sua irmã.

— Paige não tem mais tempo do que você.

— Vai ser mais seguro para ela, se soubermos que podemos confiar em Laylah primeiro.

Ele está certo, mas minha mente continua girando. Eu concordo. — E sobre a sua espada?

— Eu não posso voar com ela se ela não me aceita. E isso não vai acontecer até eu conseguir minhas asas de novo. Você cuida dela até que eu volte?

Eu aceno, calor inundando meu peito. — Então você vai voltar?

Ele olha para mim com preocupação em seus olhos.

Sei que nós já nos separamos antes, mas desta vez parece permanente. Ele está prestes a entrar de novo no mundo dos anjos. E quando chegar, vai esquecer tudo sobre a Filha do Homem com quem esteve por alguns dias. Ele deixou claro que não pode ficar comigo.

— Isso é um adeus? — pergunto.

Ele balança a cabeça.

Nós olhamos um nos olhos do outro. Como de costume, eu não tenho nenhuma ideia do que ele está pensando. Eu poderia fazer suposições, mas seriam fantasiosas.

Ele se inclina para baixo, e os seus lábios pairam a milímetros dos meus. Eu fecho meus olhos, sentindo o formigamento de antecipação.

Em seguida, ele pressiona seus lábios nos meus. Seu calor se espalha para fora de meus lábios para baixo, no meu peito e estômago. O tempo para, e eu esqueço todo o resto - o apocalipse, meus inimigos, observadores, monstros na noite.

Tudo o que eu sinto é o beijo.

Tudo o que sou é a garota de Raffe.

Então ele se afasta.

Ele pressiona a testa contra a minha, e posso sentir a picada de lágrimas atrás de meus cílios.

— Você vai conseguir suas asas de volta. — Eu engulo e falo rápido

antes que minha voz vacile. — Você vai se tornar o Mensageiro, e eles te seguirão como líder. Então você vai levá-los para casa dos anjos, longe daqui. Prometa-me que você se tornará o Mensageiro, que os levará para longe, longe de todos nós.

— Não há muita chance de que eu me torne o Mensageiro, mas sim, farei o que puder para levá-los embora.

E ele vai ser o primeiro a ir.

Eu engulo em seco.

Ficamos ali por alguns momentos, nossa respiração se misturando.

O vento sopra, e parece que somos os únicos seres vivos no mundo.

Em seguida, ele se endireita, inclinando-se para longe de mim. — Não é sobre o que eu quero ou preciso. Meu povo, a base inteira de minha sociedade está prestes a desabar. Eu não posso deixar isso acontecer.

— Eu não pedi isso a você. — Eu lentamente envolvo meus braços em volta do meu peito. — Você é a melhor esperança para o meu povo também, sabe. Se você tomar o controle e levá-los de volta para onde vieram, o meu mundo será salvo também. — *Mas você não vai ficar comigo.*

Ele balança a cabeça tristemente para mim. — Estas são as regras com as quais vivemos. Somos soldados, Penryn. Guerreiros lendários dispostos a fazer sacrifícios lendários. Nós não pedimos. Nós não escolhemos. — Ele diz isso como um lema, uma promessa que ele já disse um milhão de vezes.

Ele lentamente me deixa ir, firmemente me deixando de lado.

Ele roça meu cabelo para fora do meu rosto, e acaricia meu rosto. Ele olha para cada parte do meu rosto como se para memorizá-lo. Forma-se um meio sorriso em seus lábios.

Em seguida, ele deixa cair sua mão, se vira, e pula no ar.

Eu coloco minha mão sobre a boca para não o chamar de volta.

O vento de outubro puxa meu cabelo. Folhas secas flutuam, perdidas e abandonadas.

25

Eu deveria ir. Virar e deixar este lugar. Mas meus pés parecem enraizados na calçada. Eu fico lá, preocupada. Preocupada que seja uma armadilha, preocupada que eu não volte a vê-lo novamente, preocupada que ele está mais uma vez nas mãos de seus inimigos.

Estou tão perdida em todas as coisas que poderiam acontecer que não ouvi os passos atrás de mim até que eles estavam perto demais para eu correr.

Pessoas saíram de trás dos edifícios. Um, cinco, vinte. Eles estão todos vestidos em folhas, e suas cabeças estão raspadas.

— Você os perdeu — eu digo. — Eles não eram muito para olhar de qualquer maneira.

Eles caminham em direção a mim de todos os lados.

— Nós não estamos aqui por eles — diz um deles. O topo da cabeça é mais bronzeada do que os outros, como se ele tivesse raspado a dele já há algum tempo. — Os mestres gostam de fazer o negócio deles em particular. Nós entendemos isso.

— Os mestres?

O grupo continua me cercando, e começo a me sentir encurralada. Mas estes são membros da seita, não de gangues. Eles não têm exatamente uma reputação de atacar pessoas. Ainda assim, coloco minha mão no meu ursinho pendurado no meu quadril.

— Não, nós não estamos aqui por eles — Eu ouço dizer uma voz de mulher. — Ninguém tem uma recompensa por seu amigo anjo. — Então eu a vejo a mulher que se ofereceu para Paige.

— Acho que eu deveria tê-la deixado comer você.

A mulher olha para mim como se eu a tivesse humilhado ao salvar sua vida. Eu tiro o urso e envolvo minha mão em volta do punho da espada. Está fria e dura e pronta para batalha. Mas estou hesitante em utilizá-la neles. Todos nós temos mais do que bastante inimigos tentando nos matar sem ir atrás um do outro.

Eu me afasto do Cabeça Raspada. O círculo aperta. — Você realmente vai prejudicar a irmã da Grandiosa? — Felizmente, eles acreditam em sua própria história.

— Não, não queremos causar nenhum dano — diz Cabeça Raspada. Ele me alcança.

Eu passo longe e puxo minha espada.

Uma mão segurando um pano úmido me atinge por trás e aperta sobre minha boca e nariz. O pano cheira a algo terrível que dispara em linha reta em minha cabeça e faz o mundo distorcer.

Eu tento lutar.

Eu sabia que era uma armadilha. Eu só não tinha percebido que a armadilha era para mim.

Meus pensamentos se transformam em uma bagunça confusa.

O aroma acentuado de produtos químicos, a queima dos gases que descem pela minha garganta – estas são as últimas coisas que me lembro antes do mundo desvanecer em escuridão.

26

Eu acordei piscando com a luz do sol, na parte de trás de um clássico Rolls-Royce. Tudo é suave, brilhante e polido. Uma ótima banda de música toca com gloriosa confiança. O motorista veste um terno preto completo com um chapéu de chofer. Ele me observa pelo espelho retrovisor enquanto me recupero devagar.

Minha cabeça está nebulosa e o meu nariz ainda está cheio de odor químico. O que aconteceu?

Ah sim, o ritual... Eu levanto as minhas mãos e toco minha cabeça para ter certeza de que ainda está ali. Nunca se sabe.

Meu cabelo continua em mim, mas a minha espada não. Apenas o meu urso de pelúcia vazio está na alça do meu ombro. Eu acaricio a pele suave dele, me perguntando o que eles fizeram com a minha espada. É muito valiosa para terem deixado e pesada demais para terem levado tão rápido. Minha única esperança é que eles tenham a erguido em um tronco ou em algum lugar próximo como evidência de que pegaram a garota certa para a recompensa.

Meu carro parecia ser parte de uma caravana de carros clássicos – um a nossa frente e outro atrás.

— Para onde estamos indo? — Minha garganta parecia forrada de areia.

O motorista não responde. O seu silencio me dá arrepios.

— Olá? — Eu pergunto — Você não precisa se preocupar sobre alguém nós escutar. Anjos não gostam da tecnologia do homem. Eles não têm uma escuta aqui ou qualquer coisa assim.

Silêncio.

— Consegue me escutar? Você é surdo? — O motorista não responde.

Talvez os anjos tenham compreendido que não somos perfeitamente formados como eles. Talvez tenham percebido o valor de algumas de nossas falhas e contrataram um motorista surdo, para que ele não possa me escutar o suficiente para ser persuadido.

Inclino-me para frente para tocar seus ombros. Assim que faço, vislumbro o resto da sua face no espelho retrovisor.

A carne vermelha de sua gengiva e bochecha é claramente visível. É como se metade da sua cara tivesse sido descascada para fora dele. Seus dentes permanecem expostos como se ele fosse um esqueleto vivo. Seus olhos me olham fixamente no espelho. Ele assiste a minha reação.

Eu congelo. Quero me afastar, mas ele está me olhando. Seus olhos não são os de um monstro. São olhos de um homem que espera que as pessoas se assustem e se afastem dele.

Mordo meus lábios para não fazer nenhum som. Minhas mãos continuam pairando sob seus ombros. Hesito por duas respirações, em seguida ponho a minha mão gentilmente em seus ombros para tocá-lo.

— Desculpe-me. — Eu digo — Consegue me ouvir? — Eu continuo olhando para ele no espelho, deixando-o saber que vi seu rosto.

Seu ombro parece sólido, da maneira que um ombro deve parecer. Isso é um alivio tanto para mim quanto para ele. Ele provavelmente não é uma das novas criaturas que os anjos criaram, mas um homem comum que eles feriram.

Primeiramente, eu acho que ele vai continuar me ignorando. Mas depois, ele acena levemente.

Hesito, me perguntando se deveria ignorar o elefante no carro ou se deveria perguntar sobre o que aconteceu com seu rosto. Do meu tempo gasto com as amigas da minha irmã, sei que as pessoas com deficiência, por vezes, desejam que os outros simplesmente perguntem e acabem logo com isso, enquanto outras vezes querem que sejam tratadas normalmente e não deixem a deficiência defini-los. Eu escolho continuar sendo direta.

— Aonde vamos?

Ele não diz nada.

— Você pegou a menina errada, sabe. Muitas pessoas possuem armas. Só porque eu tinha uma espada não significa que sou a menina que os anjos estão procurando.

Ele continua dirigindo.

— Okay, eu entendi isso. Mas você realmente acredita que os anjos vão lhe dar passagem segura? Mesmo que eles não te matem hoje, como saberá que não irão matar você na semana que vem? Não é como se todo anjo vá receber uma notificação com a sua foto dizendo que você capturou a menina que eles queriam.

A música continua a preencher o carro e ele continua dirigindo.

— Qual é o seu nome?

Nenhuma resposta.

— Não acha que você possa reduzir um pouco? Talvez muito? Talvez mesmo parar por um pequeno segundo e me deixar sair? Isso é um erro. Eu não pertenço aqui. Pensando sobre isso, nem você.

— Onde eu pertenço então? — sua voz é áspera e cheia de raiva.

É tão difícil entendê-lo. Acho que não é fácil falar quando seus lábios foram rasgados para fora. Leva um minuto para traduzir o que ouvi.

Eu tenho mais experiência do que a maioria em descobrir o que uma pessoa com problema de fala está dizendo. Paige teve um par de amigos com deficiências que os impediam de se comunicar facilmente. Foi a sua paciência com seus amigos e suas traduções que finalmente me permitiram começar a entendê-los. Agora, é a minha segunda natureza.

— Você pertence a nós. — eu digo — A raça humana.

Não é o que Raffe esteve dizendo o tempo todo? Que eu pertenço a raça humana e ele não? Eu empurro esse pensamento para longe.

O motorista espia pelo espelho, surpreso. Ele não esperava que eu o compreendesse. Ele provavelmente só esperava me assustar. Seus olhos

estreitaram como se ele se perguntasse se estou brincando com ele.

— A raça humana não me quer mais. — Ele me olha como se suspeitasse que só tive sorte em entendê-lo da última vez.

Ele, de maneira assustadora, diz as coisas que Raffe não diz sobre si mesmo e a sua própria situação. Será que Raffe pensa em si mesmo como deformado aos olhos dos anjos?

— Você parece humano para mim.

— Então você deve estar cega. — ele diz furiosamente — Todos gritam quando me veem. Se eu for para fora, para onde iria? Quem eu posso chamar de meu? Mesmo a minha mãe correria para longe de mim agora. — Tem um mundo de tristeza atrás de sua voz irritada.

— Não, ela não iria. — a minha não faria isso. — Ademais, se você pensa que é a coisa mais desagradável que eu vi essa semana, cara, você tem muito a aprender sobre o que está acontecendo lá fora.

Ele me deu uma espiada no espelho.

— Desculpa, você não está nem na mesma categoria, francamente. Você terá apenas que se contentar em ser classificado como um humano perfeito como o resto de nós.

— Você viu pessoas mais horrorosas que eu?

— Oh, inferno yeah, vi pessoas que fariam você correr e gritar. E um deles é uma amiga minha. Ela é doce e amável e eu sinto saudades dela. Mas Clara está de volta a sua família, e isso é o melhor que eu posso desejar para ela nos dias de hoje.

— O pessoal dela a aceitou de volta? – Há uma descrença em sua voz, mas esperança em seus olhos.

— Precisou de um pouco de persuasão, mas não muito. Eles a amam e isso vai além do que está no exterior. De qualquer jeito, onde estamos indo?

— Por que eu deveria contar a você? Você está apenas fingindo ser amigável para que eu faça o que você quer. Então você vai fugir para os seus

amigos e contar para eles a aberração que sou. Que na verdade, acreditei que você não foi repelida por mim.

— Recomponha-se. Estamos todos em perigo. Nós todos precisamos trabalhar juntos e ajudar uns aos outros se pudermos. - Isso soa um pouco demais como Obi. Talvez os gêmeos tenham razão e nós temos mesmo algo em comum. — E não pedi nada ainda. Eu apenas pedi informações.

Ele me avalia por meio do espelho. — Nós vamos para o novo ninho em Half Moon Bay.

— E depois?

— E então nós temos que entregar você para os anjos. Os membros da Nova Aurora poderão pegar a recompensa. — supondo que os anjos estejam em um humor generoso. — e eu continuo vivendo.

— Todos à mercê de nossos invasores.

— Você quer saber o que aconteceu com meu rosto?

Eu não quero. Não parece uma história que eu queira ouvir.

— Eles arrancaram fora por diversão. Metade do meu rosto. Esfolado vivo, eu acho. Foi a coisa mais excruciante que pude imaginar. Na realidade, eu não pude sequer imaginar isso antes. Você sabe o que é ter a sua vida mudada assim? Um momento você é normal e no outro, você é um monstro bizarro? Você sabe que eu costumava ser um ator? — Ele bufa — Yeah, eu fiz a minha vida com um sorriso charmoso. Agora, nem lábios tenho para sorrir.

— Eu sinto muito — Eu não posso pensar em alguma mais para dizer — Olha, sei que tem sido difícil.

— Você não tem ideia.

— Você ficaria surpreso. Só porque não tenho problemas no exterior visível para o mundo ver não significa que não tenha uma bagunça por dentro. Pode ser tão difícil para lidar quanto.

— Poupe-me de suas revoltas egoístas de adolescente. O que você está sentindo não é nada comparado com que eu sinto.

— Aff, ok. — eu disse. — Você não está se afundando em egoísmo.

Percebi isso agora.

— Ouça, criança. Eu não falava com ninguém em semanas. Eu pensei que sentia falta, mas agora você me lembrou que na verdade não.

A música encheu o carro com o estilo do antigo mundo antes de ele falar novamente.

— Por que eu deveria ajudar você quando ninguém perdeu tempo para me ajudar?

— Porque você é um ser humano decente.

— Yeah, um que quer viver. Se eu deixar você ir, eles virão para cima de mim para me matar.

— Se você não me deixar ir, não se sentirá mais tão humano. Ser humano não é sobre se encaixar ou parecer como o resto de nós. É sobre quem você é e o que você está disposto a fazer ou não.

— Humanos matam o tempo todo.

— Não os decentes.

— Lá fora, o mundo está abandonado. Eu acho que ninguém quer chegar perto do novo ninho. As notícias sobre a festa apocalíptica devem ter se espalhado.

— Você realmente matou um anjo? — Ele pergunta.

— Yeah — Eu matei dois.

— Você é a única que eu conheci que fez isso. O que acontece se eu deixar você ir?

— Eu retorno para a minha família e tento manter todos nós vivos.

— Todos? Você tentaria manter *todos* nós vivos?

— Eu quis dizer minha família. Isso é difícil o suficiente. Como eu poderia ao menos começar a manter todo mundo vivo?

— Se a única que pode matar anjos não consegue, então quem conseguiria?

É uma boa pergunta, uma que leva um minuto para que eu chegue a uma resposta.

— Obadiah West pode. Ele e seus guerreiros da liberdade. Eu sou apenas uma adolescente.

— A história está cheia de adolescentes que aprenderam a lutar. Joana D’arc, Okita Soji o samurai, Alexandre o Grande. Eles eram todos adolescentes quando começaram a conduzir seus exércitos. Eu acho que estamos de volta a esses tempos de novo, criança.

27

Nós tecemos serenamente através dos carros abandonados na estrada. Ocasionalmente, vejo pessoas correndo para longe quando nos veem. Deve ser uma visão estranha, uma caravana luxuosa cruzando a estrada. Não que ninguém não tenha escolhido um carro caro para experimentar, mas essa fase terminou logo nas primeiras duas semanas. Depois disso, foi tudo sobre se esconder.

Os quilômetros passam e tento descobrir como e quando a minha fuga deve ocorrer. Estamos indo rápido demais para que eu possa pular do carro. No momento em que decido que não poderei fazer isso, nós reduzimos até parar.

Há um bloqueio de carros à frente.

À primeira vista, parece que besouros mutantes se amontoaram e preencheram toda a estrada. Os carros foram astutamente colocados para parecer como se isso fosse uma casualidade, mas a minha intuição fala que provavelmente é tático.

Meu motorista estende o braço para baixo e alcança uma pistola. Eu não tenho a minha espada comigo, então estou por minha conta.

Eu casualmente verifico a porta de trás para ver se é possível fugir, mas antes que eu possa me mover, homens com armas emergem de trás dos carros. Tatuagens caseiras estão rabiscadas em seus pescoços, rostos e mãos. Uma gangue de rua.

Eles vêm até nós com bastões e pés de cabra. Um deles balança um ferro no para-brisa com uma pancada ensurdecedora que me faz pular no meu assento.

O vidro fica branco com milhões de fissuras ao redor da área de impacto, mas deixa o resto intacto.

A janela do passageiro do carro à nossa frente abaixa antes dos homens chegarem lá. O cano preto de uma submetralhadora Uzi aparece para fora dele.

Eu agacho minha cabeça assim que o tiroteio começa. O rat-tat-tat da Uzi é ensurdecedor mesmo com as palmas da mão contra os meus ouvidos.

Quando termina, alguns segundos depois, tudo que eu posso ouvir é o zumbido em meus ouvidos. Um trem poderia rolar no lado de fora de minha janela e eu não saberia.

Eu espreito a minha cabeça para ver o que está acontecendo. Dois membros da seita com a cabeça raspada vestindo lenços – um homem e uma mulher – permanecem atrás do nosso carro segurando uma arma Uzi e examinando a área.

Três homens estão sangrando na estrada. Um caiu espontaneamente em um memorial no meio fio. Esses santuários de rua surgiram todos depois do Grande Ataque. Fotos de entes queridos, flores mortas, pele de animal, notas escritas à mão derramando palavras de amor e perda.

Sangue fresco cintila na moldura da foto de uma garota sorridente com um dos dentes da frente faltando.

Eu sempre assumi que os memoriais de beira de estrada são para pessoas que foram mortas por causa dos anjos. Agora eu me pergunto quantos deles morreram por causa de outras pessoas.

Os outros atacantes não estão em nenhum lugar visível.

Depois de alguns segundos, os membros da seita saltam para dentro dos dois maiores carros do bloqueio. Eles conduzem devagar por dentro dos carros mortos, empurrando-os para fora como tanques criando um caminho para nós. Quando terminam, pulam de volta para seus carros clássicos e nós continuamos dirigindo.

Quando enfim chegamos ao Aerie, posso sentir o medo fluindo do motorista. Ele tem mais medo do que eu, o que já diz muito.

Nós paramos ao lado do edifício principal de um hotel. Parece muito mais com uma casa rural que um hotel, com sua enorme mansão, campo de golfe e sua larga garagem circular. Há guardas postos aqui, dando um ar oficial.

Meu estômago gela com o pensamento de estar nesse lugar novamente. Nas duas últimas vezes em que estive aqui, eu mal consegui sair com vida.

Os carros pararam e os membros da seita saíram. Um deles abriu a minha porta como um chofer como se ele esperasse que eu saísse como uma dama indo a uma festa. Eu deslizo até o outro lado do carro e encolho na extremidade. Não dá para correr com tantos anjos, mas também não vou facilitar para eles.

Eu chuto o menino que se encurvou para me tirar. Agora eles parecem envergonhados e amedrontados. Eventualmente, porém, eles abrem a porta onde eu me apoio e me tiram de lá chutando e gritando.

Precisa de quatro deles para fazer isso, e eu estou agradecida em ver que o meu motorista não é um deles. O cara me segurando está tremulo e não penso que é por medo de mim. Independentemente do que essa nova religião fale sobre os anjos, eles devem saber que são violentos e impiedosos.

— Nós trouxemos a garota para ser trocada pela promessa de segurança — Diz o Cabeça Bronzeada.

Os guarda me avaliam. Seus olhos olham como se fossem esculpidos de pedra – sem emoção e estranhos – As penas em suas asas balançam com o vento.

Um deles gesticula para nós seguirmos pela entrada principal.

— Você tanto pode andar sozinha quanto podemos drogá-la e arrastá-la para lá. – diz Cabeça bronzeada.

Eu ponho as mãos para cima em derrota. Eles me soltam, mas ficam a uma polegada de distância, bloqueando o meu caminho em todos as direções sem ser aquela voltada para a área. Nós andamos ao longo da garagem circular para a entrada principal, com todos os anjos postados no telhado e na varanda nos observando.

Nós paramos em frente a uma porta dupla de vidro. Um dos guardas

entra. Nós esperamos em silêncio sobre a contemplação predatória de guerreiros demais. As pessoas da seita correm para o porta malas de um dos carros e levantam a espada para fora. Precisa de dois deles para arrastá-la pelo estacionamento até nós.

Então as portas de vidro se abrem e vários anjos saem. Um desses recém-chegados é o lacaio de Uriel, um dos que o ajudaram a se arrumar para a última festa.

Os homens saúdam intensamente os anjos.

— Nós trouxemos a garota como prometido, mestres.

O anjo lacaio acena para os guardas, que capturam meus braços.

Quando eles agarram a espada em frente ao lacaio de Uriel, ele diz – Ajoelhem-se.

Os homens ajoelham-se em frente a ele como prisioneiros esperando a execução. O anjo marca suas testas com uma sustância gordurosa preta.

— Isso assegurará sua salvação dos anjos. Nenhum de nós irá machucá-los enquanto vocês tiverem a marca.

— E o resto de nosso grupo leal? – Perguntou o Cabeça Bronzeada, olhando para o anjo.

— Traga-os para nós. Iremos marcar o resto de vocês. Avise-os que somos generosos com aqueles que nos servem.

— Avise-os que eles despedaçaram o último conjunto de servos deles. – digo aos membros da seita.

Os homens me encaram amedrontados, parecendo preocupados. Eu me pergunto se eles sabem do massacre que aconteceu aqui.

Os anjos me ignoram. — Continuem com o bom trabalho, e possivelmente vamos permitir que vocês nos sirvam no céu.

Os homens tentam curvar profundamente, pressionando a si próprios para o chão.

— É nossa honra servir aos mestres.

Eu faria um barulho de engasgo se não estivesse tão assustada.

Eles me empurram para dentro do prédio. Minha espada raspa o pavimento enquanto os anjos se arrastam atrás de nós.

28

Dentro, o salão está lotado e rugindo com barulho, cada polegada do espaço cheio de anjos. Ou eles vêm todos de dentro da casa ou seus números cresceram durante a noite.

Eles devem se reunir para a eleição. Isso explicaria o anjo anfitrião que vimos voar dessa forma.

Parte da multidão me permite passar.

Deve ser o som da espada arrastando atrás de mim que captura a atenção de todos. Eles todos encaram enquanto passamos. Me sinto como uma bruxa desfilando pela cidade. Acho que sou sortuda, eles não estão arremessando tomates podres em mim.

Ao invés de irmos para o quarto, eles me levam através da construção e para fora do gramado onde o massacre ocorreu. Eles me colocam em exibição para todos os anjos verem.

Ainda há manchas de sangue seco no terraço. Aparentemente, não há mais ninguém para limpar. O lugar está uma bagunça. Confete e fantasias no chão, e por alguma razão, a grama está agitada como se um exército tivesse passado por ela ao acaso, como pás.

Manchas brotaram em cima do gramado. Na última vez em que estive aqui, havia apenas uma barraca, mas agora há barracas em todos os lugares. Eles parecem agrupados em trios – vermelho, azul e verde. Não consigo ler os símbolos nas bandeiras coloridas, mas reconheço os de Uriel de quando Raffe mostrou para mim. O dele é o da bandeira vermelha.

As outras duas bandeiras em cada barraca são azuladas e tem símbolos, linhas curvas e pontos, e uma névoa verde com linhas tracejadas que variavam de fino ao grosso. Mesmo que eu não consiga ler, gosto mais do que a de Uriel, com seus muitos ângulos e vermelho gritante.

Anjos voam pelo céu e andam sob o gramado que costumava ser um campo de golfe. Eles começam a se concentrar ao redor das bandeiras coloridas em grupos separados. Vários anjos estão cantando — Uriel! Uriel! Uriel! — próximos as barracas de bandeiras vermelhas como se estivessem em um jogo de futebol americano.

O segundo maior grupo concentra-se ao redor das barracas verdes e grita: — Michael! Michael! Michael!

E outros poucos se agrupam ao redor da barraca azulada e começa a gritar: — Raphael! Raphael! Raphael!

A maioria dos anjos circula pelo céu entre as barracas, como se ainda estivessem decidindo. Mas enquanto os defensores de Raffe continuam cantando, mais soldados juntam-se a eles e começam a gritar seu nome.

Estou tão surpresa que tropeço e paro no meio do gramado. Meu guarda tem que me empurrar para conseguir ir novamente.

— Raphael! Raphael! Raphael

Espero que ele esteja em algum lugar próximo, ouvindo essas pessoas gritarem seu nome.

Ele pertence aqui.

Esse pensamento ecoa pela minha mente porque eu continuo tendo dificuldade em acreditar nisso. Anjos não são feitos para ficarem sozinhos, e ele esteve sozinho por um tempo grande demais.

Será que ele sonha sobre isso? Ter suas asas de novo e ser recebido de volta pelo anfitrião? Liderar seus soldados e ser parte da sua tribo de novo?

— Raphael! Raphael! Raphael!

Claro que ele sente. Não é isso o que tem me dito esse tempo todo? Que ele pertence à eles e não à mim.

Me pergunto se ele conseguiu suas asas de volta. Será que ele está prestes a conseguir tudo o que quer? Prestes a voltar para seu mundo?

Jogo o resto de meus pensamentos dentro do cofre em minha cabeça e reclino tão duro quanto posso para perto da porta. Não consigo totalmente. Isso está ocorrendo muito ultimamente.

Uma briga invade o grupo de barracas a minha direita. Alguns levantam voo. Outros combatem no chão. Anjos que flutuavam tranquilamente no gramado vão para assistir a luta.

Quatro guerreiros batalham contra outros doze enquanto espectadores aplaudem. Nenhum usa espada. Aparentemente é mais uma disputa do que uma briga raivosa.

O pequeno grupo arremessa os outros anjos como uma boneca de pano. A batalha acaba em segundos.

Quando o último está preso ao chão com outro guerreiro sentado em cima, o vencedor grita. — Raphael! O primeiro voto vai para o Arcanjo Raphael!

Os quatros guerreiros vencedores pulam com seus braços levantados em vitória e gritam ao ar. E percebo algo. Apesar dos apoiadores de Raffe começarem com menor número, eles são os lutadores mais agressivos, ferozes e mais experientes.

Depois, quase que imediatamente, os anjos espectadores reúnem com os outros grupos das barracas. Outra luta está começando ali.

Dentro de segundos, um outro round é determinado com o grito de alguém — Michael! Michael! Michael! — A multidão saúda.

Puro caos, mas de alguma forma todo mundo parece conhecer as regras. Estou supondo que o time vencedor ganha um voto para o seu candidato favorito. O arcanjo com o maior número de lutas vencedoras deve ganhar a eleição. Assim, a eleição não é apenas sobre o número de pessoas com você, é sobre ter os melhores lutadores do lado.

Meu guarda me empurra adiante, mas eles nem estão olhando para mim.

Eles estão assistindo os guerreiros alados enlouquecidos enquanto executam a sua versão de eleição.

Alguns dos anjos tem o que parece ser manchas de sangue ao redor de suas faces como pintura de guerra. Outros rosnam enquanto voam passando um sobre outro com pratos quebrados e copos de champanhe esmagados. Há aqueles que ainda estão vestindo smokings da última festa de jantar, com vários rasgos e costuras aparecendo pelo traje.

Eles pararam de fingir ser civilizados e permitiram liberar seus bárbaros interiores para fora.

Não é de se estranhar que Uriel tenha que recorrer a medidas tão extremas. Raffe e Michael são guerreiros com exércitos de lutadores leais a eles. Uriel é apenas um político e provavelmente não tem a menor chance a menos que ofereça alguma coisa como um apocalipse lendário como banquete para guerreiros enlouquecidos e sedentos de sangue.

Ser o único humano no centro de toda essa violência me faz sentir como se minha morte estivesse selada. Eu provavelmente tenho até o fim da votação antes de eles me matarem. Me pergunto quanto tempo será.

Quando enfim o guarda me empurra através do caos e por cima do palco elevado, minhas entranhas estão tremendo e estou lutando para manter as minhas pernas em movimento. Estou cercada por um mar de anjos frenéticos e não consigo ver uma saída.

29

Até agora, é uma eleição supreendentemente apertada. Surpreendente que Uriel tem feito campanha por tanto tempo, e Raffe e Michael sequer estão aqui.

— Eu odeio interromper as festividades. — Gritou Uriel do alto no ar — Mas isso é algo que vale a pena ver. — ele flutua para baixo para o palco no limite do gramado.

Meus guardas me arrastam para subir os degraus para encontrá-lo. Anjos escalam os degraus no outro lado, arrastando duas enormes gaiolas repletas de diabinhos enormes e barulhentos.

Outro grupo de anjos escalam com uma terceira gaiola entre eles. Entre os horrorosos diabinhos salivando está Beliel, atrás das grades.

Eu não o vejo desde a Ilha Anjo. Parece que a parceria com os diabinhos não funcionou para ele. O demônio ressecado segura as barras com suas mãos enrugadas. Ele olha ao redor, avaliando a assembleia do anfitrião.

Uriel encara a multidão. — Antes de vocês decidirem para qual candidato lutar, eu tenho dois pedaços de uma informação crucial que vocês deveriam querer considerar. — Ele soa como ele fosse honesto em todo esse assunto. — Primeiramente, encontramos diabinhos se escondendo muito perto do ninho. — Diz Uriel. — Certamente podemos esperar isso em um buraco como a terra, mas gostaria que vocês dessem uma olhada nesses dois em particular.

Os anjos dão um passo adiante, cada um segurando um diabinho que extraíram da gaiola. Eles são consideravelmente maiores e lutam e se movem

mais ferozmente que os outros.

— Esses não são da raça local — Diz Uriel. — Olhem bem para eles. Esses diabinhos emergiram direto do Abismo.

E foi mesmo. Reconheço-os como um dos que me seguiram do inferno de Beliel. Os anjos caem em silêncio.

— Vocês talvez se lembrem que exterminamos essa perspicaz espécie – acabamos com eles em cada canto conhecido para livrá-los de sua intensa selvageria e seus hábitos asquerosos de organização com os outros. — Diz Uriel — O único lugar em que eles puderam continuar existindo é no Abismo.

Seus olhos varreram pela multidão — Sabemos que nada deixa o Abismo sem que seja libertado. Os diabinhos que infestam esse mundo tornaram-se fracos e estúpidos. Esses, de alguma forma, são frescos de sua terra natal infernal e estão sendo conduzidos por esse demônio. — Ele aponta para Beliel.

Beliel continua não sarado, apesar de manchas de pele rosa começarem a crescer em seu rosto. Ele parece horrível, como se devastado pela marca de uma enfermidade. Sua pela continua irritada e seca, mas agora está rachada pelas tiras rosas e frescas de uma nova pele. Seu dorso está sangrando como se seu corpo estivesse tendo algum problema de cicatrização vindo do corte de sua asa.

— De algum lugar, gaiolas foram abertas no Abismo — Diz Uriel — De algum lugar, a besta oculta-se e solta suas criaturas. De algum lugar, o apocalipse está começando sem nós. — Ele pausa.

— Como prometi no passado – e continuo prometendo hoje – me elejam agora e pela manhã vocês serão um guerreiro lendário no apocalipse. Raphael está ausente. Michael está ausente. Se você elegerem um deles como Mensageiro, a gloria do apocalipse pode estar terminada quando eles enfim aparecerem para liberar a batalha. Vocês podem já estar mortos até lá, ou pior, quem sabe vocês não estarão flácidos, fora de forma e despreparados. Você nunca sabe. Pode acontecer.

Uma risada submissa vem pela multidão.

— A segunda coisa que gostaria de apresentar — fala Uriel. — É essa garota.

Meus guardas me arrastam para o centro do palco.

— Se você acabou de chegar, obrigado por viajar por uma grande e boa distância para participar da eleição. Vários de vocês não estavam presentes durante a luta na praia quando um dos nossos foi morto pela Filha do Homem. Mas sei que vocês todos ouviram historias até agora. Estou aqui para contar que é tudo verdade. Essa garota humana – mesmo fraca como parece – de alguma forma, conseguiu convencer uma espada de anjo a pertencer a ela e a empunha-la. — Uriel parou para efeito. — Ainda mais espantoso, ela usou a espada para matar um dos nossos.

Ele espera para absorverem a notícia. Eu reparei que ele não disse nada sobre minha espada comandar as deles para pararem. Se apenas eles soubessem que a espada que os dominou se chama Pooky Bear.

— Capturei-a com extrema velocidade e a trouxe para ser julgada. É hora de vingar o nosso irmão caído.

A multidão aplaude.

30

— Uriel assassinou o Arcanjo Gabriel! — eu aponto o dedo para Uriel. — Ele está inventando um falso apocalipse para que possa se tornar o novo Mensageiro!

A multidão se acalma. Eu não penso, nem por um segundo, que eles acreditam em mim. Mas suponho que sou entretenimento suficiente para eles me escutarem, pelo menos por agora. — Ao menos investiguem se vocês não acreditam em mim.

Uriel ri. — O Abismo é uma punição boa demais para ela. Ela deveria ser partida ao meio por diabinhos. Que conveniente termos alguns.

— Eu não ganho nem mesmo uma simulação de julgamento? Que tipo de justiça é essa? — Eu sei que isso não vai me levar muito longe, mas agora eu estou empolgada demais para manter a boca fechada.

Uriel levanta sua sobrancelha. — Isso é uma ideia. Devemos dar um julgamento a ela?

Para minha surpresa, os anjos assumem o cântico — Julgamento! Julgamento! Julgamento!

A forma com que eles dizem faz soar como romanos num estádio, demandando a morte de um gladiador.

Uriel levanta suas mãos para aquietar a multidão. — Um julgamento será.

Subitamente não estou tão empolgada sobre conseguir um julgamento.

Meus guardas me empurram. Eu tropeço para frente e desço do palco. Eles me arrastam até que estou no meio do que costumava ser um campo de

golfe.

Eu giro, percebendo que estou no meio de um amplo círculo de anjos. O círculo rapidamente se torna uma cúpula, enquanto os corpos dos anjos completam todo o espaço ao meu redor e acima de mim.

O sol se torna apagado por camadas de corpos e asas. Eu estou dentro de uma cúpula humana sem ter como sair.

Um espaço se abre na parede de corpos. Através dele, os diabinhos são jogados em minha direção. Eles batem, tentando encontrar uma forma de sair, mas não há aberturas na cúpula.

Todos estão entoando. — Julgamento! Julgamento! Julgamento!

De alguma forma, eu não creio que a ideia deles de julgamento e a minha sejam a mesma.

A última gaiola de diabinhos que é jogada dentro da cúpula é a de Beliel. E ele é jogado no chão, e olha para cima para Uriel, rosnando.

Por um segundo, ele parece raivoso e traído. O medo aparece antes que ele coloque seu escárnio de novo. A sua declaração de ser solitário e indesejado parece se provar várias e várias vezes. Por um instante, eu esqueço do ser horrível que ele é e sinto um flash de simpatia por ele.

Ele anda para o centro da cúpula, primeiro tropeçando e inseguro, e então com mais confiança e até mesmo desafiando abertamente. Os anjos torcem como se ele fosse o jogador de futebol favorito num campeonato. Eu suspeito fortemente de que nenhum deles ao menos sabe quem ele é. Eu sei quem ele é e o que aconteceu com ele, e mal o reconheço.

Os diabinhos estão se agitando num pânico enlouquecido. Eles vão de um lado para o outro freneticamente, tentando achar um espaço entre os corpos.

— Que tipo de julgamento é esse? — eu pergunto, suspeitando qual seria a resposta.

— Um julgamento de guerreiro. — Diz Uriel enquanto ele voa acima de mim. — É mais do que você merece. A regra é simples. O último que sobreviver está livre. — A multidão torce novamente, rugindo com aprovação.

— Tente fazer isso ser divertido — diz Uriel. — Porque se não for, a multidão decidirá se o que sobrar vive ou morre.

Os anjos entoam — Morre! Morre! Morre!

Acho que isso responde à pergunta.

Eu não tenho ideia se os diabinhos entendem as regras, mas eles guincham e tentam atacar a parede de guerreiros. Os anjos agarram um e jogam-no no chão onde ele fica deitado atordoado e balançando a cabeça. Outros anjos rugem para os diabinhos quando se aproximam. As bestas param no meio do ar e voam para longe.

— Diabinhos — diz Uriel. — Um de vocês irá viver. — Ele levanta o dedo indicador para dar ênfase. — Vocês devem matar os outros — ele aponta para os outros. Ele fala lentamente e alto, como se estivesse falando com um cachorro confuso. — Matar! — Ele aponta para mim.

Todos os diabinhos olham em minha direção.

Eu dou um passo para trás sem pensar. O que eu devo fazer?

Eu bato contra o corpo rígido de um anjo que é parte da arena viva. Ele se inclina para baixo e rosna em meu ouvido. Eu olho ao redor freneticamente por um escape e os diabinhos começam a voar em minha direção.

Maravilhosamente, vejo minha espada no chão, entre os diabinhos que tentam me alcançar. Eu tenho certeza que não foi um acidente. Eles querem ver a Filha do Homem chacinar os diabinhos com uma espada de anjo. Eu corro para a espada tão rápido quanto posso. Eu agarro-a do chão, rolo para facilitar meu impulso e começo a balançar a espada antes mesmo de pular para os meus pés novamente.

Eu parto o ar com a espada bem no momento em que o primeiro diabinho me alcança. Ele guincha enquanto o sangue jorra de sua barriga. Sem pensar, eu avanço contra o segundo que vem em minha direção.

Ele está tão perto que sinto seu hálito de carne em decomposição. Ele desvia e eu o erro por uma polegada.

Me equilibro e obtenho uma posição firme. Durante as próximas

investidas, me acalmo e deixo a espada assumir. Isso é fácil para ela. Pooky Bear já matou milhares dessas coisas. Um passeio no parque.

Porém, as coisas não estavam se comportando da forma que a espada estava acostumada. Os dois vindos do Abismo fazem seu som de hiena, chamando os outros. Os outros param, escutam e então começam a me rodear.

Eles flutuam para longe do alcance da minha lâmina. Eu giro, tentando ver todos eles, insegura do que está acontecendo.

Nesse meio tempo, Beliel está se afastando, eu posso vê-lo pelo canto do olho. Ele agarra um diabinho e torce o pescoço como se fosse uma galinha.

Ele silenciosamente derruba o corpo e agarra o próximo mais perto. Todos os outros estão focados em mim. Todos, exceto os diabinhos que vieram do Abismo. Eles parecem mais espertos, astutos, e o observam com olhos inteligentes.

Beliel não está tentando me salvar, eu sei disso. Ele está apenas matando tantos quanto pode enquanto me tem como uma distração. E então, quando tiverem terminado comigo, ele terá apenas alguns poucos para lidar. Tudo bem. Eu não preciso que ele seja meu amigo, desde que ele esteja matando meus inimigos.

Os diabinhos fazem sua chamada de hiena novamente, e os outros voam para incluir Beliel no círculo.

Em seguida, eles mudam o padrão de voo, nos encurralando. Beliel e eu somos forçados a nos unirmos até que estamos tão próximos um do outro quanto possível. Obviamente, nenhum de nós gosta disso, mas por agora, o maior problema para ambos são os diabinhos, e temos que fazer uma escolha entre permanecermos sozinhos ou lutarmos juntos.

Simultaneamente decidimos e ficamos costas-com-costas contra nossos inimigos. Juntos, podemos ver todos os diabinhos vindo.

Eu tenho que contar com Beliel precisando de mim para sobreviver por tanto tempo quanto possível. Ambos sabemos que, se fomos bem-sucedidos em matar os diabinhos, será eu contra ele, mas por agora, somos nós contra eles.

Os diabinhos hesitam como se nenhum quisesse ser o primeiro a avançar.

Então um mergulha em nossa direção.

Beliel o pega.

Outro mergulha enquanto Beliel está ocupado torcendo o pescoço do primeiro diabinho.

Eu me movo e corto através dele.

Mais dois vem em nossa direção.

E então quatro.

E então seis.

Eu balanço minha espada o mais rápido que posso e estou surpresa com o quão rápido é. Pooky Bear está trabalhando mais que o normal. Ela é quase uma mancha. Ela está me empunhando, e não o contrário. Meu trabalho é manter uma posição estável e apontá-la para a direção certa.

Se qualquer um deles passar pela espada, é fim de jogo.

Esse pensamento acrescenta um entusiasmo em meu balanço, cortando três dele numa realização completa de um oito. Um através da garganta, outro através do peito e o terceiro na barriga. A melhor parte é que dois dos feridos estão se debatendo no ar, bloqueando o caminho e impedindo que os outros se aproximem.

Minhas costas ardem pela vulnerabilidade, mas eu tinha que confiar que Beliel estava aguentando. Nossa maior vantagem agora é que os diabinhos estão ficando no caminho um do outro. Não há espaço suficiente para todos eles nos atacarem.

Já que eu tenho uma espada e Beliel não, eu cubro mais da metade do nosso círculo. Eu me movo de um lado para outro, atingindo o máximo de diabinhos que consigo. Mas não posso cobrir minhas costas. Se Beliel cair, eu estarei seguindo-o logo depois.

Ele se mantém firme, no entanto, mesmo sem uma arma. Sua força é temível, sua fúria mais assustadora ainda, enquanto ele torce, chuta e soca os

diabinhos.

Beliel e eu matamos os últimos dois diabinhos locais enquanto os dois do Abismo flutuam e observam. Investimos nossos últimos golpes ao mesmo tempo - eu corto um e ele estala o pescoço do outro. Beliel então recua, se afastando de mim, deixando uma abertura clara para os dois últimos diabinhos, os do Abismo.

Mas havia apenas dois deles restando, e embora sejam espertos, eles não podem me cercar. Eles nem mesmo tentam. Ao invés, eles voam para Beliel -lentamente e sem ameaças. Eles gorjeiam para ele. Eles apontam com seus dedos de macaco para mim, olham para Beliel e assentem.

Eles estão oferecendo uma aliança para me derrubar.

Eu dou alguns passos para trás com minha espada levantada. Eu quero tanto tempo possível para reagir ao que estiver prestes a acontecer.

Beliel pode ter sido meu parceiro de luta por alguns minutos, mas esses diabinhos o libertaram de nossas correntes na Ilha Anjo.

Ele assente para os diabinhos. Não há alegria nisso, apenas uma severa determinação em sobreviver. Pelo menos eu posso ter algum orgulho em saber que ele me avaliou como uma ameaça maior do que os diabinhos do Abismo.

Os dois feiosos cara de morcego circulam - um acima de mim e outro ao lado - enquanto Beliel andava para frente, ainda ficando fora de alcance. Posição perfeita para me atingir assim que eu estivesse distraída.

Se os dois diabinhos estivessem no meu nível, eu poderia descrever um círculo e manter todos os três afastados. Mas com um acima, posso cobrir apenas duas direções e ficar vulnerável na terceira.

Antes que eu pudesse bolar uma estratégia, dentes e garras vieram em minha direção por cima e pelo lado. Beliel se retém, me forçando a mover.

Eu balanço minha lâmina para cima primeiro, para o que mergulha em minha direção, e então giro para o que me ataca pelo lado.

Ao mesmo tempo, tenho certeza de que Beliel irá saltar em mim.

Mas ele não o faz.

Ele simula como se fosse avançar, mas se mantêm no lugar.

Ao mesmo tempo, os diabinhos se afastam assim que chegam ao alcance da minha lâmina. Eu ainda consigo cortar um no torso e outro através do rosto, mas nenhum dos golpes é fatal.

Beliel ri enquanto ando para minha posição equilibrada. Todos eles tentaram enganar um ao outro.

Se todos eles tivessem me atacado, eu estaria morta. Mas se um tivesse traído o outro simulando um ataque, então eu teria, provavelmente, matado um e ferido o outro. O que traísse os outros teria então a melhor chance de ser o único sobrevivente.

Mas agora, todos eles sabem que não podem ser confiáveis. A aliança estava acabada.

Os dois diabinhos do Abismo voaram para cima em direções opostas tão longe um do outro quanto a cúpula de anjos permitia. Eles descobriram que se ficassem lá em cima, Beliel e eu teríamos que lutar.

Um de nós irá morrer, e outro estará cansado e fácil de matar.

Beliel curva os lábios a distância. — Manipulado por diabinhos e ameaçado por uma Filha magricela do Homem. Insulto sobre insulto.

Então nos preparamos para nos encarar, Beliel e eu.

31

— Parem!

Todos se viram para ver quem gritou o comando. O tom é quase irresistível.

Eu mantenho o olho em Beliel enquanto tento ver o que está acontecendo. Sangue escorre para meus olhos, e eu tenho que piscar várias vezes antes de enxergar o que todos os outros veem.

Agora há uma abertura na cúpula deixando a luz entrar. Um par de largas asas cor de neve passa calmamente através da abertura, bloqueando o sol.

A forma perfeita de Raffe se torna visível.

Ele é o Raffe que eu conheço e o estranho aterrorizante.

Ele parece um semideus irritado.

Eu só havia vislumbrado ele nessa forma perfeita de anjo uma vez. Suas asas são magníficas enquanto varrem o ar atrás dele - branco contra azul.

Todos os anjos encaram Raffe. Eles flutuam, quietos e silenciosos, com exceção da lenta batida de asas. Um sussurro ecoa através da multidão alada: *Arcanjo Raphael.*

— Eu ouvi que há uma eleição não sancionada acontecendo — diz Raffe.

— Não há nada não autorizado sobre isso — diz Uriel. — E se você estivesse aqui, saberia disso. De fato, você é um dos candidatos.

— Mesmo? E como estou indo?

Alguns anjos gritam em apoio a Raffe.

— Você esteve longe por muito tempo, Raphael. — Uriel eleva sua voz para atingir o resto dos anjos.

— Ele está sem prática por muito tempo para liderar a maior batalha na história. Ele ao menos sabe que o legendário apocalipse está prestes a começar?

— Você se refere ao que você criou artificialmente com suas mentiras e truques de salão? — Raffe aborda os anjos também. — Ele tem mentido para todos vocês. Fabricando monstros e produzindo eventos para pressioná-los a uma eleição rápida e suja.

— É ele quem mente — diz Uriel. — Posso provar que eu estava destinado a ser o arcanjo escolhido. — Ele levanta seus braços para a multidão. — Deus falou comigo.

A multidão estoura num baixo rugido enquanto todos começam a falar ao mesmo tempo.

— Isso mesmo — Uriel diz. — Eu já sou o Mensageiro aos olhos Dele. Deus falou comigo e me contou que Ele havia me escolhido para liderar o grande apocalipse. Eu esperei para contar a vocês, pois sabia que isso é chocante. Mas não tenho escolha, agora que Raphael retornou tentando desafiar a vontade de Deus. De quantos sinais precisamos antes de estarmos convencidos de que o Final dos Dias está acontecendo sem nós? O quanto disso vocês estão dispostos a perder porque não temos um Mensageiro eleito para liderar na batalha? Não permitam que Raphael afaste-os da glória que pertence a vocês por direito!

Os anjos mais próximos de Uriel abrem suas bocas largamente e começam a fazer o que eu posso apenas chamar de cantar. Mas não é uma música com palavras, apenas a melodia. É um som belo e sagrado, que é tão inesperado vindo desses guerreiros sedentos por sangue.

O belo som ondulou através de partes da multidão enquanto uma dúzia de vozes celestiais se junta ao coro. Então um grupo de anjos se move do caminho e deixa um feixe de luz entrar.

A luz atinge um lugar bem ao lado de Uriel. Ele sutilmente se move

para que passe a brilhar. Sua face se divide em um genuíno sorriso. No mínimo, Uriel é ótimo em se exibir.

E então ele abaixa seus braços e se inclina humildemente. Há algo sobre o raio de luz brilhando de sua cabeça e ombros, a forma como ele se curva, o modo como ele calmamente se mantêm, que implica que ele está se comunicando com Deus. Isso me faz segurar a respiração. Todos os outros devem sentir isso também, pois há uma expectativa silenciosa.

Quando ele levanta sua cabeça, ele diz — Deus falou comigo. Ele diz que o Fim dos Dias começa *agora*.

Ele move seus braços como um maestro.

Um estrondo atinge o penhasco no final do campo de golfe. Eu assumo que seja uma onda gigante, mas não consigo ver com todos os anjos bloqueando meu caminho. E então todos eles se viram para olhar, e eu consigo ver a praia através dos espaços entre seus corpos.

A água está fervendo perto da margem. Algo se ergue do mar. Primeiro, eu acho que é um aglomerado de animais, mas quando as cabeças saem da água eu vejo que é uma monstruosidade. As ondas batem ao redor da criatura como se o próprio oceano estivesse vociferando contra a coisa não natural.

A besta sai da água com um grito, e corre em nossa direção.

É chocantemente rápido. Em um piscar de olhos ela está perto o suficiente para que eu tenha uma boa visão.

Laylah se superou dessa vez. Há sete cabeças aglomeradas ao redor de ombros, mas uma das cabeças parece morta. A que parece morta é a cabeça de um homem. O rosto está desfigurado e escorrendo sangue, como se tivesse sido morto recentemente com um machado.

O resto das cabeças está viva e cada uma parece uma mistura de humano e animal - um leopardo, uma enguia, uma hiena, um leão, uma mosca gigante, e um tubarão. O torso da besta parecia vagamente com um urso.

— E uma besta deve se erguer do mar — Diz Uriel num tom profético. — E na sua cabeça há o nome da blasfêmia. Contemos o número da besta, pois

será o número do homem. E seu número é seiscentos e sessenta e seis.

Cada uma das cabeças do monstro tem números escritos em cicatrizes enrugadas em suas testas.

32

Eles são apenas números digo para mim mesma.

Apenas números.

Sei que a besta foi criada por Laylah de acordo com as instruções de Uriel. Sei que Uriel copiou seus monstros a partir das descrições das profecias apocalíticas. Sei que é uma farsa – uma farsa.

Então, por que minha pele está formigando com arrepios?

Os números não são sutis, e vai assustar qualquer um que veja isso. Acho que tatuar um número na testa foi ideia de Uriel.

A besta ruge e há gritos e uivos explodindo de todas as caras exceto a do morto. Aquilo parou perto de nós antes de correr e desaparecer para dentro da paisagem quebrada.

Uriel ergueu seus braços de novo, como se estivesse em transe.

O gramado moveu e enrugou em baixo de meus pés. É como se houvesse vermes freneticamente agitando o gramado.

Dedos invadem pelo solo.

Uma mão estende-se para o céu como um zumbi recém-nascido.

Uma cabeça impulsiona seu caminho pela sujeira.

Em todo campo de golfe, corpos cobertos de imundices arranham seus caminhos e escalam para cima do gramado. Milhares deles.

Os anjos no gramado espalham suas asas e levantaram voo. Raffe olha para mim, mas entendo que ele não pode me levantar sem trair sua fraqueza. Uma mão arranha o ar perto de minhas pernas, a alcançando. Pulo, tentando me livrar das mãos, desejando que eu pudesse voar também.

Quando os corpos escalam para fora do chão, eles estão tão sujos que eu só consigo dizer que são humanos pelo formato dos corpos. Isso e por seus choros ofegantes.

— E os mortos se erguerão — diz Uriel, sua voz transportando o vento.

Alguns dos corpos deitam no gramado, arfando. Outros lutam para sair do buraco rastejando, claramente com medo que algo os arraste de volta. Ainda que outros apenas aconcheguem-se agitados no gramado, soluçando.

O que no começo eu pensei ser sujeira acabou sendo carne murcha. São as vítimas dos gafanhotos. Eles parecem traumatizados e aterrorizados, olhando para baixo para seus braços e pernas como se estivessem vendo suas carnes ressecadas pela primeira. Talvez estejam.

Uriel deve tê-los sepultado vivos enquanto ainda estavam paralisados. Ele preparou uma impressionante reunião antes mesmo que Raffe viesse. Se alguém pudesse cronometrar alguma coisa como isto, seria ele. Sua equipe sabia quanto veneno usar para manter suas vítimas paralisadas até a hora do show.

Me pergunto se os picados por gafanhotos sabem o que aconteceram com eles. Me pergunto se eles acham que levantaram dos mortos.

— Ressuscitados — Uriel parece assustador. Sua cabeça está arqueada e suas asas iluminadas pelos raios de luz. — Eu sou o Mensageiro de Deus

Vários anjos olham um para outro desconfortavelmente quando Uriel declara-se o Mensageiro.

— Vocês foram escolhidos para compartilhar a glória do apocalipse. Punam a blasfêmia que é a humanidade, e serão recebidos no céu. Esquivem-se de suas responsabilidades e serão arrastados de volta para o inferno do qual vieram. — Ele aponta para o leste. — Vão. Achem os humanos e os matem todos. Purifiquem a terra e a tornem virtuosa novamente.

Os picados por gafanhotos o olham, estupefatos. Então, eles encaram um ao outro, parecendo amedrontados e desorientados.

Uma pessoa move-se para leste.

Outras o seguem. Então, outro. E outro, até que o grupo inteiro está

migrando.

Onda após onda de ressuscitados arrastam-se para fora da sujeira. Logo que eles conseguem ficar de pé, seguem a multidão em direção a leste.

A Leste, em direção ao campo da Resistência.

33

— Isso foi um show impressionante. — Diz Raffe flutuando no ar entre os anjos. Ele não parece impressionado pelo exército de ressuscitados ou com o monstro de várias cabeças. — Mas todos vocês estarão cometendo um enorme erro em acreditar nele. Qualquer um que siga Uriel irá cair quando a verdade chegar à tona.

— Suas táticas de intimidação não vão funcionar aqui. — Diz Uriel.

— Se Uriel estiver mentindo, então apenas ele deverá cair. — Diz um guerreiro — O resto de nós estamos apenas seguindo ordens.

— Você acha que os anjos de Lúcifer tiveram clemência só porque estavam seguindo ordens quando se revoltaram contra o céu? — Pergunta Raffe. — Você acha que eles entendiam a política dos arcanjos antes da revolta e sabiam o que realmente estavam acontecendo? Eles eram apenas soldados alados, como vocês. Muitos deles provavelmente pensaram que estavam fazendo a coisa certa. Alguns deles podem até mesmo pensar que estavam lutando para defender o Mensageiro. Mas isso não os ajudaram quando a fumaça dissipou. Cada um deles caíram. —

Os anjos olharam um para o outro. Um baixo murmúrio retumbou no meio da multidão. Suas asas flutuavam em agitação.

— Se Gabriel ainda está vivo e lá fora em algum lugar. — diz Raffe — Ele não terá nenhuma misericórdia com os anjos que perderam a fé nele. Se Michael retornar e reparar o que aconteceu, ele talvez não terá escolha a não ser declarar todos vocês caídos por desobedecer a eleição. E se os anjos voltarem para casa e descobrirem o que está acontecendo aqui em baixo... meus irmãos,

isso pode ser o início de uma guerra civil sangrenta. Os anjos aqui não têm escolha a não ser ficar atrás de Uriel como sua escolha de Mensageiro.

— Como saberemos em quem acreditar? — Pergunta um anjo.

— Não há meio de saber — diz outro.

— Julgamento por competição. — declara um.

— Julgamento por competição. — diz outro. E outros murmuram, concordando.

Não gosto quando os anjos murmuram em concordância. Nada de bom vem disso.

— Deus falou comigo. Eu sou o Mensageiro e dei comandos a vocês. — A voz de Uriel é ensurdecedora e recheada de promessas de retribuição.

— Assim você diz. — Fala Raffe. — Mas a eleição não está completa. — Ele se vira para os anjos.

— É uma série de coincidências, não é? O Mensageiro Gabriel ser morto sem falar com ninguém sobre o motivo de vocês estarem aqui. Uriel se tornar o único Arcanjo disponível para as eleições. Toda vez que existe alguma dúvida, outro monstro apocalíptico aparece como um sinal.

Raffe olha para Uriel. — De forma conveniente para você, Uri. Sim. Concordo em um julgamento por competição.

Anjos acenaram e ecoaram. — Julgamento por competição.

Tipo o vencedor leva tudo e é declarado como o falador da verdade? O que somos? Vivemos na Idade média?

Uriel varre o seu olhar pela multidão.

— Ok. — Diz Uriel. — Será isso. Eu chamarei Sacriel como meu segundo.

Todos olham para o maior anjo no grupo e suas enormes asas. — Aceito. — Diz ele.

Raffe olha para os anjos, medindo-os. Quem é leal o suficiente para apoiá-lo como seu segundo? Havia anjos que votaram nele, mas votar nele e morrer por ele são duas coisas muito diferentes.

— Estou lisonjeado que você precise do maior e mais malvado guerreiro ao seu lado contra mim, Uri. Deixe me ver, que grande guerreiro eu preciso como meu segundo para ganhar de você e Sacriel? Hmm.... Levarei.... A filha do homem. Ela deverá igualar as chances.

Anjos riram.

Fico agitada no chão, espantada.

Uriel franze os lábios. — Você ainda pensa que tudo é uma piada, não é? — Uriel grita suas palavras. Ele definitivamente não gosta de ser zombado. — Tenham sua diversão agora, Raphael, porque, ela será a única coisa a segui-lo quando você cair. Talvez tenha esquecido que você não tem mais seus Vigilantes.

Uriel me dá um olhar sagaz. Posso dizer que ele sabe que Raffe não me escolheu apenas como uma piada. — Você tem até o amanhecer para juntar seu time antes de nos encontrarmos para decidir a competição.

Ele voa para fora da multidão com seus usuais companheiros o seguindo em um estouro de asas sacudindo. Os anjos cochicham com excitação enquanto a multidão se dissolve em direção ao prédio principal do ninho**.**

Alguns dos guardas de Uriel encurralam os dois Diabinhos restantes e os enfiam de volta a sua gaiola. Eles também prendem Beliel com eles.

Mas me deixam só no campo. Deve ser porque sou o segundo de Raffe, seja lá o que isso significa. Eu levanto meus ombros, tentando aliviar a tensão.

Raffe voa para baixo para mim. Suas asas brancas como a neve são largas e moldam seu corpo perfeito. As bordas de suas penas são aveludadas, oferecendo um brilho suave na luz.

Ainda não acredito que ele tem suas asas de volta. Ficam incríveis nele. Perfeitas em todos os sentidos, exceto pela fenda onde cortei suas asas quando o conheci. Creio que as penas voltarão a crescer ao longo do tempo e todos os vestígios de mim desaparecerão dele.

Quero falar algo sobre suas asas e agradecer por me manter viva, mas não quero ser ouvida. Percebo que ele vê tudo em meus olhos de qualquer forma,

assim como consigo vê-lo se perguntando como diabos eu cheguei aqui. Suponho que tenho um talento especial em aparecer onde não deveria.

Assim que o último anjo voa para longe, Josiah aterrissa ao lado de Raffe. Sua pele anormalmente branca combina com as penas de Raffe.

— Bem, foi uma escolha de segundo inesperada — diz Josiah olhando para Raffe com seus olhos vermelhos.

Raffe lhe dá uma expressão sombria — Quais as chances de que conseguiremos recrutar um time decente?

— Muito baixa. — Diz Josiah — Quer apoiem ele ou não, muitos estão convencidos da vitória de Uriel. Se ganhar, ele garantirá que qualquer um que se opuser a ele caia e ninguém quer se arriscar.

Os ombros de Raffe caem. Ele deve estar exausto depois da operação.

— Como você está se sentindo? — Pergunto.

— Como se voei nas minhas asas um mês antes do que deveria — Ele toma uma respiração profunda e a libera. — Nada que eu não tenha feito antes.

— Quantos Uriel tem em seu time? — Pergunto.

— Talvez cem? — Diz Josiah

— Cem? — falo — Contra nós dois?

— Você não irá realmente lutar — diz Raffe — Ninguém espera isso.

— Oh, então é cem contra apenas vocês. Por que você tem um segundo se não para ter um time?

— É tradicionalmente feito para se certificar que ninguém estará sozinho. — Diz Josiah.

Ele olha para Raffe com simpatia. — Ninguém declina a honra de ser o segundo, mas é completamente opcional sobre alguém se juntar ao time para um Julgamento por competição.

Ver piedade nos olhos de Josiah me faz querer chutar alguma coisa. Raffe me ajudou, mas não consigo ajudá-lo. Uma garota que não pode voar não consegue jogar os jogos dos anjos.

Olho para a gaiola no campo. Os dois Diabinhos restantes estão

atacando um ao outro e lutando ao redor de Beliel. Eles provavelmente teriam me empurrado para ali se Raffe não tivesse me nomeado como seu segundo. Quanto tempo eu duraria lá?

— Uriel está certo — Diz Raffe — Eu não tenho mais meus Vigilantes. Não posso contar com mais ninguém.

— Os guerreiros ainda falam sobre eles, sabe — Diz Josiah — Nenhum grupo chegou perto de ser um time de combatente de elite como foram os Vigilantes. Eles se tornaram lenda. — Ele balança a cabeça. — Que desperdício. E tudo por causa de... — Ele olha para mim com alguma hostilidade em seus olhos e morde qualquer insulto que ele estava prestes a dizer sobre as Filhas do Homem.

— Não culpe as mulheres pelos anjos terem quebrado suas regras estupidas. As mulheres deles nem mesmo quebraram regras, mas foram punidas de qualquer maneira.

— Os Vigilantes ainda estariam aqui se não fossem as Filhas do Homem — fala Josiah. — Nós perdemos a nossa maior elite de guerreiros porque eles se casaram com sua espécie. O mínimo que você pode ter é a decência...

— Chega. — Diz Raffe. — Os Vigilantes já foram e argumentar sobre quem é culpado não irá trazê-los volta. A única questão restante é, podemos encontrar um substituto?

— Onde eles estão agora? — Suspeito que estão no Abismo, mas quem sabe? Acho que vi na memória de Beliel há muito tempo atrás.

Eles encaram Beliel. Ele está golpeando os Diabinhos que estão brigando próximo de seu ombro. Eles voam para longe dele para insistir nas barras e fitam a gente.

Não, não a gente.

Para a minha espada.

Os Diabinhos do Abismo querem ir para casa. Mesmo todo o mal estando lá, tem que ser melhor do que ficar enjaulado, esperando para ser morto.

Casa.

— E se nós formos para dentro do Abismo e pegar os Vigilantes? — Pergunto.

É um pensamento insano, um que eu não poderia considerar se toda a raça humana não dependesse dele. Se Raffe puder destronar Uriel não haveria mais guerra, certo? Os caras olham um para o outro se perguntando se eu enlouqueci. — Ninguém se voluntaria para entrar no Abismo. — Diz Raffe, franzindo o cenho para mim.

— E uma vez dentro, você não pode sair sem ser liberado pelo Senhor do Abismo. — Diz Josiah — Esse é o problema do Abismo. Caso contrário, Anjos recém caídos seriam resgatados a todo o momento.

— Além disso — Diz Raffe olhando para Beliel — Os Vigilantes não são o que costumavam ser.

— E se conseguíssemos pegar os Vigilantes como eram antes? — Pergunto. Eu aceno em direção a Beliel. — Os vigilantes dos quais ele se lembra?

Raffe olha de volta para mim e eu vejo uma faísca de interesse.

34

Nós meio arrastamos, meio voamos até a gaiola de Beliel rasgando a grama em direção ao edifício exterior que ficava fora da vista do hotel principal.

— Temos mesmo alguma razão para crer que isso vai funcionar em ambos sentidos? — pergunta Josiah.

— Estava esperando que vocês soubessem. — digo.

— Há antigas histórias de diabinhos saindo de espadas muitos poderosas. — diz Raffe. — Mas nunca houve razão para pular para dentro do Abismo

— Você quer dizer que eu descobri um talento de suas queridas espadas que até mesmo vocês não sabiam? — Eu puxo as barras da gaiola tão forte quanto consigo.

— Parece que você trouxe novas e inimagináveis dimensões para mim e para Kooky Bear.

— Pooky Bear.

— Certo.

Passo por cima de um buraco por onde alguém deve ter rastejado.

— Vamos. Diga, Raffe. — Eu lhe dou um meio sorriso. — Amo quando você diz Pooky Bear. É tão perfeito quando vem da sua boca.

— Ela pode matá-la enquanto você dorme algum dia desses apenas para se livrar desse nome.

— Ela pode ter um novo nome agora que está com você de novo?

— Você foi o último manejador, então ela está presa com o nome até conseguir outro manejador.

Continuo esperando por ele perguntar sobre sua espada agora que possui suas asas de volta, mas ele não pergunta. Me pergunto se ainda está aborrecido com ela por me mostrar seus momentos particulares. Consigo sentir a saudade de Pooky Bear por ser segurada por ele, mas não digo nada. Essa é uma batalha da qual eu deveria ficar de fora.

Nós colocamos a gaiola do lado do edifício exterior. Está quieto e deserto aqui.

Josiah balança a cabeça, porém não argumenta contra a ideia. Ele está correto. Nós todos concordamos que é um plano terrível. Entretanto, quando Raffe pediu uma ideia menos terrível, ele não tinha nenhuma.

Agora é a hora, e minhas mãos tremem enquanto puxo a espada.

Minha mente procura freneticamente por um plano melhor, no entanto não posso pensar em um. Podemos fugir agora que Raffe tem suas asas. Mas ele está em julgamento assim como eu. Eles não nos deixarão voar para fora daqui.

Se Raffe perder o julgamento, eu morro. Não estou certa sobre o que acontece com ele, mas é claro o que acontece comigo. Porém, se Raffe puder ganhar esse julgamento por competição e assumir o controle dos anjos, ele irá levá-los adiante. E tudo estará acabado.

Valerá a pena correr o risco de perder Raffe para o Abismo e tê-lo preso lá?

Mordo meus lábios, sem querer responder essa pergunta. Provavelmente marcharei em frente a uma fossa de três metros de profundidade em frente a esta gaiola enquanto espero por ele voltar.

— Faça. — Fala Raffe. Suas asas estão bem fechadas ao redor de suas costas e ele fica rígido, pronto para o pior.

Antes de eu ficar sentimental, aceno para Josiah. Ele destranca a porta da gaiola e ela abre com um rangido. Os dois diabinhos vão para o Abismo pegando a máxima distância de Josiah que podem.

Esperançosamente, eles sabem como usar a espada para retornar ao seu mundo. Nós apenas precisamos pegar um para Raffe seguir.

Beliel também recua até o fim da gaiola parecendo um zumbi murcho. — O que está fazendo? — Ele observa suspeitamente.

— Vamos, diabinhos assustadores. Querem ir para casa, não é? — Eu sussurro, cravando a minha espada para dentro da gaiola.

Os diabinhos do Abismo rastejam lentamente em minha direção. Eles observam minha espada gulosamente, fungando como se tentassem sentir uma emboscada.

Mas assim que Raffe se move em direção a eles, eles de repente retornam aos cantos mais distantes da gaiola, sibilando. Não sei como fazer as criaturas viajarem através da espada se não quiserem.

— Eles temem você. — Coloco meu braço livre na frente dele. — Para trás de mim.

Ando para dentro da gaiola. Levanto minha voz e me faço parecer como se eu estivesse falando com filhotes. — Vamos, coisinhas feias. Querem ir para casa, não é? Mmmm, casa.

Eles rastejam cautelosamente em minha direção, observando Raffe cuidadosamente.

— Irei abrir a porta de entrada da casa de vocês tão logo vocês me deixarem segurar suas mãos. — Tenho que evitar me encolher para longe com esse pensamento.

— Não. — Diz Beliel. Seus olhos são ferozes como se acabasse de perceber que ele está em um pesadelo e não pode acordar.

Agarro o diabinho mais próximo.

Ele agarra meu antebraço de volta, afundando suas unhas. Dor penetra através do meu braço, mas eu insisto.

Ao mesmo tempo, Raffe pula e agarra o outro diabinho.

E então o caos total invade.

Com uma intensa borda de pânico, Beliel empurra Josiah para fora do caminho e tenta saltar para fora da gaiola. O diabinho de Raffe enlouquece e tenta correr para a porta da gaiola, golpeando alucinadamente.

Balanço minha espada institivamente para parar a fuga de Beliel e acabo espetando o lado dele.

Assim que ele ruge, o diabinho de Raffe pula para a minha espada.

Ele desliza para baixo de minha lâmina com Raffe contendo sua perna e desaparece dentro de Beliel.

E Raffe, que continua segurando suas pernas, desaparece logo em seguida.

Antes de eu conseguir vislumbrar, o diabinho que estou segurando mergulha para baixo da espada e me arrasta com ele.

A princípio, tento soltar – Raffe é o único que precisa entrar no Abismo. – Mas o diabinho continua apertando meu braço. Numa fração de segundo depois, o diabinho me deixar ir, e minha mãos deslizam para dentro de Beliel e eu estou caindo.

Aperto com tanta força que quase puxo fora o braço do diabinho.

Nós batemos pelo corpo de Beliel, e a respiração me nocauteia. Por uma dolorosa fração de segundo, nós chocamos através da barreira e quase me rasga para fora do percurso. Mas me seguro, torturada pela ideia de que estou presa por pouco, podendo terminar num lugar ainda pior do que estou indo.

Nós caímos pela escuridão que parece interminável.

Me viro para ver o rosto chocado de Josiah me encarando através do túnel que rapidamente está se fechando.

Fecho meus olhos, convencida que existem certas coisas que nós humanos não devemos ver. O rosto chocado de Josiah queima minha mente e só um pensamento começa a me dominar.

Nós estamos indo para o inferno.

35

Essa não é como a última vez que fui para a memória do Beliel. Desta vez, dói.

Cada célula do meu corpo chora de dor. Esperançosamente, é porque meu corpo físico está indo na viagem junto com a minha mente dessa vez.

Só quando eu acho que meus olhos estão explodindo que os fecho com tanta força, que bato no chão.

Meu estômago aperta, e meu queixo e peito doem onde bateram no chão.

Não admira que os diabinhos estavam tão desorientados quando desembarcaram na Ilha Anjo. Sinto que estou tão plana quanto massa de pizza, e bato no chão.

Sinto também que estou assando no forno. Um forno muito fedorento cozinhando ovos podres. Eu me forço a rolar e abrir os olhos. Não há realmente nenhum tempo para recuperação quando você acabou de cair no inferno.

O céu - se for um céu - é de um preto roxo rachado com manchas mais escuras. A luz fraca lança um raio roxo sobre as sombras gigantescas acima de mim.

Afiando minha visão, há rostos olhando para mim. Não estou realmente certa sobre o que estou olhando. Eles me fazem lembrar de anjos, mas não acho que é o que eles são. Eles também me lembram demônios, mas também não acho que seja isso.

Suas asas abertas parecem sarnentas, e o que sobrou de suas penas parecem como as folhas secas de uma árvore morta. As partes expostas das asas

estão rachadas e são de couro. Os ossos delas são lascados, saindo dolorosamente através das bordas. Muitas das lascas ósseas estão enroladas em forma de foice, não muito diferente da asa de demônio de Raffe.

A única coisa que me choca mais, mesmo que provavelmente não devesse, é que um desses caras é Beliel. Não deveria me surpreender já que pulei em sua memória - ou um mundo em que ele tem uma memória - ou o que seja. Então, é claro, Beliel estaria aqui.

Mas ele parece diferente. Por um lado, as asas não são nem as asas de demônio as quais estou familiarizada, nem as asas de penas originais. Elas são metade escura e metade ainda cobertas com tufos de penas do sol.

Acho que já que estou aqui fisicamente, eu poderia ter saltado no tempo e no espaço, mas isso é demais para o meu cérebro lidar sem explodir. Além disso, não tenho tempo para pensar nisso.

Quando meus olhos se acostumam com a luz roxa, vejo que Beliel olha na minha direção com órbitas vazias.

Beliel está cego.

Levo um segundo para me convencer de que é realmente ele. Ele tem profundas marcas de chicote em toda sua bochecha e nariz. Ele foi chicoteado na cara. Ele também tem marcas ao redor de suas órbitas.

Os outros não estão muito melhor. Um deles tem metade de seu rosto perfeito e outra metade parece ter sido mastigada. Sem seus ferimentos, posso dizer que teria sido perfeito, tal como qualquer outro anjo.

Entre seus corpos danificados, eu posso ver que estamos em uma zona de guerra ou, pelo menos, o que resta de uma. Os edifícios estão queimados, as árvores quebradas e carbonizadas, e os veículos esmagados e eviscerados. Pelo menos eu suponho que sejam edifícios, árvores e veículos. Eles não se parecem com os nossos, mas as formas gigantescas parecem que costumavam ser habitadas há muito tempo. Como uma aldeia de algum tipo. Algo que se parece com cactos atrofiados que foram pisados e torcidos e estão enraizados no solo. E há detritos espalhados que parecem vagamente com rodas de carroça.

Um quase anjo com penas amarelo-canário chega até mim. Sua pele foi arrancada de seu braço, deixando apenas os músculos brilhando por baixo. Eu tremo, mas ele me agarra pelo cabelo e me puxa até meus pés.

— O que é isso? — pergunta Beliel. — Podemos comer? — Eu não sei se já vi qualquer coisa mais perturbadora que órbitas vazias, especialmente em alguém que eu conheço, mesmo que seja Beliel.

Ele coloca uma orelha pontuda na boca e mastiga. Parece muito com a orelha de um diabinho. Eu imagino o que aconteceu com o diabinho que eu montei.

Então vejo o que sobra dele deixado no chão, todo esmagado e dilacerado. Dificilmente reconhecível. Onde está Raffe? — É uma Filha do Homem — diz meu captor. Sua voz é sinistra, como se essas palavras tivessem algum significado profundo.

Há um longo silêncio enquanto todo mundo fica olhando para mim.

— Qual? — Beliel finalmente pergunta.

Aquele me segurando olha em volta para os outros. Ele não diminui o aperto. — É uma das suas? Ela não é minha.

— Não há nenhuma razão para acreditar que ela seja de um dos nossos, Cyclone — diz Beliel. Sua voz é rouca como se ele tivesse gritado ou alguém o tivesse engasgado.

— Concordo com eles — diz um deles. — Pensar nelas me deixa mal.

— Sim, Big B está certo — diz outro. — Talvez seja melhor comê-la. Nós poderíamos usar alguma carne para nos ajudar a curar.

Eu me contorço tentando sair do aperto do quase anjo. Onde está Raffe?

— Deixe-a ir — diz outro. Este tem penas azuladas.

— Thermo, se a deixarmos ir, ela irá preferir que nós a tivéssemos cozinhado e comido. Libertá-la aqui não é misericórdia.

Isso não é o que eu quero ouvir.

— E isso é uma espada? — Vários deles se inclinam para baixo e olham para a minha espada, que está no chão fora de alcance.

Um deles tenta levantá-la e resmunga sobre o peso. Ele a solta.

Todos eles olham para mim, examinando.

— O que é você? — Pergunta Cyclone.

— Ela é uma Filha do Homem, você não pode ver isso? — diz Thermo.

— Se ela é uma Filha do Homem, onde está seu bando de diabinhos? — diz um cara com penas pretas e olhos penetrantes. — Onde estão suas correntes? Por que ela parece tão saudável e inteira?

— E como é que ela tem uma espada de anjo? — pergunta aquele que tem as asas marrons listradas de amarelo.

— Não pode ser dela. De alguma forma, chegou aqui. E de alguma forma, ela chegou aqui. Mas isso não significa que é a espada dela. Não estamos aqui há tempo suficiente para acreditar que as coisas enlouqueceram. — Todos olham para Pooky Bear com saudade, mas nenhum deles tenta pegá-la.

— Então de quem é? — Todos olham para mim.

Eu dou de ombros. — Sou apenas uma Filha do Homem. Não sei de nada.

Ninguém discute com isso.

— Onde estou? — pergunto. O puxão no meu cabelo está se tornando insuportável. Dois deles têm seus escalpos parcialmente arrancados, e eu estou começando a me perguntar se é por isso.

— No Abismo — diz Thermo. — Bem-vindo ao distrito de caça.

— Este é mesmo o inferno? — pergunto.

Aquele com penas pretas dá de ombros. — Isso importa? É infernal. Por que você se importa se corresponde ao seu mito primitivo?

— O que vocês caçam aqui? — pergunto.

O anjo com asas marrons e amarelas bufa. — Nós não. Somos a presa.

Isso não parece bom. — O que é você? — pergunto. Eu estou supondo que são os Vigilantes de Raffe, mas é melhor ter certeza. — Vocês não se parecem com anjos, e não se parecem... — O que eu realmente sei sobre como demônios se parecem?

— Oh, perdoe-nos por não nos apresentar — diz aquele com as asas marrons e amarelas. Ele enfatiza seu sarcasmo curvando-se para mim. — Somos recém caídos. Os Vigilantes, para ser preciso. E provavelmente seus carrascos. Não que vá precisar de mais de um de nós para fazer o serviço. Mas você entendeu. Eu sou Howler.

Howler aponta para a um com penas pretas e pele morena. Hawk. — Ele aponta para um com penas azuladas, e então para vários outros. — Thermo. Flyer. Big B. Little B. E o que está te segurando é Cyclone. — Ele olha em volta para os outros. Há muitos para apresentar todos, não que eu me lembre de seus nomes. — Não nos importamos quem é ela?

— Claro — diz Flyer. — Talvez ela nos dê algo para pensar quando estivermos entediados pelo próximo milênio. Quem é você?

— Eu sou ... — Eu estou hesitante em dar-lhes o meu nome. Raffe disse que nomes têm poder. — Eu sou a assassina de anjo.

Soa meio ridículo agora que eu disse. Soava melhor na minha cabeça, mas que seja.

Por um momento, todos olham para mim.

Então, como se com a sugestão, eles caem na gargalhada.

Howler se curva com suas mãos cobrindo seu quadril como se tivesse quebrado. — Oh, não me faça rir. Isso machuca.

— Cyclone ri atrás de mim. Ele finalmente solta o meu cabelo, deixando meu couro cabeludo dolorido. — Santa Mãe de Deus, eu não sabia mais que podia.

— Sim, faz um longo, longo tempo — diz Little B.

— Assassina de anjo, hein? — pergunta Howler.

— Bem, isso foi ótimo — diz Beliel, que aparentemente é o Big B. — Podemos comê-la agora?

— Ele tem um ponto — diz Little B. — Eu não consigo me lembrar da última vez que tivemos uma refeição completa. Ela é magra, mas eu estou desesperado por comida para ligar...

Algo o agarra - um tentáculo? - e puxa de volta. Ele grita e se debate, chutando e torcendo, mas não se solta.

Arrasta-o para trás de uma pilha de escombros, batendo a cabeça e ombros em fragmentos irregulares ao longo do caminho.

Os Vigilantes ficam totalmente alerta e prontos para a batalha, mas eles estão praticamente hiperventilando. Esses caras não se saíram bem aqui.

Eu congelo. Se esses guerreiros lendários estão com medo, o que eu deveria estar sentindo? Eu estou começando a desejar ter mantido minha boca fechada sobre vir aqui. Ser morta em uma arena de gladiadores está começando a soar misericordioso agora.

Todos eles voam atrás de Little B, mesmo que haja mais do que um pouco de estresse em seus rostos. Eles chutam e arrancam e tentar tirá-lo do aperto do tentáculo.

Em seguida, outro deles é sugado para trás. Tanto quanto eu posso dizer, a coisa que o levou foi um vento abrasador.

Ele se puxou de volta através de uma janela de um edifício demolido pela metade. Em poucos segundos, gritos surgem do interior.

Os Vigilantes mais próximos correm para a janela e olham para dentro. Eles olham para longe como se desejassem não ter visto o que acabaram de ver.

Em algum lugar, um outro tipo de grito vem em nosso caminho. É um grito louco ao longe que deixam meus nervos à flor da pele.

Os Vigilantes voltam com Little B, que está chutando o ultimo tentáculo grudado nele. Eles se viram e começam a correr para longe do edifício e da direção dos gritos loucos.

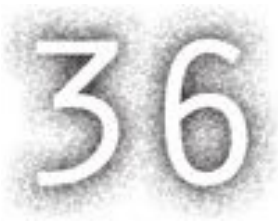
Alguém agarra meu braço e me puxa com ele. Para minha surpresa, é Beliel. — Fique conosco. Somos sua melhor chance.

Percebo que ele não diz melhor chance de quê. Eu dobro para pegar minha espada do chão, sem me importar se algum deles me vê fazendo isso. Eles estão muito ocupados entrando em formação e procurando pelo perigo para prestar qualquer atenção em mim.

Nós nos separamos, meio correndo de costas para o outro. Esses caras trabalharam juntos antes. Uma pena que não parece ajudá-los muito aqui.

Onde está Raffe?

Onde eu fui me meter?



Corremos através do distrito, ziguezagueando pelo caminho, como uma matilha de lobos escapando de um caçador. O lugar é cheio de tijolos quebrados e ossos velhos. Pedaços carbonizados e retorcidos de madeira ficam ao lado de pedaços de metal enferrujados entre os escombros.

Eu tento me manter com os Vigilantes, alguns andam e alguns voam baixo como se estivessem preocupados que pudessem serem vistos mais acima. Beliel voa com a mão no tornozelo de um Vigilante para guiá-lo. Deve ser preciso muita confiança para voar cego. O Beliel que eu conheço teria muitos problemas em fazer isso.

Eles provavelmente vão me matar assim que tiverem a chance, mas vou lidar com isso depois que escaparmos do que seja que estiver tentando nos matar agora. Eu cometi o erro de me virar para ver do que estamos fugindo.

Há três demônios musculosos como os que eu vi da última vez em que eu estive no Abismo. Eles são todos grandes, com enormes músculos envoltos em tiras de couro que cruzam seus corpos. Seus torsos estão nus, e isso é tão longe quanto eu posso ver.

Eles provavelmente não têm vacas aqui no Abismo. Eu tento não pensar sobre a pele que eles usam para o couro.

Eles andam em carros puxados por uma dúzia de recém caídos acorrentados em correntes ensanguentadas. Os Caídos batem freneticamente suas asas enquanto são chicoteados pelos seus senhores demônios. Eu posso dizer que eles são recém caídos porque ainda têm a maior parte de suas penas, embora estejam esmagadas e retorcidas. Não tenho que olhar para saber que os

carros provavelmente têm anjos quebrados amarrados às rodas também, assim como Beliel estava na minha última visita.

Os demônios usam varas com várias cabeças como a que eu vi naquela época para chicotear e morder os escravos anjos que puxam os carros. Estas varas são cobertas por círculos de cabeças encolhidas, todas com o mesmo tom de cabelo vermelho e olhos verdes. O cabelo flutua como se debaixo d'água, como os que eu tinha visto antes. E como os outros que tinha visto, estes também estão gritando silenciosamente.

Quando seus mestres chicoteiam, eles vêm gritando em direção dos Caídos, tiras mordendo e rasgando pele e penas quando pousam.

Um dos demônios me olha. Eu não posso evitar, mas acho que é a mesma pessoa que me viu na última vez que visitei o Abismo. Suas asas estão pegando fogo, e seu corpo reluzente brilha em vermelho pelo reflexo. Ele estala o chicote com várias cabeças para mim quando todos os outros carros chegam mais perto.

As cabeças correspondentes gritam quando vem em minha direção com uma intensidade que é além de insana. Eram bolas com dentes e olhos e cabelos contorcendo.

Tudo o que sei é que não quero um daqueles em mim. Eu forço minhas pernas tão rápido quanto posso. Faço uma curva fechada em um canto e corro para trás de um edifício quebrado.

Há uma escotilha em um muro em ruínas. Eu me jogo para abri-la.

Estou prestes a correr para baixo os degraus de pedra para a escuridão abaixo quando um dos Vigilantes desaba no chão na minha frente.

É Beliel. Ele tem uma cabeça chicote mastigando suas costas.

Mais duas das cabeças gritantes pousam sobre ele. Uma morde e rasga um pedaço de carne de seu braço. O outro se agarra no cabelo de Beliel e começa a chicotear, puxando parte do couro cabeludo de Beliel com ele.

Beliel agarra uma fora de seu couro cabeludo e o esmaga. Eu salto e chuto violentamente a cabeça para fora de suas costas. Beliel é o meu bilhete

para fora daqui, e eu não posso deixá-lo morrer. Minha cabeça dói só de tentar entender o que significaria a morte dele aqui.

A última cabeça está mastigando a faixa de pele rasgada em seu braço. Eu arranco a cabeça e rasgo a pele por todo o caminho fora, ignorando a dor de Beliel. Eu pulo sobre ele até que ele para de se mover. Beliel cambaleia até se levantar. Eu o empurro para as escadas escuras e bato a escotilha atrás de mim.

Tento não ofegar muito alto quando fecho a porta. Parece que estamos em um porão embaixo de um edifício que desmoronou. A única luz vem das rachaduras da porta da escotilha, e está muito escuro para ver se há outra saída.

O chão vibra. Pedaços de detritos grandes e pesados descem contra a escotilha. Eu endureço e me preparo, agarrando minha espada com ambas as mãos. Uma sensação de desgraça vibra de Beliel quando ele cola sua orelha na porta da escotilha, como se ele já tivesse vindo aqui umas mil vezes antes e perdido a batalha da vez. Olhando como ele e os demais Vigilantes estão rasgados e destruídos, não parece muito forçado.

A escotilha arranha e vibra, como se algo a atacasse com os dentes. O som de algo roendo e batendo parece que nunca irá acabar.

Em seguida, um grande barulho e o som de chicotadas se move lá fora. Os demônios não devem ter visto onde nós desaparecemos, mesmo que as cabeças chicote tenham.

O ruído da carruagem desaparece ao longe.

Eu cautelosamente deixo minha respiração sair e olho em volta. Nós estamos em um casebre subterrâneo de algum tipo. Uma cama quebrada está nas sombras, um assento elevado feito de lama, restos carbonizados de uma lareira há muito tempo.

— Sabe o que eles teriam feito com você? — pergunta Beliel em um sussurro rouco ao meu lado. Eu pulo. Eu não tinha percebido que ele estava tão perto.

— Aquelas cabeças — diz ele. — Você sabe o que elas gritam?

Eu balancei minha cabeça, então lembrei que ele não pode me ver. —

Um novo corpo. Eles estão desesperados por isso. — Ele se inclina contra a parede do casebre com suas órbitas vazias viradas para mim. — Bem-vinda ao Abismo. Goste ou não, você acabou de se juntar as iniciações para um recém caído.

— Quanto tempo duram as iniciações?

— Até que você se torne um Consumido ou algo igualmente horrível. Ou é possível que os senhores do Abismo sintam vontade de promover você ao estado de larva. Eu ouvi dizer que só acontece algum tempo depois que suas asas se transformem completamente. Aí começa a verdadeira diversão.

— E fica ainda pior depois que você é promovido?

— É o que eu ouvi. — Algo bate na escotilha do lado de fora. Eu fico em silêncio até que o que quer que atingiu a escotilha vá embora.

— E quanto àquelas cabeças chicote? Estão sendo iniciadas também?

— São os Consumidos. São os que não conseguiram passar pela iniciação. Há uma festa lendária para os senhores do Abismo. Os Consumidos são os que foram sacrificados para a festa. — Ele balança a cabeça. — Podemos fazer crescer de volta um monte de coisas, mas não um corpo inteiro ou até mesmo partes maiores.

Ele esfrega suas órbitas vazias. — Mas quando você está no Abismo, há infinitas oportunidades para mais miséria. O grito dos Consumidos a serem incluídos em um chicote de cabeça pela chance de reivindicar um novo corpo.

Eu nunca vi Beliel tão falador. Vai demorar um pouco para me acostumar com essa versão anterior dele.

— Se eles cravaram os dentes em você, vão enterrar antes que você possa piscar. Eles irão até sua cabeça onde a roem até que ela caia. Daí eles se plantam em seu pescoço. Às vezes eles lutam, e dois ou três deles se plantam antes que tudo termine. É uma visão que faz com que você deseje ter seus olhos arrancados.

Eu olho para ele para ver se é piada, mas não há nenhuma mudança em sua expressão.

— Um corpo de um Caído é um prêmio, mas eles pegam qualquer coisa com membros. Até corpos de ratos com a esperança de que possam se mover o suficiente para encontrar a próxima vítima. Então tome cuidado.

Ele desliza para baixo na parede, sentando contra ela. — Há rumores de que alguns dos mais poderosos senhores do Abismo já foram Consumidos. É claro que, no momento em que alcançam o status de Senhor do Abismo, eles já estão além da insanidade.

Eu gosto de pensar que consigo lidar com a loucura, mas isso é um nível totalmente novo.

— Então, sempre em guarda — diz ele. — Você pode perder mais aqui do que pode imaginar. — Beliel está realmente cuidando de mim? Deve haver um motivo, mas não posso pensar em um agora.

— Por que você está me dizendo tudo isso? — Talvez ele não seja Beliel, mas apenas alguém que se parece com ele. Ele com certeza não soa como ele.

— Você me salvou lá fora — diz ele. — Eu pago o que é devido, bom ou ruim. Além disso, tenho um fraco por Filhas dos Homens. Minha esposa costumava ser uma. — Sua voz diminui, e eu mal posso ouvir sua última sentença.

— Você está se oferecendo para me proteger? — A descrença sai claramente através da minha voz.

— Ninguém pode te proteger, menina, certamente não um recém caído cujos olhos não cresceram de volta ainda. Qualquer um que diga que possa proteger você, está mentindo. É apenas uma questão de amigo ou inimigo. Isso é tudo.

— E você está me dizendo que você é meu amigo?

— Não sou seu inimigo.

— Em que tipo de mundo bizarro eu estou? — eu sussurro para mim mesma. Eu não espero que Beliel responda, mas ele faz.

— Você está nas ruínas do mundo dos diabinhos.

Eu penso sobre isso por um minuto. O mundo dos diabinhos? Não o mundo dos Caídos? Os diabinhos e os Caídos não parecem muito diferentes. — Eles não são da mesma espécie, são?

— Os Caídos e diabinhos? — Ele bufa. — Não deixe que ninguém te ouça até mesmo sugerir isso. Ambos os lados iriam rasgá-la em pedaços e alimentar seus pedaços ao Consumidos.

— Este era o mundo dos diabinhos antes dos Anjos Caídos chegarem? Os diabinhos são os nativos do Abismo?

— Eu duvido que eles eram muita coisa antes dos Caídos chegarem. Tudo no que eles são bons, é em causar tortura e dor. Ratos nojentos. Eles são abaixo dos Consumidos, que não os comem porque mesmo sem um corpo, um Caído se recusa a descer tão baixo.

Eu me lembro como os diabinhos torturaram tanto Beliel quanto sua esposa, e eu posso ver por que ele os odeia. Mas pode haver dois lados nessa história.

Eu olho em volta novamente no porão escuro.

Há restos de cerâmica quebrada, pedaços de pano desbotado, metal e madeira quebrada. Alguém costumava viver aqui. A família de alguém, talvez. Há muito tempo atrás.

37

Beliel inclina a cabeça, escutando. — Abra a escotilha. Os outros Vigilantes estão chegando.

Eu não estou interessada em deixar que os outros saibam onde estamos. Não quero que eles me matem antes que Raffe possa recrutá-los.

Raffe. Ele deveria ter aterrissado perto de Beliel, assim como eu. O que significa que ele não esteja por perto?

— Faça isso, menina. Eles são nossa melhor esperança para sobreviver.

Hesitei por um momento mais. Ele pode estar certo. Ou ele poderia estar me preparando para uma armadilha.

Beliel tira a escolha das minhas mãos. — Estamos aqui!

Eu silenciosamente deslizo minha lâmina de volta em sua bainha e coloco o ursinho de pelúcia no topo. Não posso lutar contra muitos Vigilantes ao mesmo tempo, então eu posso muito bem manter Pooky escondida por enquanto.

Alguém bate na escotilha. — Nós sabíamos que você estaria vivo, Big B. Abra. Não seja tímido.

A madeira chocalha.

— Você quer viver, pequena Assassina de Anjos? — Beliel acena com a cabeça em direção à escotilha. — Eles são a melhor chance.

Eu poderia ser teimosa e esperar até que forcem para abrir. Mas para que? Eu relutantemente subi os degraus de pedra e abri a escotilha.

Os Vigilantes descem, enchendo a pequena choupana.

— Boa descoberta — diz Thermo, olhando ao redor.

— Talvez possamos relaxar aqui por alguns segundos — diz Little B.

— Opa, acabou o tempo — diz Howler, batendo a mão no ombro de Little B. — Hora de voltar para estamos cansados e sendo caçados.

O resto só observa o quarto, silenciosamente percebendo tudo enquanto andam pelo casebre.

Mais de uma dúzia de Vigilantes lotam o espaço. Alguns deles se sentam na sujeira enquanto outros se apoiam contra a parede, fechando os olhos como se não descansassem há anos. Ninguém fala. Ninguém agita. Eles simplesmente descansam como se não tivessem certeza de que haverá outra chance em menos de anos.

Uma batida alta na escotilha interrompe o silêncio.

Todo mundo fica tenso, virando para olhar a abertura.

Um diabinho cai e bate logo fora da escotilha aberta. Um anjo escorrega atrás dele em uma confusão de penas brancas e xingamentos.

— Raffe! — Corro até as escadas para ele. — Onde você esteve?

Ele olha para mim do solo com desorientação em seus olhos. O diabinho voa para fora de seu alcance. Começa a debater em pânico no casebre, e os Vigilantes golpeiam e chutam até que ele freneticamente voa de volta para fora da escotilha.

Raffe pisca para mim um par de vezes enquanto se levanta lentamente.

— Você está bem? — Eu nunca o vi tão desorientado. Ele parece como eu devo ter parecido quando cheguei aqui.

E então eu percebo que talvez ele tenha acabado de chegar. No início, eu acho que é uma grande coincidência ele ter desembarcado perto de mim, mas é claro, eu não sou a conexão – Beliel é. Passamos por ele, por isso, aterrissamos perto dele, do outro lado.

— Você acabou de chegar aqui? — pergunto.

Mas ele não está olhando para mim. Ele e os Vigilantes estão olhando um para o outro e para cada Vigilante do casebre. Eles se posicionam em um círculo em torno dele, como se estivessem em um sonho.

— Sim — eu digo. — Eu acho que vocês conhecem uns aos outros. —

Eu desajeitadamente dou um passo para trás.

— Não pode ser — diz Flyer.

— Comandante? — pergunta Hawk com dúvida em sua voz. — É você?

— O que você quer dizer com Comandante? — pergunta Beliel enquanto vira suas órbitas vazias para Raffe.

— É o Arcanjo Rafael — diz Thermo.

— O que diabos você fez para vir para cá? — pergunta Cyclone.

— Suas asas... — diz Howler. — Como elas estão tão novas?

É irônico que agora que Raffe finalmente tem suas asas de anjo nas costas ele esteja na terra de demônios.

— Você está em uma missão com Uriel? — pergunta Thermo, parecendo cético. — Eu pensei que ele era o único arcanjo que pode vir até aqui. Você ainda não se transformou em um diplomata, não é?

— Talvez seja um truque — diz Hawk. — Talvez não seja realmente ele.

— Qual foi a maior matança que você já fez? — pergunta Cyclone.

— Meio metro mais alto e mais largo que a maior matança que você já fez, Cyclone. — Raffe bate a poeira para fora de si mesmo.

— É realmente você — diz Cyclone.

— O que aconteceu? — pergunta Flyer. — Como você está aqui?

— É uma longa história — diz Raffe. — Temos muito o que conversar.

— Traidor! — Beliel parece furioso. Ele bate seu corpo contra Raffe. Eles caem no chão e lutam enquanto Beliel tenta golpear Raffe.

Os outros o agarram e o puxam para fora.

— Você jurou! — Grita Beliel enquanto ele luta contra seus amigos. — Eu a deixei em seu cuidado! Sabe o que fizeram com ela? Sabe?

Os Vigilantes subjugam Beliel, colocando uma mão sobre sua boca e sussurrando em seu ouvido para se acalmar.

— Precisamos conversar — diz Raffe, levantando-se. — Este é um bom lugar?

— Não há bons lugares no Abismo — diz Hawk.

— Devemos ir a algum lugar com rotas de fuga fáceis — diz Thermo. — Qualquer coisa que possa estar à procura de uma refeição acaba de ouvir o sino do jantar.

Ao longe, algo grita. É difícil dizer o quão próximo está.

Beliel para de lutar, mas ele está respirando forte e rápido. Ele pode ser cego, mas não há nada de errado com seus ouvidos.

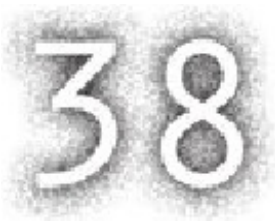
— Vamos sair daqui — diz Cyclone. Ele assume a liderança. O resto de nós segue.

Mesmo que Beliel esteja obviamente furioso com Raffe, ele ainda anda de costas para ele como não fossem arqui-inimigos. Ele também segue o grupo como se nunca lhe ocorresse não cooperar. Seus músculos salientes começam a abrir, e a tensão em seus ombros suaviza enquanto ele anda.

O Beliel cheio de ódio que eu estou acostumado a ver não está lá, mesmo neste lugar horrível. O que aconteceu com ele para deixá-lo daquele jeito ainda não aconteceu.

Nós seguimos os Vigilantes para longe do casebre, assim que os gritos daquelas cabeças chicote dos Consumidos enchem o ar novamente.

Raffe me puxa para seus braços e levanta voo.



— Fique baixo — diz um dos Vigilantes — onde eles não podem vê-lo.

Raffe desce rapidamente e voa quase ao nível do chão, junto com os Vigilantes. Nós balançamos de lá para cá, evitando rodas quebradas, pilhas de escombros, e cascas queimadas de algo irreconhecível.

Atrás de nós, o Senhor do Abismo com as asas em chamas vem rugindo em nosso encalço. Ele chicoteia suas cabeças gritantes no grupo de recém caídos que se esforçam para voar tão rápido quanto podem. O diabinho manchado que veio com Raffe voa ao lado do Senhor do Abismo como um rato gigante alado, apontando para nós.

Nós deslizamos ao longo da rua quebrada até virar uma esquina e ficar cara-a-cara com um conjunto de cabeças gritantes.

Raffe me muda de modo que ele fica me segurando por trás. Sem falar, eu sei o que ele quer que eu faça. Ele não pode me levar e lutar ao mesmo tempo. Eu retiro minha espada.

Raffe vira à esquerda, e corto uma área através dos Consumidos. Seus dentes e cabelos caem no chão quando a lâmina os atravessa.

Atrás de nós, os Vigilantes entram em uma formação de cunha conosco na liderança. Eu sou a única com uma arma, por isso se torna meu trabalho cortar tudo o que fica no caminho. Os Vigilantes socam e chutam o que podem atrás de nós.

Eu nunca lutei em uma verdadeira equipe antes além de mim e Raffe, mas todos nós caímos em um ritmo que não precisava de palavras para nós coordenar.

Alguém grita atrás de nós.

Nós todos nos viramos para olhar. O Senhor do Abismo puxou Flyer, que estava no final da nossa formação. Flyer está dobrado sobre suas costas ao longo da borda da carruagem do Senhor do Abismo pressionando em cada lado dela, então suas costas estão prestes a se quebrar no meio.

Todos trocam um olhar rápido, então a formação toda muda, retornando para resgatar Flyer.

O ar é preenchido com os gritos dos Consumidos procurando corpos.

Hawk e Cyclone lideram o retorno com um grito feroz de guerra. Eles são os primeiros a chegar nas cabeças gritantes. Em vez de tentar evitá-los, eles vão em direção a eles, sendo atacados por pelo menos meia dúzia cada.

Assim que pousam em Hawk e Cyclone, eles começam a morder e mastigar a carne.

Hawk e Cyclone agarram o cabelo de um par de cabeças por mão e os puxam de sua pele. Eles balançam as cabeças pelos cabelos e os usam para bater nas outras. Suas mãos pingam com sangue onde o cabelo dos Consumidos os cortam, mas eles não parecem se importar.

Os outros Consumidos convergem para Hawk e Cyclone.

Quatro outros Vigilantes entram em cena e arrancam e esmagam as cabeças que estão nos dois Vigilantes kamikazes, agindo como apoio para mantê-los vivos. Enquanto isso, o resto de nós voa em direção ao Senhor do Abismo enquanto Hawk e Cyclone distraem os Consumidos.

Em vez de esperar, o Senhor do Abismo solta Flyer e pula em nós.

Suas asas em chamas varrem o ar, parecendo que ele está atirando em nós com uma bola de fogo.

Suas asas de fogo tornam impossível nos aproximarmos dele de qualquer direção diferente senão a frente, e Raffe e eu estamos diretamente na frente dele.

Enquanto o Senhor do Abismo golpeia sua ardência em nós, um Vigilante entra no meio, nos protegendo com seu corpo enquanto bate no Senhor

do Abismo. Em vez de socar para trás, o Senhor do Abismo o agarra pelo pescoço e fecha suas asas. Por um momento não podemos ver nada, além de uma gigantesca bola de fogo quando suas asas fecham o Senhor do Abismo e o Vigilante.

Quando ele abre suas asas novamente, o Vigilante está em chamas. Suas penas restantes, junto com cada pedaço de cabelo em seu corpo, estão em chamas.

O Senhor do Abismo o deixa cair, e o Vigilante ruge quando ele cai, aterrissando com força e rolando no chão, tentando esmagar as chamas.

O Senhor do Abismo volta para nós. Raffe prende seu espaço aéreo, enquanto os outros Vigilantes resgatam Flyer.

Raffe acena para um dos Vigilantes que toma posição abaixo de nós. Eu estou supondo que ele está lá para me pegar se eu cair.

— Não se atreva a me soltar — eu digo.

— Não vou deixar você se queimar — diz ele.

O Senhor do Abismo vem para nós em um halo de chamas.

Raffe vira para baixo, evitando a queimação.

O Senhor do Abismo vira e nos persegue. Eu percebo que Raffe está relutante em virar e encará-lo, porque isso me coloca na linha da chama de fogo.

— Pegue a espada — eu digo. Nós não testamos se Pooky o aceitaria de volta. Mas, enquanto ele ziguezagueia evitando encarar o Senhor do Abismo, eu decido que este não é o melhor momento para testar.

Raffe gira no ar. Uma parede de fogo vem para nós quando o Senhor do Abismo varre suas enormes asas.

Eu balanço minha lâmina tão forte quanto eu posso. Consigo sentir a onda de excitação que vem pela lâmina quando Pooky tem a chance de cortar um Senhor do Abismo.

A lâmina fatia através do fogo. Um pedaço das chamas sai fora e cai para baixo.

O Senhor do Abismo grita quando vê uma parte de sua asa cair,

espalhando brasas em todos os lugares.

Ele chicoteia suas asas freneticamente, tentando se manter no ar, mas suas asas estão desiguais agora, e ele começa a cair em uma espiral. Raffe vê nossa vantagem e voa até ele.

Eu corto a primeira coisa que consigo alcançar. Outro pedaço da asa do Senhor do Abismo brilha para baixo.

E ele cai do céu.

39

Assim que aterrissamos, começo a suar com o calor. Não consigo evitar cobrir meu nariz, ainda que isso não ajude contra o mau cheiro de ovo podre.

O Senhor do Abismo caiu e rolou. O fogo em suas asas cuspiu para fora, deixando asas que pareciam mortas, queimadas até as cascas de couro. Ele está sangrando em ambas as asas.

Ele grita um comando, e os diabinhos e os Consumidos se reúnem perto dele. Os diabinhos observam seu mestre com medo, parecendo prontos para fugir a qualquer minuto, enquanto os Consumidos parecem incrivelmente animados com a perspectiva de corpos.

Vigilantes aterrissam ao nosso redor, formando um círculo de proteção.

Eles não têm armas, e a maioria deles estão com feridas feias, algumas delas graves, mas isso não os impede de parecerem ferozes. Para minha surpresa, Beliel é um deles. Ele olha cegamente em frente, pronto para batalhar por Raffe.

Eu olho para a nossa equipe e a comparo com a gangue do Senhor do Abismo. Há uma boa chance de ganharmos, assumindo que nenhum de seus amigos chegue para se juntar à luta.

— Oh, eu sinto falta da minha lâmina — diz Cyclone, olhando para a minha com saudade. — O dano que poderíamos fazer aqui, se estivéssemos com nossas espadas.

— É exatamente por isso que as espadas têm que nos rejeitar, irmão — diz Howler. — Ninguém quer os Senhores do Abismo causando estragos com um exército de Caídos armados com suas espadas.

— Você pode pensar que é mais forte, Arcanjo — diz o Senhor do Abismo. — Mas meus irmãos Senhores do Abismo estão a caminho agora. Todos eles nos viram lutar no céu.

— Eles não vão chegar a tempo de salvá-lo — diz Cyclone.

O Senhor do Abismo faz um barulho como se mil cobras deslizassem sobre folhas mortas. — Mas se você usar esse tempo para lutar comigo em vez de voar para longe, os outros Senhores irão matá-lo — diz o Senhor do Abismo. — Portanto, temos um impasse.

Ele varre as asas queimadas e pulveriza para a frente e para trás, como se estivesse tentando tirá-las. Os cortes sangram por todo o chão. — Acho que eu estou precisando de um novo par de asas.

Ele olha para as asas de Raffe, que são magníficas ao lado das sarnentas dos Vigilantes. — As suas são bastante agradáveis. Um Senhor do Abismo com um conjunto de asas de arcanjo seria respeitado e temido ao mesmo tempo. Haveria muita especulação sobre como ele veio a possuí-las. Importa-se de fazer um acordo?

Raffe ri.

— Pense nisso. Nenhum anjo torna-se arcanjo sem ambição. Ambição, por vezes, requer enganação. Às vezes, exige um exército. Eu posso oferecer um.

— Enganação pode ser encontrada em toda parte — diz Raffe. — E é dada livremente.

— Mas um exército, isso vale alguma coisa. Tenho vários para alugar. Pelo preço certo. Interessado?

— Não pelas minhas asas. Ninguém vai tirá-las de mim. — Ele não diz de novo.

— Talvez você tenha algo mais que eu possa querer um dia. — O Senhor do Abismo olha incisivamente para mim. — Se você estiver interessado em algo que eu possa fornecer em troca... — Ele encolhe os ombros — algo que eu quero, apenas morda isso aqui.

Ele joga um item pequeno e redondo amarrado em um fio dental. Raffe não se preocupa em pegá-lo, e ele cai a seus pés. Parece uma maça seca, escura e enrugada. Eu não tenho certeza se comeria mesmo se estivesse morrendo de fome.

— Quando você a morde, ela vai me levar onde quer que você esteja, para que possamos conversar sobre os detalhes — diz o Senhor do Abismo enquanto ele sobe em sua carruagem.

Cyclone dá um passo em direção a carruagem. Os diabinhos do Senhor do Abismo e os Consumidos rosnam para ele mostrando os dentes.

Raffe coloca a mão para detê-lo. — Nós não estamos aqui para lutar.

— Ele só está oferecendo barganha para se salvar — diz Cyclone. — Ele não vai ganhar, e sabe disso.

— Nem nós. — Raffe acena com a cabeça para o céu. Três carros voavam em direção a nós. Atrás deles vinha uma nuvem de diabinhos.

O Senhor do Abismo estala o chicote nos anjos atrelados ao seu carro. As cabeças chicote dos Consumidos cortam os anjos, que estão encharcados com suor de sangue escorrendo de seus corpos rígidos. Eles decolam no ar.

Assim que o carro está a caminho, os Vigilantes rodeiam Flyer, que está deitado no chão. Suas costas claramente estão quebradas, vendo pela curva não natural do seu corpo.

Sua cabeça se desloca para trás no chão, por isso suponho que ele está vivo. Mas à medida que nos inclinamos, o deslocamento de sua cabeça se torna mais e mais errado.

Seu pescoço chia, borbulhando sangue.

Eu salto para trás.

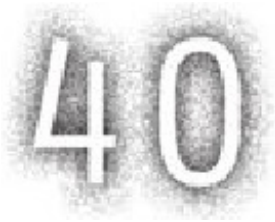
Dentes roem para fora do interior do pescoço de Flyer, rapidamente mastigando completamente. Uma cabeça chicote de Consumido coberta de sangue surge do pescoço de Flyer.

Eu desvio o olhar, desejando limpar o que eu acabei de ver. Pela borda da minha visão, vejo Cyclone pegar uma pedra e içá-la acima de sua cabeça.

Então eu ouço um ruído molhado.

Ombros de todos parecem cair ao mesmo tempo.

— Você tem que nos tirar daqui, Comandante — diz Hawk com tristeza pesada em sua voz. — Não é assim que fomos feitos para morrer.



Nós saímos da área antes que os outros Senhores do Abismo chegassem. Alguns de nós caminham, enquanto outros voam baixo e espiam à frente.

Eu continuo esperando alguém perguntar sobre a minha espada, mas ninguém pergunta. Os Vigilantes parecem um pouco chocados depois de ver Flyer morrer. É como se mesmo a tragédia acontecendo tantas vezes, eles ainda não conseguem aceitar.

A rua quebrada onde estamos acaba abruptamente quando as ruínas da cidade se desintegram em um deserto rochoso. Continuo atenta procurando diabinhos ao longo do caminho, mas não vejo nenhum. Eles devem ter fugido ou foram recrutados para lutar pelos Senhores do Abismo quando estavam se reunindo para vir atrás de nós.

O céu está mudando para o que eu acho que é o equivalente da luz do dia aqui. Em vez do preto roxo que vi antes, agora há um brilho vermelho lançando um tom diabólico sobre o deserto - não é bem noite, não é bem dia.

Um dos Vigilantes suspira ao meu lado. — A maioria de nós conseguiu sobreviver por mais uma noite.

— Vamos voltar para aquela rua à noite — diz outro. — É mais seguro lá.

Eu jogo um olhar de soslaio. Eles sofreram cortes frescos em todo o rosto e braços. Um deles está mancando e vertendo sangue de um pedaço faltando de sua perna.

— Há quanto tempo vocês estão aqui? — Pergunto.

Os caras me dão olhares cansados como se dissessem para sempre.

— Não faço ideia — diz um deles. — Desde antes de eu nascer, eu acho.

Nós andamos em um grupo de rochas. O deserto é cheio de torres rochosas estranhas em espiral até o céu vermelho, torcido e torturado. Ao longe, há ruínas de cidades. Um deles está pegando fogo, com fumaça preta subindo para o céu.

— O que é isso? — eu pergunto. — Elas foram cidades?

— Uma vez — diz Thermo. — Agora são apenas armadilhas mortais. Elas costumavam ser cidades dos diabinhos.

Viro para Beliel. — Achei que você disse que os diabinhos não eram nada antes dos Caídos?

Beliel zomba. — Você acha que o fato de eles terem cidades absolve o fato de eles costumarem a torturar pessoas inocentes?

— Eles devem ter tido uma sociedade primitiva boa aqui — diz Thermo. — Mas Lúcifer e seu exército os derrotaram facilmente.

As coisas começam a se unir na minha cabeça. — É por isso que eles adoram torturar os recém caídos?

— Quem sabe por que eles fazem as coisas que fazem — diz Beliel. — Eles devem ser exterminados, não analisados.

— O que quer que eles costumavam ser, eles já se transformaram em animais de classe baixa — diz Thermo. — Eu duvido que eles tenham qualquer motivo que não seja o instinto.

— Mas os recém caídos são os únicos anjos ou demônios que eles podem atormentar, certo? — pergunto. — Eles temem os Caídos antigos, não?

— Eles estariam com medo de nós também, se os Senhores do Abismo não os usassem para nos torturar. Se há um prazer que os Senhores do Abismo lhes dão desde o começo, é o trabalho de nos atormentar.

Eu concordo. Talvez os diabinhos estivessem tão felizes por machucar Beliel porque torturar um recém caído é a única vingança que podem conseguir pela destruição de seu mundo.

Se continuar assim, vou acabar como Paige e começar a falar sobre ter respeito por todos os seres vivos, mesmo para seres tão hediondos quantos os diabinhos.

A antiga Paige, eu quero dizer.

Eu vejo a fumaça subindo acima da cidade arruinada e me pergunto como ela está indo. Será que mamãe está bem? A resistência ainda está junta? Será que eu vou voltar para eles?

Os Vigilantes olham uns para os outros, avaliando as lesões. Eles olham mais atentamente para Raffe, mas não para ver se ele está machucado. Eles parecem apenas estar o avaliando.

Raffe é o único deles que está completo, sem ferimentos e totalmente alado com penas saudáveis. Ele é alto e musculoso, sem cicatrizes ou crostas em seu corpo poderoso.

A única coisa estragando sua aparência é o colar de frutas secas que o Senhor do Abismo lhe deu. Um dos Vigilantes a pegou do chão, dizendo a Raffe que ela poderia ser usada para mostrar que um Senhor do Abismo o favoreceu. Parece que ele está com um rato morto pendurado no pescoço.

— Nós pensamos que nunca o veríamos novamente, Comandante — diz Thermo. — Pensamos que fomos abandonados.

— Sempre soubemos que fomos feitos para sermos abandonados — diz Howler — mas é uma coisa diferente quando realmente acontece.

— O que está acontecendo lá em cima? — pergunta Thermo.

Raffe conta sobre a morte do Mensageiro Gabriel, Uriel acelerando uma eleição através da criação de um falso apocalipse, a invasão no nosso mundo, e o que aconteceu com suas asas.

Enquanto ele está falando com eles, eu observo Beliel. Como os outros, ele é bonito, masculino e musculoso. Mas diferente dos outros, ele olha para Raffe com uma mistura conflitante de esperança e raiva.

— Você está aqui para nos levar de volta com você, certo? — Pergunta Beliel. — Nós não estamos totalmente Caídos ainda. Até ainda temos algumas

de nossas penas. — Alguns dos outros riem como se fosse uma piada.

Beliel acaricia as penas de sol restantes em sua asa. — Elas vão voltar a crescer quando sentirem a luz do sol de verdade. Não vão?

— Vamos ajudar — diz Hawk. — Nos dê uma missão.

— Vamos ganhar o nosso caminho de volta, Comandante — diz Cyclone. — Estamos desperdiçados aqui.

Raffe dá uma boa olhada neles. Ele olha para os tufos de penas e ossos da asa estilhaçadas que furavam em ângulos estranhos. Ele olha para a pele cheia de machucados deles. Eu posso ver em seus olhos que dói ver seus soldados leais assim.

— O que aconteceu com os outros? — pergunta Raffe. Ele olha para a dúzia de Vigilantes em volta de nós.

— Eles têm suas próprias viagens para fazer agora. — A voz de Thermo contém um mundo de tristeza.

Então, se nós os levarmos de volta, seria uma dúzia de Vigilantes contra uma centena de anjos de Uriel.

— Onde estão os diabinhos? — pergunto.

— Eles são a menor das nossas preocupações — diz Beliel.

Eu olho em volta para a paisagem estéril. Sem diabinhos à vista. — Eu preciso deles. Eu poderia ser capaz de usá-los para sair daqui.

Todos eles olham para mim.

— Você já está aqui tempo suficiente para ficar louca? — pergunta Little B.

— Foi como chegamos aqui — eu digo. — Os diabinhos podem entrar e sair pela minha espada, e eu agarrei um para pegar uma carona. — Eu dou de ombros. — Eu acho que vocês nunca prenderam uma espada em um diabinho por tempo suficiente para fazer isso antes.

— Leva apenas um segundo para matar um — diz Raffe. — Não há razão para fazer uma pausa antes acabar com ele.

Há um momento de silêncio enquanto eles olham para mim, então eles

olham um para o outro.

Eu espero uma enxurrada de perguntas, mas tudo o que eles perguntam é: — Podemos pegar uma carona também?

Eu olho para Raffe. Ele balança a cabeça. Não me surpreenderia isto já ter se transformado em uma missão de resgate para ele, tanto quanto uma missão para salvar o anjo anfitrião em nosso mundo.

— Você realmente não acredita nela, não é? — pergunta Little B.

— Você tem algo melhor para fazer do que a ouvir? — pergunta Howler.

— Eu não sei se vai funcionar — eu digo. — Mas se vocês pudessem me ajudar a encontrar diabinhos e convencê-los a saltar de volta para o meu mundo, então todos nós podemos tentar sair daqui juntos.

— Ela é tão louca quanto o resto deles — diz Little B. — Ninguém nunca escapou do Abismo sem a permissão dos Senhores. Nunca.

— Ela está dizendo a verdade — diz Raffe. — Viemos de um tempo diferente, e viemos... por um de vocês.

Todos olham um para o outro.

Raffe acena para mim, e eu conto a eles a minha história. Conto uma versão que espero ser diplomática – onde não menciono qual deles foi a porta de entrada e em que condições ele se encontrava quando passamos por ele. Quando termino de contar sobre como chegamos até aqui, todos estão em silêncio.

— Se um de nós é a porta de entrada — diz Beliel. — Então deve significar que esse Vigilante não pode sair, certo?

Eu baixo meu olhar. Se conseguirmos sair daqui, ele vai ser deixado para trás pelo tempo que levar para ele cavar e conseguir sair do Abismo. Eu não tenho nenhuma ideia de quanto tempo será, mas obviamente vai ser longo o suficiente para matar toda a decência nele.

41

Você pensaria que uma vez que estamos no habitat natural dos diabinhos, o lugar estaria rastejando deles. Mas a maioria deles deve estar escondidas, porque não conseguimos encontrar nenhum. Eu vi mais diabinhos em Palo Alto do que aqui.

Uma fumaça negra se eleva no horizonte do inferno acima de uma das ruínas da cidade. Dou um passo sobre as pedras do deserto perto da areia, querendo saber até que ponto é a cidade mais próxima. Eu tenho um desejo estranho de ver as ruínas. Elas podem ser uma indicação do que o meu mundo poderia ser um dia.

— Pare! — Um dos Vigilantes grita quando estou prestes a pisar na areia.

Uma mão chicoteia para fora da areia e agarra meu tornozelo.

Eu grito, tentando puxar meu pé para trás. Eu chuto a mão, mas ela tira meu equilíbrio.

Mais mãos estouram para fora da areia, estendendo a mão para mim.

Eu tento embaralhar de volta, mas a mão me puxa para baixo.

Eu tiro minha espada e fatio freneticamente.

Braços fortes envolvem minha cintura, e uma bota chuta a mão decepada do meu tornozelo, deixando as larvas na minha perna.

Fechei os olhos e tentei não gritar. — Tire-as de mim!

Raffe as tira fora, mas parece que ainda estão rastejando na minha pele.

— Então você grita como uma menina — diz Raffe com alguma satisfação em sua voz. Abro os olhos um segundo rápido demais, porque o pego

jogando a mão decepada na areia.

Uma floresta de mãos brota da areia para agarrá-la e rasgá-la em pedaços, lutando pelos restos.

Eu fujo das larvas. Raffe vê a minha aflição e atira uma pedra nelas.

— Larvas são muito nojentas — eu digo, me levantando. Eu tento manter alguma dignidade, mas não consigo evitar em tremer e agitar as mãos no ar. É um impulso instintivo, que não estou a fim de resistir agora.

— Você lutou contra um bando de homens duas vezes o seu tamanho, matou um anjo guerreiro, levantou-se contra um arcanjo, e empunha uma espada de anjo. — Raffe inclina a cabeça. — Mas grita como uma garotinha quando vê uma larva?

— Não é apenas uma larva — eu digo. — Uma mão estourou do chão e agarrou meu tornozelo. E as larvas se arrastaram para fora dela e tentaram me puxar. Você iria gritar muito como uma garotinha se fosse você.

— Elas não tentaram puxar você. Elas estavam apenas rastejando. É o que larvas fazem. Rastejam.

— Você não sabe de nada.

— Difícil de argumentar com isso, Comandante — diz Howler com uma risada em sua voz.

— Esse é o Mar das Mãos Assassinas — diz Thermo. — Você não quer chegar perto dele.

Posso ver por que eles chamam de mar. A areia muda como ondas. Eu estou assumindo que é por causa das mãos ou qualquer movimento abaixo dele. Não posso deixar de ver as semelhanças entre o Abismo e meu mundo agora, com Uriel e seu falso apocalipse criando coisas como os ressuscitados rastejando para fora da terra.

— Oh, ela poderia ter lidado com as mãos assassinas como o guerreiro mais verdadeiro — diz Raffe orgulhosamente. — São as pequenas larvas que a fazem tremer.

— Talvez devêssemos chamá-la de Assassina de Larvas — diz Howler.

Os outros riem.

Eu suspiro. Eu provavelmente mereço, mas isso não faz com que seja mais fácil. Agora eu sei como Pooky Bear se sente.

Vejo um pequeno diabinho no deserto e aponto para ele, animada. Mas ele voa muito perto da areia, e três mãos atiram para fora e o agarram. Os braços não são do comprimento de um braço regular. Eles alcançam pelo menos dois metros para pegar o diabinho. Ele grita por todo o caminho até que é arrastado debaixo da areia.

Um dos rapazes aponta para um grupo de rochas.

O pequeno diabinho que foi pego pelas mãos deve ter sido um olheiro, porque um grupo de diabinhos voa em direção a nós.

Minha espada sobe, pronta para uma luta. — Não matem. Precisamos deles vivos.

As bestas voadoras vêm para nós, mostrando os dentes e garras. Eles são tão grandes ou maiores do que os que vieram comigo para o Abismo. Há quatro deles.

Ao meu lado, Raffe abre suas asas e voa sobre o Mar de Mãos Assassinas. Os outros fazem o mesmo. Beliel e eu somos os únicos no chão.

Eles encurralam os diabinhos em direção a Hawk e Cyclone, que os capturam.

Quando eles descem, pegaram todos os quatro. Eles amarram os diabinhos com tiras de couro que alguns deles tinham envoltas em torno de seus pulsos. Aparentemente, Raffe os treinou para coletar pedaços de itens úteis de um ambiente sempre que estavam em uma missão.

— Você é mais esperto do que parece — eu digo para Raffe.

— Mas não tão esperto quanto ele pensa — diz Howler.

— Vejo que a disciplina foi esquecida durante as suas férias — diz Raffe.

— Sim, tudo o que fazemos é descansar na praia com nada a fazer senão beber e olhar mulheres.

Ao ouvir a palavra mulheres, os Vigilantes ficam desajeitados e autoconscientes.

— Eu tenho que perguntar — diz Thermo. — Eu sei que os outros estão pensando isso também. Ela é a sua Filha do Homem? — Ele balança a cabeça em minha direção.

Eu olho para Raffe.

Eu sou?

Raffe pensa sobre isso por um segundo antes de responder. — Ela é uma Filha do Homem. Está viajando comigo, mas não é minha Filha do Homem.

Que tipo de resposta é essa?

— Oh. Então, ela está disponível? — pergunta Howler.

Raffe dá-lhe um olhar gelado.

— Nós todos estamos solteiros agora, sabe — diz Hawk.

— Eles não podem nos punir duas vezes pelo mesmo crime — diz Cyclone.

— E agora que sabemos que você está fora da corrida, Comandante, isso me torna o mais bonito na fila — diz Howler.

— Basta. — Raffe não parece divertido. — Você não é o tipo dela.

Os Vigilantes sorriem com conhecimento de causa.

— Como você sabe? — pergunto.

Raffe se vira para mim. — Porque anjos não são o seu tipo. Você odeia eles, lembra-se?

— Mas esses caras não são mais anjos.

Raffe arqueia a sobrancelha para mim. — Você deve ficar com um menino humano agradável. Um que aceite suas ordens e ature suas demandas. Alguém que dedique a vida para mantê-la segura e bem alimentada. Alguém que possa te fazer feliz. Alguém de quem você pode se orgulhar. — Ele acena a mão para os Vigilantes. — Não há ninguém assim ali.

Eu olho para ele. — Eu vou garantir de mostrar a você antes, quando eu *resolver...* escolher alguém.

— Faça isso. Vou falar o que se espera dele.

— Assumindo que ele sobreviva ao seu interrogatório — diz Howler.

— Boa suposição — diz Cyclone.

— Eu gostaria de estar lá para assistir — diz Hawk. — Deve ser interessante.

— Não se preocupe, Comandante — diz Howler. — Nós todos tivemos nossas próprias conclusões. Todos já passamos por isso.

E então um humor sombrio cai sobre eles. Thermo pigarreia. — Falando disso...

— Algumas delas sobreviveram — diz Raffe.

— Quais?

— Não vai ajudar saber — diz Raffe. — Só sei que eu consegui resgatar algumas delas, e elas vivem.

— E as crianças? — Não há esperança na voz de Thermo quando ele pergunta por isso.

Raffe suspira. — Você estava certo. Saí para caçar os monstros *Nephilim* apenas para descobrir que eles eram apenas crianças. Gabriel disse que a cria de um anjo e uma Filha do Homem seria um monstro. Eu não queria matá-los enquanto ainda eram inofensivos, então esperei. E esperei. Geração após geração, para erradicar o mal do qual fui avisado.

Ele balança a cabeça. — Mas nada veio. Eu procurei em todos os lugares pelos monstros Nephilim, mas eles eram apenas pessoas. Alguns deles eram particularmente ótimas pessoas, e tiveram menos filhos do que a maioria. As crianças que tiveram eram, por vezes, especialmente talentosas e bonitas, mas nada monstruosas. E, eventualmente, as linhagens diluíram entre os seres humanos ao ponto onde não era incomum ter pelo menos uma ou duas gotas de sangue angelical em uma população.

— Eu sabia que era uma mentira — diz Cyclone.

— Obrigado, Arcanjo — diz um Vigilante com um tufo de penas manchadas nas asas. — Obrigado por poupá-las.

— Minhas ordens eram para matar os monstros Nephilim — diz Raffe. — Foram as palavras exatas de Gabriel. Eu achei os Nephilim. Não posso fazer nada se nenhum deles eram monstros. Eu fiz o meu dever.

— Mas você ficou um longo tempo, não é? — eu pergunto.

Raffe acena. — Se eu voltasse cedo demais para apresentar um relatório sobre a minha missão, Gabriel poderia ter esclarecido sua ordem para apenas matá-los e me mandar de volta.

Agora eu entendo. — Você estava esperando até que o sangue Nephilim diluísse, até que ninguém pudesse identificar um.

Raffe dá de ombros. — Ou até que um deles virasse um monstro. De preferência, dois. Então eu poderia voltar e dizer que matei os monstros Nephilim como solicitado.

— Mas isso não aconteceu — eu digo.

Ele balança a cabeça.

Os Vigilantes parecem precisar de um momento. Alguns deles encontram uma pedra para sentar, enquanto outros apenas desviam o olhar ou fecham os olhos por um minuto.

— Por que Gabriel mentiria e faria uma regra de que um anjo que se casasse com uma Filha do Homem cairia? — pergunta um dos Vigilantes.

— Talvez ele não quisesse manchar a linhagem angelical com o nosso sangue humano — eu digo. — A maioria dos anjos pensam em nós como animais. — Eu dou de ombros.

— Há quanto tempo estamos aqui? — pergunta Thermo. — Nossas crianças já têm bisnetos?

— Da sua perspectiva, eu não acho que faz muito tempo desde que você caiu — diz Raffe. — Mas somos de um tempo diferente. Em nosso mundo, sua queda é história antiga.

Os Vigilantes trocam olhares uns com os outros.

— Você tem que nos tirar daqui — diz o Vigilante com o tufo manchado. — Por favor, Comandante. Quem sabe quando o Dia do Julgamento

virá. — Sua voz falha no final.

Há desespero em seus rostos.

— É uma coisa morrer no campo de batalha — diz Beliel — mas morrer no Abismo, ou pior... viver eternamente aqui... — Ele balança a cabeça. — Isso é incompreensível. Nós estamos sendo punidos por nada.

— Uriel diz que Gabriel ficou louco — diz Raffe. — Que ele não tem realmente falado com Deus por uma eternidade. Que talvez nunca tenha falado.

A maioria dos Vigilantes olha para ele de boca aberta. Alguns deles, porém, acena, como se suspeitassem disso há algum tempo.

— Eu não tenho ideia se é verdade — diz Raffe. — Ninguém tem, com exceção de Gabriel. Mas parece que ele estava errado sobre os Nephilim. Eu estive dizendo a mim mesmo que era um erro. Mas agora... quem sabe sobre o que mais ele estava errado? — Ele olha para mim.

— No final, não importa — diz Hawk. Nossa lealdade é com você, aconteça o que acontecer.

— Você tem um plano, Comandante? — pergunta Thermo.

— Claro — diz Raffe. — O plano é tirar vocês daqui, para que vocês me ajudem a derrubar Uriel.

Há mudanças no rosto de todos. Eu não tenho certeza se é temor ou descrença. Talvez um pouco de ambos.

— Não fiquem animados — diz Raffe. — Nós não sabemos se podemos todos sair. E mesmo se pudermos, não sabemos o que está esperando do outro lado.

Ele olha para Beliel, que parece animado com o pensamento de sair. — Sacrifícios terão de ser feitos.

42

Os Vigilantes estão certos de que existem mais diabinhos na direção de onde os primeiros vieram. Decidimos nos dividir para aumentar nossas chances de encontrá-los.

— Howler e Cyclone, venham comigo — diz Raffe. — O resto de vocês, se dividam em pequenos grupos e cada um tome uma direção. Nós nos encontraremos aqui atrás. — Ele olha para o céu. — Como vocês medem o tempo aqui?

— Vai ficar mais quente — diz Thermo. — Podemos nos encontrar quando nos sentirmos como se estivéssemos assando.

— Isso seria agora — diz Howler.

— Nos encontraremos quando Howler se sentir como se estivesse queimando e o resto de nós como se estivéssemos assando — diz Raffe. — Prontos?

— Uh, eu posso ir com Thermo? — pergunta Howler.

— Thermo? — pergunta Raffe. — A última vez em que você foi atribuído com ele, você disse que era perigoso porque temia dormir na missão.

— Sim, é por isso que ele vai precisar, e se eu for com ele, não terei que ir com você e sua Filha do Homem.

— É verdade — diz Cyclone. — Posso ir com Howler e Thermo? Eles são impotentes sem mim.

Howler bufa.

— O que há de errado em ir comigo? — pergunto.

— Ninguém quer estar preso com passarinhos do amor. — Howler balança a cabeça.

— É estranho — diz Cyclone, já caminhando em direção a Thermo.

— Você acha que eu faria algo para correr o risco de Cair? — Pergunta Raffe.

— Você não pode Cair mais do que aqui, Comandante — diz Thermo. — Você já está no Abismo, então tecnicamente, é o equivalente a ser um Caído durante o tempo que estiver aqui.

O calor se intensifica no meu rosto, e eu quero rastejar atrás de uma pedra.

Raffe parece que quer ser teimoso, mas em seguida diz: — Tudo bem, mas é melhor você trazer de volta um monte de diabinhos, Howler.

— Pode contar com isso, chefe. — Howler pisca para nós, e decola no ar. Cyclone e Thermo voam atrás dele.

O resto dos Vigilantes decola em pequenos grupos, cada um tomando direções diferentes. É uma maravilha que eles ainda possam voar com suas asas sarnentas. Eu acho que não há nada de errado com elas funcionalmente, já que voam normalmente. Elas só não são bonitas de olhar.

Raffe os observa ir, em seguida, olha para mim. — Vamos dar uma volta e ver como o lugar parece?

Eu aceno, tentando não parecer envergonhada.

Eu me aproximo de Raffe. Nunca vou me acostumar a subir em seus braços.

Em vez de colocar o braço debaixo dos meus joelhos, ele me prende com os braços ao redor da minha cintura, e ficamos de frente um para o outro, em um abraço. Com um par de bater de asas, nós decolamos.

Eu coloco meus braços em volta de seu pescoço, mas minhas pernas estão balançando. Não me sinto tão segura como quando ele me pega com os braços atrás das minhas costas e meus joelhos. Eu instintivamente deslizo meus joelhos em torno de sua cintura e me aperto para segurar melhor.

Mas isso não é suficiente. Enquanto voamos mais alto, eu posso sentir que estou escorregando um pouco. Seus braços em volta da minha cintura estão firmes, mas à medida que subimos acima do Mar das Mãos Assassinas, sinto uma mistura igual de excitação e medo.

— Não me deixe cair. — Eu me aperto mais e pressiono contra ele mais um pouco.

— Nunca. — Há tanta confiança e segurança em sua voz. — Eu peguei você. Você está tão segura quanto poderia estar.

Oh, que diabos. Eu coloco minhas pernas completamente em torno de seus quadris e aperto meus pés em seu bumbum.

Ele inclina seu corpo um pouco para frente com um sorriso se espalhando pelo rosto. Meu rosto ferve.

Agora eu estou pendurada como um macaco enquanto deslizamos pelo Abismo. Eu não posso ver tão bem quanto poderia se ele estivesse me segurando do outro lado. Em vez de olhar por cima do ombro em suas asas arrebatadoras, eu viro a cabeça para ver a paisagem abaixo. Isso coloca o meu rosto quase boca a boca com a dele.

Eu tento me concentrar na cidade fumegante a frente, mas minha cabeça está cheia com o calor de sua respiração e o formigamento elétrico de sua bochecha contra a minha.

Voar não é tão suave quanto pode parecer. Há uma mudança sutil de nossos corpos quando suas asas empurram o ar. Eu estou pendurada nele com tanta força que começo a notar que ele está se esfregando contra mim a cada lufada de suas asas.

O calor no Abismo está cada vez mais intenso. O mar de mãos abaixo se move quando correntes de larvas fluem uma sobre a outra.

A fricção está causando uma sensação de formigamento quente, como se todo o meu sangue estivesse correndo para as partes do meu corpo que estão pressionadas contra ele. Minha cabeça começa a ficar leve. Minha respiração vem mais rápido.

Sua respiração acelera para coincidir com a minha, ou talvez seja o contrário. Antes que eu saiba, ele está acariciando a cabeça contra a minha bochecha. Um gemido baixo escapa de seus lábios.

Eu me mexo sem pensar, apertando minhas pernas em volta de seus quadris, me pressionando contra ele. Ele acaricia a curva das minhas costas, me pressionando ainda mais perto de seu calor. Fico maravilhada com a sensação quando ele sutilmente move seu corpo contra o meu.

Ele abaixa a cabeça enquanto estamos voando e toca seus lábios nos meus. Seu beijo é quente e úmido quando se intensifica.

Minha cabeça parece estar roncando. Então eu percebo que é o céu. É um trovão. De repente, pingos de chuva quente caem sobre nós, pulverizando-nos até que estamos completamente molhados.

Raffe ignora e continua a me beijar. Nos abraçamos, pressionando ainda mais para ficarmos juntos.

Nós voamos nos braços um do outro na chuva sobre um inferno em chamas.

43

Quando voltamos para o grupo, vejo que os Vigilantes pegaram o resto dos diabinhos necessários. Uma dúzia de diabinhos estão amarrados no chão, batendo ao redor e tentando roer as correias que os amarram.

Os Vigilantes nos olham como se soubessem o que estávamos fazendo. Assim que aterrissamos, eu pulo fora e me afasto de Raffe. Fico feliz que está tão quente que não vou ter que explicar por que meu rosto está tão vermelho.

Raffe imediatamente começa a trabalhar. Ele explica o que precisa ser feito para montar um diabinho para fora do Abismo e o que poderíamos encontrar do outro lado. Ele não parece envergonhado que eles assumam que ficamos.

Ele então fala para os diabinhos. — Levem-nos para o outro lado. — Ele faz um gesto ao longo da lâmina de Pooky e usa sua mão para mostrar um movimento de deslizamento para o céu.

Um diabinho assobia para ele, mostrando dentes afiados.

Cyclone avança. — Eles precisam de uma mão firme, Comandante. — Ele paira sobre os diabinhos. — Faça o que mandamos, ou morrem. — Ele faz um movimento de quebra com as mãos.

O diabinho cospe nele, esguichando um liquido verde-amarelo de odor fétido que Cyclone quase não evita.

Os outros diabinhos parecem achar graça. Cyclone se inclina, parecendo que vai estrangulá-los, mas Raffe impede.

Eu passo em frente. Vamos ver como eles respondem se forem tratados como eu gostaria de estar em seu lugar.

— Liberdade — eu digo.

Os diabinhos olham de soslaio para mim.

— Fuga. — Eu agacho para olhá-los em seu nível. Eles me observam com desconfiança, mas eles estão ouvindo. — Sem mais Senhores do Abismo. Sem mais mestres. Serão livres. — Eu faço o movimento de deslizamento ao longo da minha espada da maneira que Raffe fez anteriormente.

Os diabinhos começam a conversar entre si, discutindo.

— Levem-nos com você. — Eu aponto para mim e para os outros. — Sejam livres. — Eu movimento a minha espada para o céu novamente. — Com vocês. — Eu aponto para eles.

Mais conversa.

Em seguida, eles se acalmam.

Um no centro acena para nós.

Meus olhos se arregalam. Funcionou. Um por um, os Vigilantes assentem em minha direção com respeito em seus olhos.

Raffe não entra em detalhes sobre o envolvimento de Beliel com Uriel ou com suas asas. Na verdade, ele sequer diz que ele é o Vigilante que usamos como portal. Ele apenas diz que é um deles.

— Pensem muito sobre isso — diz Raffe. — Nós sempre nos orgulhamos de nunca deixar um de nós para trás. Vocês podem ficar aqui juntos e eu vou encontrar uma outra maneira de vencer Uriel. Ou podem vir conosco, mas um de vocês deve ficar para trás. O isolamento é a pior coisa que pode acontecer a um anjo. Você acha que é ruim agora? Vai ser cem vezes pior quando estiver sozinho, sabendo que todos os seus companheiros soldados conseguiram sair e te deixaram aqui. Você vai se transformar em um ser amargurado, irritado e vingativo. Você vai se tornar alguém que não reconheceria.

Ele olha para os diabinhos contorcendo amarrados no chão. — E por isso, me desculpe. Agora vejo o meu papel nisso.

Ele olha para todos os Vigilantes em volta. — Para o resto de vocês, lembrem-se de que suas famílias não estarão mais lá. Suas Filhas do Homens,

seus netos, todos terão ido. Se isso der certo, nós estaremos indo para um tempo diferente, um lugar diferente. Vamos aterrissar no meio de uma guerra. Mas vai ser uma guerra onde alguns dos lutadores podem ter o sangue de vocês nas veias.

Os Vigilantes olham um para o outro como se estivessem tentando processar essa informação. Eu mesma estou tendo problemas com isso. Alguns de nós podemos ser seus descendentes.

Todos olham um para o outro, entendendo que o Vigilante usado como portal pode ser qualquer um deles.

Beliel é o primeiro a acenar com a cabeça. Há esperança nua em sua face. — Eu faria qualquer coisa - qualquer risco - por uma chance de ter o sol amarelo em nossos rostos novamente.

Eu me reprimo duramente com a simpatia que está florescendo por ele. Eu repasso a lista de seus crimes - minha irmã, os assassinatos, as asas de Raffe, sua parte em transformar seres humanos em monstros – eu listo todos os nomes e rostos que eu conhecia em Alcatraz.

Um por um, os Vigilantes acenam com seriedade. Cada um preparado para assumir o risco.

Não contamos que é Beliel até o último segundo.

Quando Beliel descobre que é ele, seu rosto congela. É perturbador pensar em alguém olhando para o nada quando não tem olhos. O único sinal de vida dele é o peito subindo e descendo quando sua respiração fica mais pesada.

Os Vigilantes ficam sombrios. Cada um deles toca o ombro de Beliel até que ele tira a mão de Thermo para fora. Depois disso, todos silenciosamente pegam um diabinho.

Beliel fica sozinho em um círculo dos únicos amigos que teve em sua vida. Ele balança quando eu o espeto com a minha espada.

Raffe dá o comando para os diabinhos saltarem.

Os Vigilantes montando os diabinhos saltam em Beliel. Ele fica congelado, como se eletrificado, enquanto os diabinhos voam através dele.

Raffe é o primeiro a ir para que ele possa receber os Vigilantes que com

certeza chegarão desorientados quando chegarem do outro lado. Eu sou a última a ir para que eu possa segurar a espada e manter a porta aberta até que todos tenhamos saído completamente.

No final, Beliel está de joelhos, suas órbitas vazias fechadas e os dentes cerrados. Há choque, mas há angústia também, mesmo ele tendo se oferecido. Todos eles se ofereceram.

Mas eu tenho certeza que é pouco conforto. Todo mundo está saindo do Abismo e deixando-o para trás. Sofrer sozinho pelo que parecerá uma eternidade para ele.

Sozinho e indesejado.

Provavelmente pela primeira vez em sua vida.

Eu repasso a lista de seus crimes novamente quando monto o meu diabinho para o portal que é Beliel.

44

Ir para o Abismo era como cair. Sair de lá é como ser arrastada por uma cuba de vaselina. É como se o próprio ar estivesse tentando me empurrar para trás. Eu me agarro ao diabinho tão firmemente quanto posso. Não quero nem pensar no que acontece se eu soltar.

Eu bato em algo apertado, me sentindo coberta de gosma, embora não haja nada fisicamente em mim. Devo estar de volta no meu mundo e meu tempo se tudo correu como planejado. Raffe deixou claro para os diabinhos que eles seriam livres apenas se nos trouxessem para o nosso próprio onde e quando, mas nunca se sabe.

Em vez de saltar para fora através do portal e para terra firme, eu acabo batendo contra algo duro. Há luz suficiente para ver que eu estou imprensada contra o painel de um caminhão.

O caminhão balança, e estou tão desorientada que eu poderia muito bem estar de cabeça para baixo em uma bacia de peixes. Tudo o que posso ver é o diabinho que eu montei saltando em pânico dentro da cabine do caminhão. Felizmente, é uma cabine de caminhão grande, mas ainda há pessoas e criaturas demais nele.

Minha desorientação passa o suficiente para eu perceber que estou sentada no colo de Beliel.

Não é o mesmo Beliel que deixamos para trás. Ele é mais duro, espancado e cansado. Para não mencionar seco, sem asas, e sangrando. Ele respira, uma respiração lenta e dolorosa.

Eu vejo meu ambiente de uma forma que minha mente não consegue compreender agora. Uma mão branca empurra através da janela traseira aberta. Ela pega o diabinho que agita e o puxa desajeitadamente através da janela.

Atrás de nós há uma caçamba, cheia de Vigilantes confusos e desorientados. Vários deles parecem enjoados quando o caminhão pula e desvia dos detritos.

Além da caçamba, um grupo de anjos nos persegue através da nuvem de poeira que se espalha para o céu do amanhecer. São a minha irmã e seus três escorpiões voando ao nosso lado?

Reduzindo a distância está a sombra escura do novo Aerie e seus edifícios exteriores. Antes que eu possa compreender o que estou vendo, as janelas de um dos edifícios exteriores explodem em uma explosão de fogo e estilhaços de vidro.

Os anjos que estavam nos perseguindo param, olhando o fogo. Em seguida, eles circulam de volta para o ninho de águia para defender sua base de tudo o que está atacando.

O caminhão guina para a esquerda, depois à direita, como se o motorista estivesse bêbado.

Ao meu lado, eu ouço um cacarejar cheio de alegria genuína. Minha mãe está atrás do volante. Ela tem um sorriso triunfante em seu rosto enquanto olha para mim.

Ela olha de volta para a estrada a tempo de desviar de um carro abandonado. Ela deve estar indo a cem quilômetros por hora. Isso é suicídio nestas estradas.

Eu me afasto de Beliel. Eu me acostumei a vê-lo com um rosto esperançoso e fresco. Agora ele está sangrando pelo peito, ouvidos, boca e nariz. É difícil olhar para ele, muito menos sentar no colo dele.

É estranho e perigoso segurar minha espada em um lugar tão apertado. Eu tenho que ter cuidado na cabine, desviando enquanto coloco a lâmina de volta na bainha.

— Tenha cuidado, mamãe — eu digo quando ela desvia novamente.

Eu rastejo através da janela traseira e passo para a cabine aberta. Há pouco espaço, mas sou pequena o suficiente para que eu possa escorregar entre dois grandes guerreiros.

Quando vejo os seus rostos desorientados e drenados, eu não preciso me perguntar por que eles não estão indo pelo ar. Mesmo os poucos que estão voando em cima do caminhão parecem precisar de um pouco de orientação. Esses caras claramente precisam de um minuto para ajustar.

Nessa velocidade, o Aerie está rapidamente desaparecendo atrás de nós.

— Vocês estão prontos para voltar e lutar? — É Josiah, o albino.

Os Vigilantes respondem com um gemido geral. Soa vagamente como *sim, tudo bem* se eu estiver sendo otimista, *o inferno que não* se eu não estiver.

A impressão geral é que eles estão completamente doentes e sem condições de lutar. Estou desorientada também, mas não mal do meu estômago. Eles provavelmente nunca estiveram em um carro com a minha mãe antes. Ok, talvez eles nunca sequer estiveram em um carro antes.

— Vocês vão se sentir melhor quando pararmos. — Eu bato na janela. — Mãe, desacelere. Você pode parar o caminhão.

Ela acelera.

Eu bato na janela novamente e passo a cabeça pela janela. — Mãe, vai dar tudo certo.

O caminhão desacelera e para. Paige e seus gafanhotos voam passando por nós, então fazem o retorno até onde estamos parados.

Os Vigilantes saem do caminhão, parecendo instáveis quando em pé. Eles esticam suas asas, como se para testá-las. O resto aterrissa em nossa volta, parecendo não muito melhor.

A poeira assenta atrás de nós e ao longo dos Vigilantes. Eles são um grande espetáculo. As penas de suas asas estão parcialmente curvadas e com bordas lascadas, e seus corpos cheios de feridas devem ser monstruosos, mesmo

na imaginação de minha mãe. Eu olho para a mãe através da janela, me perguntando o que ela pensa de tudo isso.

Minha irmã e seus gafanhotos fazer voltinhas felizes no ar. Paige acena para mim.

— Relatório, Josiah. — Raffe vira para Josiah.

Josiah olha para os Vigilantes com os olhos arregalados. — Depois que você saiu, um guarda me viu, e nós entramos em uma discussão sobre colocar Beliel de volta em sua gaiola. Eu não podia deixar isso acontecer. Se as coisas corressem de acordo com o plano - e eu não consigo acreditar que realmente ocorreram – Vocês todos sairiam em uma gaiola e seriam esmagados até a morte

— Penryn — A porta do caminhão abre e minha mãe corre em minha direção. Ela me envolve em um abraço que é muito apertado.

— Oi, mãe.

— Este anjo fantasma me disse que você estava dentro daquele demônio lá. — Ela aponta para Beliel que parece à beira de perder a consciência no banco do passageiro. — Ele disse que você podia sair a qualquer momento. Eu não acreditei nele, é claro. Isso é conversa de louco. Mas, ainda assim, você nunca sabe. — Ela encolhe os ombros. — E veja o que aconteceu. — Ela aperta os olhos para mim com desconfiança. — É você, não é?

— Sim. Sou eu, mãe.

— Como você nos tirou? — Pergunta Raffe.

Josiah esfrega o seu rosto. — Depois da minha pequena discussão com o guarda, peguei Beliel. Mas Beliel é grande e pesado mesmo em seu estado enrugado. Eu não podia voar com ele, mas eu tinha que levá-lo em algum lugar seguro até você voltar. Eu não conseguiria sem ela. — Ele aponta para minha mãe. — Ou ela. — Ele acena para minha irmã, que pousa nas árvores com seus gafanhotos.

— E como é que você acabou com elas? — Pergunto.

— Sua mãe descobriu que o culto vendeu você — diz Josiah. — E ela e sua irmã vieram resgatá-la.

Eu olho para minha mãe, que está balançando a cabeça como se quisesse dizer, é claro que viemos. Cinza agora raiava seu cabelo escuro. Quando isso aconteceu? Por um segundo, eu a vi através dos olhos de um estranho e vi uma mulher frágil e vulnerável que parece minúscula ao lado dos anjos musculosos.

Eu olho para a minha irmã em uma árvore. Ela está sendo levada por um gafanhoto do jeito que eu costumava levá-la em sua cadeira de rodas a apenas um par de meses atrás.

— Vocês foram para o Aerie? — Minha voz oscila um pouco quando olho para trás e para frente entre minha mãe e irmã. — Vocês arriscaram sua vida para me salvar?

Minha mãe me dá outro abraço muito apertado. Minha irmã contrai os cantos dos lábios apesar da dor que deve custar mover os pontos em suas bochechas.

Meus olhos ardem com o pensamento do perigo que enfrentaram para me resgatar.

— Paige tem três grandes animais de estimação com ferrões de escorpião que podem voar a qualquer momento — diz minha mãe. — Eu disse a eles que eles estariam em apuros se algo acontecesse com ela.

— Oh. — Eu olho para Raffe com um sorriso aguado. — Mesmo os gafanhotos têm medo de minha mãe.

— Eu posso ver por que — diz Josiah. — Ela veio com um grupo de humanos de cabeças raspadas que estavam solicitando marcas de passagem segura em suas testas.

— Anistia? — Pergunta Raffe. — Uriel deu anistia aos seres humanos?

— Só os que a levaram. — Josiah balança a cabeça em minha direção.

Os músculos do maxilar de Raffe dançam quando ele cerra os dentes.

Josiah dá de ombros. — Sua mãe de alguma forma convenceu essas pessoas a vagarem pelo Aerie depois de terem recebido suas marcas de anistia. Uriel teve que expulsá-los como ratos. Sua irmã também distraiu os anjos

fazendo voos rasantes com seus três gafanhotos. Nós todos parávamos para olhar aonde o resto do enxame ia. Enquanto todo mundo estava distraído, sua mãe colocou o local em chamas. Ela é uma mulher feroz.

— Fogo?

— O que você acha que causou a explosão? — Josiah balança a cabeça em apreciação. — Eu nunca teria tirado Beliel se não fosse por todas as distrações causadas por sua família.

Josiah aponta para o caminhão. — Quando enfim convenci sua mãe de que você estava dentro de Beliel, ela me convenceu de que precisávamos montar neste veículo. Ele nos levou para fora, mas eu nunca mais vou andar em um daqueles caixões metálicos.

— Amém — diz Thermo, que ainda parece enjoado.

Mamãe tem uma mancha na testa. Parece cinzas, mas eu sei que é a marca de anistia. Parece como as manchas que o soldado de Uriel deu aos membros da seita que me entregaram.

— Você não está no um culto, não é, mamãe?

— Claro que não. — Ela olha para mim como se eu a tivesse insultado. — Aquelas pessoas são todas porcas. Elas vão se arrepender de terem entregado você. Tenho certeza disso. Se Paige comer alguém, vai ser alguém do culto. É o pior castigo que podem imaginar.

45

O choro chega até nós vindo do banco do passageiro do caminhão. Nós andamos para trás em direção a Beliel e abro a porta do passageiro.

Ele está em má forma. Há sangue por toda parte.

Ele abre os olhos lentamente e olha para mim. É um alívio vê-lo com os olhos em suas órbitas. Eu me pergunto quanto tempo levou para tê-los de volta.

— Eu sabia que eu reconhecia sua voz de algum lugar. — Ele tosse. Bolhas de sangue saem de sua boca. — Faz muito tempo. Por muito tempo pensei que era um sonho tortuoso.

Quanto tempo ele levou no Abismo, cumprindo o castigo por um esquadrão inteiro de recém caídos?

— Eu realmente pensei... Na verdade, eu pensei uma vez... que podia haver esperança — diz Beliel. — Vocês poderiam voltar e descobrir uma maneira de me levar com vocês também.

Vigilantes chegaram em volta, atrás de mim.

Os olhos de Beliel levantaram para olhar para eles. — Está tudo exatamente como me lembro. Vocês não mudaram nada. Como se tivesse sido hoje de manhã. Ele tosse novamente, e seu rosto contorce de dor. — Eu devia ter feito vocês esperarem comigo no Abismo.

Seus olhos se fecham.

Ele dá um suspiro trêmulo e expira. Ele não toma outro.

Eu olho para Raffe, depois para Josiah.

Josiah balança a cabeça para mim. — Foi demais para ele. Ele não estava indo bem depois que vocês passaram por ele. Sua cura diminuiu, quase

parou. Ele não estava em condições de lidar com tantos chegando no final. Eu não acho que seres biológicos foram realmente destinados a serem portais.

Josiah suspira. — Mas se isso tinha que acontecer a alguém, poderia muito bem ter acontecido com Beliel. — Ele se vira e caminha para longe do corpo devastado do Beliel. — Ninguém vai sentir falta dele. Ele não tinha um amigo no mundo.

46

Os Vigilantes decidem fazer uma cerimônia adequada para Beliel. Nós dirigimos até que Aerie está totalmente fora de vista antes de pararmos para enterrá-lo.

— Não temos pás? — pergunto.

— Ele não é um animal — diz Hawk. — Não vamos enterrá-lo.

Há um silêncio desconfortável quando os Vigilantes puxam o corpo de Beliel para fora do caminhão. Nenhum dos caras olham um para o outro, como se teimosamente em silêncio e insistindo em algo que cada um pensa que o outro pode ir contra.

Finalmente, Cyclone fala. — Eu serei um portador.

— Eu também — diz Howler.

As comportas se abrem, e todos os outros Vigilantes falam, oferecendo-se para serem portadores.

Todos olham para Raffe, à espera de sua aprovação. Raffe acena.

— O quê? — Pergunta Josiah, parecendo perplexo. — Depois de tudo que ele fez, você vai conferir uma honraria a...

— Nós sabemos o que ele fez por nós — diz Hawk. — Seja lá o que ele fez desde então, parece que ele pagou o preço. Ele é um de nós. Devemos conceder a ele o final que daríamos aos nossos outros irmãos no Abismo se pudéssemos.

Josiah olha para eles, então para Raffe, que acena com a cabeça.

— O que temos que vá queimar? — Pergunta Thermo.

— Temos gasolina, mas ele disse que eu não poderia usar mais — diz minha mãe, apontando para Josiah.

— E você não pode — diz Josiah. — Mas eles precisam de um pouco para a cerimônia. — Ele caminha de volta para o caminhão e sobe na caçamba.

— Você trouxe gasolina? — Pergunto.

— Para queimar o ‘ninho’ de anjos — diz mamãe. — Eu percebi que quando tirasse você de lá, podia muito bem queimar tudo. Mas ele não deixou.

Josiah volta com uma lata de gasolina. — Ela fez bastante dano. Ela teria sido capturada se tivesse tentado queimar todo o Aerie. — Ele balança a cabeça enquanto coloca a lata no chão. — Eu ainda não sei como ela conseguiu se safar fazendo tantos danos. Ou como a convenci sobre você estar dentro de Beliel. Eu não tenho certeza se eu acredito.

— Por que não? — Pergunta minha mãe. — Você acha que ela estava se escondendo dentro de outra pessoa?

— Não se preocupe, mamãe. — Eu seguro sua mão e a puxo longe dos Vigilantes. — Deixe-os fazer o enterro.

Josiah espirra a gasolina sobre o corpo de Beliel. — Vocês têm certeza de que quer fazer isso?

— Ele mereceu — diz Howler.

Josiah balança a cabeça e dá um passo atrás.

Minha mãe pisa para frente com um isqueiro e acende uma tira de pano.

Thermo pega e coloca o pano em chamas no corpo encharcado de Beliel.

Beliel se incendeia.

Seu cabelo chia quando cintila rápido, iluminado e em seguida, desaparece. Sua pele e calças murcham enquanto as chamas se espalham por todo o corpo. Ondas de calor distorcem a estrada além dele e aquece meu pescoço e rosto que estão expostos. O ar se enche com o cheiro de gasolina misturada com o cheiro fraco de carne começando a queimar.

Cinco dos Vigilantes vão em frente e agarram seus braços ardentes,

pernas e ombros.

Eu me movo para detê-los, mas Raffe coloca o braço para me bloquear.

— O que eles estão fazendo? — Pergunto. — Eles vão se queimar.

— Vai ser doloroso. Mas eles vão curar — diz ele.

Todos os vigilantes se elevam ao ar. Suas asas abertas e batendo em uníssono contra o nascer do sol.

Assim quando acho que o corpo em chamas entre eles deve estar queimando-os como uma batata frita, um novo conjunto de Vigilantes os aliviam e assumem o fardo flamejante. Os outros voam, cruzando uns aos outros como uma rede muito abaixo do corpo. Pedaços de restos queimados caem, muito antes de chegar aos outros Vigilantes. Os pedaços que continuam a cair, os Vigilantes pegam, um por um.

— Eles não vão deixar qualquer parte dele cair no chão — diz Raffe em voz baixa. — Seus irmãos vão impedi-lo de cair.

À distância, os Vigilantes tecem uma bela dança no céu do amanhecer chuvoso de fogo de Beliel.



Eu me apoio em uma árvore na beira da estrada e procuro pelo céu acima de nós. Os Vigilantes terminaram a cerimônia e estão voando de volta para nós.

— Precisamos voltar — diz Josiah. — O anúncio da competição deve acontecer em breve. E então a grande disputa por recrutas vai começar a sério. — Ele olha para os Vigilantes, e eu sei no que ele está pensando. Vai ser uma tarefa difícil fazer anjos se juntarem aos Vigilantes, apenas metade pele e metade penas.

— Temos que tentar convencer alguns a se juntarem a nós — diz Raffe. — E vamos trabalhar com o que temos. Não podemos deixar todo mundo cair, e não podemos permitir que uma guerra civil comece.

— Eu não vou derramar lágrimas se os anjos de Uriel caírem. Eles já ganharam muito, na minha opinião.

Ele olha para mim. — A Terra será o campo de batalha se houver uma guerra civil entre os anjos. Tudo neste mundo será queimado e destruído, independentemente de quem ganhe.

— Assim como no Abismo. Nós seríamos como os diabinhos - famintos e insanos encolhidos nas sombras, constantemente com medo dos nossos mestres anjos.

Tenho que limpar minha garganta antes de começar a colocar minha pergunta para fora. — Não é o que eles estão fazendo agora?

— Sua civilização foi destruída, mas seu povo sobreviveria, pelo menos em poucos grupos ao redor do mundo. O apocalipse nunca foi concebido para

aniquilar toda uma raça. Era apenas o grande evento antes do Dia do Julgamento. Mas a direção que Uriel está levando todos... — Ele balança a cabeça. — Se alguém sobreviver, não tenho certeza de que você iria reconhecê-los mais como seres humanos.

Como os diabinhos pareciam antes de sua invasão?

Eu tentei não pensar muito sobre o futuro, mas nos pequenos momentos em que me deixei pensar, assumi que haveria um tempo depois que os anjos acabassem com a sua fúria. Nosso mundo terá de ser reconstruído, mas ainda haveria pessoas em algum lugar, não?

Gafanhotos, ressuscitados, demônios inferiores. Já fomos empurrados para além dos limites da humanidade. Se isto continuar, a terra será o novo Abismo.

— Você deve ir — Raffe diz para mim. — Isto não é lugar para um ser humano.

— E quanto a eu ser sua segunda na competição?

— Ninguém vai se lembrar disso quando virem os Vigilantes.

— Você tem certeza que não está apenas tentando evitar voltar para o caminhão comigo e com a minha mãe?

Ele quase sorri.

Ele me leva de volta para o caminhão. — Aonde você vai? — Ele pergunta.

— Eu não sei. — Cada passo parece um adeus. — Não há lugares seguros. O único lugar que pode chegar perto de ser seguro é o campo da Resistência.

Uma pequena careta estraga sua expressão. — Pelo que Obi me mostrou, aquelas pessoas estão cheias de medo e raiva. Essa é uma combinação feia, Penryn. Eles matariam cada um de nós, se pudessem. — Por nós, é claro que ele quis dizer anjos. Eles não se importam se nos matam por peste ou nas mesas de dissecação.

— Eles são tão bons quanto podem, por agora — eu digo. — E você

sabe onde me encontrar e me contar como foi tudo se quiser.

— Você vai vencer a competição, certo?

— Absolutamente. — Ele aperta minha mão. Seu aperto é firme e quente.

Em seguida, ele solta.

— É melhor você ir. E lembre-se de sua promessa. Tire os anjos do nosso mundo quando ganhar.

Eu relutantemente levanto a alça da espada sobre minha cabeça. Eu seguro a bainha pressionada por um momento e sinto o peso dela.

Claro, ele deve tê-la agora que tem suas asas de volta. Estou surpresa que ele já não a tenha tomado. Eles sentiam tanto a falta um do outro. Além disso, ele não pode ser parte de um uma prova de combate sem a espada.

Mas Pooky Bear me faz especial. Eu era mais do que apenas uma garota com ela. Eu era uma assassina de anjos.

— Ela sentiu sua falta — eu digo.

Ele hesita, apenas olhando para a espada. Ele não a tocou nenhuma vez desde que recuperou suas asas.

Quando ele a pega, suas mãos são suaves. Ele a segura em suas palmas por um batimento cardíaco. Nós dois esperamos para ver se a espada vai aceitá-lo de volta.

Quando ela não cai no chão, ele fecha os olhos em alivio. Sua expressão sem defesa me faz entender que ele não tentou pegá-la de volta, por que temia que ela não o aceitasse.

Todos esses anos, quando ele estava sozinho, ele não tinha nada além de sua espada para fazer companhia. Eu não tinha compreendido o quão difícil deve ter sido para ele perdê-la.

É bom vê-lo feliz, mas é agridoce. — Adeus, Pooky Bear. — Eu traço meus dedos ao longo da bainha.

Raffe retira o urso de pelúcia com o seu vestido e véu de casamento. — Tenho certeza que ela quer que você fique com isto. — Ele sorri.

Eu pego e abraço o urso ao meu lado. A pele é macia, mas não sente bem em minhas mãos sem o aço escondido nela.

Nós alcançamos o caminhão, e deslizo para o assento do motorista. Raffe olha na minha janela aberta como se ele tivesse algo mais a dizer. A fruta seca do Senhor do Abismo cai para um ponto vulnerável entre seus ossos do colarinho enquanto ele se inclina para mim.

Ele me dá um beijo.

É lento e sedoso, e isso me faz derreter toda. Ele acaricia meu rosto, e eu inclino minha cabeça em seu toque.

Então ele se afasta alguns passos.

Ele abre suas belas asas cor de neve e decola para o ar para encontrar seus Vigilantes.

48

Eu assisto Raffe e seus soldados irem em direção ao Aerie ao longo do céu azul e me pergunto o que vai acontecer lá. Uma parte de mim quer ver este combate, enquanto a outra quer correr e se esconder. É feito para ser violento. E eu não tenho certeza se poderia ficar assistindo, sabendo que a equipe de Raffe é o lado mais fraco.

Eu assumi o volante, ainda preocupada. Antes que eu pudesse ligar o motor, mamãe se enrola no banco como uma menina e deita a cabeça no meu colo. Ela esfrega minha perna para se tranquilizar que estou realmente aqui.

Sua respiração torna-se profunda e firme quando ela adormece. Quanto tempo se passou desde que ela dormiu? Entre estar preocupada com Paige e eu, ela não teve muita chance de descansar. Tenho estado tão obcecada em encontrar Paige e mantê-la segura que não tive muito espaço para a mamãe.

Eu coloquei minha mão em seu cabelo grosso e o acariciei. Eu cantarolei a sua canção de pedido de desculpas. É assombrosa e traz todos os tipos de sentimentos complicados, mas é a única canção de ninar que eu conheço.

Minha mãe não fez as perguntas que uma pessoa normal estaria fazendo, e eu sou grata por isso. O mundo se tornou tão louco que faz sentido para ela agora.

Ligo o motor e nos levo para fora.

— Obrigada mamãe, por ter vindo me resgatar. — Minha voz sai esganiçada e um pouco vacilante. Eu limpo minha garganta. — Nem toda mãe faria isso em um mundo como este.

Eu não sei se ela me ouve ou não.

Ela me viu nos braços de um demônio, ou o que ela acha que é um demônio. Me viu saltar de Beliel, montando uma criatura do inferno. Me viu na companhia de um grupo de Caídos torturados. E acabou de me ver beijar um anjo.

Eu não poderia culpá-la, mesmo uma pessoa racional acreditaria agora que eu estava profundamente envolvida com o diabo, ou pelo menos com o inimigo. Não posso sequer imaginar o que se passa em sua cabeça. Este é um cenário que ela sempre temeu, sempre me avisou. E aqui estamos nós.

— Obrigada, mamãe — eu digo novamente. Há mais a ser dito. E em uma relação saudável de mãe e filha, provavelmente seria dito.

Mas não sei como começar. Então, eu só continuo cantarolando a assombrosa canção de ninar que ela costumava cantar para nós quando estava saindo de um episódio particularmente ruim.

49

As semelhanças entre a nossa paisagem e a do Abismo estão se tornando preocupantes.

Estamos a meio caminho para o campo da Resistência quando vejo uma mancha crescente no céu atrás de nós. É um único anjo.

Eu debato se acelero ou paro. Eu encosto e nos escondo entre os carros mortos na estrada. Minha mãe e eu deslizamos para baixo em nossos lugares. Paige já passou à frente de nós.

Eu vejo um anjo se aproximando pelo espelho retrovisor. Ele tem asas brancas brilhantes com um torso combinando. É Josiah.

Confirmo se ele está sozinho antes de eu sair e acenar.

— Raphael me enviou para te dizer para não ir para o campo da Resistência — diz Josiah quando ele desce. Ele parece sem fôlego.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Você precisa ficar longe de qualquer concentração de pessoas. O julgamento por combate vai ser uma caçada de sangue.

— O que é uma caçada de sangue? — Basta dizer que aquelas palavras me fizeram querer correr e me esconder.

— Duas equipes caçam o máximo que podem — diz Josiah. — Começa ao anoitecer e termina ao amanhecer. No final, quem quer que tenha matado mais ganha.

— Que tipo de jogo é esse? — Meus lábios estão dormentes, e eu estou vagamente surpreendida que as palavras saem.

Ele tem a decência de parecer desconfortável. — Uriel insiste que só há uma presa que vale a caça. O único tipo que ataca de volta.

— Não — Eu balancei minha cabeça. — Raffe não faria isso.

— Ele não tem escolha. Ninguém desiste de uma caçada de sangue.

Eu tenho que me inclinar contra o caminhão.

— Então Raffe está indo matar quantos seres humanos ele puder? Você também?

— Quem quer que ganhe a batalha ganha o julgamento. Se Raphael ganhar, ele vai estar no comando, e todos os que sobreviverem à caçada de sangue estarão melhor.

Meu estômago parece um vulcão ácido, e engulo em seco para evitar vomitar.

— Mas é um longo voo para a vitória — diz ele. — A caçada de sangue inclui todos aqueles que desejam participar. Todos os anjos de Uriel vão se juntar a ele. Um Vigilante pode matar três vezes mais do que um soldado regular, mas ainda vai precisar ir para a área mais populosa se quisermos alguma chance de bater a equipe de Uriel.

— Você sabe que está falando em matar o meu tipo, certo? Não somos presas, e não estamos no jogo. — Eu não posso evitar pensar que ajudei Raffe a reunir sua equipe.

O olhar de Josiah amolece. — Suas ordens são para sobreviver. Corra o mais longe das áreas povoadas quanto possível. Então, se esconda no lugar mais fundo e seguro que você possa encontrar. Você terá até o anoitecer.

Há apenas um lugar que é densamente povoado agora. O acampamento da Resistência.

E Raffe sabe onde fica.

Sinto como se tivesse ácido no meu estômago fervendo e borbulhando na minha garganta. Eu não consigo obter ar suficiente em meus pulmões.

— Ele não faria isso. — Minha voz sai sufocada e vacilante. — Ele não é assim.

Josiah apenas me dá um olhar cheio de pena. — Raphael quer que você corra para o mais longe que puder. Você e sua família. Vá. Sobreviva.

Então ele pula no ar e voa de volta para o ninho da águia.

Eu respiro fundo para tentar me acalmar

Raffe não faria isso.

Ele não vai caçar pessoas. Matá-las como se fossem porcos selvagens. Ele não faria isso.

Mas não importa o que eu diga a mim mesma, não posso apagar a imagem dele observando os anjos voarem em formação sem ele. Tudo o que ouço na minha cabeça é alguém dizendo que os anjos não foram feitos para ficarem sozinhos. A principal razão pela qual ele tanto precisava de suas asas de volta era para que ele pudesse retornar aos anjos, certo? Ser um deles? Tomar seu lugar de direito nas suas fileiras como um arcanjo?

Ele quer ser aceito de volta no mundo dos anjos tanto quanto eu quero manter minha família segura. Se tivesse que matar alguns anjos para manter minha família segura, eu não faria isso?

Absolutamente. Sem pensar duas vezes.

Então eu me lembro do olhar de desgosto em seu rosto enquanto ele falava sobre as mesas de dissecação no campo da Resistência. Ele não gostaria de acabar com o acampamento ou matar ninguém. Tenho certeza disso. Mas se tivesse que matar? Se fosse a única maneira de tomar o seu lugar de direito como um arcanjo e salvar seus anjos de cair?

Eu deslizo do lado do caminhão e abraço meus joelhos.

Eu levei Raffe para o campo da Resistência. Sabendo que ele era um anjo, eu mostrei a ele onde o maior grupo sobrevivente de seres humanos estava se escondendo.

A memória das ruínas do Abismo atravessa minha mente. Será que os diabinhos originais tiveram alguma adolescente apaixonada que os traiu também? O pensamento de um ex-anjo perfeitamente esculpido se apaixonando

por um diabinho é risível. Mas aposto que o diabinho adolescente não pensa assim.

Fechei os olhos.

Me sinto doente.

As palavras de Beliel depois que ele me mostrou o que aconteceu com sua esposa ecoam na minha cabeça. — Uma vez, eu pensei nele como meu amigo também... Agora você sabe o que acontece com as pessoas que confiam nele.

Eu subi de volta para o caminhão e sentei lá com as mãos segurando o volante. Eu respiro fundo e tento pensar sobre as coisas.

Minha mãe me olha com olhos confiantes. Eu não sei o quanto ela ouviu, mas ela não acreditaria em qualquer coisa que ele disse de qualquer maneira. Mesmo que ela tenha trabalhado com ele para me resgatar, ela nunca confiaria nele. Talvez eu devesse ser mais parecida com ela.

À nossa frente, minha irmã empoleira-se em um galho de árvore, pronta para seguir minha liderança.

Minha família está aqui comigo, e tudo o que temos a fazer é dirigir para longe. Norte ou sul - de qualquer forma, poderíamos estar longe da luta, se nós dirigíssemos o dia todo. Estamos tão seguras neste momento quanto pode ser esperado durante o Fim dos Dias.

Faz todo o sentido para nós irmos longe de onde os anjos estarão.

Um sentido perfeito.

Ligo o motor. Nós vamos para o leste. Em direção ao campo da Resistência.

50

Vemos fumaça muito antes de chegarmos a Palo Alto. Paige voa em frente com seus gafanhotos enquanto continuamos a desviar no trafego de mortos.

Os anjos não devem atacar até o anoitecer. As pessoas ainda deveriam estar em segurança. Mas no momento em que chegamos no campo de Resistência, eu sei que só estou pensando em contos de fada.

Eu estaciono o caminhão em El Camino e saio da cabine. Os prédios estão intactos, exceto por um, que está em chamas. Há corpos espalhados pela rua. Os carros e as paredes da escola estão salpicados de sangue. Eu espero que não seja sangue de pessoas, mas não tenho certeza sobre isso.

— Fique aqui, mãe. Vou ver o que está acontecendo. — Eu verifico o céu antes de sair e me certificar que Paige se escondeu nas árvores como eu disse a ela para fazer. Ela e seus gafanhotos não estão à vista. A Resistência provavelmente teria visto sua chegada se não estivessem tão ocupados.

Eu ando em direção à escola, tentando ver se alguém está vivo. Eu só dou alguns passos em direção a carnificina antes de parar. Tenho medo de ver algum conhecido entre os corpos.

O vento sopra folhas e pedaços de lixo. Os cabelos das pessoas fluem com o vento, felizmente cobrindo partes de seus rostos. Um pedaço de papel voa e cai sobre um corpo que observa o céu cinzento.

O papel se cola no ombro do corpo, logo abaixo da cara pálida olhando fixamente para o céu. É um panfleto do show de talentos de Dee e Dum.

Venham, venham todos
Para o maior show de todos!

Um show de talentos. Esses caras realmente pensam que nós poderíamos ter algo tão tolo e leviano como um show de talentos.

Eu examino os rostos dos corpos entre os carros, a estrada, o pátio da escola, esperando que eu não veja Dee ou Dum. Ando devagar pelo estacionamento. Algumas pessoas estão choramingando, enroladas e chorando no asfalto.

Na escola, as janelas estão quebradas, as portas estão desequilibradas e quebradas, as mesas e cadeiras estão jogadas em toda a grama amarela. Há mais vida e movimento aqui, no entanto. Pessoas choram sobre corpos, abraçam-se, caminham atordoadas e em estado de choque.

Eu paro para ajudar uma garota que está tentando parar o fluxo de sangue do braço amputado de um homem. — O que aconteceu? — Eu pergunto, me preparando para ouvir uma história de horror de anjos e monstros.

— Os mortos — diz ela, chorando. — Eles vieram cambaleando depois que muitos de nossos combatentes saíram para uma missão. Tínhamos apenas uma equipe reduzida para defender o resto de nós. Todo mundo se apavorou. Foi um banho de sangue. Pensamos que tudo estava acabado. Mas alguém deve ter falado que fomos atacados e estávamos indefesos, porque em seguida, as gangues vieram.

Pessoas fizeram isso? Não monstros, não anjos, e não Senhores do Abismo. Pessoas atacando pessoas.

Fechei os olhos. Eu poderia culpar os anjos por nos transformar nisso, mas nós fazíamos coisas assim muito antes de eles virem, não é?

— O que as gangues queriam? — Eu pergunto, relutantemente abrindo meus olhos para enfrentar o mundo novamente.

— O que quer que pudessem pegar. — Ela envolve uma camisa rasgada em torno do braço decepado do rapaz inconsciente.

— Alguns deles ficavam gritando que queriam a comida deles de volta. O material que nós pegamos quando invadimos a loja deles.

A memória da marca de uma mão sangrenta manchada na porta do supermercado nas proximidades voltou para mim. Eu tinha imaginado que a Resistência tomou aquilo de uma gangue.

Quando um cara mais velho vem para ajudar, eu vou para um outro grupo que leva os feridos para o prédio principal.

Eu vim aqui para dar um aviso rápido e, em seguida, seguir para o norte ou para o sul com a minha família. Mas acabamos ajudando enquanto eu procuro por Obi. Ninguém sabe onde ele está.

Minha mãe corre para a nossa velha sala de aula para seu estoque de ovos podres. Não surpreendentemente, eles ainda estão lá. Acho que ninguém queria limpar essa bagunça. Ela distribui caixas novas, apenas no caso de os diabinhos virem. As pessoas se reúnem ao redor dela para levá-los.

— Eles estão voltando! — Alguém grita.

Na orla do bosque, sombras vem em nossa direção.

Todos que conseguem se mexer correm em direção ao edifício mais próximo. Alguns ficam com os feridos, apontando armas e erguendo pás ou facas enquanto se preparam para defender seus entes queridos.

São as vítimas de gafanhotos que foram ressuscitadas por Uriel. Seus corpos enrugados vêm em nossa direção de um jeito estranho, como zumbis. É como se eles estivessem convencidos de que estão mortos e que devem desempenhar esse papel. É como se ser tratados como monstros os convenceram a se comportar como tal.

Mas antes de chegar perto o suficiente para começar uma briga, minha irmã circula com seus gafanhotos. Há apenas três deles, mas se há alguma coisa que as vítimas de gafanhotos temem, são os gafanhotos.

Assim que os ressuscitados os veem, eles se dispersam de volta para o bosque do outro lado da rua e desaparecem, não mais andando como zumbis.

As pessoas da Resistência olham para os atacantes em fuga, depois para

Paige e seus animais de estimação enquanto eles voam baixo. Algumas das pessoas desistem dos feridos e saem para se proteger, aparentemente com mais medo dos gafanhotos do que dos ressuscitados. O resto, no entanto, se mantem firme e apontam suas armas para Paige.

Um deles é o cara que estava na sala de conselho com Obi na última vez que estive aqui. Aquele que laçou Paige como um aldeão com raiva correndo atrás do Frankenstein. Eu acho que Obi o chamou de Martin.

— Ela está aqui para ajudar. — Eu ergui meus braços para tentar acalmar a todos. — Está tudo bem. Ela está do nosso lado. Olhem, ela assustou os atacantes.

Ninguém abaixa sua arma, mas ninguém atira também. Isso provavelmente tem mais a ver com não querer atrair anjos com o ruído do que acreditar em qualquer coisa que eu disse.

— Martin — eu digo. — Lembra-se do que Obi disse? Que minha irmã poderia ser a esperança da humanidade. — Eu aponto para Paige. — É ela. Você se lembra dela?

— Sim, eu me lembro dela — diz Martin. Sua arma está firmemente apontada para Paige. Há dois outros perto dele que parecem familiar. Eles faziam parte do grupo que prendeu Paige com cordas quando a pegaram. — Lembro que ela gosta de comer seres humanos.

— Ela está do nosso lado — eu digo. — Ela só apareceu para protegê-los. Obi acredita nela. Você o ouviu. — Todo mundo olha Martin para ver o que ele vai fazer. Se ele atirar, todos vão atirar também.

Ele mantém a pontaria em Paige como se fantasiando sobre atirar nela. — Hey! — Ele grita para Paige. — As gangues que nos atingiram foram por ali. — Ele balança o rifle para apontar para o norte na direção do El Camino Real. — Eu atirei em vários deles. Eles devem ser um alvo fácil para você e seus animais de estimação.

Ele abaixa seu fuzil e o apoia sobre sua camisa rasgada. — Nunca diga que não alimentamos nossa convidada de honra.

Há um momento em que todos observam Martin. Em seguida, um por um, o povo abaixa suas armas.

Paige olha para mim do céu enquanto seu círculo de gafanhotos voa baixo como abutres. Ela parece um tanto ansiosa e confusa, como se incerta do que fazer.

Ela está olhando para mim por respostas, mas eu não sei o que fazer.

— Sim! — diz minha mãe enquanto ela corre em direção a Paige, agitando os braços na direção em que Martin apontou. — Vai, menina. É hora do almoço!

Essa é toda a permissão de que precisam. Os gafanhotos voam para o norte ao longo da estrada com a minha irmã.

— Tenha cuidado — eu grito.

Estou horrorizada. Aliviada. Assustada. Confusa.

Nada como deveria ser.

51

Eu continuo esperando Obi aparecer e assumir o comando, mas ainda não o vejo. Não sabendo mais o que fazer, continuo ajudando a levar os feridos e continuo procurando Obi.

Os feridos às vezes gritam e são por vezes demasiado silenciosos quando os levamos para o edifício principal. Não tenho ideia se pelo menos há um médico lá, mas carregamos as pessoas feridas para o edifício como se ele fosse um hospital.

Agimos como se este prédio em estilo espanhol da idade média esteja cheio de médicos e equipamentos. Dizemos aos pacientes que eles vão ficar bem, que o médico estará com eles em breve. Suspeito que alguns deles morram enquanto esperam, mas não paro para confirmar enquanto trago mais e mais feridos.

Caímos em um ritmo, nesta tarefa de transportar os feridos. Nos dá algo para fazer, algo que parece organizado e adequado. Desliguei meu cérebro e apenas me movi como um robô, um ferido atrás do outro.

Surpreendentemente, todos se comportam como se houvesse ordem também. Alguns trazem água para as pessoas que precisam, outros reúnem crianças chorando para tranquilizá-las, enquanto outros apagam o fogo ainda persistente em um dos edifícios. Há pessoas que ficam de guarda com os fuzis apontados para o céu, protegendo o resto de nós.

Todos cumprem um papel para ajudar sem precisar que digam o que fazer.

Esse senso de organização desmorona, porém, assim que encontram Obi.

Ele está em má forma. Sua respiração é superficial, e suas mãos estão congelando. Ele tem uma ferida no peito que mancha toda sua camiseta de sangue. Corro mais e pressiono minhas mãos em seu ferimento. — Achamos você, Obi. Você vai ficar bem. — Ele não parece que vai ficar bem. Seus olhos me dizem que ele sabe que eu estou mentindo.

Ele tosse e luta para respirar.

Ele estava deitado aqui, vendo todo o drama se desenrolar com a minha irmã, e esperando pacientemente por nós para encontrá-lo enquanto levávamos ferido atrás de ferido.

— Ajude-os — diz ele, olhando nos meus olhos.

— Estou fazendo o meu melhor, Obi. — Eu não consigo pressionar com força suficiente para parar o sangramento dele.

— Você conhece os anjos melhor do que ninguém. — Ele toma uma respiração ofegante. — Você conhece seus pontos fortes, suas fraquezas. Você sabe como matá-los.

— Conversamos mais tarde. — Não importa o quão duro eu pressione, o sangue se infiltra entre os meus dedos e escapa dos lados das minhas mãos. — Descanse agora.

— Faça sua irmã ajudar com seus monstros. — Ele fecha os olhos e os abre de novo lentamente.

— Ela ouve você. — Respira. — As pessoas irão segui-la. — Respira. — Conduza-os.

Eu balancei minha cabeça. — Não posso. Minha família precisa de mim...

— Somos sua família também. — Sua respiração fica mais lenta. Suas pálpebras se inclinam. — Precisamos de você. — Ele sopra suas palavras entre respirações. — A... humanidade... precisa... de... você. — Suas palavras são

apenas um sussurro agora. — Não deixe que eles morram. — Respira. — Por Favor. — Respira. — Por favor, não os deixe morrer...

Ele ainda para e olha fixamente nos meus olhos.

— Obi?

Eu ainda chego a ouvi-lo puxar outro fôlego, mas não há nenhum sinal de vida.

Me afasto com as mãos trêmulas. Elas estão cobertas de sangue.

Ele nem era meu amigo, mas meus olhos ardem com lágrimas de qualquer forma.

Parece que a última pedra da civilização acabou de quebrar.

Eu olho em volta, notando pela primeira vez que todos à minha volta pararam para assistir Obi.

Todos têm lágrimas brilhando em seus olhos. Nem todos podem ter gostado dele, mas todos o respeitavam.

Ninguém percebeu que ele estava ali entre os outros feridos até que o encontramos. Agora as pessoas transportando os feridos, os que dão água a quem tem sede, aqueles que distribuem cobertores - todos estão congelados olhando para Obi, que está na grama manchada de sangue com seus olhos vazios olhando para o céu.

Uma mulher deixa cair a pilha de cobertores. Ela se vira, seu rosto contorcido, e vai embora, inclinando-se como uma pessoa quebrada.

Um homem coloca suavemente para baixo uma mulher ferida sobre degraus de uma escada. Ele se vira e vai para longe da cena de batalha.

Um menino da minha idade afasta a água de um homem ferido apoiado contra uma parede de um edifício. Ele tampa sua garrafa de água ao olhar pensativo para o próximo homem ferido ao lado do primeiro, e se afasta quando o segundo homem estende a mão para ele.

Assim que os primeiros param de ajudar, os outros param de fazer o seu próprio trabalho e começam a sair também. Alguns estão chorando, outros parecem assustados e sozinhos enquanto andam para fora do campus da escola.

O acampamento está se desfazendo. Lembro de algo que Obi me disse quando o conheci. Ele disse que atacar os anjos não era sobre ganhar deles. Era sobre ganhar os corações e os espíritos das pessoas. Era sobre mostrar a eles que ainda havia esperança. Agora que ele se foi, é como se a esperança tivesse ido com ele.



Não me faz sentir melhor ter que dizer a eles para evacuarem o lugar. Eu assumi que poderia apenas dizer a Obi e ele contaria. Mas agora está tudo sobre os meus ombros.

Reuni todos no pátio da escola com a ajuda de algumas pessoas. Pela primeira vez, não me preocupei com o barulho, porque sabia que a caçada só começaria ao pôr do sol. Apesar do número de pessoas que deixaram o acampamento, nós cobrimos a maior parte do pátio. Pegamos um monte de pessoas enquanto estavam se preparando para ir embora.

Eu poderia apenas dizer para algumas pessoas e deixar a notícia se espalhar, mas não queria correr o risco de acontecer um pânico em massa cheio de confusão sobre o que está acontecendo. Parece que vale a pena levar vinte minutos para ter uma última reunião civilizada e que eles saibam o que está acontecendo.

Subi lentamente em uma mesa de almoço, embora soubesse que nós deveríamos estar em uma pressa enorme. Há algo sobre as pessoas dizendo que eles estão prestes a morrer que enrijece os músculos. Metade, talvez a maioria das pessoas aqui não estarão vivas pela manhã.

Piora as coisas o fato de ainda haver corpos no quintal. Mas eu não esperava que isso levasse muito tempo, e é inútil fingir que muita gente não se matou. Eu limpo minha garganta, tentando descobrir o que dizer.

Antes que possa começar, um novo grupo de pessoas caminha em nossa direção pelo estacionamento. É Dee, Dum, e cerca de uma dúzia de lutadores da liberdade, todos riscados de fuligem e olhando em volta para os corpos espalhados no chão.

— O que está acontecendo? — Pergunta Dee. Sua testa vincada. — O que aconteceu? Onde está Obi? Precisamos vê-lo.

Ninguém diz nada. Acho que todo mundo espera que eu responda.

— O acampamento foi atacado enquanto vocês estavam fora. — Tento descobrir como contar a ele sobre Obi. Lambo meus lábios. — Obi... — Minha garganta seca.

— O que tem ele? — Dum parece suspeito, como se ele soubesse o que eu estou prestes a dizer.

— Ele não conseguiu — eu digo.

— O quê? — Pergunta Dee.

Os lutadores olham em volta, como se pedindo a confirmação da multidão.

Dee balança a cabeça lentamente em negação.

— Não — diz outro lutador. Ele se afasta. — Não.

— Não Obi — diz um outro lutador cobrindo o rosto com as mãos manchadas de fuligem. — Ele não.

Eles parecem atordoados e confusos. — Ele ia nos tirar dessa bagunça — diz o primeiro lutador. — Aquele desgraçado não pode morrer. — Ele soa zangado, mas seu rosto enruga como um pequeno menino. — Ele simplesmente não pode.

Suas reações me abalam.

— Acalmem-se — eu digo. — Você não pode ajudar ninguém se...

— É exatamente isso — diz ele. — Não podemos ajudar ninguém, nem mesmo nós mesmos. Não somos o suficiente para liderar a humanidade. Sem Obi, acabou.

Ele está repetindo as palavras que eu venho dizendo para mim mesma na minha cabeça. Me deixa com raiva ouvir a derrota em sua voz.

— Temos uma cadeia de comando — diz Martin. — Quem quer que esteja abaixo de Obi assume.

— Obi disse que Penryn deve conduzir — diz uma mulher que ajudou a

levar os feridos comigo. — Eu o ouvi.

Ele disse isso em seu último suspiro.

— Mas o segundo em comando é...

— Não temos tempo para isso — eu digo. — Os anjos estão chegando. Ao pôr do sol, esta noite, eles vão realizar uma caçada que é como uma competição do maior número de mortes humanas.

Eu espero por uma resposta, mas ninguém parece surpreso. Eles foram espancados, abusados e traumatizados.

Eles estão lá em vestindo trapos, magros e desnutridos, sujos e batidos, esperando que eu desse alguma informação e direção. É um forte contraste com as minhas memórias dos corpos perfeitos, dourados e brilhantes dos anjos. Muitas pessoas na plateia estão feridas, enfaixadas, mancando, e com cicatrizes. Seus olhos arregalados são uma janela para seu desespero.

Uma onda de raiva me bate. Os anjos perfeitos com o seu lugar perfeito no universo. Por que não podem nos deixar em paz? Só porque são mais bonitos, tem melhor audição, melhor visão, melhor tudo, suas vidas não são mais valiosas que as nossas.

— Uma caçada? — Pergunta Dee. Ele olha para seu irmão manchado de fuligem. — Então é por isso que eles fizeram aquilo.

— Fizeram o quê? — Eu pergunto.

— Eles estabeleceram uma linha de fogo no extremo sul da península. A única saída é através da baía ou por ar.

— Vimos através das câmeras de vigilância — diz Dum. — Nós saímos para tentar combater o fogo, mas passamos metade de nosso tempo evitando anjos. Está completamente fora de controle agora. Estávamos voltando para contar ao Obi.

As implicações me bateram.

As pontes são parte dessa área. Mesmo se conseguirmos reunir todos os barcos funcionando e aviões, apenas uma pequena fração das pessoas seria capaz

de sair da península antes de anoitecer. Eu tinha assumido que, porque a caçada não começaria até hoje à noite, nós estaríamos livres até então.

— Eles estão se movendo para o norte — diz Dee. — É como se eles estivessem nos encurralando.

— Eles estão — eu digo.

— Eles estão nos pastoreando para sua caça.

— Então somos alvos fáceis — diz alguém na multidão. — É isso então?

— O melhor que podemos fazer é correr e nos esconder e torcer que não nos encontrem? — Há uma ponta de raiva em sua voz.

Todo mundo começa a falar ao mesmo tempo. Uma voz ansiosa sobe acima do ruído. — Alguém pode pegar essa garota?

Nós todos olhamos para o homem na multidão que gritou sua pergunta. Ele é um homem magro com ataduras em seu ombro e braço. Duas meninas de cerca de dez anos de idade estão ao lado dele.

Ele empurra uma menina atrás dele e outra na frente. — Não posso alimentar e protegê-la se tivermos que voltar para a estrada.

Ambas as meninas começam a chorar. A menina que espreita por trás dele parece tão assustada quanto a menina da frente.

Alguns de nós olha com simpatia tranquila, enquanto outros olham com horror. Mas mesmo o mais compreensivo hesita em dar um passo à frente para assumir a responsabilidade de alimentar e proteger uma garota indefesa quando todos são predador ou presa.

Nem todo mundo parece como se o coração estivesse sendo arrancado, no entanto. Alguns observam a menina com olhos frios e astutos. A qualquer momento, um deles vai dar um passo adiante para reclamá-la.

— Você está dando sua filha? — Eu pergunto, atordoada.

Ele balança a cabeça. — Eu nunca faria isso. Ela é filha da minha amiga que veio com a gente em férias para Califórnia pouco antes dos anjos invadirem.

— Então ela é sua família agora — eu digo entre os dentes.

O homem olha em volta para os rostos ao seu redor. — Não sei mais o que fazer. Não posso protegê-la. Não posso alimentá-la. Ela vai estar melhor com outra pessoa. Minha única outra opção é simplesmente abandoná-la. Eu apenas não posso manter a minha família viva e ela também. — Ele envolve o braço bom ao redor da garota chorando atrás dele como se desejando tê-la escondido antes de chamar a atenção de todos.

— Ela é sua família também — eu digo. Estou com tanta raiva que eu estou tremendo.

— Olha, a mantive viva todo esse tempo — grita o pai. — Mas não posso mais fazer isso. Eu nem mesmo sei como vou manter a mim e a minha filha viva. Estou apenas desesperado para tentar proteger a mim e aos meus.

Eu e os meus. Penso sobre o moribundo que Paige encontrou na loja de departamentos. O que aconteceu com a família dele? Se nos dispersarmos agora, vamos morrer sozinhos em um lugar escuro, sem ninguém para se importar se estamos sendo comidos vivos?

A única coisa que o homem deixou era um desenho de giz feito por uma menina que amava. Percebi naquele momento que aquela criança, Paige, e o moribundo eram parte de uma conexão de teia de aranha que soletrava família. Foi o que salvou o homem de ser comido vivo. Foi o que lembrou Paige a lutar por sua humanidade.

Finalmente entendi o que Obi estava me dizendo. Essas pessoas – vulneráveis, falhas e briguentas – eram a minha família também. Quero xingar Obi por me fazer sentir desse jeito. Tem sido duro o suficiente tentar proteger minha irmã e minha mãe. Mas não posso ver o meu próprio povo morrer e talvez rasgar uns aos outros em pedaços enquanto estou aqui.

— Somos todos sua família. — Eu repito as palavras de Obi. — Você não está sozinho. E nem ela. — Eu aceno em direção a menina tremendo no meio do quintal, sem ninguém ao seu lado.

— Respirem fundo — eu digo, tentando soar como o meu pai costumava fazer quando estava apavorada sobre alguma coisa. — Acalmem-se.

Vamos sobreviver a isso.

As pessoas olham para mim, depois para o resto do que sobrou da Resistência. Há todo um mundo de emoções rodopiando no meio da multidão.

— Sim? — Pergunta um dos lutadores. — Quem é que vai nos salvar? Quem é louco o suficiente e forte o suficiente para manter todos juntos enquanto arriscamos a cabeça contra esse inimigo impossível?

O vento agita as jaquetas dos mortos em volta de nós.

— Eu.

Até eu dizer isso, eu realmente não tinha acreditava.

Pelo menos eles não riram. Mas eles me olham por uma quantidade desconfortável de tempo.

Eu dou de ombros. É estranho falar de si mesma. — Eu sei mais sobre anjos do que qualquer outra pessoa viva. Eu tenho um... — Eu me lembro que não tenho mais Pooky Bear — Eu fiz amizade com...

— Quem?

Raffe? Os Vigilantes? Eles vão nos caçar como animais. — De qualquer forma, tenho um inferno de uma família.

— Você tem cérebros e uma família — diz um homem com um corte na cabeça. — Esse é o seu poder especial?

— Todos nós podemos ir por caminhos separados e morrer sozinhos. — Minha voz se torna firme, e eu tento injetar força nela. — Ou podemos ficar juntos e fortalecer nossa posição final.

Quer eu queira ou não, vou levar o que restou da Resistência de Obi.

— Em vez de dispersar e se esconder, vamos trabalhar juntos. Os saudáveis e fortes ajudam quem tem problemas de locomoção. Vamos recolher tantos barcos e aviões que pudermos, e vamos começar a levar as pessoas até o outro lado da baía, logo que possível. Precisamos de voluntários para conduzir os barcos e ajudar a tirar todos.

Duvido que existam aviões disponíveis e, se houver, que alguém vá ser corajoso o suficiente para ir por ar enquanto há anjos ao redor. Mas algumas

dessas pessoas podem saber como pilotar um barco.

— Não podemos atravessar todos antes do pôr do sol — diz alguém na multidão.

— Você está certo — eu digo. — Vamos continuar transportando-os durante o tempo que for preciso, porque alguns de nós vai criar uma distração e manter os anjos ocupados.

— Quem vai fazer isso?

Eu penso sobre isso por um minuto antes de responder.

— Heróis.

53

Não demorou muito para que as pessoas decidissem se queriam ficar por aqui e ajudar ou tentar a sorte em outro lugar. Um terço das pessoas saíram depois que me ouviram no quintal. Mas o resto ficou, incluindo algumas pessoas saudáveis.

Os saudáveis que ficaram estavam ajudando os feridos a entrar em carros. Mesmo que não pudessem ser movidos para muito longe, precisamos tirá-los daqui, porque este é o primeiro lugar os anjos virão hoje à noite.

Vamos ter que deixar os mortos para trás. Isso me incomoda mais do que eu posso dizer. Mesmo os Caídos pararam para dar a Beliel uma cerimônia de enterro.

— A que distância está o fogo? — Eu pergunto aos gêmeos enquanto caminhamos para o prédio em estilo adobe que Obi usava como quartel-general.

— O sul de Mountain View estava começando a ficar cinzento quando saímos — diz Dee. — Podemos verificar os vídeos de vigilância e ver o quão longe está.

Vídeos de vigilância.

— Podemos fazer um anúncio pelo sistema de vigilância?

Os gêmeos deram de ombros. — Nós provavelmente poderíamos fazer um anúncio através dos laptops e celulares que usamos como câmeras. Teríamos que falar com os engenheiros para ter certeza, no entanto.

— Algum deles ainda está aqui?

— Eles nunca saem da sala de informática — diz Dee.

— Você pode fazê-los fazer isso? Vamos avisar quem pudermos — eu digo, enquanto caminhamos pelo corredor até a sala de informática. — As pessoas precisam saber o que está acontecendo.

A sala de informática está cheia de pilhas de painéis solares portáteis, cabos, telefones celulares, tablets, laptops e baterias de todos os tamanhos e formas. A lata de lixo está transbordando com embalagens de macarrão instantâneo e invólucros de barra de energia. Meia dúzia de engenheiros olham para cima enquanto Dee-Dum começam a explicar o que aconteceu no pátio da escola.

— Nós sabemos — diz um cara com os olhos turvos vestindo uma camiseta do Godzilla esmagando Tóquio.

— Vimos através das câmeras do quintal. Alguns caras foram embora, mas o resto de nós quer ajudar. O que podemos fazer?

— Vocês são os melhores — diz Dee.

Não demorou muito para que os engenheiros estivessem prontos para fazer um anúncio. Enquanto as últimas pessoas abandonavam a escola de Paly High, nós registramos o meu discurso para que eles possam fazer um loop com a mensagem.

— Os anjos estão chegando ao pôr do sol hoje à noite — eu digo para o microfone. — Eles estão caçando tantas pessoas quanto puderem. A extremidade sul da península foi incendiada, eu repito, a extremidade sul da península foi incendiada. Vão para a Ponte Golden Gate - estamos enviando pessoas lá para ajudar a atravessar. Se você estiver disposto, venha para a Ponte East Bay para distrair os anjos e dar aos outros uma oportunidade de viverem. Nós poderíamos usar todos os lutadores que conseguirmos.

Eu respiro fundo. — Para vocês, membros de gangues lá fora - quanto tempo você acha que podem sobreviver por conta própria? Nós poderíamos usar alguns bons soldados de rua. — Me dou conta que estou soando como Obi. — Nós estamos todos do mesmo lado. Qual é a vantagem em sobreviver hoje ou amanhã, quando eles podem simplesmente aparecer e acabar com vocês de vez?

Por que não nos unir e ter uma chance de verdade? No mínimo, vamos acabar com tudo com barulho e mostrar do que somos feitos. Venha se juntar a luta na Ponte East Bay.

Eu endureço minha voz. — Anjos, se vocês estiverem ouvindo, todo mundo vai saber que vocês são covardes vergonhosos se forem atrás dos desamparados. Não haverá glória nisso, e vocês só vão se envergonhar durante a caçada de sangue. A luta de verdade será na ponte de East Bay. Todos que puderem lutar estarão lá, e eu prometo que vamos ter um bom show para vocês. Eu desafio vocês a vir nos encontrar.

Faço uma pausa, sem saber como terminar. — Eu sou Penryn Young, Filha do Homem e Assassina de Anjos.

Essa frase, Filha do Homem, sempre vai me lembrar do meu tempo com Raffe. Raffe, que irá caçar todos nós esta noite junto com seus amigos que eu pensei que poderiam ser meus amigos também. Mas isso é como ser uma criança esperando que um leão faminto seja seu animal de estimação em vez de ser um assassino.

Acho que eu parecia confiante, mas minhas mãos estavam congeladas e minha respiração sai trêmula.

— Ooh, eu gosto do título de Assassina de Anjos — diz Dum, balançando a cabeça.

— Você tem certeza de que vai funcionar? — Pergunta Dee com o cenho franzido. — Se eles forem atrás da Ponte Golden...

— Eles não vão — eu digo. — Eu os conheço. Eles virão atrás da luta.

— Ela os conhece, cara — diz Dum. — Está bem. Eles virão atrás de nós na Ponte Bay. — Ele balança a cabeça, em seguida franze a testa entendendo as implicações. — Espere um minuto...

— Você tem certeza que as pessoas vão ouvir? — pergunto.

— Oh, eles vão ouvir — diz Dee. — Se há uma coisa que nós seres humanos somos bons, é fofoca. A notícia vai se espalhar - e todo mundo ouviu falar de você.

— Eles já ouviram falar de sua mãe e irmã também — diz Dum. — Mas isso é outra história.

— Eles virão — diz Dee. — Você é a única líder que temos.



Entro em uma SUV grande o suficiente para ter dois bancos traseiros. Eu deslizo para a parte de trás e olho o couro macio, os vidros escuros, o aparelho de som de primeira classe. Coisas que nunca teremos novamente.

Paige está voando nos braços de um de seus três gafanhotos, enquanto mamãe está andando em um ônibus com um grupo de membros da seita que juram não ter nada a ver com meu sequestro. Eu não sei o que fazer com eles, mas se eu fosse me preocupar com a segurança de alguém naquele ônibus, seria algum deles, não minha mãe.

Meu anúncio gravado diz às pessoas que temos um plano. Mas não temos um de verdade. Tudo o que sabemos é que alguns de nós irão distrair os anjos na ponte da baía enquanto todos atravessam o canal sob a ponte Golden Gate.

Eu aperto no banco de trás com os últimos membros remanescentes do velho conselho que Obi estava montando. Uma delas é uma mulher que gerenciava a distribuição global para a Apple, e o outro é um ex-militar que se intitula O Coronel.

O Coronel continua a lançar olhares desconfiados para mim. Ele deixou claro que não acredita em uma palavra das histórias por aí sobre mim. E mesmo que nada disso seja verdade, ele ainda pensa que eu sou uma: alucinação em massa brincando com as esperanças desesperadas das pessoas.

Mas ele está aqui para ajudar da melhor maneira possível, e isso é tudo que posso pedir. Eu só queria que ele parasse de me dar aqueles olhares que me faziam pensar que talvez ele esteja certo.

Doc e Sanjay deslizam nos assentos atrás de nós. Não é surpreendente que os dois se dão bem, já que ambos são pesquisadores. Sanjay parece não ter preocupações sobre ser visto com Doc.

Os dois membros do conselho se opuseram a Doc estar aqui, mas ninguém mais tem o conhecimento de Doc sobre anjos e monstros. Os hematomas de Doc parecem tão feios quanto a última vez que o vi, mas não há muito o que fazer por enquanto. As pessoas estão muito ocupadas sobrevivendo para se preocuparem com ele agora.

Os gêmeos se dividem entre motorista e passageiro no assento na frente. Eles pintaram o cabelo de azul recentemente.

Não inteiramente azul, mas com listras e manchas sobre sua cabeleira loira, como se eles não tivessem tempo suficiente para pintar do jeito certo.

— O que acontece com o cabelo de vocês? — pergunto. — Vocês não estão preocupados em atrair todos os anjos para nós com todo esse azul?

— Pintura de guerra — diz Dee, prendendo o cinto de segurança.

— Exceto que está em nosso cabelo em vez de na nossa cara — diz Dum, ligando o motor. — Porque somos originais.

— Além disso, rãs venenosas se preocupam em ser vistas por pássaros? — Pergunta Dee. — Ou as cobras venenosas? Todas têm marcas brilhantes.

— Você é um sapo venenoso agora? — pergunto.

— Ribbit. — Ele se vira e mostra a língua para mim. É azul.

Meus olhos se arregalam. — Você tingiu sua língua também?

Dee sorri. — Nah. É apenas Gatorade. — Ele levanta uma garrafa meio cheia de líquido azul. — Te peguei. — Ele pisca.

— Hidrate ou morre, cara — diz Dum quando voltamos para El Camino Real. — Isso não é propaganda da Gatorade — diz Dee. — É de alguma outra marca.

— Nunca pensei que diria isso — diz Dum — mas eu realmente sinto falta dos anúncios. Sabe, como: Just Do It. Eu nunca percebi que vários bons conselhos da vida vieram de anúncios. O que realmente precisamos agora é que

alguma alma laboriosa comece a vender um produto e nos dê um realmente excelente slogan. ‘*Mate todos e deixe que Deus resolva*’.

— Isso não é slogan — eu digo.

— Só porque não era um bom conselho antes — diz Dum. — Pode ser um agora. Anexe um produto a ele, e nós poderíamos ficar ricos. — Ele se vira e arqueia uma sobrancelha para seu irmão, que vira e arqueia uma sobrancelha idêntica.

— Então alguém tem uma boa estratégia de sobrevivência, ou não há esperança para sair desse pesadelo? — pergunta o Coronel.

— Nós viemos com um grande zero. Não sei como vamos sobreviver à caçada de sangue — diz Dee.

— Não era desse pesadelo que eu estava falando — diz o coronel. — Morte por comentários estúpidos é do que eu estava falando.

Os gêmeos olham uns para os outros e fazem um O com suas bocas como crianças que acabaram de ser pegas.

Eu sorrio, apesar de tudo. É bom saber que ainda posso sorrir, mesmo que apenas um pouco.

Então nós começamos a trabalhar.

— E como vai aquela praga de anjo que você estava fazendo, Doc? Alguma chance de criarmos uma pandemia? — pergunta Dee. Ele balança a cabeça.

— Vai levar pelo menos um ano, assumindo que funcionasse. Não sabemos nada sobre a fisiologia deles e não tem ninguém com quem testar. Mas, se tivermos sorte, vai acabar com alguns deles em pouco tempo.

— Como? — Pergunta o coronel.

— Os anjos estavam criando outra besta para o apocalipse — diz Doc. — As instruções eram muito específicas. Tinha que ter sete cabeças que fossem uma mistura de animais.

— O Seis Cabeças? — pergunto. — Sim, eu vi.

— Se ele tem sete cabeças, por que você o chama de Seis Cabeças? —

pergunta Sanjay.

— Ele tem o número 666 tatuado nas testas.

Dum olha para mim com uma expressão de horror.

— Os anjos a chamaram de Besta — diz Doc. — Mas acho o seu nome muito melhor.

— A sétima cabeça era humana, e ela estava morta — eu digo.

— O Seis Cabeças estava vivo? — pergunta Doc. — Algum dos anjos perto dele pareceu doente?

— Oh, ele estava definitivamente vivo. Eu não notei qualquer um que parecesse doente. Mas eu não estava olhando para eles. Por quê?

— Nós tivemos três deles.

— Há três daquelas coisas?

— Todas variações das outras. Com tantos animais misturados em um só corpo, as coisas estavam fadadas a dar errado. Ao mesmo tempo que eles estavam sendo criados, Laylah estava trabalhando na praga apocalíptica. Deveria ser para nós seres humanos, mas houveram vários testes para torná-lo tão horrível quanto possível. De alguma forma, uma das estirpes foi repassada para os Seis Cabeça.

Lembro de Uriel conversando com Laylah em sua suíte antes da última festa no Aerie. Ele estava pressionando-a para criar atalhos e fazer o apocalipse acontecer mais rápido. Suponho que ela estava pulando etapas o tempo todo para atender essas demandas.

— Os Seis Cabeças infectaram os anjos médicos. Eles ficaram doentes, e cerca de um ou dois dias depois, eles foram expostos aos Seis Cabeças de novo, o que maciçamente acelerou a doença. Eles sangraram da pior maneira possível. Parecia extremamente doloroso. Era tudo o que eles estavam tentando fazer com uma doença humana, só que matou os anjos e os gafanhotos no lugar. Os funcionários humanos do laboratório estavam bem, assim como os Seis Cabeças. Eles eram apenas portadores da doença.

— Você tem um preso em algum lugar? — pergunto.

— Os Seis Cabeças infectados foram todos mortos. Fui encarregado de eliminar os corpos. Os anjos não deixam seus fracassos de lado. Antes de queimá-los, porém, eu consegui pegar dois frascos do sangue deles. Usei um para infectar o novo lote de Seis Cabeças. Eu estava esperando que ele pudesse causar algum dano aleatório.

— E deu certo? — Eu pergunto, pensando em Raffe mesmo agora.

— Eu não sei. Depois do acidente, eles se separaram dos projetos para evitar mais contaminação, então eu perdi a trilha.

— O que você fez com o segundo frasco de sangue?

— Fiquei com ele para estudo. É o que estávamos utilizando para tentar criar uma praga de anjo.

— Teve sorte? — pergunto.

— Ainda não — diz Doc. — Nem terei por um longo tempo.

— Tempo que não temos — diz o Coronel. — Próxima ideia.

Nosso objetivo é fácil de identificar - temos que achar um jeito de sobreviver a investida dessa noite. Mas estamos rodando em círculos, tentando descobrir como. Por tudo que sabemos, podemos ser os únicos combatentes da liberdade a aparecer na Ponte East Bay

Enquanto dirigimos para a península, nós conversamos.

E conversamos.

E conversamos um pouco mais.

Estou tentando não bocejar, mas não é fácil. Parece que faz uma semana desde que eu dormi.

— Os anjos podem até não saber qual ponte é a East Bay — diz o Coronel. — Precisamos de uma isca que vá atraí-los para longe da Golden Gate.

— Que tipo de isca? — Pergunta Dee.

— Devemos balançar bebês da ponte? — pergunta Dum.

— Infelizmente, isso não é engraçado — diz Doc.

Eu esfrego minha testa. Normalmente não sou propensa a ter dores de cabeça, mas toda essa conversa desesperada de pensar em um plano está me

matando. Eu não sou realmente o tipo de planejar.

Meus olhos derivam para a janela, e eu fico fascinada pelo zumbido das vozes de adultos no carro e minha própria sonolência.

Estamos dirigindo ao longo da baía enquanto vamos para o norte de San Francisco. A água brilha como um campo de diamantes esperando para ser escolhidos se você pudesse chegar lá com mãos mágicas e agarrá-los.

O vento flui, folhas e lixo flutuam na beira da estrada. Eu não lembro de ter visto lixo pela autoestrada no Mundo de Antes, mas muita coisa mudou desde então.

Meus olhos preguiçosamente seguiram um pedaço de papel, quando ele voa pelo outro lado da estrada. Ele dança na brisa, flutuando para cima e para baixo, fazendo piruetas no vento. Ele cai na água, causando uma onda de brilhos em volta dele.

No meu estado de sonhar acordada, parece que é um dos panfletos do Show de Talentos dos gêmeos.

Venham, venham todos para o maior show de todos. Não é isso o que o folheto dizia?

Consigo imaginar os gêmeos parados perto de uma caixa velha, vestindo ternos listrados e chapéus como camelôs em um carnaval. Eles estão chamando os refugiados maltrapilhos. — *Venham, gente. Este será o maior show de fogos de artifício da história. Haverá bangs, haverá gritos, haverá pipoca! É sua última chance - sua última chance de mostrar seus talentos incríveis.*

Então eu percebo.

Me sento, tão desperta como se tivesse sido eletrocutada por minha mãe. Pisco duas vezes, voltando para a conversa. Sanjay está dizendo algo sobre querer saber mais sobre a fisiologia dos anjos.

— O show de talentos. — Eu olho para os gêmeos com os olhos arregalados. — Quem poderia resistir a um show de talentos?

Todo mundo olha para mim como se eu fosse louca. Isso coloca um sorriso lento no meu rosto.

55

No momento em que chegamos na Ponte Golden Gate, é meio-dia. Temos cerca de seis horas até o pôr do sol.

A famosa ponte está em frangalhos, como todas as outras pontes ao redor da baía. Vários dos cabos de suspensão no ar estão balançando, presos somente na parte superior. Está quebrado em quatro seções, com um grande pedaço faltando logo após o meio. Uma das seções se inclina precariamente, e me pergunto quanto tempo levará para cair.

Na última vez que vi a Golden Gate, eu estava voando nos braços de Raffe.

O vento me arrepia quando saio da nossa SUV, sentindo o gosto de ar salgado como lágrimas.

Um grupo pequeno de pessoas está sobre à beira da água sob a ponte, à espera de alguém para dizer a eles o que fazer. Eu não esperava milhares de pessoas, mas eu pensava que haveria mais gente.

— Somos aqueles que resgataram o povo de Alcatraz — Dee grita. Ele age como se houvessem centenas de pessoas aqui. — Vocês já ouviram falar de nós, certo? Aqueles mesmos barcos estão vindo para cá. Quando eles chegarem, façam o que puderem para ajudar. É a coisa boa a se fazer.

— Se você não estiver inclinado a fazer a coisa boa — diz Dum — nós nos reuniremos na Ponte Bay Bridge a seguir. Vamos mostrar aos anjos o que podemos fazer!

Eu olho em volta e vejo que há mais pessoas aqui do que percebi. Pequenos movimentos de roupas, chapéus, bolsas, e armas se mexem em volta

de nós, nas árvores, carros e os destroços de navios na costa.

As pessoas estão se escondendo por perto, ouvindo, assistindo, prontas para desaparecer ao menor sinal. Alguns gritam perguntas para nós de seus esconderijos.

— É verdade que os mortos estão voltando?

— Há realmente monstros demônios vindo atrás de nós?

Eu respondo as perguntas da melhor forma possível.

— Você é Penryn? — Alguém grita atrás de algumas árvores. — Você é realmente uma assassina de anjo?

— Oh yeah! — Diz Dum. — Venha ver por si mesmo esta noite. Você também pode ser um assassino de anjo.

Dum acena com a cabeça em direção ao carro. — Vão em frente — diz ele para nós. — Vou espalhar o evangelho sobre o show de talentos por aqui e já os alcanço.

Dee sorri. — Você tem alguma ideia de como estão as apostas sobre como será esta noite?

— Vai ser épico — diz Dum sumindo no meio da multidão.

Eu sigo Dee de volta para o carro. A mulher da Apple e o Coronel ficam para supervisionar a evacuação, enquanto o resto de nós vai para a Bay Bridge para se preparar para a batalha.

— Quais são as chances de que os nossos homens apenas peguem os barcos e caiam fora? — pergunto. Meu estômago revira com esse pensamento enquanto dirigimos pela cidade.

— Suponho que pelo menos metade deles faça. Escolhemos caras que tinham família nessa multidão. — Ele acena para as pessoas que estão pela água onde Dum já está circulando no meio da multidão, começando a falar sobre o show de talentos.

— Por sorte — diz Dee enquanto dirige em volta de um poste caído — aconteceu de deixarmos o grande prêmio do outro lado da Golden Gate.

— O grande prêmio?

— Para o show de talentos.

— Duh — diz Sanjay em uma boa imitação de Dum.

— Nós o queríamos longe de pessoas que sabiam sobre ele — diz Dee. — Mas no fim, não poderíamos ter planejado melhor nem se soubéssemos o que estava prestes a acontecer.

— Qual é o grande prêmio?

— Você não ouviu? — Diz Dee.

— É uma kombi — diz Sanjay, soando entediado.

— O quê? — Dee encara Sanjay através de seu espelho retrovisor. — Não é apenas uma kombi. É uma feita por encomenda, à prova de balas, um veículo de luxo. E nem descrevi tudo.

Eu levanto minhas sobrancelhas e tento parecer interessada.

— Não tenha medo, minha pequena padawan. Você vai entender a grandiosidade dos Gêmeos Tweedle quando chegar a hora.

— Seja o que for, tenho certeza que pelo menos vai ser divertido. — Desta vez, em vez de soar como Obi, eu soei como uma mãe paciente. Enrugo meu nariz para isso.

Dee segura um conjunto de chaves. — É claro que o vencedor terá que sobreviver ao show de talentos e depois tirar as chaves das minhas mãos frias e inoperantes.

Ele aperta as chaves e as faz desaparecer. — Mas não há dúvida de que vai valer a pena — eu digo.

— Vê? — diz Dee. — É por isso que ela é a líder. A menina sabe do que está falando.

Mas eu não sabia. Quando chegamos a Ponte East Bay, não há ninguém lá.

Meus ombros afundam quando vejo as ruas abandonadas e águas vazias. Meu anúncio está em looping em toda a península, e todos que estavam no campo de Resistência sabiam que era para vir aqui se estivessem dispostos a

lutar. Eu não esperava um grande grupo, mas estou devastada que ninguém tenha aparecido.

— Não há tempo para olhar por aí — diz Dee quando sai do carro. — Os caras já começaram a deixar os suprimentos.

Olho para onde ele aponta. Há uma pilha de madeira esperando na água. — E essa deve ser a nossa carona.

Dee acena para uma balsa se movendo em nossa direção. Ela costumava ser branca uma vez, mas parece que alguém jogou tinta escura nela para tentar camuflá-la.

— Bem, pelo menos haverá quatro de nós lutando. — Tento parecer extra animada.

— Três. — diz Sanjay. — Estou aqui apenas como perito. Pessoas como eu, somos amantes, não combatentes.

— Você é um lutador agora — eu digo, puxando-o em direção à água.

Por volta das duas horas, Dum volta com um sorriso maroto, caminhando como se ele tivesse acabado de fazer algo grande. Há também pessoas o suficiente que saíram da toca para podermos formar uma equipe de trabalho. Madeira, martelos e pregos, equipamentos de som e iluminação estão sendo transportados e colocados sobre o pedaço da ilha de Bay Bridge que nós selecionamos para nosso estande final.

Lá pelas três horas, as primeiras gangues chegam até a costa. A esta altura, há um número respeitável de refugiados e combatentes da liberdade. Reunimos alguns dos antigos soldados cidadãos de Obi que ouviram nosso anúncio.

— Melhor morrer como um homem do que correr como uma barata — diz um cara barbudo que conduz um grupo de outros com tatuagens de gangue.

Se os outros sobreviventes já não estavam com medo, eles estariam, pelo menos um pouco de agora. Estes são os caras que o resto de nós evitava nas ruas.

Embora as novas caras possam ter decidido juntar-se ao bom combate,

assim que eles chegam, ficaram mais interessados em estabelecer quem é que manda. Pessoas se empurraram, foi dito para deixar as sombras para as gangues, toleraram que alimento fosse arrancado a caminho de suas bocas.

Todos estavam exaustos e com medo, e todos pareciam querer lutar entre si. Honestamente, não sei como Obi conseguiu tudo isso. Eu gostaria de poder descobrir uma maneira para todos nós corrermos para nos esconder, mas não podemos fazer isso com tantas pessoas em vários tipos de condições. Então mais uma vez, estou de volta ao conceito do último desafio.

Não gosto do som dessa frase, último desafio. Será que herdei a resistência só para vê-la desmoronar ao meu comando?

À medida que novas gangues chegam, eles começam a colidir com as outras gangues. Se não é a cor de suas camisas ou a forma de suas tatuagens, é alguma outra escolha aparentemente aleatória de quem está em cujas equipes quando a população da gangue se torna maior. Alguns são divididos por linhas raciais, enquanto outros são divididos entre linhas regionais - a gangue de Tenderloin contra a gangue de East Palo Alto, esse tipo de coisa.

— Esta é uma combinação explosiva. Você sabe disso, certo? — pergunta Doc, que se ofereceu para ser o Médico de Campo apesar de seu braço ainda estar em uma tipoia. Todos sabemos que ele teria sido rejeitado pela multidão no Golden Gate caso fosse para lá. Há também muitos refugiados de Alcatraz lá para deixá-lo em paz.

— Não precisamos mantê-los juntos por muito tempo — eu digo. — Eles são lutadores saudáveis, e vamos precisar deles esta noite.

— Quando Obi lhe pediu para assumir, ele talvez tenha querido dizer que você assumisse por mais tempo do que você está planejando. — Doc soa como um dos meus velhos professores, mesmo que ele se pareça mais com um estudante de faculdade.

— Obi sabia exatamente o que estava fazendo — eu digo. — Ele me pediu para evitar que as pessoas morressem. Se eles se machucarem enquanto eu tento mantê-los vivos, é algo que terão que lidar entre si.

Os gêmeos acenam, parecendo impressionados com a minha atitude de amor duro.

— Vamos cuidar disso — diz Dee.

— O que vão fazer?

— O que sempre fazemos — diz Dum.

— Dê às massas o que eles querem — diz Dee enquanto vai em direção as duas multidões crescentes que se enfrentam.

Os gêmeos caminham para o meio do atrito com as mãos no ar. Eles conversam. As multidões ouvem.

Um homem grande avança de cada lado. Um dos gêmeos fala com os dois e o outro gêmeo começa a tomar notas quando as pessoas da multidão gritam. Então, todo mundo forma um círculo, deixando os dois grandes homens no meio.

Como se com a sugestão, a multidão começa a gritar e saltar querendo uma vista melhor. Eles fecharam o círculo, então não posso ver o que está acontecendo lá dentro, mas posso adivinhar. Os gêmeos começaram uma luta oficial e estão fazendo apostas. Todo mundo está feliz.

Não é de admirar que Obi manteve os gêmeos por perto e aturou suas palhaçadas.

Às quatro horas, temos o maior número de competidores para o show de talentos e membros do público como lutadores. Estou tão ocupada que quase não tenho tempo para pensar sobre Raffe. Mas claro, ele está sempre na parte de trás da minha mente.

Ele conseguirá? Será que ele vai matar seres humanos, a fim de ser aceito de volta na sociedade dos anjos? Se tivermos que lutar, ele vai me caçar como um animal?

O fim do mundo não trouxe à tona as melhores qualidades da humanidade. Raffe tem visto pessoas fazerem as piores coisas possíveis para o outro. Eu gostaria de poder lhe mostrar o outro lado - o melhor que podíamos ser. Mas isso é apenas uma ilusão, não é?

Há rostos conhecidos entre os combatentes voluntários. Tatuagem e Alpha de Alcatraz estão lá. Seus nomes verdadeiros são Dwaine e Randall, mas eu me acostumei a pensar neles como Tatuagem e Alpha, então continuo chamando-os disso. Outros estão fazendo o mesmo, e se eles não pararem logo, isso vai se tornar seus apelidos permanentes.

Parece que metade do grupo atende por apelidos. É como se todo mundo se sentisse pessoas diferentes agora, e por isso não devem ter os mesmos nomes que o Mundo de Antes.

Eu olho para cima quando as pessoas se afastam para deixar um homem de terno e quepe de motorista vir até mim. Todos observam os dentes expostos e a carne crua onde a pele deveria cobrir a metade inferior de seu rosto.

— Ouvi seu anúncio — diz ele de seu jeito torturado. — Estou feliz que você conseguiu sair do Aerie viva. Estou aqui para ajudar.

Dou-lhe um pequeno sorriso. — Obrigado. Nós poderíamos usar sua ajuda.

— Sim, tipo agora — diz Sanjay, gingando até nós, tentando segurar uma pilha de pranchas de madeira. Meu ex-motorista corre para ajudar.

— Obrigado — diz Sanjay com muito alívio.

Eu os observo carregarem as pranchas em um barco com camaradagem.

Sinto que tenho um submarino de chumbo no meu estômago quando penso sobre todas estas pessoas que provavelmente vão morrer porque acreditaram em mim quando eu disse que valia a pena lutar.

56

O sol brilha na água escura da baia abaixo de nós. Mesmo que ainda seja de tarde, o céu tem um colorido ardente com a escuridão alcançando-a por meio dela. Ao longe, o fogo no extremo sul da península aumenta a fumaça no ar.

Não é completamente o brilho avermelhado do Abismo, mas algo que me faz lembrar dele. Ao invés de ser um vermelho asfixiante, nossa civilização queimando é ironicamente bonita. O céu está vivo e em movimento com o reflexo das cores do fogo em tons de marrom, laranja, amarelo e vermelho. Há cinzas da fumaça escura deslocando pelo ar, mas ao invés de apagar as cores, o céu fundiu e a absorveu, escurecendo em algumas partes enquanto contrasta com as outras.

Aqui na ilha de concreto que uma vez foi parte de uma bela Bay Bridge a excitação é palpável. Pulsa em todas as direções na multidão – é uma multidão agora – enquanto as pessoas se movem sem direção ou no sentido da conexão entre San Francisco e a East Bay.

Todos estão ajudando a montar algo. Os membros da gangue sem camisa aparecem mostrando seus músculos tatuados enquanto escalam para os pontos mais altos da ponte suspensa. Uma gangue de diferentes facções corre para pregar um enorme conjunto de alto-falantes e refletores. O vencedor da corrida clama alguma vitória sobre os outros por um prêmio que Dee e Dum fizeram valer a pena.

Um palco improvisado vem sendo construído enquanto as pessoas praticam suas performances do show de talentos. Caixas foram empilhadas e pregadas juntas para fazer um pódio rápido e medíocre.

Homens usando camuflagem cinza passam por mim com seus rifles. Eles estão usando largos headphones ao redor do pescoço e óculos de visão noturna em suas cabeças. Assim como eu, que possuo um headphone ao redor do meu pescoço, mas não tenho os óculos. E em vez do rifle, eu carrego um par de facas. Há uma abundância de armas, porém as balas são reservadas para os experientes.

Um par deles usam camuflagens elaboradas que parecem tendas, com pedaços de coisas aleatórias atadas a ele, o que me faz pensar em monstros do pântano.

— O que eles estão vestindo? — pergunto.

— Camuflagem Ghillie — diz Dee-Dum, passando por mim, como se explicasse alguma coisa.

— Certo, claro — eu aceno como se tivesse ideia sobre o que isso significa.

Olho ao redor e vejo se posso ser útil, e descubro que todos têm suas tarefas e estão ocupados fazendo-as. Dee lida com os detalhes do show enquanto Dum organiza a plateia, que está praticando o treino de fuga. O Coronel e a outra membro do conselho que estou começando a pensar como a senhora da logística se contorcem através do povo, ordenando projetos e mantendo as pessoas nas tarefas.

Doc está retocando a estação médica improvisada, que as pessoas evitam a menos que estejam realmente machucadas. Admito, mesmo que esteja um pouco impressionada com a dedicação de Doc para com as pessoas, sempre pensarei nele como um monstro pelas coisas que fez.

No limite quebrado da ponte onde o vergalhão projeta-se para fora no ar, minha irmã está sentada com suas pernas balançando na borda. Dois dos seus escorpiões repousam enroscados com seus lados enquanto um terceiro voa na fenda em frente a ela. Talvez esteja caçando um peixe. Eles são os únicos com espaços ao redor deles, já que todos ficam bem longe.

Sinto-me doente sobre tê-la aqui quando sei que ela estará em perigo.

Mas tão difícil quanto tentei, ambas, mamãe e Paige se recusaram a se despedirem de mim. Torce as minhas entranhas tê-las sendo parte da luta, mas pelo outro lado, descobri que quando você está separado das pessoas que ama, não existe garantias de que as verá novamente.

O rosto de Raffe estala dentro da minha cabeça como tem feito milhares de vezes hoje. Nesta memória, ele tem um olhar provocante em seus olhos como se estivesse rindo das minhas roupas quando estamos na casa de praia. Empurro a memória de volta. Duvido que ele faça esse olhar provocante enquanto ri de mim.

Minha mãe está próxima de um grupo dos membros da seita dos que usam lençóis. Todos possuem marcas de anistia em seus ombros.

Minha mãe me conta que eles estão se empenhando em compensar pelo seu pecado de me trair, entretanto, eu queria que não eles não estivessem aqui. Ainda assim, se eles quiserem se mostrar comprometidos com a causa, ficar com a minha mãe é um bom modo de demostrar isso. Mantêm eles longe do meu caminho e estou muito certa de que minha mãe está fazendo-os pagar suas penitências.

Parece que o único grupo que precisa de ajuda é a equipe de palco. Pego um martelo e fico de joelhos para ajudar a construí-lo.

O cara do lado me dá um sorriso triste e me entrega alguns pregos. Tanto pela glória da liderança.

Não sei sobre o que pessoas famintas por poderes como Uriel estão pensando. Tanto quanto posso dizer, um líder termina de fazer o que o está incomodando e ainda necessita se lançar no trabalho normal.

Eu martelo, tentando organizar a minha mente e mantê-la longe de enlouquecer.

O sol está começando a se pôr, anexando um brilho dourado na água. Fragmentos de neblina começam a se arrastar pela baia. Deveria ser uma cena pacífica, mas meu sangue parecia que ia congelar a qualquer segundo.

Minhas mãos parecem frias e pesadas, fico na expectativa de ver vapor

saindo da minha respiração. Parece que não tenho sangue o suficiente no meu corpo, consigo sentir o meu rosto empalidecer.

Estou com medo.

Até agora, eu realmente acreditava que poderíamos terminar isso. Soava bem na minha mente. Mas agora que o sol está se pondo e as coisas estão se encaixando, estou enlouquecendo por essas pessoas que acreditaram em mim quando disse que era uma boa ideia. Por que alguém me escutaria de qualquer maneira? Eles não sabem que não consigo planejar algo que valha dois centavos?

Existem bem mais pessoas aqui do que deveria e eles continuam enchendo os postos quando navios continuam transportando-os para a nossa ponte quebrada. Não precisamos de todos eles, apenas o suficiente para fazer os anjos acreditarem que vir aqui ao invés da Ponte Golden Gate é melhor para eles. Mas nós já removemos o anúncio e mais e mais pessoas estão chegando. Isso nunca nos ocorreu, colocar um limite para o tamanho da audiência, porque achamos que seria um milagre se mais do que três pessoas aparecessem.

Sabemos que os anjos estão vindos. Eles sabem que essa é a nossa última cartada. Eles sabem que nós provavelmente seremos massacrados.

E ainda assim continuam vindo. Em massa.

Não apenas a população ativa – os feridos, as crianças, os velhos, os doentes – estão todos aqui, lotando a nossa pequena ilha de concreto quebrado e aço. Há muito deles.

Isso é uma armadilha mortal. Posso sentir nos meus ossos. O barulho, as luzes, um show de talentos pelo amor de deus, no apocalíptico Fim dos Dias. O que eu estava pensando?

Apesar das condições de lotação, o público mantém uma distância respeitosa das cortinas e divisões que estão servindo como um vestuário improvisado atrás do palco.

Dee caminha para o palco e salta sobre ele — Bom trabalho, pessoal. Acho que vai aguentar por algumas horas. Bom o suficiente. — Ele curva as

suas mãos sob a boca e chama a multidão. — O show iniciará em 10 minutos, pessoal.

É um pouco estranho que ele não grite para a área do vestuário, mas dê preferência para a larga multidão. Mas acho que ele está certo – todos estão realizando uma performance hoje.

Eu vou até o vestuário, sentindo pânico. Na última vez em que estive no palco, anjos vieram furiosos e decidiram que iriam matar todos, e se sentiram justiçados sobre isso.

Dessa vez, estou em frente a uma multidão igualmente carregada de humanos. Mas a emoções que estão carregando são as de medo e de pânico mal contido, não de sede de sangue como os anjos.

Na minha frente está um quarto único cheio com uma multidão e quase sem espaço o suficiente para manobrar. A única coisa que limita o número de pessoas é a dimensão da ilha de concreto que escolhemos.

Pessoas estão muito perto do limite da ponte quebrada, onde o mergulhão pendura como braços mortos voltados para a água. Eles têm crianças sentadas em seus ombros. Adolescentes e membros de gangue estão soltos em cabos suspensos que se erguem para o céu e desaparecem dentro da fina névoa que se acumula acima.

A Névoa engrossando me preocupa. Muito preocupante. Se não pudermos ver, como iremos lutar contra eles?

57

Deve haver umas mil pessoas aqui. Eu percebo pela expressão dos gêmeos que eles não esperavam uma grande exibição assim.

— Eu não entendo — eu digo quando chego até os gêmeos no palco. Eles estão vestidos com roupas de circo combinando, com partes de vários tecidos remendados, caras de palhaço e cabelos de quem acabou de sair da cama. Os dois estão com microfones que me lembram de cones de sorvetes enormes.

— Por que há tantas pessoas aqui? — Eu dou-lhes um olhar perplexo. — Pensei que tivéssemos deixado claro que o perigo é real. — Eles não têm um pingo de bom senso?

Dee verifica para se certificar de que seu microfone está desligado. — Não é sobre bom senso. — Dee olha para a multidão com algum orgulho.

Dum também verifica para se certificar de que seu microfone está desligado. — Não é sobre lógica ou praticidade ou qualquer coisa que faça remotamente algum sentido. — Ele ostenta um largo sorriso.

— Esse é o ponto inteiro de um show de talentos — diz Dee, que faz um giro no palco. — É ilógico, caótico, estúpido, e todo um inferno de muita diversão. — Dee acena para Dum. — É o que nos diferencia dos macacos. O que outras espécies colocam em shows de talentos?

— Sim, tudo bem, mas e o perigo? — pergunto.

— Eu não consigo ter uma resposta para isso. — diz Dum.

— Eles sabem que é perigoso. — Dee acena para a multidão. — Eles sabem que só tem vinte e cinco segundos para evacuar. Todos sabem no que eles

estão se metendo.

— Talvez eles estejam cansados de ser nada mais do que ratos vasculhando o lixo e correndo por suas vidas. — Dee mostra a língua para as crianças sentadas lado a lado. — Talvez eles estejam prontos para serem humanos novamente, mesmo que apenas por uma hora. — Estamos improvisando desde que os anjos chegaram aqui. Todos, mesmo as gangues, sentem medo. Estão constantemente preocupados com comida e abrigo e necessidades humanas básicas. Preocupados se amigos e familiares vão sobreviver ao dia, preocupados com monstros pulando no meio da noite e comendo-os vivos.

E agora há isto. Um show de talentos. Idiota e sem sentido. Estúpido e divertido. Juntos. Rindo. Fazendo parte da raça humana. Sabendo dos horrores que aconteceram e vão acontecer, mas escolhendo viver de qualquer maneira. Talvez haja uma arte em ser humano.

Às vezes, eu me sinto como uma marciana no meio de toda essa humanidade.

— Ou — diz Dum — talvez eles estejam aqui porque estão todos cobiçando o prêmio — ele gira em torno de seu microfone — O incrível e mágico veículo de recreação. — Ele agita o braço para o pano de fundo no palco.

Ainda há luz suficiente para fazer a projeção atrás dele escurecer, mas é a sombra de um carro que aparece.

— Sim, podem acreditar em seus olhos, Senhoras e Senhores — diz Dee. — Este é um veículo de alta resolução incrível. Nos velhos tempos, uma beleza como esta valeria - o que - cem mil dólares?

— Ou um milhão — diz Dum.

— Ou dez milhões, dependendo do que você quer fazer com ele — diz Dee.

— Este bebê é totalmente à prova de balas — diz Dum.

A multidão fica em silêncio.

— Sim, você ouviu direito — diz Dee.

— A prova de balas — diz Dum.

— Inquebrável — diz Dee.

— E janelas à prova de zumbis enfeitam esta beleza de casa motorizada — diz Dum.

— Ela vem com um sistema completo de segurança, e capacidade de gravar vídeos em 360 graus para que você assista o que acontece ao seu redor o tempo todo, com sensores de movimento remoto para que você saiba se alguém ou alguma coisa está próximo. E o melhor de tudo... — A foto projetada por trás deles muda para o interior do veículo.

— Um luxo absoluto do antigo mundo — diz Dee. — Assentos de couro, camas de luxo, uma mesa de jantar, TV, máquina de lavar roupa e seu próprio banheiro completo com chuveiro — diz Dum.

— Para aqueles de vocês que se perguntam por que a TV é um atrativo, nós garantimos que esteja equipada com uma grande coleção de filmes. Quem precisa de transmissão ou energia quando você tem um gerador dentro de casa?

— Levamos uma semana para a deixarmos tão suja e encardida quanto possível. E acredite em mim, quebrou meu coração ter que sujar esta beleza, mas é uma enorme vantagem não parecer um garoto rico sobre rodas.

— Falando de rodas — diz Dee. — Ele pode andar vinte quilômetros com os quatro pneus furados. Pode subir colinas melhor que outros carros, se necessário. Este é um veículo para todos os tipos de terrenos, um sonho de todos, senhoras e senhores. Se alguma vez, vocês amaram algo mais do que essa belezinha, vocês devem tê-la chamado de mãe.

— Segurem firme os seus bilhetes de rifa — diz Dum. — Eles poderiam valer mais do que a sua vida.

Agora faz mais sentido. Tenho certeza de que algumas pessoas vieram para ficar por outros seres humanos em uma luta final para a sobrevivência, mas estou igualmente certa de que alguns vieram pela chance de ganhar o veículo de luxo do Mundo de Depois.

A projeção no carro desliga. Holofotes voltam a brilhar no palco. Eu tremo ao sinal luminoso, e depois lembro que é para ser vistoso.

Os alto-falantes se intensificam com um gemido que se transforma em um perfurar estridente com as explosões de comentários ao longo da ponte quebrada.

Eu examino o céu escuro e não vejo nada, além do belo pôr do sol colorindo a névoa rala. O céu revelador é um cenário mágico para o show, que parece milagroso por si só.

Dee e Dum dançam em um ritmo muito rápido no palco, então se curvam como se estivessem aguardando uma resposta para seu show da Broadway. No começo, o aplauso é abafado e disperso, tímido e com medo.

— Whooo-wheee! — Dee grita em seu microfone. Ele repercute por toda a multidão. — Droga, sintam-se livres para fazer barulho. Vamos todos tirá-lo do nosso sistema, pessoas.

— Se estamos nos rebelando, poderíamos muito nos rebelar com muito barulho! — Diz Dum.

Os gêmeos deixam sair um grito estridente por seus microfones que libera todos os tipos de energia presa, desde animação a raiva, agressão a satisfação.

No início, apenas um ou dois gritos ecoam da multidão. Em seguida, mais pessoas se juntam. Então mais. Até que todos estão gritando com o máximo de seus pulmões.

Esta pode ser a primeira vez que alguém falou em voz alta desde o Grande Ataque. Uma onda de medo e alegria é liberada no meio da multidão. Alguns começam a chorar. Alguns começam a rir.

— Wow — diz Dum. — Isso é uma grande confusão de humanidade aqui mesmo.

— Respeito. — Dum bate o punho em seu peito e se inclina para o público.

O barulho aumenta um pouco mais, então se acalma. As pessoas estão

nervosas e ansiosas, mas muito animadas. Alguns têm sorrisos em seus rostos, outros franzem a testa. Mas eles estão todos aqui - alertas e vivos.

Eu me acomodo em meu lugar no canto do palco e olho ao redor. Estou na equipe terrena, o que significa que sou uma das vigias de hoje à noite até que haja ação. Eu faço a varredura do horizonte. Está ficando mais difícil ver na névoa que engrossa, mas não detecto quaisquer hordas de anjos.

Na água, dois barcos estão jogando baldes de peixe e entranhas picadas de carne de veado no rio, em toda a nossa parte da ponte. Uma poça de sangue se espalha por trás dos barcos.

No palco, os gêmeos estão pulando com sorrisos patetas em seus rostos. — Senhoras e senhores, e o resto de vocês que não se encaixam em nenhuma dessas categorias, eu sou seu mestre de cerimônias, Tweedledee. — Ele se curva. — E aqui está o meu co-mestre de cerimônia, meu irmão e minha amargura, Tweedledum!

A multidão estoura em gritos. Ou os gêmeos são extremamente populares ou as pessoas realmente gostam de poderem fazer barulho novamente. Os gêmeos curvam-se em arcos profundos com um floreio de harmonização com as mãos.

— Hoje, temos o espetáculo de uma vida para você. Sem filtro, sem cortes e certamente, inegavelmente impressionante!

— Não nos responsabilizamos por qualquer coisa ruim que possa acontecer hoje à noite — diz Dum.

— E levamos todo o crédito pelas coisas fabulosas, fantásticas e divertidas que definitivamente vão acontecer hoje à noite — diz Dee.

— E sem mais delongas — diz Dum — deixe-me apresentar o nosso Primeiro Show de Talentos do Mundo de Depois. O San Francisco Ballet!

Há um silêncio atordoado como se todo mundo precisasse de um momento para se certificar que ouviu direito.

— Sim, vocês ouviram direito, gente — diz Dee. — O San Francisco Ballet está aqui para se apresentar para vocês hoje à noite, seus sortudos.

— Eu lhe disse que havia talento nas ruas — diz Dum.

Três mulheres em tutus de ballet e quatro homens em calças cor de rosa entram no palco. Eles andam com a graça de bailarinos profissionais. Uma das bailarinas caminha até Dee assim que os outros entram em suas posições. Ela pega o microfone e fica no centro do palco até que todos se acalmem.

— Somos o que sobrou do San Francisco Ballet. Um par de meses atrás, havia mais de setenta de nós. Quando o mundo entrou em colapso, muitos de nós não sabia o que fazer. Assim como vocês, nós ficamos com nossas famílias e tentamos encontrar aqueles que amamos.

— Mas para nós, bailarinos, a companhia de balé é a nossa família e, portanto, procuramos entre os escombros de nosso teatro e estúdio de dança por aqueles de nós que caíram. No final, doze de nós nos encontramos, mas nem todos chegamos até aqui.

— Esta dança é a que estávamos praticando no dia em que o mundo terminou. Esta dança é dedicada aos membros de nossa família que não estão aqui hoje. — Sua voz é clara e forte. Ela é carregada através da multidão com o vento acariciando nossos pescoços.

A bailarina devolve o microfone para Dee e anda para a sua posição. Os bailarinos tomam o que parece ser lugares aleatórios em uma fila. Eu quase posso preencher o resto da linha em minha mente com os outros dançarinos que não estão aqui esta noite.

A música começa, e as luzes seguem os dançarinos quando eles saltam e fazem piruetas em frente ao palco. É um tipo estranho de pós-moderno, mas ainda uma dança graciosa mesmo com a maioria dos artistas faltando.

Há um movimento aonde um par de dançarinos - um homem e uma mulher - chegam ao centro do palco e dançam juntos enquanto o resto fica para trás e flutuam na ponta dos pés. Seus movimentos são graciosos e românticos.

Em seguida, uma bailarina vem para frente para substituir o casal. Está claro pelo ar vazio entre os braços dela e da linha triste de seu corpo que seu parceiro está faltando. Ela dança sua parte do dueto com braços vazios.

Depois dela, os bailarinos restantes vêm dançar - um por um, dançando com um parceiro fantasma.

Eles acariciam o ar, onde o rosto de seu parceiro deveria estar. Eles giram e pousam no chão com os braços esticados com saudade.

Sozinhos em um mundo de miséria.

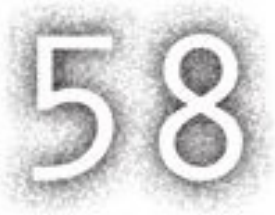
Eu assisto a bela apresentação com uma dor em meu peito.

Então, quando não consigo mais suportar a tristeza, um bailarino flutua para o lado do palco. Um bailarino em roupas esfarrapadas, sujo e faminto. Ele nem está usando sapatilhas de balé. Ele está só com os pés descalços enquanto desliza para tomar o seu lugar na dança.

Os outros bailarinos se voltam para ele, e é claro que ele é um deles. Um dos perdidos. Pelo olhar em seus rostos, eles não estavam esperando por ele. Isso não faz parte do show ensaiado. Ele deve tê-los visto no palco e se juntou a eles.

Por incrível que pareça, a dança continua sem uma batida desperdiçada. O recém-chegado simplesmente desliza no lugar, e a última bailarina, que estava dançando sozinha com seu parceiro ausente, dança com o recém-chegado.

É cheio de alegria, e a bailarina realmente ri. Sua voz é clara e alta, e tudo isso nos preenche.



Quando o espetáculo termina, a multidão vai à loucura com elogios. Há uma despreocupação total com as palmas, assobios e gritos.

É incrível.

Nunca me senti tão comovida com um espetáculo antes. Não é como se eu já tivesse visto muitos balés ou qualquer outra apresentação ao vivo. Mas o sentimento de camaradagem aqui esta noite me deixou sem fôlego.

Como verdadeiros profissionais, o grupo de dança se curva antes dos bailarinos convergirem para o recém-chegado no palco. Os abraços, as lágrimas, os gritos de alegria são uma maravilha de se ver.

Em seguida, eles se espalham para fora em fila, de mãos dadas, e curvam-se novamente. Todo mundo está em pé, e nenhum de nós se preocupou com o barulho que estamos fazendo ou o que poderíamos trazer sobre nós mesmos.

Os gêmeos estão certos. Isso é vida.

Ninguém pode realmente superar isso, o espetáculo de balé, e eu suponho que ninguém vá tentar. Todo mundo parece feliz por ter feito parte disso.

Os gêmeos se levantam no palco para entreter as pessoas. Eu suponho que estão dando às pessoas tempo para absorver o que acabamos de ver para que outra pessoa possa munir-se de coragem para se apresentar. Eles fazem um ato mágico que é quase profissional. Eles se atrapalham algumas vezes, mas eu sei que estão fazendo isso para efeito cômico, porque vi o trabalho deles e é incrível, tão bom como qualquer mágico de palco profissional.

Depois disso, um jovem rapaz sobe ao palco carregando uma guitarra surrada. Parece que ele não viu um chuveiro em dias, seu rosto está encobrindo seu pescoço, e sua camisa tem uma mancha de sangue seco.

— Esta é uma canção cantada pelo grande Jeff Buckley chamada Aleluia. — Ele começa a dedilhar sua guitarra, e ele calmamente transforma-se em alguém que eu tenho certeza que teria sido uma celebridade em qualquer outro momento.

Os acordes agridoces tocam sobre a baía enquanto sua voz suavemente constrói uma dinâmica. As pessoas começam a cantar junto com seu triste murmúrio. Alguns de nós temos lágrimas secando em nossos rostos no vento frio enquanto cantamos — Aleluia — em vozes quebradas.

Quando acaba, há um momento de silêncio. Somos deixados nos perguntando sobre a vida e amor e outras coisas que estão bagunçadas e quebradas, mas de alguma forma ainda são uma vitória.

As palmas são subjugadas no início, mas rapidamente aumentam em uma alegria selvagem.

Depois disso, o cantor dedilha sua guitarra sem rumo até que ele chega em uma melodia familiar. Ele começa a cantar uma canção pop que é leve, fofa e alegre. Todo mundo oscila, pula e explode com a canção.

Estamos longe de sermos tão bons quanto os anjos que ouvi cantando no Aerie. Há o suficiente de nós cantando fora do tom e nos nunca poderíamos ser considerados bons, muito menos perfeitos como os anjos. Mas todos cantando juntos - os cultos com suas marcas de anistia, as gangues rivais nos cabos de suspensão, os combatentes da liberdade irritados, os pais com seus filhos sobre seus ombros - é um sentimento que eu nunca vou esquecer enquanto viver. Não importa quanto tempo isso será.

Eu seguro o sentimento e tento bloqueá-lo no cofre na minha cabeça onde eu sei que vai estar seguro para sempre comigo. Nunca coloquei nada de bom lá antes, mas quero ter certeza de que não vai se perder. Apenas no caso de este ser o último grande show humano de qualquer tipo.

E então, eu ouço aquilo.

A coisa que eu temia. A coisa que estive esperando.

Há um zumbido baixo. E o ar começa a se mexer.

Demasiado perto de nós, a névoa ferve.

Eles estão vindo.

O céu escurece com seus corpos, e a névoa roda com o vento de mil asas. Ou ninguém os viu chegando na névoa, ou estávamos todos muito hipnotizados pelo show.

Uma voz no alto-falante começa uma contagem regressiva. É para ser um sinal para o público correr e para que todos possam entrar em posição.

— Cinco...

Cinco? Era para começar em vinte e cinco.

Todo mundo perde um segundo precioso percebendo que já estamos atrasados.

— Quatro...

Todos se embaralham. Pessoas empurram e correm em pânico. O público superlotado e os concorrentes dos espetáculos têm apenas quatro segundos para evacuar para a rede de refúgio sob a ponte.

O cantor continua no palco cantando como se nem o inferno nem uma alta quantidade de anjos apocalípticos que descem em alta velocidade irão impedi-lo de dar o melhor desempenho de sua vida. Ele terminou sua cativante música pop e agora está cantando uma canção de amor.

— Três...

Tenho que reprimir duramente o impulso de correr como todo mundo. Eu mantenho a minha posição e os pesados tampões colocados em meus ouvidos, deixando meus fones de ouvido com abafadores de ruído em volta do meu pescoço. Eu vejo os outros fazerem o mesmo em volta das bordas do palco, as vigas, e os cabos de suspensão.

— Dois.

Há também muitas pessoas correndo na mesma direção. As treliças que

montamos para servir de esconderijo só podem lidar com algumas pessoas abaixo da ponte. É o caos total, com todo mundo correndo e gritando.

— Um...

Assim que a multidão dispersa, os atirados camuflados entram em posição.

Uma nuvem de gafanhotos ataca violentamente na névoa mais rápido do que eu esperava com uma enxurrada de ferrões e dentes.

Gafanhotos?

Onde estão os anjos?

59

Tiros explodem no enxame de gafanhotos, mas podemos muito bem-estar atirando nas nuvens por todo o bem que eles fazem. Os gafanhotos devem ter sido atraídos pelas luzes e sons que foram feitos para os anjos.

Eles estão pousando em torno de nós. Tiros disparam em todos os lugares enquanto a equipe terrena entra em ação.

Pego minhas facas quando um gafanhoto cai do céu na minha frente. Seu ferrão paira sobre a cabeça e me golpeia.

Meus braços aparecem automaticamente. Eu corto e apunhalo. Eu daria qualquer coisa para ter Pooky Bear agora.

Esse pensamento me deixa ainda mais irritada. Eu voluntariamente dei a Raffe sua espada de volta.

Eu corto novamente.

O ferrão chicoteia para fora do caminho da minha lâmina.

O escorpião na minha frente está fazendo seu melhor para me matar. Ele está movendo seu ferrão tão rápido que sei que ele foi um dançarino de sapateado em sua vida anterior.

Eu estou encharcada de suor em segundos enquanto tento lutar e fugir ao mesmo tempo. Essas pequenas facas não vão fazer nada, além de incomodá-lo.

Eu giro para o lado e dou o meu chute lateral mais rápido. Meu pé bate em seu joelho com um estalo.

O gafanhoto grita e se inclina para o lado enquanto seu joelho quebra.

Eu me dobro e passo para a outra perna. O monstro bate para baixo.

— Pare! — Minha irmã corre para o meio da ponte ladeada por seus gafanhotos de estimação, gritando com todos ao seu redor.

É uma zona de guerra, com balas, e ela ainda corre no meio de todo o caos com os braços para cima. Minhas pernas quase fraquejam ao vê-la.

— Pare!

Eu não tenho certeza de quem para primeiro - os nossos combatentes ou os gafanhotos - mas ambos os lados fazem uma pausa para olhar para ela. Esperança e descrença aumentam em mim enquanto vejo minha irmã parar uma batalha sangrenta com apenas sua convicção.

Eu não sei o que ela teria feito depois, porque um enorme gafanhoto pousa ao lado de Paige.

A faixa branca em seu cabelo é inconfundível, assim como sua ira demente. Desta vez, Raffe não está aqui para intimidá-lo. Ele agarra o gafanhoto de Paige e levanta-o no ar acima dele como um bebê se contorcendo.

— Não! — As mãos de Paige levantam como uma criança tentando pegar o brinquedo de volta de um valentão.

O Faixa Branca joga o gafanhoto menor contra o seu joelho, quebrando o dorso do animal com um piscar de olhos.

— Não! — Paige grita. Seu rosto fica vermelho, e as veias em seu pescoço pulam para fora.

O Faixa Branca joga o gafanhoto quebrado sobre o concreto. Ignorando minha irmã, ele espreita em volta da besta quebrada.

O gafanhoto ferido puxasse para frente por suas mãos. Ele tenta fugir de Faixa Branca, arrastando as pernas mortas por trás dele.

Faixa Branca está fazendo um show disso, ficando em pé e mais alto para que todos os monstros com rabo de escorpião possam ver. Ele planeja claramente mostrar que ele é o rei dos gafanhotos e ninguém mais pode desafiá-lo.

Isso significa que ele vai ter que matar Paige.

Eu corro em direção a minha irmã, desviando dos espectadores. Embora

o ar fervesse com gafanhotos, ninguém mais está lutando na ponte. Doc tinha advertido que alguns gafanhotos podiam estar do nosso lado. Agora ninguém parece certo do que fazer. Todo mundo na ponte - gafanhotos e humanos - observam o drama que se desenrola.

O rosto de Paige se distorce enquanto observa seu animal de estimação gafanhoto arrastar-se impotente no asfalto, incapaz de mover suas pernas ou cauda. Ela começa a chorar.

A visão parece enfurecer Faixa Branca. Ele a apanha com sua cauda.

Eu grito. Toda vez que eu vi minha irmã vencer uma luta, ela tinha o elemento surpresa a seu lado. Mas desta vez, Faixa Branca sabe que ela é uma ameaça e vai matá-la.

Então, alguém grita pelo alto-falante: — Eles estão vindo!

A massa escura de gafanhotos bate e agita acima da ponte, apagando o céu. Entre os ferrões e asas iridescentes, eu vislumbro uma maré crescente de asas de ave de rapina.

A caçada de sangue está começando.

60

Eu tento colocar meu medo e ansiedade dentro do cofre na minha cabeça, mas eles são muito grandes.

Quando olho para trás para baixo do céu, Paige está com os dentes rasgando o braço de Faixa Branca. Ela está viva e lutando.

Eu corro em direção a ela, tentando ser tão pequena quanto possível no caso de haver uma bala perdida.

No centro da ponte, Faixa Branca golpeia e joga Paige no chão como um cão raivoso, então ele pisa no seu peito, e ela continua lutando enquanto ele cresce sobre ela.

Minha irmã esta inexoravelmente furiosa se debatendo debaixo dele. Ver seu animal de estimação ser aleijado deve ter provocado algo nela, algo tão violento e intenso que poderia sufocá-la.

Assim que chego perto, os outros dois animais de estimação gafanhotos voam em direção à Faixa Branca. Eles não são páreo para o monstro, e ele os atira de lado facilmente.

O resto dos gafanhotos com rabo de escorpião voam nervosos, rodando em círculos agitados acima e em frente a mim, indo em todas as direções e por pouco evitando colidir um com o outro. Eles parecem confusos e chateados.

Eu não posso passar por eles e tenho que recuar de sua barreira inconstante.

Faixa Branca levanta o enorme ferrão, se preparando para atacar minha irmãzinha, que ainda está se debatendo sob o seu pé.

Eu tento passar pelos gafanhotos atacando violentamente, mas seus ferrões estão em toda parte e eu não consigo. Do outro lado da luta, vejo minha mãe com o mesmo problema.

O ferrão de Faixa Branca chicoteia para baixo em direção a minha irmã.

Eu grito e dou um passo em direção a eles. Um gafanhoto voa direto para mim, me jogando para baixo sobre o concreto.

Surpreendentemente, Paige reage mais rápido do que o ferrão. Ela torce seu corpo para fora do caminho. Os ataques do ferrão vão para o asfalto, prendendo-o na ponta da ponte.

Antes de Faixa Branca poder retirá-lo, ela morde sua cauda. Sangue explode em torno de sua boca como se ela mordesse uma artéria. Ela arranca um pedaço de sua cauda antes que ele possa golpeá-la.

Desta vez, quando ele bate nela, não há desespero em seu movimento. Desta vez, quando ele bate nela, um gafanhoto cai do céu e pica seu pescoço.

Faixa Branca agarra cegamente a coisa traidora. Ele estala seu pescoço e joga seu corpo morto na rua.

Outro gafanhoto bate nele com seu corpo em um voo rasante e rápido. Faixa Branca cambaleia, perdendo o pé que segura Paige por uma fração de segundo. É tempo suficiente para ela se livrar dele.

Acima de nós, dois gafanhotos mergulham para atacar Paige.

Ela evita um e corre para outro. Meu sangue gela quando Faixa Branca atira seu ferrão em minha irmã.

Um tiro de espingarda bate no atacante de Paige.

O gafanhoto cai se contorcendo no chão. O atirador fica nas proximidades, com um olhar familiar.

Martin acena para Paige, com seu rifle ainda visando o gafanhoto sangrento. Se ele continuar assim, eu poderia até perdoá-lo por amarrar Paige por ser um monstro.

Paige vira e pula para rasgar a garganta de Faixa Branca.

Um enxame de gafanhotos começa a voar do lado de Paige, girando

acima dela enquanto ela se enfurece. Eles são atraídos por seus gritos furiosos, apesar de toda a influência que Faixa Branca tem sobre eles.

Outro enxame de gafanhotos paira do lado de Faixa Branca. Eu me pergunto se não vai ser uma guerra total entre eles.

Os que pairam acima de Paige giram para atacar os de Faixa Branca. Os que estão acima de Faixa Branca espalham-se para atacar Paige.

Martin atira nos atacantes de Paige enquanto eles vêm para ela.

Os gafanhotos colidem no ar, batendo e picando até que haja uma horda engolindo Faixa Branca e Paige.

Não consigo ver o que está acontecendo por que eles estão enterrados sob uma massa de asas e ferrões.

Eu acho que paro de respirar por um minuto. Eu não consigo ver nada além do enxame gigante e fervilhante.

A nuvem de gafanhotos se eleva da ponte para o ar enquanto todos assistem. O vento gerado de suas asas jogam nosso cabelo e roupas para todos os lados, chicoteando todos nós. Eles flutuam para o céu até que se misturam em meio à névoa, fazendo parecer que o céu está fervendo.

Eles flutuam sobre a baía, e eu não posso ver Paige ou Faixa Branca em lugar nenhum.

Não há nada que eu possa fazer por ela agora.

Tenho que aceitar que minha irmã tem que lutar por si mesma. Eu só preciso sobreviver e estar aqui para ela quando ela voltar.

Não pense sobre a possibilidade de ela não voltar.

61

Assim que os gafanhotos partem, posso ver o céu se enchendo de guerreiros angelicais.

Eu me pego automaticamente varrendo o céu a procura de Raffe, mas não consigo vê-lo na massa de corpos.

Coloco meus fones de ouvido com abafador de ruído e fecho os olhos para me preparar para o que está prestes a acontecer.

Mesmo através das minhas pálpebras fechadas, consigo ver os holofotes ofuscantes intensos ligando em todos os lugares. As luzes são como facadas em meus olhos assim que eu tento abri-los.

Eu tenho que apertar os olhos e piscar várias vezes para ajustar a luminosidade.

Os anjos protegem seus olhos atrás de seus braços e fazem uma pausa em seu voo. Vários deles se chocam uns com os outros. Muitos se viram para fugir da luz ofuscante e voam diretamente para seus amigos.

As luzes são como facadas em meus olhos meramente humanos. Eu não posso imaginar o quão doloroso deve ser para os anjos.

Em seguida, os alto-falantes gigantes guincham - o guinchar mais alto e mais penetrante que eu já ouvi, mesmo através de meus fones de ouvido com abafador de ruído. Tudo que o ruído intenso faz é explodir direto para ouvidos hipersensíveis dos anjos.

Os anjos colocam as mãos contra os ouvidos. Com seus olhos e ouvidos sendo agredidos, eles estão cambaleando no ar, sem atacar nem voar.

A visão noturna excepcional dos anjos e audição afiada está trabalhando a nosso favor. Suas habilidades superiores são seus pontos fracos agora. Eles não podem desligá-las. As luzes intensas devem estar matando seus olhos. E o ruído - inferno, quase faz minhas orelhas sangrarem com a explosão afiada.

Ajuda ter gênios do Vale do Silício em seu grupo.

Lutadores da liberdade com os rifles aparecem em todos os lugares - ao lado do palco, atrás das sustentações da ponte e ao longo dela. Embora eu não possa vê-los, também deve haver atiradores ao lado de cada holofote e em plataformas escondidas por baixo da ponte.

Tiros disparam através da noite.

Enquanto os anjos estão cambaleando no meio do ar, tentando ver e pensar o suficiente para ficar longe do barulho horrível, nossos combatentes estão atirando-os na água. Depois do que eu vi quando lutamos com anjos no mar no outro dia, é uma boa aposta que a maioria deles não sabe nadar.

Até agora, os grandes tubarões brancos do norte da Califórnia deveriam ter encontrado seu caminho para a isca sangrenta que lançamos dentro do compartimento durante o show. Aqui, tubarão, tubarão...

Os alto-falantes alteram e começam a explodir um heavy metal[4] tão alto no céu que eu juro que a ponte suspensa está vibrando.

Os gêmeos estavam no comando da seleção de músicas.

Eu os avistei no lado da ponte, cada um com um braço erguido, segurando seus dedos indicadores e dedos mínimos fazendo um sinal de mão chifrada, as cabeças agitando com a batida. Eles estão pronunciando as palavras com a voz distorcida, gritando através da intensa guitarra elétrica e bateria explodindo dos alto-falantes. Eles poderiam parecer muito foda se não fosse por suas roupas vagabundas de palhaço.

É a festa mais alta da qual a Bay Area já ouviu falar.

62

Aqueles entre nós que ajudam a equipe terrena recarregam os canhões com balas. O objetivo é tentar tirar o inimigo do céu e jogá-los nas águas infestadas de tubarões, mas se algum deles cair sobre a ponte, estaremos prontos para eles.

Assim eu espero.

As luzes se apagam todas juntas, nos mergulhando na escuridão. Doc e Sanjay insistiram que as luzes continuassem piscando para evitar que os anjos se adaptem à luz e continuar a mantê-los cegos. Então as luzes acendem e apagam de acordo com o timer que ajustamos com o que eles supõem sobre a capacidade dos anjos para se ajustar.

Nossos atiradores têm óculos infravermelhos para ver no escuro, mas não era o suficiente para todos da equipe terrena. Com todo o heavy metal explodindo no ar e meu isolamento acústico com dupla camada, eu não conseguia ouvir nada.

Estamos no meio de uma batalha por nossas vidas - cegos e surdos. Eu congelo, desesperadamente tentando sentir alguma coisa. Parece que estamos vulneráveis no escuro para sempre.

Em seguida, as luzes se ligam novamente, explodindo nossos olhos com sua intensidade. Eu fico vesga, tentando ver através do brilho ofuscante.

Anjos começam a cair sobre nossa ponte. Nós trabalhamos em grupos para empurrá-los para a borda, enquanto eles ainda estão debilitados. Deixe os tubarões separá-los enquanto eles se debatem na água.

Estou içando uma rede com uma equipe de caras, pronta para atirá-la em um anjo, quando vejo minha mãe vagando no meio de tudo isto, gritando para si mesma. Eu deixo cair a rede, deixando os outros três caras lidarem com isso, e corro freneticamente para tentar levá-la ao abrigo.

Ela está muito ocupada para me ouvir. Depois de alguns segundos, eu percebo que ela está gritando ordens aos membros do culto de cabeças raspadas.

Os membros da seita estão abordando os anjos que acabaram de descer da borda da ponte. Suas vestes vibram no ar enquanto lutam e caem sobre a borda.

Eles também mergulham na ponte enquanto os anjos voam baixos e chegam perto. Eles agarram os anjos no meio do ar como projéteis humanos. Os anjos não estão esperando o peso extra de alguém arrastando suas asas, e mergulham na água – girando como um cata-vento de braços, pernas e asas. Espero que os carecas saibam nadar.

Minha mãe grita comandos como um general no campo de batalha, embora ninguém possa ouvi-la. Ainda assim, sua mensagem é clara, pelos movimentos que ela faz com o braço enquanto ritmicamente despacha seu povo em um mergulho gracioso para fora da ponte.

Para aqueles que mergulharem, há uma boa motivação na captura de um anjo, porque o anjo irá desacelerar sua queda, e eles terão uma chance de sobreviver ao mergulho. Os que perdem seu objetivo estão em uma missão suicida.

Eu me preocupo com a minha mãe mergulhar também, mas ela parece não ter escassez de voluntários à espera de seu comando. A mulher tem ido bem, no meio de toda esta batalha, e ela não parece com alguém que está prestes a abandoná-la.

Esperemos que o seu trabalho a impeça de ficar obcecada sobre o que está acontecendo com Paige. Tão preocupada quanto estou, eu sei que se minha irmã não estivesse lutando para conquistar os gafanhotos, eles estariam nos atacando agora, junto com os anjos.

Estamos indo muito melhor do que eu imaginava, e estou começando a me deixar acreditar que nós poderíamos ter uma chance de ganhar esta batalha. Eu quase posso ouvir as pessoas torcendo na minha imaginação quando vejo o céu escurecer com mais anjos.

É uma nova onda deles. E é um grupo muito maior do que aquele que já está aqui.

No caminho em direção a nós, alguns dos anjos giram baixo sobre a água, virando barcos e ajudando seus colegas encharcados. Os guerreiros alados na baía subiram os barcos virados enquanto os humanos freneticamente nadam para longe. Eles se agarram desajeitadamente como falcões se afogando, agitando suas asas para fora e pulverizando água sangrenta delas.

Os artilheiros seguiram os novos anjos com fluxos de balas. Anjos continuam a levar tiros no céu para caírem na baía infestada de tubarões, mas o novo grupo paira fora do alcance como espectadores. Eles veem o que está acontecendo com seus companheiros guerreiros, e eles ficam para trás.

Eu estou querendo saber o que eles vão fazer a seguir quando noto que os anjos estão divididos em três grupos. O primeiro é o que veio logo depois dos gafanhotos. Vislumbro Uriel gritando nesse grupo. O segundo é a massa de asas que pairam em uma altitude maior do que o grupo de Uriel. Eu quase posso sentir seus olhos frios olhando para baixo de nós, observando e julgando.

Depois, há o grupo menor. Suas asas são escuras e esfarrapadas. Eles não poderiam ser chamados de anjos. Um Adônis de asas brancas ataca entre eles.

É Raffe com seus Vigilantes.

Se um grupo é de Uriel e o outro é de Raffe, então quem são os outros? São espectadores aqui para assistir à caçada de sangue?

Então entendo que a verdadeira batalha está apenas começando.

Mesmo se Uriel recuar e tentar novamente outra hora, ele não pode agora, não sem que todos fiquem sabendo que ele recuou. Que tipo de caçador seria ele?

Uriel e seus anjos devem ter entendido, ao mesmo tempo que eu, porque eles de repente mergulham como bomba em nós.

A música ainda está alta. Quanto mais perto eles ficam, mais alto é para eles, mas eles se comprometem com seu ataque.

As luzes se apagam, nos lançando no escuro.

Eu sinto a conversão no palco improvisado com o peso dos corpos pousando com força em volta de mim.

As luzes acendem novamente.

Em volta de mim estão três anjos guerreiros. Eles pulam para cima, perfurando cegamente enquanto giram no lugar com os olhos fechados. Eles não podem ver, e o barulho deve estar transformando suas cabeças em mingau, mas eles estão prontos para lutar.

Anjos pousam sobre a ponte. Um número suficiente deles consegue passar, ilesos o suficiente para matar o ser humano mais próximo, mesmo quando ainda estão se ajustando à luz e se recuperando do impacto.

Uma luta sangrenta irrompe na ponte. Para todos que estão correndo ou lutando. Os artilheiros não têm certeza do que fazer, e hesitam em seu objetivo. Eles não podem abrir fogo sobre a ponte sem acertar nosso próprio povo, e os anjos acima de nós estão fora de alcance, em sua maioria.

Os anjos sequer retiram suas armas. Ou eles estão preocupados com o meu pequeno truque com a espada que não tenho mais ou estão tão confiantes que não se preocupam com armas.

Não podemos vencer anjos um por um. Nós antecipamos que a equipe terrena lutaria contra alguns anjos que aterraram ou caíram sobre a ponte, mas não todo um batalhão de anjos. Isso foi tão longe quanto as nossas capacidades de planejamento e tempo permitiam.

As pessoas estão ficando abatidas enquanto os anjos socam nossos combatentes fora da ponte ou quebram suas costas ou os chutam para o esquecimento. As pessoas usam suas armas ou rifles para disparar contra os anjos apesar do risco de acertar outras pessoas.

Eu levanto a minha faca contra um anjo que dirige no meu caminho. É uma sensação muito frágil em comparação com a espada que eu costumava ter. Eu não sei se ele pode me ver agora ou não, mas ele tem um olhar assassino. Ele sabe que vai matar. É apenas uma questão de quem.

Se eu tivesse muita sorte, poderia lutar com ele e talvez até mesmo o guerreiro atrás dele, mas não é uma estratégia de sobrevivência a longo prazo. Com longo prazo, quero dizer os próximos dez minutos.

Estamos ferrados.

63

Saber que me inscrevi para isso não ajuda, mesmo que todos nós sabíamos que nossas chances de sobrevivência eram perto de zero. Na verdade, ser confrontados com a morte é totalmente diferente.

Minhas mãos estão desajeitadas e tremendo enquanto me preparo para uma luta. Tento acalmar para que possa lutar de forma eficaz, mas a adrenalina grita através de minhas veias, me deixando nervosa.

Enquanto calculo minhas melhores opções, vejo algo na minha visão periférica. Outro anjo se infiltrou em cima de mim. Suas asas são de ouro e seu rosto esculpido, mas ele olha para mim com os olhos frios de um assassino.

Antes que possa descobrir o que fazer, asas cobertas de neve obscurecem o anjo.

É Raffe.

E ele tem dois de seus Vigilantes apoiando-o.

Meu coração dispara, embora eu pensasse que já ia a toda velocidade. Ele está de costas para mim como se completamente confiante de que não vou atacá-lo, apesar do fato de sermos inimigos.

Ele dá um soco no atacante, em seguida, agarra-o e o atira para fora do palco.

Deixo escapar um suspiro profundo. Minhas mãos tremem com alívio. Raffe está lutando com outro anjo, e não com os seres humanos.

Ele saca sua espada, pronto para atacar. Eu passo para trás de suas costas, cortando o outro anjo chegando até nós. Seus Vigilantes dão passos para cada lado, fazendo um perímetro defensivo em volta de nós.

O anjo com quem eu estou lutando se inclina para trás para evitar minha facada. Eu deslizo meus pés debaixo dele, e ele vai para baixo, aterrissando com força. Ele provavelmente não está acostumado a cair na luta.

Meu oponente rola longe de mim, cegamente encontrando um novo lugar para lutar.

Raffe se vira para mim.

É a primeira vez que vejo seu rosto parecer menos do que perfeito. Ele está apertando os olhos em dor e piscando rapidamente.

Ele veio para me ajudar.

Através de todo barulho gritante e cegueira brilhante, ele veio.

Eu cavo no bolso e tiro um punhado de tampões de força industrial. Ele olha para as fichas alaranjadas em minha mão, então de volta para mim. Pego um e empurro em seu ouvido.

Ele entende e coloca um em sua outra orelha. Eu sei que eles não ajudam muito, mas deve aliviar, porque seu rosto relaxa um pouco. Ele recebe a atenção dos dois Vigilantes ao nosso lado que também arrancam tampões da minha mão e os colocam em seus ouvidos.

Eu dou um abraço rápido em Raffe. Eu não me importo quem me veja neste momento. Raffe poderia se importar, no entanto.

Como que para provar isso, ele olha para o céu. O resto de seus Vigilantes e diabinhos estão pairando acima da luta onde o ruído é menor. E, além disso, está a nuvem de espectadores alados. Eu tenho certeza que é apenas a minha imaginação, mas sinto os ventos árticos de desaprovação vindo dos espectadores acima.

Ele veio para nos ajudar em vez de nos caçar, embora todo o batalhão de anjos estivesse assistindo.

Raffe faz um gesto de dar a volta a seus dois Vigilantes. Eles assentiram.

Os dois Vigilantes saltam para o ar e fazem o mesmo gesto de retorno para o resto dos Vigilantes que pairam acima.

Toda a tripulação do Raffe mergulha através do ruído doloroso e luzes cegantes na ponte.

Quando anjos encontram os Vigilantes, eles são como dois gatos selvagens encontrando uns aos outros em um beco. Eles levantam suas penas, fazendo suas asas parecerem espetadas e maiores do que antes.

No início, os nossos combatentes da liberdade assumiram que existiam apenas mais inimigos para lutar e se retiraram para uma posição mais defensiva contra eles. Mas quando veem os Vigilantes atacando os anjos de Uriel, eles perdem um segundo, observando a cena se desenrolando com a boca aberta.

Eu levanto os meus braços e grito, embora ninguém possa me ouvir. Eu não posso evitar. Com o grupo de Raffe, agora temos uma chance justa de rechaçar o ataque de Uriel.

Todos os outros devem se sentir da mesma forma, porque a minha volta, as pessoas gritam e levantam os braços em um grito de guerra.

As luzes se apagam novamente, jogando o mundo nas trevas exteriores.

Eu ainda estou de pé, não tenho qualquer lugar para me esconder enquanto os anjos podem nos ver e nós não podemos. Alguém esbarra em mim no escuro. Eu quero sentar e cobrir minha cabeça, mas só tenho que confiar em Raffe e nos Vigilantes para me manter viva.

Quando as luzes acendem novamente, Raffe está lutando ao meu lado. Ele e seus dois oponentes alados vacilam quando a luz os atinge.

Há mais pessoas vivas do que eu esperava. Os Vigilantes lutaram por nós enquanto estávamos cegos. Agora eles estão todos cegos, e é a nossa vez.

Eu esfrego o braço de Raffe para que ele saiba que sou eu e pego a espada de sua mão. Durante os poucos segundos desorientadores enquanto os anjos estão cobrindo os olhos, tentando se ajustar a luz, nós seres humanos atacamos.

Eu corto e fatio os anjos mais próximos de nós, enquanto outras pessoas atacam anjos sozinhos em grupos grandes o suficiente para dominá-los. Os

Vigilantes de Raffe lutaram enquanto estávamos desamparados. Agora vamos lutar enquanto eles estão debilitados.

Estamos trabalhando juntos como uma equipe, o grupo de Raffe e meu povo. Nós preenchemos as suas debilidades e eles preenchem a nossas. Somos um grupo, esfarrapados, incompatíveis e estranhos comparados com os anjos bonitos, poderosos e perfeitamente formados, mas ainda estamos revidando.

A adrenalina está bombeando através do meu sangue, e sinto que posso lutar com dez dos anjos de Uriel. Soltando um grito de guerra na minha cabeça, eu corro para o próximo anjo vesgo que está protegendo os olhos.

Raffe cai no chão lutando cegamente com os dois anjos que estão trabalhando em conjunto para segurá-lo. Eu enfio minha lâmina pelas costas de um e Raffe acaba com o outro.

Sinto que temos uma chance real de revidar com todos nós trabalhando juntos.

Mas a gloriosa euforia termina muito cedo.

A nuvem de anjos de espectadores começa a descer sobre nós, dura e rápida.

64

Não é surpreendente que os anjos espectadores estão saltando para a luta agora que Raffe e seus Vigilantes estão defendendo os seres humanos contra outros anjos.

À medida que os espectadores começam o mergulho, a névoa em torno deles começa a agitar. Os anjos voam e olham ao redor.

Uma nuvem de gafanhotos irrompe da névoa em volta dos anjos.

Eu procuro pela minha irmã no caos, mas não a vejo no enxame de asas e ferrões.

Um corpo ensanguentado cai do centro da nuvem de gafanhotos.

Há um momento de parar o coração quando não consigo ver quem é. Quero fechar meus olhos no caso de ser Paige. Em vez disso, meus olhos estão colados ao corpo que cai.

Eu não posso ver nada até que o corpo chega perto o suficiente. Quando isso acontece, há apenas tempo suficiente para mim parar e ver quem é.

Asas iridescentes vibram no vento. Uma cauda de escorpião. A faixa branca na cabeça.

Em seguida, ele bate no asfalto.

Eu posso respirar novamente.

Paige. Onde ela está?

No céu, o enxame de gafanhotos fecha sobre os anjos. Paige está majestosamente sentada nos braços de um gafanhoto seguido pelo resto do enxame.

Todos nós olhamos. Paige está coberta de sangue. Espero que seja na maior parte de Faixa Branca. Escorre sangue de sua boca. Ela está mastigando alguma coisa.

Eu não quero pensar sobre isso. Tomo o cuidado de não olhar Faixa Branca muito perto, que se encontra quebrado na ponte.

O velho líder está morto.

Eu não consigo processar isso. Minha irmãzinha - rainha dos gafanhotos.

Paige ataca com sua voz com uma fúria que me lembra de mamãe. Eu não posso ouvir o que ela está gritando, mas ela agita os braços, e a nuvem de gafanhotos segue.

Eles batem com os anjos espectadores em uma mistura de perfeição e de monstruosidade. Sangue começa a chover em nós assim que ferrões e espadas se confrontam.

Minha irmã está evitando que os anjos espectadores desçam sobre nós. Doc e Obi estavam certos sobre ela.

Uma onda de orgulho e medo fazem redemoinhos dentro de mim. Minha irmãzinha é uma salvadora.

Então as luzes se apagam novamente, e nós estamos mergulhados na escuridão.

Eu sinto uma mão que agarra Pooky Bear fora do meu alcance, e eu sei que Raffe está com a espada novamente. Eu me agacho para ficar fora do caminho e cubro minha cabeça. Eu só tenho que confiar nele para me manter viva, enquanto estou cega e surda.

Atrás dos meus olhos fechados, eu gravo a imagem da minha irmã montando um gafanhoto em batalha.

65

Quando as luzes se acendem novamente, eu vejo alguém tentando subir na ponta quebrada por baixo. Ele está com a boca aberta num grito frenético. Seja do que for que ele está tentando fugir é pior do que o que está em cima da ponte.

Eu corro para ajudá-lo. Sua mão está suada, e ele está tremendo. Eu não consigo ouvir uma palavra do que ele diz então deito meu estômago na borda desabando e olho para baixo. Consigo ver o fundo da rede escondida enfiada debaixo da ponte.

A rede está quebrada. As pessoas se agarram a ela em grupos, como se estivessem tentando fugir de algo. Eles estão todos olhando com olhos arregalados para a água turbulenta abaixo.

O mar se agita e explode quando uma besta de seis cabeças dispara em uma cascata de água. As seis cabeças que vivem estão com suas bocas abertas como um peixe que salta disforme para os insetos.

Uma de suas cabeças me vê e abre suas mandíbulas.

Os ganchos e monstros apocalípticos mordem várias pessoas com as suas seis cabeças vivas. Em seguida, ele desaparece de volta na baía com suas vítimas se contorcendo e sangrando.

Os salpicos de água escura fazem redemoinhos enquanto a mão da última vítima desaparece no vórtice.

Todos em baixo da ponte estão em pânico. Eles rastejam sobre o outro, tentando fugir do local onde o a besta de seis cabeças apareceu.

Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Pulando para cima, corro para a escada que foi puxada para cima para tentar manter o show de talentos escondido debaixo da ponte. Um pensamento vem à minha cabeça - e se Doc estava errado e os seres humanos não são imunes à praga da besta de seis cabeças?

Não posso deixar todas aquelas pessoas morrerem apenas porque há uma chance de algo dar errado. Eu destravo a escada e a solto para o lado. Eles precisam sair de lá.

Nosso povo se esforça para as bordas das redes, alguns deles subindo uns sobre os outros. Há tantas pessoas que caem na água tentando escapar quanto pessoas que foram tomadas pelo monstro.

A água se agita de novo, e outra besta de seis cabeças salta para cima da água. A distância que pode saltar é espantosa. Ele avidamente agarra as pessoas com as suas seis mandíbulas e arrasta os gritos para as profundezas, enquanto as pessoas se contorcem.

— Vamos! Venham aqui! — Eu aceno para as pessoas mais próximas das redes. Eles podem estar mais seguros do que no campo de batalha onde estão agora.

Enquanto as pessoas começam a subir, eu corro através do caos para as outras rotas de fuga em volta da ponte e para baixo das escadas. As pessoas começam subir em um fluxo constante logo que podem.

A música para.

Nós todos olhamos para cima. Até mesmo os anjos e gafanhotos pausaram seus esforços de luta para olhar. O que agora? Quando tudo isso acabar, eu não vou querer outro momento emocionante na minha vida nunca mais.

Alguém em um terno branco voa acima do palco. É Uriel. Suas asas parecem quase brancas à luz artificial forte.

Meus protetores auriculares não deixam ouvir. Eu os tiro de meus ouvidos.

— O julgamento por combate é longo. — Ele fala com uma voz normal,

mas em todo este silêncio, parece que ele está gritando. — Raphael provou-se um traidor. Eu sou agora o Mensageiro indiscutível.

Enquanto ele fala, alguém grita. Uma besta de seis cabeças sobe ao longo da borda da ponte. As pessoas se voltam assim que veem as seis cabeças com a sétima deitada mole em seu ombro.

Um anjo perto da besta cai de joelhos. Seu rosto está ficando vermelho, e ele está suando. Sangue pinga de sua boca.

Outra besta sobe ao longo da outra borda da ponte.

Mais pessoas gritam enquanto freneticamente tentam fugir das bestas, mas não podemos ir longe da ponte. Somos como um rebanho de animais assustados.

Dois gafanhotos perto da besta começam a tossir. Então asfixiam. Eles tentam bater as asas, mas caem no concreto.

Sangue começa a pingar de suas bocas, narizes e olhos. Eles fazem ruídos lamentáveis de asfixia enquanto se contorcem na ponte.

É a peste apocalíptica.

66

— Raffe! — Eu tento conseguir sua atenção. — Saia da ponte! Estes monstros têm praga angelical!

Um anjo voando baixo cai do céu, gemendo enquanto suas entranhas estão se agitando. Sangue escorre de sua boca, orelhas, nariz e olhos enquanto ele se contorce no concreto.

Anjos vão para o céu, evitando a Besta. As palavras *peste angelical* são sussurradas no ar junto com o barulho de asas.

Cada criatura alada voa para fora da ponte, longe dos anjos e gafanhotos infectados. Mas só os seres alados podem ficar longe das Bestas. Se Doc estiver certo, nós, seres humanos somos imunes a essa praga. Mas certamente não somos imunes a uma besta nos matar pela força.

— Penryn — Raffe me chama de cima, flutuando sobre suas asas cobertas de neve. — Saia da ponte. Eu pego você.

Corro até a borda da ponte, onde minha mãe está. Talvez os Vigilantes possam pegar ela e quem mais estiver disposto a saltar. Felizmente, minha irmã está no ar, longe o suficiente para estar segura.

Um anjo paira muito perto dos gritos da ponte. Ele convulsiona no ar quando começa a chorar lágrimas de sangue.

Outra besta sobe ao longo da borda da ponte perto da minha mãe. Ela corre em direção ao centro da ponte como todo mundo. Quantos desses monstros estão lá? Eu subo de lado, gritando para minha mãe ir para uma parte diferente da ponte.

— E seu número é 666 — diz Uriel do ar, sua voz crescendo através do pânico. Se ele está surpreso com a praga, não está demonstrando.

Enquanto estou perto da borda da ponte, eu vejo mais da baía. A água do mar sangrenta está salpicada com Bestas nadando em nossa direção.

Mais duas subiram sobre a borda. À nossa volta, mais Bestas chegam e sobem em cima umas das outras para chegar à ponte.

666. Não é apenas o número tatuado na testa. Devem ser quantos deles existem.

Eu olho para cima.

Raffe flutua acima de mim.

O anjo logo abaixo dele começa a se contorcer de dor. Seu nariz começa a sangrar.

Aceno para Raffe fugir. — Vá!

Raffe paira. Dois de seus Vigilantes agarram seus braços e o arrastam para cima.

Ao redor, as pessoas correm em todas as direções. Há tiros. Há gritos em todos os lados.

— Eu guardarei a cabeça de sua Filha do Homem para colocar em outra Besta — diz Uriel para Raffe. Ele está voando bem acima de nós, onde ele tem uma boa vista para o abate.

As Bestas se derramam de cada extremidade da ponte.

Nós, seres humanos voltamos para o centro enquanto eles se arrastam pesadamente em nossa direção. Eu tiro minhas facas, mas poderia muito bem ser palitos apontados para um exército de ursos.

— Penryn!

Eu olho para cima para ver Raffe me observando com angústia em seus olhos quando seus Vigilantes o seguram a uma distância segura de nós.

Raffe agarra o fruto seco pendurado em seu pescoço e o leva até seus lábios.

Ele o morde.

Ele irrompe entre os dentes, uma gosma que parece ser sangue grosso caindo de seus lábios.

67

Fumaça sai da fruta.

A fumaça toma a forma do Senhor do Abismo com quem lutamos no Abismo.

Ele parece pior do que me lembro. Embora os pedaços que eu cortei tenham crescido de volta, suas asas ainda parecem couro velho carbonizado, agora cobertas em camadas de cicatrizes. Há um novo pedaço de asa faltando e ele tem um corte retorcido através de seus lábios que faz parecer como se ele tivesse duas bocas.

Ele se inclina para Raffe no ar quando os Vigilantes se enfileiram e formam uma linha de proteção perto de Raffe.

Depois disso, não consigo assistir mais. Os Seis Cabeças estão atacando ao meu redor.

Por um tempo, fico perdida nos gritos e espirros de sangue do massacre. Balas voam em toda parte, mas não tenho tempo para me preocupar se vou ser atropelada por uma bala perdida, então corto a cabeça de um Seis Cabeças com tudo o que tenho.

Os gritos se intensificam. No início, suponho que as pessoas estão sendo abatidas. Mas há algo sobre o tom que soa desumano.

O Seis Cabeças com quem eu estou lutando de repente é atingido com um chicote de três cabeças.

Eu tenho que piscar para ter certeza que estou vendo o que estou vendo. São as cabeças chicotes do Abismo? Eu olho em volta, tentando ver o que está acontecendo.

Sob os holofotes, o mar brilhante está coberto com os Consumidos vindo pela baía. Eles vão direto para os Seis Cabeças, que ainda estão na água.

Cabeças atiram-se para fora da água, gritando com os cabelos grudados atirando para frente.

Seus dentes trancam nos Seis Cabeças na minha frente e imediatamente começam a mastigar.

Os Seis Cabeças se contorcem de dor, tentando se livrar das cabeças. Mais cabeças pousam em seus ombros e mordem.

Em toda parte, os Seis Cabeças estão sendo atacadas pelas cabeças chicotes. Eles estão ignorando as pessoas ao seu redor enquanto nós nos amontoamos no centro.

Eu olho para cima. O Senhor do Abismo com as asas carbonizadas olha para nós com um olhar de satisfação no rosto. Ele está muito satisfeito consigo mesmo.

Ao lado dele, Raffe me observa. Eu não consigo ler sua expressão. O que ele fez para fazer isso acontecer?

— Você está bem? — ele grita.

Eu concordo. Eu estou coberta de sangue e cortes, mas nem sinto dor, não com toda essa adrenalina fluindo através de mim.

Ao redor, as cabeças chicote estão mastigando seu caminho para fora dos Seis Cabeças. Cabeças vivas dos Seis Cabeças estão sendo mastigadas e caem pelo concreto. Em seu lugar, as cabeças chicote brotam, assumindo o controle dos corpos.

Seus gritos se transformam em risos estridentes. Loucos. Intensos. Animados.

Os Seis Cabeças possuídos se amontoam para fora da ponte e caem na água.

Ocorre-me que, se o verdadeiro apocalipse já começou, estes Seis Cabeças Consumidos podem voltar do mar sangrento como os verdadeiros animais do apocalipse.

68

— Um par de asas de arcanjo e um novo exército — diz o Senhor do Abismo.

— O que você fez? — Uriel voa sobre Raffe. — Você sabe como é dific...

Raffe chicoteia sua espada através de Uriel com fúria intensa. Uriel mal consegue pegar sua própria espada para bloquear, mas ele é arremessado pela força do golpe de Raffe.

Uriel cai do céu, aterrissando com força na ponte.

Ele cambaleia, sangrando e segurando seu ombro. Parece esmagado. Antes que ele possa recuperar o equilíbrio, uma multidão de pessoas o ataca.

Uma mulher lhe dá um tapa, gritando sobre seus filhos. Em seguida, outro vem e o chuta. — Isso é pela minha Nancy. Ela chuta Uriel mais forte. — Isso é pelo pequeno Joe.

Outra pessoa salta e começa a gritar com ele enquanto uma quarta corre para cima e começa a arrancar suas penas. Depois disso, Uriel desaparece sob uma multidão de seres humanos irritados.

Penas voam. Sangue jorra. Facas cortam de cima a baixo nos holofotes como bombas de braços cobertos de sangue.

Todo o resto foi interrompido - a música está desligada, as luzes permaneçam acesas, os anjos pararam de lutar, e os Seis Cabeças Consumidos acalmaram.

Há apenas o brilho fantasmagórico dos holofotes que irradiam em todas as direções e os gritos de Uriel.

Os anjos parecem confusos, sem saber o que fazer a seguir. Talvez se os partidários de Uriel tivessem sido realmente leais e se preocupassem com ele, ao invés de segui-lo por causa do que ele poderia fazer por eles, talvez eles se arriscassem a salvá-lo. Mas antes que os anjos incertos pudessem fazer algo, a multidão sobre Uriel começa a dissolver.

Várias pessoas seguram pedaços terríveis dele como troféus. Penas sangrentas, tufos de cabelo, um dedo, e outros pedaços muito sangrentos para reconhecer.

Ok, talvez nós não fossemos os seres mais civilizados do universo, mas afinal, quem é?

69

— Eu cumpri a minha parte do acordo, Arcanjo — diz o Senhor do Abismo. Suas asas queimadas batem para frente e para trás preguiçosamente no ar. — Eu salvei a sua lamentável Filha do Homem e a família dela. Agora é sua vez.

Raffe paira sobre suas belas asas emplumadas em frente ao Senhor do Abismo. Ele acena com uma expressão sombria.

— Não. — A palavra desliza da minha boca enquanto eu assisto, hipnotizada.

Dois diabinhos com machados pretos voam no escuro do lado de fora dos holofotes. Seus eixos estão manchados com camadas de sangue velho. Eles se posicionam atrás de ambos os lados das asas de Raffe.

Há um momento quando penso que Raffe vai achar um jeito de sair disso enquanto ele olha cabisbaixo para o Senhor do Abismo.

Em seguida, ele dá um único aceno de cabeça.

Sem aviso, os dois diabinhos levantam simultaneamente seus machados e cortam através das articulações das asas de Raffe.

Eles levantam seus machados e fatiam através das articulações das asas de Raffe.

Eles levantam seus machados e fatiam através das articulações das asas de Raffe.

Eles levantam seus machados e fatiam através das articulações das asas de Raffe.

Eles... Suas asas...

Eu não sei se Raffe grita de dor, porque tudo o que eu ouço é o meu próprio grito.

Raffe cai.

Dois de seus Vigilantes voam violentamente para baixo e o pegam antes que ele possa bater na ponte.

As asas cobertas de neve de Raffe batem na terra com um baque no concreto.

Um segundo depois, sua espada faz barulho no chão, quebrando o concreto com o seu peso.

70

A luz da manhã tinge o céu acima do horizonte de San Francisco. Ele está mudado para sempre, mas estou começando a achar familiar, se não reconfortante.

Barcos vagam pela baía sangrenta, recolhendo o último dos anjos e seres humanos afogados. Os caras dos barcos queriam colocar os anjos resgatados em gaiolas e atirar neles para debilitá-los por um tempo. Tenho certeza de que ficariam felizes em medir quanto tempo levaria para que eles se recuperassem e talvez até mesmo ver se eles podiam se recuperar sozinhos, sem água ou comida. Mas não surpreendentemente, Josiah e os Vigilantes insistiram que o melhor que podem fazer é privá-los dos cobertores e bebidas quentes que os humanos resgatados receberam.

Agora que Uriel está morto, eles têm uma escassez de arcanjos. Raffe parece ser o responsável extraoficial pela revelia, só que ele entra e sai de consciência enquanto vamos até o hospital funcionando mais próximo – ou pelo menos o que está de pé.

Os Vigilantes estão executando as ordens de Raffe e reportam de volta para ele quando está consciente. Os anjos estão tão chocados que eles estão apenas seguindo ordens.

Tenho a impressão de que enquanto soarem razoáveis para eles, eles farão o que Raffe disser, pelo menos por agora. Este é um grupo que é tão acostumado a seguir ordens que eles provavelmente não saberiam o que fazer sem alguém responsável.

A maior parte dos seres humanos saíram da ponte. Estou usando Josiah e os Vigilantes para retransmitir mensagens para mim também, só porque é fácil

por agora. Estou muito preocupada com Raffe para ajudar muito com a logística para ter certeza que os seres humanos cheguem à costa. Na teoria, eles estão seguindo as minhas ordens, mas na realidade, eles estão fazendo o que quer que os gêmeos Tweedle lhes digam.

Olho para Raffe pela centésima vez enquanto embrulho Pooky Bear debaixo de um casaco que alguém me deu. Estou tremendo como se fizesse zero graus, e não importa o quanto me abrace, não consigo ficar quente. Eu mal posso ver seu cabelo escuro soprando no vento entre todos os Vigilantes e anjos ao redor dele. Ele está deitado em um dos bancos da lancha que os gêmeos encontraram para nós.

Os anjos e Vigilantes se posicionam de lado e olham para mim com expectativa. Em seguida, todos eles decolam para o céu azul. Raffe está consciente e olhando para mim.

Vou até ele. Eu tenho tentado não agir como bebê, insistindo em segurar sua mão na frente dos anjos, mas o desejo é forte. Eu não quero embaraçá-lo, mesmo quando ele está inconsciente.

Mas agora que os outros se foram, me sento ao lado dele e seguro sua mão. É quente, e eu a puxo para o meu peito para me aquecer.

— Como está se sentindo? — pergunto.

Ele me dá um olhar que me faz sentir culpada por lembrar sobre suas asas.

— E? Qual é o problema? Eles tornaram você o novo Mensageiro?

— Dificilmente. — Sua voz é crua. — Eu lutei contra eles, e conjurei um Senhor do Abismo. Isso não é muito bom para uma campanha eleitoral. A única coisa que me salva em seus olhos é que eles pensam que eu sacrifiquei minhas asas para salvá-los da peste angelical.

— Você poderia ter tido tudo, Raffe. Já que Uriel estava fora de forma, você teria voltado com os anjos. E eles poderiam ter votado em você como seu rei.

— Mensageiro.

— É a mesma coisa.

— Anjos não devem ter um Mensageiro que costumava ter asas de demônio. É indecente. — Ele estremece e fecha os olhos. — Além disso, eu não quero o trabalho. Enviamos um recado para o Arcanjo Miguel, para trazer sua bunda teimosa de volta. Ele não quer o título também.

— Há com certeza muito barulho sobre um trabalho que ninguém quer.

— Oh, muitos anjos querem o trabalho, mas são os que não deveriam tê-lo. Poder é melhor gerenciado por aqueles que não o querem.

— Por que você não quer?

— Eu tenho coisas melhores para fazer.

— Como o que?

Ele abre um olho e olha para mim. — Como convencer uma menina teimosa a admitir que ela está loucamente apaixonada por mim.

Eu não pude deixar de sorrir.

— Então, se não é uma fazenda de porcos o que você quer, o que é? — Ele pergunta.

Eu engulo. — Que tal um lugar seguro para viver onde não temos que furtar comida ou lutar por ela?

— Feito.

— É isso? Tudo o que tenho a fazer é pedir?

— Não. Há um preço para tudo.

— Eu sabia. Qual é o preço?

— Eu.

Eu engulo. — Eu preciso que você seja muito claro no momento. Eu não durmo há muito tempo, e tenho vivido somente de adrenalina, o que não é o melhor estilo de vida para os seres humanos. Então, o que você está dizendo?

— Você realmente vai me fazer soletrar?

— Sim. Soletre.

Ele olha profundamente em meus olhos. Me faz contorcer, mas também faz meu coração vibrar como o de uma estudante. Oh espere. Eu sou uma

estudante. Pisco algumas vezes, me perguntando se é assim que eu devo bater os meus cílios.

— O que você está fazendo?

— O quê? — Ugh. Eu engulo.

— Você está batendo seus cílios para mim?

— Eu o que? Não, claro que não. O quê... soletre.

Ele aperta seus olhos desconfiados para mim. — Isto é estranho.

— Sim.

— Você não vai tornar isso fácil para mim, vai?

— Você perderia todo o respeito por mim se eu fizesse.

— Eu faria uma exceção para você.

— Chega de enrolar. O que você está tentando dizer?

— Eu estou tentando dizer que eu... que eu...

— Sim?

Ele suspira. — Você é muito difícil, sabe disso?

— Você está tentando dizer que você o quê?

— OkayEuEstavaErrado. Agora, vamos seguir em frente. Onde você acha que seria o melhor lugar para os anjos ficarem até irem embora?

— Uau. — Comecei a rir. — Você acabou de dizer que você estava errado? Foi a palavra? Errado? — Eu sorri para ele. — Eu gosto do som do que está saindo de sua boca. É lírico. E-R-R-A-D-O. Errrrrrrado. Errrrado. Vá em frente, cante comigo.

— Se eu não amasse tanto sua risada, eu te chutava para fora deste veículo extremamente ruidoso e irregular e permitiria que você tremesse na água gelada.

Ele ama minha risada.

Eu limpo minha garganta. — Sobre o que você estava errado? — Eu pergunto com toda a seriedade.

Ele me lança um olhar, parecendo que pode não responder. — Sobre as Filhas dos Homens.

— Oh? Nós não somos todas animais repulsivos e aberrações que mancham sua reputação?

— Não, eu estava certo sobre tudo isso. — Ele balança a cabeça. — Mas acontece que nem sempre é uma coisa ruim.

Dou um olhar de soslaio.

— Quem diria? — Ele diz. — Eu não tinha ideia de que alguém pode ser tanto um espinho no meu pé durante uma marcha fúnebre e ainda assim ser irresistivelmente atraente de alguma maneira mágica, inegável.

Então é isso que as pessoas chamam de palavras doces? Porque de alguma forma, eu esperava que fosse um pouco mais... cortês.

— Você não sabe o que é uma declaração sincera de amor quando ouve uma?

Eu pisco silenciosamente para ele com meu coração batendo.

Ele acaricia uma mecha do meu cabelo caindo no meu rosto. — Olha, eu sei que somos de mundos diferentes e pessoas diferentes. Mas percebi que isso não importa.

— Você não se importa mais com as regras angelicais?

— Meus Vigilantes têm me ajudado a perceber que as regras angelicais são para os anjos. Sem nossas asas, nós nunca poderemos ser totalmente aceitos de volta ao redil. Haverá sempre uma conversa sobre tomar as asas de recém caídos e transplantá-las em nós. Anjos são perfeitos. Mesmo com asas transplantadas, nós nunca mais seremos perfeitos. Você me aceita do jeito que eu sou, independentemente de ter ou não asas. Mesmo quando estava com asas de demônio, você nunca olhou para mim com pena. Você nunca vacilou sua lealdade. Essa é você... Minha brava, leal e amável Filha do Homem.

Meu coração bate tão rápido que eu não sei o que dizer. — Você vai ficar? Comigo?

Ele se move para me beijar, mas estremece. Inclino-me para ele, fazendo uma pausa enquanto os nossos lábios estão prestes a tocar. Eu gosto do calor e formigamento elétrico em meus lábios de sua proximidade.

Seus lábios quentes pressionam contra os meus. Minhas mãos se abrem sobre seu peito duro e deslizam para baixo em volta de seu estômago tenso e da parte inferior de suas costas, tentando evitar os cortes. Nos abraçamos apertado. Ele é tão bom. Tão quente. Tão sólido.

Eu quero que este momento dure para sempre.

— Ah, o amor verdadeiro. — Howler aterrissa no barco, balançando-o. — Me faz querer vomitar. Não faz você querer vomitar também, Hawk?

— Eu nunca pensei que era uma boa ideia em primeiro lugar — diz Hawk enquanto caia ao lado de Howler. — Danação eterna é o que eu ganho por ouvir você.

— Como está a ferida, chefe? — Howler mostra seu antebraço que brilha com seus músculos sem pele. — Quer comparar e ver quem fica com o direito de se gabar?

Eu não quero perguntar, mas tenho que saber. — E os anjos?

— Eles vão encontrar Miguel — diz Raffe. — Vão voltar para casa e elegê-lo como o novo Mensageiro. Eles devem conseguir encurralá-lo eventualmente. Ele será um ótimo Mensageiro, mesmo que não queira.

— Nós estaremos a salvo deles?

— Eles estarão todos perdidos em breve. O seu povo pode começar a reconstruir seu mundo.

— E os Vigilantes?

— Eles escolheram ficar comigo. Eles nunca tiveram os preconceitos contra Filhas dos Homens de qualquer maneira, o que era o problema para começar. Receio que as pessoas tenham que se acostumar com eles.

— Mas só porque as mulheres preferem a nós em vez de seus próprios homens — diz Howler.

— Isso está certo? Você está tão certo de que todas nós vamos querer um ex-anjo em vez de um homem comum?

Howler dá de ombros.

— Podemos não ser tão perfeitos como costumávamos ser — diz Raffe,

mas tudo é relativo.

Eu tento dar-lhe um olhar sujo, mas não posso deixar de rir. — Sim, eu estou rindo de você.

Raffe me puxa para mais perto e me beija outra vez. Eu derreto em seu corpo tenso. Eu não consigo evitar, e nem tenho certeza se deveria.

Meu mundo inteiro se transforma em sensações de Raffe enquanto nossos lábios exploram um ao outro.

Epílogo

Desço o centro da rua em nosso velho bairro. Eu reconheço o prédio rachado com a pichação de um anjo que tem as palavras — Quem vai nos proteger contra os guardiões?

Cada porta tem agora uma pena mergulhada em tinta vermelha pregada nela. Eu acho que uma das gangues ganhou a guerra de territórios desde que saímos e tudo é seu território agora. Suspeito que ainda existam pessoas escondidas em sótãos e porões, no entanto.

Este agora é o extremo sul da península que não foi incendiado pelo fogo da caçada de sangue. Muitas das paredes estão escuras com fuligem, mas os prédios ainda estão de pé.

Minha irmã monta à frente em um dos seus gafanhotos. Ela diz para as pessoas que os anjos estão indo embora e que elas podem sair do esconderijo. Ela está falando mais na medida em que seus pontos curam, movendo sua mandíbula mais livremente. Ela sempre será cicatrizada, mas pelo menos seu corpo estará totalmente – bem, mais que inteiramente - funcional.

Ela está ganhando um pouco de peso agora, finalmente comendo alimentos sólidos e não mais apenas caldo de carne. Laylah trabalhou nela, esperando que Raffe dissesse algo bom dela para Michael quando ele chegasse. O que quer que ela tenha feito para Paige, parece estar funcionando. Minha irmã ainda prefere carne crua e não gosta de legumes, mas pelo menos ela não é exigente sobre o tipo de carne ou se está viva ou morta.

Minha mãe faz barulho atrás de mim, andando com seu carrinho de supermercado. Está cheio de garrafas vazias de refrigerante, jornais velhos, cobertores, folhetos e caixas de ovos podres. Pessoas saem mais do esconderijo pelos ovos podres que ela carrega do que pelos folhetos, mas Dee e Dum me

garantiram que isso vai mudar quando as pessoas começarem a se sentir mais humanos e menos ratos apocalípticos.

Mamãe está convencida de que os diabinhos e os demônios vão assumir em breve, e a julgar pela pequena multidão que a segue nos dias de hoje, muita gente acredita nela. Eles a flanqueiam com seus próprios carrinhos de supermercado cheios de lixo e ovos podres. Eles não têm ideia de por que a mamãe carrega o lixo, mas supõem que os ovos podres serão uteis algum dia, e não querem se arriscar.

Enquanto deixo um panfleto em um para-brisas, eu avisto Raffe deslizando com as velhas asas de demônio de Beliel acima de mim. Ele se recusou a participar de ‘trabalho humano’ como deixar panfletos em carros e portas, mas mantém um olho em nós de qualquer maneira.

O folheto é para outro show dos gêmeos. Desta vez, é um minicircus. Eles estão convencidos de que um show de horrores irá unir todos, e estão cada vez mais malucos do que no Fim dos Dias.

Minha mãe grita com alguém atrás de mim. Eu giro com a minha mão em Pooky Bear, pronta para puxar minha lâmina. Mas é só minha mãe jogando ovos podres em alguém que pegou uma garrafa de refrigerante vazia sem pedir.

Eu passo meus dedos pelo macio pelo do urso, me dizendo para deixar de ser tão nervosa. A guerra acabou agora. É hora de unir os sobreviventes e reconstruir.

Mesmo Pooky Bear ainda precisa de algo convincente para confiar. Ela ainda não deixou Raffe segurá-la nem uma vez desde a caçada de sangue, mas estamos fazendo progresso. Ele diz que ela finalmente vai descobrir que só porque ele não coincide mais com a imagem perfeita de um anjo, não significa que ele não é digno.

Uma buzina soa no final da rua. As cabeças dos gêmeos aparecem na janela do grande prêmio, o RV. Houve um vencedor oficial, mas de alguma forma, eles conseguiram terminar com o prêmio de novo. Eu não perguntei

detalhes, mas tenho certeza que envolveu apostas já que o novo slogan era ‘A casa sempre ganha!’

Minha mãe está batendo na cabeça do ladrão com a garrafa de plástico vazia que ele tentou roubar.

— Mãe! — Eu troto para trás para ver se consigo manter a paz.

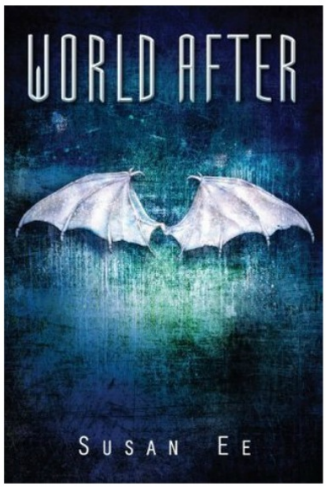
FIM

Trilogia Finalizada

Penryn & the End of Days By Susan Ee



Book One



BOOK TWO



Book three

[1] Uma biga é um carro de guerra de duas rodas, movido por dois cavalos, semelhante a uma quadriga (movida por quatro cavalos).

[2] Marca de doces

[3] Aqui é usada a expressão *on the rebound*, que traduzida significa o período de tempo depois do término de um relacionamento, durante o qual uma das partes começa um novo relacionamento com outra pessoa.

[4] Tipo de música de roque pesado